

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS**

**PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA -
BACHARELADO**

**Recife
2024**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE

Reitor: Prof. Alfredo Macedo Gomes

Vice-reitor: Prof. Moacyr Cunha de Araújo Filho

Campus Recife

Av. Prof. Moraes Rêgo, nº 1.235, Cidade Universitária,

Recife-PE, CEP 50.670-420

Telefone: (81) 2126-8000

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO - PROGRAD

Pró-reitora: Profa. Magna do Carmo Silva

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretora: Profa. Maria da Conceição Lafayette de Almeida

Vice-diretor: Prof. Ricardo Pinto de Medeiros

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Chefe Prof. Daniel Rodrigues Lira

Prof. Lucas Costa de Souza Cavalcanti

COORDENAÇÃO DO CURSO DE GEOGRAFIA – BACHARELADO

Coordenadora: Profa. Cristiana Coutinho Duarte

Vice-coordenador: Bertrand Roger Guillaume Cozic

NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE (NDE) DO CURSO DE BACHARELADO EM GEOGRAFIA

1. Cristiana Coutinho Duarte
2. Bertrand Roger Guillaume Cozic,
3. Fabrizio de Luiz Rosito Listo
4. Ana Carolina Gonçalves Leite
5. Claudio Ubiratan Gonçalves
6. Priscila Batista de Vasconcelos
7. Mônica Cóx de Britto

COLABORADORES

1. Ranyere Silva Nobrega
2. Maria Fernanda Abrantes Torres
3. Ruy Batista Pordeus

IDENTIFICAÇÃO DO CURSO

Nome: Curso de graduação em Geografia - Bacharelado

Código E-Mec: 52249

Diretrizes Curriculares: Parecer CNE/CES 492/2001

Título Conferido: Bacharel em Geografia

Modalidade: Presencial

Número de Vagas ofertadas anualmente: 60

Entrada: 1(1º semestre do ano)

Turno: Tarde

Regime do curso: Semestral

Carga horária: 2.510 horas (2.010 horas de componentes curriculares obrigatórios; 180 horas de componentes curriculares eletivos do perfil 120 horas de componentes curriculares eletivos livres e 200 horas de atividades complementares.

Duração: 8 semestres letivos

Tempo mínimo de integralização: 8 semestres

Tempo máximo para integralização: 14 semestres

Início do curso: 1º semestre de 1950

Portaria de Autorização de funcionamento do curso: Lei Federal 1.254 de 04/12/1950

Ato de reconhecimento do curso: Publicação no Diário Oficial da União em 08/12/1950

Portaria de Renovação de Reconhecimento: Portaria nº 286 de 21/12/2012

Data da atual reforma: NOVEMBRO/2024

Semestre de início do Perfil: 2013.1

SUMÁRIO

IDENTIFICAÇÃO DO CURSO.....	3
1 HISTÓRICO DA UFPE E DO CURSO	6
2 JUSTIFICATIVA.....	7
3 MARCO TEÓRICO.....	8
3.1. A INDISSOCIABILIDADE ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO	11
4 OBJETIVOS DO CURSO	12
4.1 OBJETIVO GERAL	12
5 PERFIL PROFISSIONAL DO EGRESSO.....	13
6 CAMPO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL.....	14
7 COMPETÊNCIAS, ATITUDES E HABILIDADES.....	15
8 METODOLOGIA DO CURSO	16
9 SISTEMÁTICAS DE AVALIAÇÃO	21
9.1 – AVALIAÇÃO DO CURSO.....	22
9.2 SISTEMÁTICA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO	24
10 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DO CURSO.....	25
10.1 ESTRUTURA BÁSICA DO CURSO.....	25
10.2 DISCIPLINAS E CARGA HORÁRIA DO CURSO DE GEOGRAFIA POR PERÍODO - BACHARELADO	30
11 PLANO DE CURSO (EMENTÁRIO, CONTEÚDO E BIBLIOGRAFIA BÁSICA E COMPLEMENTAR) (ANEXO 9).....	32
12 ATIVIDADES CURRICULARES	33
12.1 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO.....	33
12.2 ATIVIDADES COMPLEMENTARES	33
12.3 ESTÁGIOS NÃO OBRIGATÓRIOS	36
13 FORMAS DE ACESSO AO CURSO.....	37
13 CORPO DOCENTE E CURRÍCULO	38
13.1 PERFIL DOS DOCENTES.....	38
14 CONDIÇÕES DE FUNCIONAMENTO DO CURSO	40
14.1 INFRAESTRUTURA FÍSICA.....	40
14.2 BIBLIOTECA	42
14.3 NÚCLEOS E LABORATÓRIOS	42
14.4 RECURSOS HUMANOS.....	59
15 APOIO E INFORMAÇÃO AO DISCENTE	59
16 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64
17 ANEXOS	65
ANEXO 1 –Tabelas dos requisitos legais e normativos	65
ANEXO 2 – Regulamento interno para as atividades complementares do curso de graduação em Geografia – Bacharelado.....	67
ANEXO 3 - Normatização interna de aula de campo	71

ANEXO 4 – Normatização interna de trabalho de conclusão de curso.....	79
ANEXO 5 – Normativo do estágio não-obrigatório do curso de Bacharelado em Geografia.....	88
ANEXO 6 - Portaria do Núcleo Docente Estruturante.....	93
ANEXO 7 - Designação dos membros que compõem o Colegiado do Curso	95
ANEXO 8 – Atas de aprovação do colegiado e pleno	96
ANEXO 9 – Programa dos componentes curriculares	98

1 HISTÓRICO DA UFPE E DO CURSO

A história da Universidade Federal de Pernambuco tem início em 11 de agosto de 1946, data de fundação da Universidade do Recife (UR), criada por meio do Decreto-Lei da Presidência da República nº 9.388, de 20 de junho de 1946. A UR reunia a Faculdade de Direito do Recife (fundada em 1827), a Escola de Engenharia de Pernambuco (1895), a Faculdade de Medicina do Recife (1932), com as escolas anexas de Odontologia (1913) e Farmácia (1903), a Escola de Belas Artes de Pernambuco (1937) e a Faculdade de Filosofia do Recife (1941).

Passados 19 anos, a Universidade do Recife é integrada ao grupo de instituições federais do novo sistema de educação do País, recebendo a denominação de Universidade Federal de Pernambuco, autarquia vinculada ao Ministério da Educação. Desde a sua criação, a UFPE, através das faculdades, exercia um papel de destaque no contexto regional por receber alunos de todo Norte e Nordeste e de universidades criadas em outros Estados, possibilitando uma crescente expansão de cursos na década de 1950.

Nesse contexto é criado o Curso de Geografia, em 04 de dezembro de 1950 pela Lei Federal n. 1254 e, na década de sessenta, os institutos de Pesquisa, Institutos de Física, Geociências, de Ciências do Homem, entre outros. E com a criação do Instituto de Ciências do Homem, nasceu o Departamento de Ciências Geográficas pelo destaque nacional dos trabalhos desenvolvidos por Gilberto Osório de Andrade, Manoel Correia de Oliveira Andrade e Mário Lacerda de Melo.

O Departamento de Ciências Geográficas fazia parte do conjunto de Departamentos do Centro de Geociências e nos anos 1970 passou a compor o conjunto de Departamentos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas abrigando o curso de graduação em Geografia com duas habilitações – Licenciatura e Bacharelado.

O curso, no seu desenvolvimento, teve seu perfil modificado na década de 1980 e 1990 sempre buscando ajustar a formação do profissional de Geografia à realidade do mercado de trabalho. Em 2001, com o objetivo de adequar a formação de professores de Geografia à nova conjuntura econômico-social instalada na sociedade moderna e, em função do processo de reformas curriculares resultado das mudanças ocorridas com a entrada em vigor da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei n. 9394/96, foi proposto o Curso de Graduação - Licenciatura em Geografia. Em 2011, em função da Resolução CNE/CP nº 1, de 17 de novembro de 2005 e na Resolução 12/08 do CCEPE, a Licenciatura em Geografia passou por uma nova reformulação tendo em vista a necessidade de se adequar às novas Diretrizes Curriculares Nacionais para formação de professores da Educação Básica, em nível

superior. No caso do Bacharelado em Geografia, a renovação do reconhecimento do curso ocorreu em 21/12/2012 (Portaria nº 286 de 21/12/2012).

O Departamento de Ciências Geográficas (DCG) é um dos departamentos que formam o Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), distribuído espacialmente nos 2º, 3º, 5º e 6º andares do prédio principal. As salas das secretarias dos cursos, as salas dos professores, os laboratórios, os núcleos de pesquisa e o auditório estão concentrados nos 3º, 5º e 6º andares.

Atualmente, o DCG conta com três Cursos de Graduação: dois na modalidade presencial (Bacharelado e Licenciatura em Geografia) e um na modalidade à distância (Licenciatura em Geografia), funcionando em três turnos. Devido a estreita interação do curso de Bacharelado com o curso de licenciatura em Geografia EAD, há um processo de interiorização no estado de Pernambuco, com a participação de estudantes dos diversos pólos do interior do estado em grupos de pesquisa localizados na UFPE, campus Recife, tendo como orientadores, professores do curso de Geografia Bacharelado e coordenadores de grupos de pesquisa.

Conta também com o Programa de Pós-Graduação em Geografia *strictu sensu* – com Mestrado e Doutorado (PPGEO) –, um Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA) – com mestrado e doutorado - e um Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede (PROFGEO).

Além destes cursos, o DCG oferece por meio dos grupos de pesquisa, projetos de extensão e Programas de educação Tutorial (PET) cursos de especialização em ensino de Geografia e educação ambiental, bem como cursos de extensão de curta duração nas áreas de geografia, geotecnologias, turismo, educação ambiental, contribuindo para a educação continuada. Desta forma o curso garante na formação do profissional em geografia uma consolidada interação entre o ensino, pesquisa e extensão.

2 JUSTIFICATIVA

Nos últimos anos a Geografia e suas aplicações passaram por um acelerado processo de evolução, com a introdução de novas metodologias e tecnologias de representação do espaço, como a significativa aplicação das geotecnologias (sistema de informações geográficas, cartografia, sensoriamento remoto etc.), as quais tornaram-se ferramentas essenciais ao profissional geógrafo na gestão/governança para o planejamento ambiental, urbano e regional.

O curso reafirma e integra ao seu Projeto Pedagógico o perfil do bacharel em Geografia, de acordo com as orientações do documento Diretrizes Curriculares para os Cursos de Geografia (CNE/CES 492/2001 de 03/04/2001) com ênfase em geotecnologia para análise ambiental e gestão do território para o planejamento urbano e regional, conforme as demandas para a atuação do geógrafo na atualidade e estão em consonância com as pós-graduações do Departamento de Ciências Geográficas – Programa de Pós-Graduação em Geografia e Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente - atendendo aos requisitos da formação continuada. A ênfase nas geotecnologias para análise ambiental ora se relacionam diretamente com as disciplinas como Técnicas computacionais aplicadas a Geografia (obrigatória), Introdução e Aplicações de Geotecnologias, Leitura de Cartas Geográficas, Avaliação de Impactos Ambientais e Estudos Integrados do Meio Ambiente (eletivas) e indiretamente são abordadas como práticas metodológicas das disciplinas relacionadas a Geografia Física e Geografia Humana. A gestão do território para o planejamento urbano e regional perpassa diretamente pelas disciplinas Geografia Regional do Brasil, Geografia Urbana, Geografia Regional do Nordeste, Planejamento Regional (obrigatórias), Organização Interna do Espaço Urbano, Gestão Geoambiental e Análise Espacial do Turismo.

Visualizando as mudanças nas normativas internas da UFPE e identificadas no mercado de trabalho, o Núcleo Docente Estruturante (NDE), com base nas autoavaliações institucionais e do curso procurou, a partir da reforma parcial do presente Projeto Pedagógico do Curso (PPC), atualizar suas normativas de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), Atividades Complementares e Estágio Não-Obrigatório, assim como bibliografias dos componentes curriculares e metodologias de ensino para atender a tais mudanças. Desde a última atualização, em 2013, foram adicionadas disciplinas eletivas e solicitadas equivalências entre disciplinas, as quais constam no Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) da UFPE. Não foram criadas disciplinas obrigatórias, assim como não houve mudanças na periodização de componentes curriculares. Uma reformulação total está prevista para 2025.

3 MARCO TEÓRICO

A Geografia é a ciência que estuda o espaço geográfico, visto como uma construção da relação entre a sociedade e a natureza. Desta forma, profissionais formados nesta área do conhecimento têm papel preponderante nas questões que envolvem o conhecimento tanto

das humanidades quanto das científicas – consequentemente fomentando olhares críticos em relação a vida humana e o planeta Terra.

A diretriz curricular para o curso de Geografia indica o estabelecimento de relações entre ciência, tecnologia e sociedade, além de entender os processos geográficos como evolutivos em termos de conceitos/princípios/teorias. A suspensão das verdades absolutas provocadas pelo aguçamento dos processos geográficos e sua evolução histórica, acaba por fomentar um profissional geógrafo, e humano acima de tudo, consciente das suas ações de agente transformador do espaço em busca de uma sociedade mais justa, em paz com o ambiente, prezando a sustentabilidade e resiliência das sociedades frente as mudanças ambientais globais.

Dessa forma, o currículo do curso de Bacharelado em Geografia deve possibilitar a compreensão de que a sociedade se organizou através do tempo, sob a ação de processos evolutivos biológicos, culturais e sociais, tendo resultado numa diversidade de formas de organização espacial. Essas organizações não estão isoladas, ao contrário, constituem sistemas que estabelecem complexas relações de interdependência. O entendimento dessas interações envolve a compreensão das condições físicas do meio, do modo de vida das pessoas e da macroorganização dos governos, Estados e Multinacionais (SANTOS, 2002, CRISTOFOLLETTI, 1999).

Contudo, particular atenção deve ser dispensada às relações estabelecidas pelos lugares, que são os sentimentos e vivências cotidianas das pessoas, dada a sua especificidade. Em tal abordagem, os conhecimentos geográficos não se dissociam dos sociais, políticos, econômicos e culturais. Sabe-se que, durante toda a vida, o ser humano constrói uma série de conhecimentos e percepções acerca de tudo que lhe cerca e do que é vivenciado. Isso pode ser considerado como um conhecimento pré-existente, podendo este ser um facilitador ou um complicador no processo ensino-aprendizagem. Alguns autores citam que tais concepções são caracterizadas como construções pessoais dos alunos que foram elaboradas de forma espontânea.

Mortimer (2000) acredita que o ensino efetivo em sala de aula depende também de um elemento facilitador, representado pelo professor. O mais importante no processo de ensino e aprendizagem são as etapas de construção do conhecimento percorridas por professores e alunos (MORTIMER, 2000) para criar ou construir o conhecimento, favorecendo as gerações futuras para que seja possível reduzir os problemas deixados por vários anos e que afetam principalmente o ambiente, e consequentemente a vida das pessoas. Nesse contexto, Carvalho e Guazzelli (2005), citam que a globalização provoca efeitos que reforçam

concepções consumistas, individualistas e utilitaristas, o que nos leva a ter uma postura de arrogância intelectual e ambiental.

Nessa direção, uma aproximação literal e afetiva entre humanos e os demais integrantes do mundo vivo, representa um passo fundamental. Afinal, ninguém conhece algo com o que não teve contato, com o que não conviveu, verdadeiramente. Da mesma forma, ninguém pode gostar daquilo que não conhece e tampouco deseja conhecer aquilo de que não gosta. Assim, as novas perspectivas éticas e antropológicas aqui esboçadas nada têm de conformistas e para que possam ser efetivamente praticadas, deverão conduzir a transformações econômicas, sociais, culturais e políticas de grande profundidade, exigindo uma mudança de rumos para o conjunto dos seres humanos nas suas relações com a natureza.

Os caminhos teórico-metodológicos do ensino-aprendizagem no curso de Bacharelado em Geografia também devem estar diretamente relacionados à concepção de acessibilidade, visto que esta refere-se à capacidade de todas as pessoas, independentemente de suas habilidades físicas, cognitivas ou sensoriais, de acessar e utilizar ambientes, serviços e informações. A acessibilidade é um direito fundamental e um princípio de inclusão social.

Assim, devem guiar-se pelo Decreto 7.611/2011 que regulamenta a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e estabelece diretrizes para o atendimento educacional especializado (AEE), garantindo que estudantes com necessidades especiais tenham acesso a uma educação de qualidade; Pela Lei 5.296/2004, a qual promove a acessibilidade física, estabelecendo normas para a adaptação de espaços públicos e privados, como edifícios, estacionamentos, ruas e transporte, para garantir que pessoas com deficiência possam se locomover livremente; e pelo Programa INCLUIR do Governo Federal, o qual visa a inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho, promovendo a adaptação de ambientes de trabalho e a formação de profissionais capacitados para atender a essa população.

Os geógrafos também devem apresentar competências e habilidades em planejar espaços que sejam inclusivos e acessíveis a todas as pessoas. Eles podem aplicar seus conhecimentos para garantir que ambientes urbanos e rurais sejam projetados de forma a promover a inclusão social e a acessibilidade física. Além disso, o conhecimento sobre a acessibilidade é fundamental para os geógrafos que trabalham em áreas como planejamento urbano, gestão ambiental e desenvolvimento sustentável, pois eles precisam garantir que todos os indivíduos possam acessar e utilizar os recursos e serviços disponíveis.

3.1. A INDISSOCIABILIDADE ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

A concepção do curso é também guiada pela experiência acumulada na UFPE, que garante, na formação do profissional Geógrafo, um componente vinculado à investigação científica numa instituição que mantém, nesse aspecto, um diferencial através de uma longa tradição consolidada de pós-graduação. Neste sentido busca adequar-se ao princípio da indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão estabelecido pelo artigo 207 da Constituição de 1988 para instituições de ensino superior públicas e enfatizado na Política Nacional de Extensão Universitária (FORPROEX, 2012). Ou seja, de acordo com a Constituição, necessariamente ele deve perpassar a formação promovida e ofertada por essas instituições.

Essa situação pode ser compreendida a partir de alguns conceitos, como de campo e de habitus, de Pierre Bourdieu (2004). Para este autor, campo corresponde ao espaço em que se dão as relações sociais, sendo que cada agente participa de vários campos simultaneamente, além de cada campo poder estar relacionado e ser abrangido por outros campos maiores (GONÇALVES, 2015). Cada campo possui suas regras e capitais, constituídos social e historicamente, com sentidos gerais compartilhados pelos agentes que o compõem. Esses agentes desenvolvem práticas em consonância com seu habitus, ou “disposições adquiridas pela experiência” (BOURDIEU, 2004, p. 21), valores, crenças e certezas consolidadas, mais ou menos conscientemente, ao longo de suas vidas, conforme os campos dos quais participa(ra)m. Por exemplo, um docente do ensino superior, em relação à sua prática profissional: ele traz consigo experiência enquanto aluno desde a educação básica, a graduação e pós-graduação, e por vezes também enquanto professor em outra instituição, na qual, tendencialmente, reproduziu a compreensão sobre o que é ser um bom professor, sobre o que e como ensinar e avaliar, e sobre sua área de conhecimento.

Gonçalves (2015) discorre que o princípio da indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão deriva de demandas por mudanças necessárias acerca da função da Universidade. Mudanças estas em que, a Extensão, vem cada vez mais assumindo o mesmo status dos outros dois. Em busca da universalização da extensão, um dos primeiros passos é a inclusão desta nos currículos, flexibilizando-os e mudando o seu significado, com a adoção de novos conceitos de “sala de aula” e de “eixo pedagógico”, com sua inclusão no projeto pedagógico do curso como elemento fundamental no processo de formação profissional. Neste ambiente, o estudante é o protagonista de sua formação acadêmica, agregando a sua formação experiências enriquecedoras e trazendo para a sala e para produção de novos conhecimentos a interação dialógica, metodologias participativas, a apreensão das

problemáticas que afetam grandes segmentos da população brasileira, com a contribuição da formulação e implementação de políticas públicas conforme estabelecidos na Política Nacional de Extensão, na LDBn. , PNE 2014-2024 e Resolução CNE/CES n. 7/2018

O conceito de indissociabilidade remete a algo que não existe sem a presença do outro, ou seja, o todo deixa de ser todo quando se dissocia. Alteram-se, portanto, os fundamentos do ensino, da pesquisa e da extensão, por isso trata-se de um princípio paradigmático e epistemologicamente complexo (TAUCHEN, 2009, p. 93). Considerando o exposto, o princípio da indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão não pode ser abordado isoladamente e tem na Universidade seu sentido mais intrínseco. Sem qualquer destes, há ensino superior, não há universidade”.

4 OBJETIVOS DO CURSO

Considerando o atendimento às demandas de forma interdisciplinar de profissionais da atualidade, os objetivos do curso se integram às Diretrizes Curriculares para os Cursos de Geografia (CNE/CES 492/2001 de 03/04/2001) e busca alinhar-se ao Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da universidade.

4.1 OBJETIVO GERAL

Formar profissionais capacitados para analisar e compreender os elementos e processos concernentes ao meio natural e ao construído (natureza e sociedade), com base nos fundamentos filosóficos, teóricos e metodológicos da Geografia. Ao longo da formação, busca-se desenvolver habilidades de pesquisa, interpretação e aplicação de métodos geográficos, promovendo a compreensão das dimensões e dinâmicas políticas, socioambientais, culturais e econômicas dos espaços e suas relações. O curso visa fornecer uma base sólida de conhecimentos geográficos, incentivando a reflexão crítica e a atuação em diferentes contextos, contribuindo para a construção de soluções sustentáveis e integradas para desafios contemporâneos.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Promover a compreensão das relações entre sociedade e meio ambiente, incentivando a formação de profissionais comprometidos com a sustentabilidade e

capazes de propor soluções para os desafios ambientais contemporâneo, bem como habilidades para analisar e avaliar políticas públicas;

- b) Desenvolver a capacidade dos estudantes de utilizar técnicas e métodos de análise espacial para compreender padrões e processos geográficos, permitindo a interpretação de diversos fenômenos em suas escalas de manifestação.
- c) Estimular a prática de pesquisa científica em Geografia, proporcionando aos alunos ferramentas necessárias para conduzir estudos independentes, contribuindo para a produção de conhecimento na área;
- d) Capacitar os estudantes no uso das geotecnologias, como a cartografia, os Sistemas de Informações Geográficas (SIG) e Sensoriamento Remoto, para coleta, análise e interpretação dos dados geográficos, facilitando a resolução de problemas reais e o planejamento territorial;
- e) Estimular a integração de conhecimentos geográficos com outras disciplinas, possibilitando uma visão holística e interdisciplinar dos fenômenos socioespaciais, preparando os alunos para abordar questões complexas de maneira mais abrangente;
- f) Preparar os estudantes para atuar em diferentes áreas profissionais, por meio de estágios supervisionados e atividades profissionais, como planejamento urbano, gestão ambiental, análise de mercado, ensino, pesquisa e consultoria contribuindo para aplicação prática dos conhecimentos adquiridos ao longo do curso.

5 PERFIL PROFISSIONAL DO EGRESSO

O perfil profissional do egresso de Geografia, conforme delineado pelas DCNs inclui as seguintes competências e habilidades:

1. Capacidade de compreender e aplicar conceitos, teorias e métodos da Geografia para analisar as relações entre sociedade e espaço, considerando aspectos físicos, humanos e ambientais;
2. Competência no uso de ferramentas e tecnologias geoespaciais, como Sistemas de Informação Geográfica (SIG) e sensoriamento remoto, para coleta, processamento e análise de dados geográficos;
3. Desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo, possibilitando uma abordagem analítica das questões socioambientais e territoriais;
4. Capacidade de conduzir pesquisas científicas em Geografia, contribuindo para a produção de conhecimento na área e aplicação de metodologias científicas;

5. Consciência e comprometimento com a promoção do desenvolvimento sustentável, considerando a interação entre sociedade e meio ambiente;
6. Habilidade para integrar conhecimentos geográficos com outras disciplinas, promovendo uma visão interdisciplinar dos fenômenos socioespaciais;
7. Capacidade de comunicar efetivamente ideias e resultados de análises geográficas, tanto de forma escrita quanto oral;
8. Preparo para atuar em diferentes contextos profissionais, como pesquisa acadêmica, ensino, consultoria, planejamento territorial, gestão ambiental, entre outros;
9. Adesão aos princípios éticos da profissão, considerando a responsabilidade social e ambiental em todas as atividades profissionais.

6 CAMPO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL

O bacharel em Geografia possui um campo de atuação bastante diversificado, podendo atuar em diferentes setores e desempenhar uma variedade de funções. Com base nas competências definidas na legislação que regulamenta a profissão de Geógrafo (Lei nº 6.664/1979) e Decreto nº 85.138 de 15/09/1980, e o que estabelece o Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (CREA/CONFEA nº 1.010 de 22 de agosto de 2005), o qual normatiza e fiscaliza a profissão do Geógrafo, algumas das principais áreas de atuação para o geógrafo incluem:

1. Planejamento urbano e regional - na elaboração e implementação de planos diretores, políticas urbanas e regionais, considerando aspectos socioeconômicos, ambientais e culturais voltados à solução de problemas regionais;
2. Zoneamentos - Delimitação e caracterização de regiões e sub-regiões geográficas, naturais e zonas geoeconômicas, para fins de planejamento e organização físico-espacial;
3. Dinâmica populacional - Política de povoamento, migração interna, imigração e colonização de regiões novas ou de revalorização de regiões de velho povoamento;
4. Meio ambiente e gestão ambiental - projetos de gestão ambiental, avaliação de impactos ambientais, preservação de ecossistemas, problemas atinentes aos recursos naturais (aproveitamento, desenvolvimento e preservação dos recursos) e desenvolvimento de práticas sustentáveis;
5. Geotecnologias - análise e interpretação de dados espaciais em diversos contextos, como empresas de consultoria, órgãos públicos e organizações não governamentais;

6. Turismo - trabalhar no planejamento e gestão de destinos turísticos, considerando aspectos culturais, ambientais e econômicos;
7. Comércio internacional - analisar e compreender as relações geopolíticas e econômicas globais, contribuindo para a atuação em empresas voltadas para o comércio internacional;
8. Agricultura e desenvolvimento rural - participação em projetos de desenvolvimento rural, analisando a relação entre a agricultura, o uso do solo e as dinâmicas sociais no campo;
9. Transporte, logística e redes - planejamento de sistemas de transporte, considerando aspectos geográficos relacionados à infraestrutura, distribuição e logística.
10. Consultoria - oferecer serviços de consultoria em questões geográficas para empresas privadas, órgãos públicos e organizações, auxiliando na tomada de decisões estratégicas;
11. Pesquisa científica - contribuir para a produção de conhecimento científico por meio de pesquisas acadêmicas, colaborando com instituições de pesquisa e universidades;
12. Órgãos públicos - trabalhar em instituições governamentais, como prefeituras, governos estaduais ou federais, atuando em diferentes áreas, como planejamento, meio ambiente e desenvolvimento regional.

É importante destacar que o geógrafo bacharel pode combinar diferentes áreas de atuação ao longo de sua carreira e adaptar suas habilidades conforme a demanda do mercado e suas próprias preferências profissionais. A versatilidade do geógrafo é um dos aspectos marcantes de sua formação. No entanto, conforme o Art. 9º da Lei nº 6.664/1979 “A apresentação da carteira Profissional do Geógrafo será obrigatoriamente exigida para inscrição em concurso, assinatura em termos de posse ou de quaisquer documentos, sempre que se tratar de prestação de serviços ou desempenho de função atribuída ao Geógrafo, nos termos previstos nesta Lei”. Desta forma, os bacharéis em Geografia estão incluídos no sistema CONFEA/CREA, que lhes atribui atividades profissionais nos setores das Geociências e Meio Ambiente, Antropogeografia e Geoeconomia, conforme a Resolução CONFEA nº 1.010 de 22 de agosto de 2005.

7 COMPETÊNCIAS, ATITUDES E HABILIDADES

Conforme o Parecer CNE/CES 492/2001, o curso de Graduação em Geografia – Bacharelado deverá proporcionar o desenvolvimento das seguintes competências e habilidades gerais:

- a) identificar e explicar a dimensão geográfica presente nas diversas manifestações do conhecimento;
- b) articular elementos empíricos e conceituais, concernentes ao conhecimento científico dos processos espaciais;
- c) reconhecer as diferentes escalas de ocorrência e manifestação dos fatos, fenômenos e eventos geográficos;
- d) planejar e realizar atividades de campo referentes à investigação geográfica;
- e) dominar técnicas laboratoriais concernentes à produção e aplicação do conhecimento geográfico;
- f) propor e elaborar projetos de pesquisa e executivos, no âmbito da área de atuação da Geografia;
- g) utilizar os recursos da informática e do geoprocessamento;
- h) dominar a língua portuguesa e um idioma estrangeiro no qual seja significativa a produção e a difusão do conhecimento geográfico;
- i) trabalhar de maneira integrada e contributiva em equipes multidisciplinares.

E, como habilidades específicas, o curso deve proporcionar ao futuro geógrafo:

- a) identificar, descrever, compreender, analisar e representar os sistemas naturais;
- b) identificar, descrever, analisar, compreender e explicar as diferentes práticas e concepções concernentes ao processo de produção do espaço;
- c) selecionar a linguagem científica mais adequada para tratar a informação geográfica, considerando suas características e o problema proposto;
- d) avaliar representações ou tratamentos gráficos e matemático-estatísticos;
- e) elaborar mapas temáticos e outras representações gráficas.

8 METODOLOGIA DO CURSO

A proposta metodológica do curso de Bacharelado em Geografia constitui-se como pólo aglutinador em torno do qual se articulam os diferentes momentos formativos, previstos em sua matriz curricular. Sua concepção emana das epistemologias que concebem os conhecimentos geográficos e a formação profissional como vertente emancipatória pela aprendizagem consciente, criativa, plena e crítica. A integralização das disciplinas se organiza sequencialmente, em conformidade com as orientações e reflexões, advindas das concepções elaboradas pelo corpo docente, uma vez que se tornam imprescindíveis às

percepções daqueles que estão responsáveis por disseminar e fortalecer a ciência geográfica e a atuação do profissional Geógrafo.

O curso tem seu referencial metodológico orientado pelos diversos conceitos geográficos, que traz a singularidade de pensar e organizar seu desenvolvimento, buscando: vivenciar, organizar, analisar e refletir criticamente sobre as diversas realidades e mudanças que ocorrem na sociedade e na ciência e que forme cidadãos capazes de compreender e atuar no espaço em que vivem.

Considerando o processo de renovação teórico-metodológica da Geografia, que teve início em meados do século XX, ensejam-se possibilidades didáticas significativas e pertinentes ao atual período histórico, tido como técnico-científico-informacional ou da Terceira Revolução Industrial, ou ainda como o da globalização, destacando-se, entre tais possibilidades, a visão interdisciplinar sob um enfoque socioambiental. Categorias e conceitos básicos em Geografia, como espaço, paisagem, território, redes, lugar, escala e técnicas são explorados através de uma abordagem que transcende a dimensão física e a interpretação política e econômica, podendo ser complementada com a percepção e a experiência do aluno acerca do fato em análise, considerando sua vivência como agente dinâmico e crítico da produção do espaço.

Nessa perspectiva, a formação do Geógrafo deve ser pautada em uma matriz curricular composta por disciplinas inter-relacionadas, organizadas sob a influência de uma visão sistêmica e, por isso, com possibilidades de se trabalhar temas transversais de forma integrada, não se restringindo ou se limitando às especificidades.

Por ser a Geografia uma ciência que trabalha a relação da sociedade com a natureza, o diálogo interdisciplinar torna-se imprescindível em qualquer perspectiva metodológica de ensino. Dessa forma, neste currículo, teve-se a preocupação de estabelecer, tanto disciplinas de outros campos de conhecimento com quem a Geografia tem se articulado, quanto disciplinas de formação geral, para dar mais autonomia ao estudante na construção de sua trajetória acadêmica, conforme orienta a LDB. É importante destacar também o papel dos laboratórios nas áreas de geografia humana e regional, geografia física, ensino de geografia, geotecnologias e meio ambiente, em que os alunos podem se envolver com projetos de pesquisa e extensão e com grupos de estudos e discussões.

Optou-se por uma preocupação com a pesquisa educativa e científica, de maneira que o currículo busca consolidar a pesquisa como um de seus principais fundamentos, como condição para o fazer pedagógico e profissional. Assim, além do trabalho de campo interdisciplinar, realizado ao longo do curso por diferentes professores, tem-se a preocupação

de estabelecer no interior das disciplinas a potencialização de experiências de pesquisa e de laboratório, além de existirem disciplinas específicas voltadas para a prática da pesquisa.

De um aspecto mais pedagógico no ensino da graduação, sem perder de vista o caráter da pluralidade e da diversidade do currículo, chama-se a atenção para a necessidade de pensar a formação dos profissionais Geógrafos como um processo de conhecimento realizado pelo aluno, mediado pelo professor e a realidade socioespacial em suas diferentes escalas e tempos. Assim, existe uma aproximação das perspectivas socioconstrutivistas da educação, em que se considera o ensino um processo de construção de conhecimento, o aluno um sujeito ativo na construção e o professor como um mediador, que faz intervenções intencionais e conscientes no processo.

No curso, os temas e conteúdos tomados como objeto do conhecimento pelo discente são os referentes ao espaço geográfico, que não é apenas uma categoria epistemológica – pensar o espaço como teoria para pensar e analisar cientificamente a realidade - mas também ontológica – o espaço como prática social, existencial e cotidiana dos seres humanos.

Os princípios metodológicos, que orientam o ensino e a aprendizagem do curso, privilegiam a análise e a resolução de situações-problema como estratégias didáticas. O estudante-profissional, através do requisito básico da *práxis* para constituição de competências, se insere na realidade e no debate contemporâneo, que o qualifica frente aos desafios próprios das suas condições profissionais. Todos os tipos de conhecimentos, elencados ao desenvolvimento profissional, desde as questões culturais, sociais, econômicas, até a própria perspectiva humana e profissional, devem ter assegurados os seus entendimentos reflexivos através da relação teoria-prática.

A metodologia que permeia os planos de ensino do curso é pautada na premissa da interdisciplinaridade, o que fica evidenciado, especialmente, nas relações que são estabelecidas nos diversos eixos que compõem a matriz curricular. Por meio das atividades desenvolvidas, os alunos demonstram e aplicam suas competências, ou seja, vivenciam situações do cotidiano, agregando o conhecimento de diversas disciplinas desenvolvidas. Acrescenta-se a isso as questões relativas à ética e à responsabilidade social que são relevantes no processo de desenvolvimento de projetos da área.

O planejamento e a avaliação são componentes fundamentais para se garantir um desenvolvimento curricular acompanhado por um desempenho de excelência dos alunos, mediado pelo caráter crítico. Assim, faz-se a avaliação formativa como integrante básica de diagnóstico, regulação, finalização e integração de saberes e competências da sua formação.

O delineamento metodológico é apresentado de forma mais específica e detalhada nos planos das disciplinas. De uma forma genérica, os professores se utilizam de atividades como:

a) ensino teórico: aulas expositivas dialogadas, nas quais os conteúdos programáticos podem ser abordados em nível básico, avançado ou aprofundado, consoante a natureza da matéria ou localização curricular, quer do ponto de vista conceitual ou experimental. Elas ocorrem a partir da necessidade dos acadêmicos, geralmente a partir de discussão de conteúdo por meio de técnicas de discussão em grupo.

b) ensino prático: observar e sistematizar práticas cotidianas, como também, desenvolver atividades que aproximem o aluno da realidade profissional, propiciando a capacidade de reflexão-crítica sobre os fatos e acontecimentos da realidade em que está inserido, podendo intervir com ações que minimizem os problemas detectados.

Neste contexto, os princípios metodológicos que corroboram diretamente para a formação do Bacharel em Geografia movem-se a partir da relação *ação-reflexão-ação*, tendo a pluralidade de saberes como eixos centrais na/para formação docente qualificada.

O curso se desenvolverá ao longo de oito períodos durante quatro anos. Já nos primeiros períodos o aluno passa a ter contato direto com as disciplinas específicas do Bacharelado, tendo em vista a necessidade da construção da formação profissional desde o início do curso.

Espera-se que o aluno ao ingressar no curso comece a construir sua ação profissional à medida que for tendo contato com conteúdos da geografia e conteúdos específicos do bacharelado, assim como desenvolvendo experiências em instituições públicas, privadas e sem fins lucrativos, laboratórios e grupos de pesquisa, empresas de consultoria, dentre outras, seja por meio de estágios ou bolsas de iniciação científica / pesquisa, associando sempre os conhecimentos teóricos à realidade vivenciada.

É imprescindível que o aluno desenvolva atividades ligadas aos conteúdos específicos a exemplo de excursões didáticas, que são laboratórios reais dos fenômenos geográficos, de modo que ele seja capaz de compreender estes fenômenos e o espaço em suas formas, estruturas, funções e processos.

A formação do bacharel em Geografia deve contemplar, além de experiências profissionais por meio de estágios, aquelas relacionadas à pesquisa e à extensão e, para isto, as atividades ligadas aos projetos de Iniciação Científica e de Extensão serão computadas como carga horária de atividades complementares.

No elenco de disciplinas eletivas o aluno deverá cursar aquelas que são oferecidas pelo curso e/ou buscar outras de interesse na área em que deseja atuar, criando condições

para que este futuro profissional, na sua fase de formação, ganhe autonomia e iniciativa a partir de um currículo mais flexível que possibilite a construção da sua prática profissional.

As disciplinas oferecidas no curso constarão de aulas teóricas e práticas, quando for necessário, quer seja na área de funcionamento do curso, quer seja no âmbito estadual, regional ou nacional, de modo que possibilite a ampliação do conhecimento de realidades diversas no campo do conhecimento geográfico e práticas profissionais.

Ao final do curso o aluno deverá se submeter, de acordo com a Resolução n. 18/2022 CCEPE, à elaboração e defesa de um Trabalho de Conclusão de Curso/Monografia, vinculados a componentes curriculares próprios, assegurada a orientação por um professor. O objetivo da investigação deve estar relacionado a temáticas específicas do campo de atuação do geógrafo. A defesa ou apresentação do trabalho será avaliada por uma banca formada por professores do Departamento e/ou convidados e aprovada pelo Colegiado do Curso, conforme Anexo 4.

A Pró-Reitoria para Assuntos Estudantis (PROAES) vem mobilizando ações em torno de uma Educação Superior mais inclusiva. A Política de Educação Inclusiva, atende à Resolução ConsUni/UFPE nº11/2019, que dispõe sobre o atendimento em acessibilidade e inclusão educacional na UFPE, essas ações se voltam para um público de estudantes e servidores (docentes e técnico administrativos) que apresentem deficiência auditiva, visual, física, intelectual ou múltipla; Transtorno do Espectro Autista (TEA); altas habilidades ou superdotação; transtorno específico da aprendizagem, a saber: dislexia, discalculia, disortografia, disgrafia e Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) ou mobilidade reduzida.

O Núcleo de Acessibilidade da Universidade Federal de Pernambuco (NACE/UFPE) tem por finalidade apoiar e promover a acessibilidade aos estudantes e servidores com deficiência, mobilidade reduzida, transtorno funcional específico da aprendizagem, transtorno global do desenvolvimento e/ou altas habilidades/superdotação. As atividades do núcleo são regulamentadas pela Portaria Normativa 04/2016. Esta portaria institui o Núcleo de Acessibilidade da Universidade Federal de Pernambuco, como unidade vinculada ao Gabinete do Reitor. O NACE é composto pelo Conselho Gestor, Coordenação geral e pelas Coordenações Setoriais de Acessibilidade.

É objetivo do NACE: promover a inclusão, a permanência e o acompanhamento de pessoas com deficiência e necessidades específicas, nos diversos níveis de ensino oferecidos por esta instituição, garantindo condições de acessibilidade na UFPE; Articular-se intersetorialmente frente às diferentes ações já executadas na UFPE, assim como na promoção de novas ações voltadas às questões de acessibilidade e inclusão educacional,

nos eixos da infraestrutura; comunicação e informação; ensino, pesquisa e extensão; Oferecer Atendimento Educacional Especializado (AEE), a partir de uma equipe multidisciplinar, voltado para seu público-alvo; Constituir parcerias com entidades governamentais e sociedade civil organizada, cujos objetivos tenham relações diretas com as finalidades do NACE/UFPE.

De forma a garantir a permanência desse público na UFPE, esforços têm sido envidados para se instituir uma política voltada ao atendimento em acessibilidade e inclusão educacional. Isso envolve a adoção de estratégias e procedimentos institucionais para a identificação de estudantes e acompanhamento pedagógico individualizado, tais como: recursos didático-pedagógicos adequados; recursos de tecnologia assistiva e adaptação no ambiente de trabalho; orientação e mobilidade; adaptação das atividades avaliativas; oferta de tradutor e intérprete de Libras; leitor; transcritor e outros apoios especializados que se julgarem necessários, conforme a especificidade apresentada.

9 SISTEMÁTICAS DE AVALIAÇÃO

Os critérios para a avaliação da aprendizagem serão estabelecidos por disciplinas, abrangendo, simultaneamente, os aspectos de frequência e de aproveitamento, conforme a Resolução Nº. 04/94 de dezembro de 1994, do Conselho Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal de Pernambuco. Este documento indica que:

“A frequência às atividades escolares é obrigatória, respeitados o turno e horário previstos para a disciplina, considerando-se reprovado o aluno que não tiver comprovada sua participação em pelo menos 75% das aulas teóricas ou práticas computadas separadamente, ou ao mesmo percentual de avaliações parciais de aproveitamento escolar”.

Ampliando a avaliação face aos novos parâmetros utilizados nos processos de ensino e de aprendizagem, o curso de Geografia fará uso, além das estabelecidas na Resolução nº 04/94, tais como, provas escritas, orais ou práticas, trabalhos escritos ou de campo, seminários e testes; de outras formas de verificação de aprendizagem através das seguintes atividades: práticas de laboratório utilizando softwares e equipamentos de informática, relatórios técnicos e de viagens, painéis (banners), produção de artigos, notas técnicas, memoriais e ensaios monográficos.

Os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem são avaliados de maneira diferenciada, de acordo com os critérios adotados pelo professor e concordância com a Coordenação do curso.

Assim, a avaliação de aproveitamento será realizada por, ao menos, duas verificações parciais. Ao final será extraída a média parcial de cada aluno. A avaliação será expressa em graus numéricos de 0,0 (zero) a 10,0 (dez) sempre com um dígito à direita da vírgula, atribuídos a cada verificação parcial e no exame final.

Será considerado APROVADO POR MÉDIA, o aluno que obtiver uma média parcial igual ou superior a 7,0 (sete); Será considerado aprovado na disciplina se obtiver simultaneamente: i) média parcial e nota do exame final não inferiores a 3,0 (três); ii) média final não inferior a 5,0 (cinco).

No que diz respeito às estratégias de acessibilidade para os processos avaliativos, o Curso de Bacharelado em Geografia seguirá também a Resolução nº11/2019, do ConsUni/UFPE, a qual orienta que eles devem ser realizados em formato acessível e/ou adaptando as atividades avaliativas. Inclusive, esses procedimentos devem estar presentes nos planos de ensino dos componentes curriculares, visando atender as necessidades educacionais específicas que se apresentarem.

9.1 – AVALIAÇÃO DO CURSO

A avaliação do curso se desenvolverá em consonância com a Instrução Normativa 04/2021 que estabelece os protocolos de execução e acompanhamento dos processos avaliativos internos dos cursos de graduação da UFPE, em processo de parceria com a Coordenação do curso, Núcleo Docente Estruturante do curso, Coordenação Geral Pedagógica de Ensino de Graduação e a Comissão Própria de Avaliação (CPA) Institucional da UFPE.

De acordo com a Resolução nº 10/2017, do Conselho Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFPE, a política de avaliação das condições de ensino em seu interior é guiada pelos princípios da institucionalidade, impessoalidade e qualificação dos processos de ensino. Essa política interna compreende três dimensões: a) a avaliação da infraestrutura física (realizada a cada dois anos); b) a avaliação do docente pelo discente (realizada a cada semestre); c) a autoavaliação docente e discente (realizada a cada ano).

Em consonância com as diretrizes do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), a CPA é responsável pela condução do processo de autoavaliação institucional, colaborando para o desenvolvimento contínuo da UFPE. Para que estas avaliações ocorram deve haver um mínimo de 30% de adesão dos estudantes e professores.

A CPA realiza uma autoavaliação interna abrangente, envolvendo a comunidade acadêmica por meio de consultas a docentes e discentes, avaliação de técnicos

administrativos, análise de dados gerenciais e pesquisa documental. Esse processo avalia as condições de ensino e aprendizagem e inclui:

- **Autoavaliação Docente:** Reflexão dos professores sobre suas práticas pedagógicas e desempenho acadêmico.
- **Autoavaliação Discente:** Estudantes avaliam suas experiências e percepções sobre o ensino e a aprendizagem.
- **Avaliação Docente pelo Discente:** Estudantes avaliam o desempenho e a qualidade do ensino dos professores.
- **Avaliação da Infraestrutura:** Avaliação da qualidade das instalações físicas, laboratórios, bibliotecas e recursos tecnológicos que impactam o ensino.

As avaliações pertinentes aos cursos são: o Acompanhamento de Indicadores Institucionais, o Diagnóstico Acadêmico Docente/Discente, a Avaliação dos Cursos, Acompanhamento da Adequação dos Cursos às Diretrizes Curriculares do MEC e a autoavaliação da coordenação do curso, os quais são analisados anualmente.

As citadas avaliações fazem parte das rotinas de trabalho dos Coordenadores de Cursos de Graduação da UFPE, por meio de um de seus assessores, indicado para essa atribuição.

As atividades avaliativas adotadas são definidas a seguir:

Indicadores Institucionais – Indicadores institucionais exigidos pelo MEC através da Comissão de Especialistas de avaliação dos cursos superiores e outros dados específicos à UFPE que devem ser desenvolvidos e ampliados em função das necessidades.

Diagnóstico Acadêmico – avalia a qualidade do ensino desenvolvido em sala de aula e o comportamento acadêmico de professores e alunos. A periodicidade é anual ou bianual, conforme as circunstâncias institucionais e as demais atividades avaliativas. Tem por objetivo melhorar a qualidade do ensino desenvolvido nos cursos da UFPE, proporcionar feedback aos professores sobre seu desempenho no ensino, proporcionar feedback aos alunos sobre seu comportamento acadêmico, aumentar o autoconhecimento institucional sobre a realidade do ensino na UFPE e indicar pontos críticos relacionados a estes aspectos. O Diagnóstico busca gerar as condições de transparência sobre a situação do ensino dos cursos e as condições, os encaminhamentos e soluções para os problemas identificados.

Avaliação de Cursos – Desenvolve-se a cada ciclo de avaliação interna, podendo variar quanto ao intervalo de execução. A avaliação visa melhorar a qualidade dos cursos de graduação, aperfeiçoar o processo de formação dos estudantes e ampliar o autoconhecimento institucional sobre as condições de desenvolvimento dos cursos da UFPE.

Normalmente, envolve a comunidade de alunos e professores dos últimos semestres de cada curso, as Direções de Curso, a Reitoria e a Pró Reitoria de Pós-graduação.

Autoavaliação da coordenação do curso: ocorrerá a cada ano através de formulário enviado aos discentes e docentes para que possa receber críticas e sugestões que servirão de base para o aperfeiçoamento da gestão.

Avaliação da Coordenação: a avaliação da coordenação de cursos de graduação na UFPE, conforme a Instrução Normativa Nº 02/2021, é realizada através de um Plano de Trabalho que deve ser elaborado pelos candidatos à função de Coordenador e Vice-Coordenador de Curso. Este plano é submetido à apreciação do Colegiado do Curso e, após sua aprovação, é enviado à Diretoria de Desenvolvimento do Ensino/Prograd para registro.

O Plano de Trabalho deve incluir:

- Compreensão sobre o papel da Coordenação de Curso na gestão democrática;
- Diagnóstico das necessidades do Curso;
- Objetivos, metas ou intencionalidades do trabalho da Coordenação de Curso;
- Estratégias ou metodologia de trabalho;
- Forma de acompanhamento do trabalho proposto.

A avaliação é feita com base na eficácia do Plano de Trabalho na gestão do curso, considerando o desenvolvimento e fortalecimento da gestão democrática, bem como a sintonia com os documentos institucionais e diretrizes nacionais

9.2 SISTEMÁTICA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO

A partir da criação pela Comissão Nacional de Avaliação Superior – CONAES, através da Resolução nº1, de 17 de dezembro de 2010, que normatiza o Núcleo Docente Estruturante, a UFPE instituiu, através de portarias, os NDEs dos seus cursos de graduação. No caso do curso de Geografia, o NDE atual criado em 2021 através da de PORTARIA N.º 1139, DE 23 DE MARÇO DE 2023, foram formalizados os NDE de 2018, 2019 e 2021, uma vez que passaram por pequenas modificações de membros ao longo destes anos.

A Resolução nº 01/2013 do CCEPE da UFPE normatiza a criação e o funcionamento dos Núcleos Docentes Estruturantes (NDE) dos cursos de graduação, estabelecendo suas atribuições e o processo de avaliação e acompanhamento da concretização do Projeto Pedagógico de Curso (PPC) pelo NDE. Os principais pontos desta resolução atreladas as funções do NDE e acompanhamento e avaliação do projeto pedagógico do curso são:

1. **Atribuições do NDE:** O NDE deve assessorar a coordenação do curso nos processos de implantação, execução, avaliação e atualização do PPC, promovendo a integração curricular interdisciplinar e o desenvolvimento de linhas de pesquisa e extensão.
2. **Avaliação e Acompanhamento:** O NDE é responsável por acompanhar e avaliar a implementação do PPC, garantindo que ele esteja alinhado com as Diretrizes Curriculares Nacionais e o Projeto Pedagógico Institucional da UFPE1
3. **Reforma Curricular:** O NDE deve zelar pela proposição de projetos pedagógicos que sejam consonantes com o PPC institucional e promover reformas curriculares parciais e integrais conforme necessário.

O NDE se reúne com uma periodicidade de, no mínimo, duas reuniões por semestre, quando são realizados o acompanhamento, atualização e avaliação do Projeto Pedagógico do Curso.

10 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DO CURSO

10.1 ESTRUTURA BÁSICA DO CURSO

O Curso de Geografia - Bacharelado funciona no período da tarde (vespertino) e oferece 60 vagas anuais. O regime escolar do curso proposto se viabiliza por créditos, distribuídos ao longo de (08) oito períodos durante (04) quatro anos. A integralização curricular se dará com cumprimento de créditos, equivalendo a uma carga horária plena mínima de 2.510 (duas mil quinhentos e dez horas) sendo: 2.010 horas de disciplinas obrigatórias; 300 horas de disciplinas eletivas (180 de eletivas do perfil e 120 de eletivas livres) e 200 horas de atividades complementares. As horas destinadas as atividades de pesquisa e extensão poderão ser computadas como atividades complementares.

As disciplinas oferecidas ao longo do curso encontram-se distribuídas da seguinte forma: disciplinas obrigatórias de conteúdos geográficos, disciplinas eletivas de aprofundamento e do ciclo profissional. Além disso, existem as atividades acadêmico-científico-culturais complementares e atividades de extensão, entretanto, as atividades de extensão ainda não passaram pelo processo de curricularização, conforme a resolução nº 31/2022 do CEPE/UFPE, a qual estabelece que cada curso de graduação deve dedicar pelo menos 10% dos créditos exigidos para a integralização do curso às Ações Curriculares de Extensão (ACEx), reforçando o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. O NDE está trabalhando em uma reforma total do PPC, com mudanças na carga-

horária, perfil curricular e aplicação efetiva da curricularização da extensão, prevista para 2025.

O elenco das disciplinas eletivas oferecidas ao longo do Curso poderá ser ampliado pelo aluno, dependendo dos seus interesses complementares à formação profissional de Geografia.

As atividades complementares estão relacionadas com as atividades de ensino, pesquisa, extensão e vivência profissional na área do conhecimento de Geografia e no campo de atuação do Geógrafo. Essas atividades estão detalhadas no item 12.2 e anexo 2.

Para atingir os objetivos propostos são apresentadas as disciplinas consideradas necessárias ao atendimento da formação do Bacharel em Geografia, de acordo o Parecer CNE/CES 492/2001 e com base nas competências definidas na legislação que regulamenta a profissão de Geógrafo (Lei nº 6.664/1979) e Decreto nº 85.138 de 15/09/1980, e o que estabelece o Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (CREA/CONFEA nº 1.010 de 22 de agosto de 2005), o qual normatiza e fiscaliza a profissão do Geógrafo. As disciplinas que compõem a matriz curricular são:

(PERFIL 2102-1) - Válido para os alunos ingressos a partir do semestre de 2013.1

Sigla Depto.	Componentes Obrigatórias Ciclo Geral ou Ciclo Básico	Carga Horária		Créditos	Ch Total	Pré-Requisitos	Co-Requisitos
		Teo	Prát				
CG650	Geografia Econômica do Mundo Atual	2	1	3	60		
GE566	Geologia Geral	2	1	3	60		
CG031	Introdução à Ciência Geográfica	2	1	3	60		
EC462	Introdução à Economia	4	0	4	60		
CG683	Formação Econômica e Territorial do Brasil	2	1	3	60		
CG664	Fundamentos de Climatologia	2	1	3	60		
CS004	Fundamentos de Sociologia	4	0	4	60		
GE567	Introdução à Petrografia	2	1	3	60		
CG680	Teorias Geográficas	2	1	3	60		
CG667	Biogeografia	2	1	3	60		
CA304	Cartografia	2	1	3	60		
CG506	Introdução a Geomorfologia	2	1	3	60		
CG649	Metodologia do Trabalho Científico	2	1	3	60		
CG214	Pedologia	2	1	3	60		
CG202	Geografia da População	2	1	3	60		
CG668	Geografia Industrial	2	1	3	60		
CG335	Geografia Regional do Brasil	2	1	3	60		
CG666	Geomorfologia Estrutural	2	1	3	60		
CG665	Recursos Hídricos e Gestão de Bacias Hidrográficas	2	1	3	60		

Ciclo Profissional ou Tronco Comum

CG648	Climatologia Dinâmica	2	1	3	60		
CG237	Geografia Agrária	2	1	3	60		
CG307	Geografia dos Serviços	2	1	3	60		
CG646	Geografia Urbana	2	1	3	60		
CG329	Geomorfologia Climática	2	1	3	60		
CG659	Geografia Cultural	2	1	3	60		
CG674	Geografia Regional do Nordeste	2	1	3	60		
CG441	Pesquisa Geográfica 1	0	2	2	60		
CG670	Técnicas Computacionais Aplicadas à Geografia	2	1	3	60		
CG675	Agroecologia	2	1	3	60		
CG341	Geografia Política	2	1	3	60		
CG442	Pesquisa Geográfica 2	0	2	2	60		
CG440	Planejamento Regional	4	0	4	60		
CG679	Trabalho de conclusão de curso - TCC	0	3	3	90		

COMPONENTES ELETIVOS

CG678	Estatística Aplicada à Geografia	2	1	3	60		
CG681	Avaliação de Impactos Ambientais	2	1	3	60		
CG672	Ecoturismo	2	1	3	60		
AM121	Antropologia Cultural	4	0	4	60		
CG676	Geografia de Pernambuco	2	1	3	60		
CG673	Fundamentos de Ecologia	2	1	3	60		
LE006	Português Instrumental	4	0	4	60		
CG669	Geomorfologia Costeira	2	1	3	60		
INT0047	Projeto de Extensão	0	2	2	60		
INT0048	Projeto de Iniciação Científica	0	2	2	60		
FL528	Introdução à Filosofia	4	0	4	60		
CG682	Geomorfologia do Quaternário	2	1	3	60		
CG539	Estágio Supervisionado	0	6	6	180		
CG303	Educação Ambiental	2	1	3	60		
CG677	Introdução à Oceanografia	2	1	3	60		
IN095	Empreendedorismo	2	1	3	60		
CG270	Leitura de Cartas Geográficas	2	1	3	60		
CG537	Organização Interna do Espaço Urbano	2	1	3	60		
CG651	Introdução e Aplicações de Geotecnologias	2	1	3	60		
CG533	Estudos Integrados do Meio Ambiente	2	1	3	60		
CG218	Gestão Geoambiental	2	1	3	60		
CG701	Geografia das Relações Étnico-raciais	2	1	3	60		
CG700	Geografia Africana	2	1	3	60		
PO494	Fundamentos da língua brasileira de sinais libras	4	0	4	60		
CG662	Análise Espacial do Turismo	2	1	3	60		
CG703	Ecologia Política	2	1	3	60		

OBSERVAÇÃO

A carga horária do curso é de 2.510 horas (2.010 horas de componentes curriculares obrigatórios; 180 horas de componentes curriculares eletivos do perfil 120 horas de componentes curriculares eletivos livres e 200 horas de atividades complementares. O estudante deverá cumprir no mínimo 8 semestres para integralizar o currículo, totalizando a carga horária de 2.510 horas. Com tempo máximo para integralização de 14 semestres.

Síntese de Carga Horária	
Componentes Obrigatórios	2.010
Componentes Eletivos do Perfil	180
Componentes Eletivos Livres	120
* Atividades Complementares	200
Carga Horária Total	2.510

* Todo aluno vinculado ao perfil obrigatoriamente participará de Atividades Complementares.

INTEGRALIZAÇÃO CURRICULAR

Tempo Mínimo*	8
Tempo Médio	10
Tempo Máximo*	14

* preenchimento obrigatório

O presente PPC, para atender a Resolução CNE/CP N°01 de 17/06/2004, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, procurou diretamente ou de modo transversal, contínuo e permanente abordar disciplinas ligadas às relações étnico-raciais, questões de diversidade e inclusão, promovendo uma sociedade mais justa e igualitária.

Assim essa temática aparece diretamente na disciplina eletiva Geografia das Relações Étnico-Raciais e em seu conteúdo nas disciplinas obrigatórias Geografia da População, Geografia Regional do Brasil, Geografia Política, Geografia Cultural, Geografia Agrária, Geografia Urbana, Agroecologia e a eletiva Antropologia Cultural.

as Políticas de Educação Ambiental. Estes temas estão presentes em disciplinas como Geografia das Relações Étnico-Raciais, Geografia da População, Geografia Regional do Brasil, Educação Ambiental, Geografia Política, Geografia Cultural, Antropologia Cultural, Geografia Agrária, Geografia Urbana, Agroecologia etc.

Com relação à Lei no. 9795, de abril de 1999, que estabelece a Política Nacional de Educação Ambiental, e Decreto No. 4.281 de 25 de junho de 2002, que regulamenta a Lei nº 9.795, o qual detalha as diretrizes e ações necessárias para a implementação da Política Nacional de Educação Ambiental, incluindo a criação de programas e a integração da dimensão ambiental em diversas áreas do ensino e da sociedade, há a integração da

educação ambiental como disciplina específica e presente nos conteúdos de disciplinas deste PPC, bem como a compreensão da política de educação ambiental de maneira transversal e multidisciplinar. A própria Geografia tem dentre seus objetos de estudos a relação entre sociedade/natureza e a ocupação territorial e as transformações nas paisagens, sendo assim, este assunto é abordado ao longo de todo o curso, nas mais diversas disciplinas, sendo que, por exemplo, nas disciplinas Educação Ambiental, Biogeografia, Recursos Hídricos, Fundamentos de Climatologia e Climatologia Dinâmica, Agroecologia e Fundamentos de Ecologia é abordado diretamente.

Por fim, para atender ao Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi adicionado ao quadro de disciplinas eletivas a componente Fundamentos da língua brasileira de sinais libras, uma vez que para os cursos de Bacharelado este componente pode ser disciplina eletiva ou obrigatória. O curso optou por disciplina eletiva.

a) Atividades acadêmico-científico-culturais complementares

Serão creditados no histórico escolar dos alunos da Graduação, como atividades complementares, os casos especificados a seguir:

I. Atividades de pesquisa: participação em Projetos de Pesquisa aprovados no âmbito da UFPE ou por órgãos de fomento; participação em eventos (palestras, seminários e congressos) da área ou de áreas afins, com ou sem apresentação de trabalho; publicação de trabalhos em revistas ou anais de encontros, congressos e assemelhados, de Geografia ou áreas afins, bem como de livros ou capítulos de livros com temática relacionada ao curso de Geografia ou áreas afins; participação em Iniciação Científica (PIBIC).

II. Atividades de extensão: Participação em projetos de extensão; Participação em minicursos / cursos de curta duração na área de Geografia ou áreas afins; Participação na organização de eventos científicos na área do Curso.

III. Atividades de ensino e outras atividades: Participação em monitoria (bolsista ou voluntário); participação em Programa de Bolsa de Iniciação Acadêmica (BIA); Participação em Programa de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI); participação em Programa de Educação Tutorial (PET).

IV. Vivência profissional complementar: participação em Estágio não-obrigatório realizado na área de formação do estudante (desde que em conformidade com os requisitos indicados na Resolução CCEPE nº 20/2015); participação como membro efetivo de Empresa Júnior ou Diretório Acadêmico; atividades de representação discente junto aos órgãos da UFPE e

outros, de interesse público, mediante comprovação de no mínimo 75% (setenta e cinco por cento) de participação efetiva durante o seu período de realização.

V. Grupo de disciplinas de Formação Avançada: conforme a resolução Nº 18/2021 – CEPE que permite aos estudantes de graduação o aproveitamento da carga horária cursada em disciplinas de Mestrado ou Doutorado.

Observação: Ficam excluídas as atividades de prestação de serviços que envolvam remuneração e outros.

10.2 DISCIPLINAS E CARGA HORÁRIA DO CURSO DE GEOGRAFIA POR PERÍODO - BACHARELADO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS ACADÊMICOS
CURRÍCULO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

(PERFIL 2102-1) - Válido para os alunos ingressos a partir do semestre de 2013.1

Sigla Depto.	COMPONENTES OBRIGATÓRIOS	Carga Horária		Créditos	Ch Total	Pré-Requisitos	Co-Requisitos
		Teo	Prát				
	CICLO PROFISSIONAL						
	1º PERÍODO						
CG650	Geografia Econômica do Mundo Atual	2	1	3	60		
GE566	Geologia Geral	2	1	3	60		
CG031	Introdução à Ciência Geográfica	2	1	3	60		
EC462	Introdução à Economia	4	0	4	60		
	TOTAL	240 HORAS					
	2º PERÍODO						
CG683	Formação Econômica e Territorial do Brasil	2	1	3	60		
CG664	Fundamentos de Climatologia	2	1	3	60		
CS004	Fundamentos de Sociologia	4	0	4	60		
GE567	Introdução à Petrografia	2	1	3	60		
CG680	Teorias Geográficas	2	1	3	60		
	TOTAL	300 HORAS					
	3º PERÍODO						
CG630	Biogeografia	2	1	3	60		
CA304	Cartografia	2	1	3	60		
CG506	Introdução a Geomorfologia	2	1	3	60		
CG649	Metodologia do Trabalho Científico	2	1	3	60		
CG214	Pedologia	2	1	3	60		
	TOTAL	300 HORAS					
	4º PERÍODO						
CG202	Geografia da População	2	1	3	60		
CG668	Geografia Industrial	2	1	3	60		

CG335	Geografia Regional do Brasil	2	1	3	60		
CG666	Geomorfologia Estrutural	2	1	3	60		
CG665	Recursos Hídricos e Gestão de Bacias Hidrográficas	2	1	3	60		
	TOTAL	300 HORAS					
	5º PERÍODO						
CG648	Climatologia Dinâmica	2	1	3	60		
CG237	Geografia Agrária	2	1	3	60		
CG307	Geografia dos Serviços	2	1	3	60		
CG646	Geografia Urbana	2	1	3	60		
CG329	Geomorfologia Climática	2	1	3	60		
	TOTAL	300 HORAS					
	6º PERÍODO						
CG659	Geografia Cultural	2	1	3	60		
CG674	Geografia Regional do Nordeste	2	1	3	60		
CG441	Pesquisa Geográfica 1	0	2	2	60		
CG670	Técnicas Computacionais Aplicadas à Geografia	2	1	3	60		
	TOTAL	240 HORAS					
	7º PERÍODO						
CG675	Agroecologia	2	1	3	60		
CG341	Geografia Política	2	1	3	60		
CG442	Pesquisa Geográfica 2	0	2	2	60		
CG440	Planejamento Regional	4	0	4	60		
	TOTAL	240 HORAS					
	8º PERÍODO						
CG679	Trabalho de conclusão de curso - TCC	0	3	3	90		
	TOTAL	90 HORAS					
	TOTAL GERAL	2010 HORAS					

11 PLANO DE CURSO (EMENTÁRIO, CONTEÚDO E BIBLIOGRAFIA BÁSICA E COMPLEMENTAR) (ANEXO 9)

12 ATIVIDADES CURRICULARES

12.1 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

A conclusão do Curso de Bacharelado em Geografia exige a realização de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)/Monografia, de acordo com a Resolução Nº 18/2022 CCEPE que disciplina o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) nos Cursos de Graduação da Universidade Federal de Pernambuco e da normatização interna do curso de Geografia Bacharelado (Anexo 4), culminando com a elaboração e defesa do trabalho, vinculado a componentes curriculares próprios, sob a orientação de um professor, objetivando a averiguação da capacidade do aluno pesquisar, investigar temáticas específicas do campo da Geografia. Assim, o objeto de investigação do TCC do curso de Bacharelado deverá contemplar as temáticas relativas à prática profissional em Geografia e/ou tópicos investigativos das Ciências Geográficas, abrangendo suas diferentes especializações físico-naturais, humanas, regionais, instrumentais, epistemológicas e historiográficas.

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) configura componente curricular obrigatório não disciplinar necessário para a integralização do curso, com carga horária de 90 horas. No ambiente Sigaa, o aluno será matriculado como atividade individual tendo a necessidade de estar associado a um orientador.

O formato do TCC seguirá o modelo de monografia ou artigo disponibilizado pelo Sistema Integrado de Bibliotecas (SIB) da UFPE. Mais informações acerca das orientações e normativas do TCC para a conclusão do curso de Bacharelado em Geografia podem ser encontrados no anexo 4.

12.2 ATIVIDADES COMPLEMENTARES

As atividades complementares estão relacionadas com o ensino ou com o conhecimento específico de Geografia como minicursos, cursos de capacitação e atualização, monitorias, iniciação científica, iniciação à docência, programa de educação tutorial – PET, participação em grupos de pesquisa na UFPE e em outras instituições públicas, participação em eventos científicos (seminários, congressos e palestras) com ou sem apresentação de trabalhos, participação na organização de eventos científicos, publicação de trabalhos acadêmicos em revistas ou anais de congressos de Geografia ou áreas afins, exposição de trabalhos em eventos, atividade de extensão, estágio voluntário extracurricular, participação em encontros estudantis. E em conformidade com a resolução Nº 18/2021 – CEPE também

será permitido aos estudantes de graduação o aproveitamento da carga horária cursada em disciplinas de Mestrado ou Doutorado em qualquer programa de Pós-Graduação de Geografia e áreas afins.

As normas internas para as Atividades Complementares do curso de Bacharelado em Geografia estão disponibilizadas no ANEXO 2 e adequadas a Resolução nº 12/2013 do CCEPE.

ATIVIDADES COMPLEMENTARES DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – BACHARELADO

GRUPO	ATIVIDADE	C.H exigência mínima	C.H. exigência máxima	Comprovante
ATIVIDADES DE PESQUISA	Participação em Projetos de Pesquisas aprovados no âmbito da UFPE ou por órgãos de fomento.	30 horas por semestre	60h (2 semestres)	Certificado ou Declaração de Participação
	Participação em eventos (palestras, seminários e congressos) da área ou de áreas afins, com ou sem apresentação de trabalho	15h por evento*	60h (4 eventos)	Certificado de participação e/ou de apresentação do trabalho
	Publicação de trabalhos em revistas ou anais de encontros, congressos de Geografia, Ensino de Geografia ou áreas afins; Publicação de livros ou capítulos de livros (impressos ou digitais)	30h por publicação	60h (2 publicações)	Se impresso: cópia da primeira página da publicação e da ficha catalográfica; se digital: DOI ou link da página da web para o trabalho; ou carta de aceite da publicação.
	Participação em Iniciação Científica (PIBIC)	30h por semestre	60h (2 semestres)	Certificado pela PROPESQ ou órgão de fomento.
ATIVIDADES DE EXTENSÃO	Participação em projetos de extensão	30h por semestre	60h (2 semestres)	Certificado pela PROEXC, entidade ou equivalente
	Participação em minicursos / cursos de curta duração ou treinamentos	15h	60h (4 cursos)	Certificado pela PROEXC, entidade ou equivalente
	Participação na organização de eventos científicos na área do Curso	15h por organização	60h (4 eventos)	Certificado de participação na organização do evento
ATIVIDADES DE ENSINO E OUTRAS	Participação em monitoria (bolsista ou voluntário)	30h por semestre	60h (2 semestres)	Certificado PROACAD

ATIVIDADES COMPLEMENTARES	Participação em Programa de Bolsa de Iniciação acadêmica (BIA)	30h por semestre	60h (2 semestres)	Certificado ou declaração de participação
	Participação em Programa de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI)	30h por semestre	60h (2 semestres)	Certificado ou declaração de participação (CAPES)
	Participação em Programa de Educação Tutorial (PET)	30h por semestre	60h (2 semestres)	Certificado ou declaração de participação
VIVÊNCIA PROFISSIONAL COMPLEMENTAR	Estágio não-obrigatório	30h por semestre	90h (2 semestres)	Termo de Compromisso de Estágio e/ou declaração da empresa com carga-horária cumprida
	Participação como membro efetivo de Empresa Júnior ou Diretório Acadêmico	30h por semestre	60h (2 semestres)	Cópia da ata de composição ou declaração emitida pela diretoria
	Representação discente junto aos órgãos da UFPE e outros de interesse público, mediante comprovação de no mínimo 75% de participação efetiva durante o seu período de realização	20h	20h	Certificado ou declaração de participação
DISCIPLINAS DE FORMAÇÃO AVANÇADA	Aproveitamento da carga horária cursada em disciplinas de Mestrado ou Doutorado	30h	60h (duas disciplinas de 30 horas)	Declaração do Programa de Pós-Graduação

OBSERVAÇÕES:

A creditação da carga horária dar-se-á conforme exposto nas declarações/certificados das atividades apresentadas, devendo apresentar assinatura do profissional responsável (física ou digital), explicitando carga horária total e data de realização.

Só serão aproveitadas para fins de creditação as atividades realizadas no período em que o aluno possuir vínculo ativo com o curso que estiver matriculado. Atividades realizadas em semestres que o aluno tenha realizado trancamento de semestre ou tenha sido desvinculado não serão creditadas.

Recomenda-se que o envio dos documentos comprobatórios pelo sistema acadêmico vigente seja efetuado, preferencialmente, ao final dos 3º, 5º e 7º períodos do curso. Todo aluno vinculado ao perfil obrigatoriamente participará de atividades complementares.

12.3 ESTÁGIOS NÃO OBRIGATÓRIOS

O estágio no curso de Bacharelado em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco tem por objetivo complementar a formação acadêmica e profissional dos alunos, ocasião em que serão aplicados os conhecimentos adquiridos durante o Curso. Desta forma, o estágio não-obrigatório deverá iniciar o aluno no exercício da profissão na área de atuação do Geógrafo, sendo as atividades desenvolvidas, documentadas e apresentadas na forma de relatório técnico ao final do semestre à contratante e a coordenação do curso de graduação e/ou coordenação de estágio.

O estágio não obrigatório é opcional e visa complementar a formação do estudante com experiências profissionais, podendo ser realizado a partir do 3º período do curso de Bacharelado em Geografia, em uma ou mais áreas da Geografia. Pode ser feito na UFPE ou em instituições conveniadas.

Os estágios devem ser presenciais, mas o Colegiado pode autorizar o formato mediado por tecnologia quando viável. A Divisão de Estágio de Graduação é responsável por acompanhar convênios, orientar sobre questões legais e gerir o seguro obrigatório para o estágio. Atividades de extensão, monitoria e iniciação científica não são consideradas estágio e devem ter carga horária distinta se realizadas em programas de pesquisa.

O estágio não obrigatório deve seguir a Resolução CEPE/UFPE n. 20/2015, as orientações vigentes na UFPE e o projeto pedagógico do curso, sendo planejado, realizado, acompanhado e avaliado conforme os planos individuais de estágio e os Projetos Pedagógicos dos cursos.

Em instituições de pesquisa, o aluno deve ser supervisionado por técnico habilitado com titulação mínima de Mestre. Para estágios em empresas, o supervisor deve ser um profissional atuante no mercado em área relacionada à Geografia, com titulação mínima de Graduação.

Para a realização do estágio não obrigatório no curso, o estudante deve encaminhar à Coordenação de Estágio o termo de compromisso preenchido, que será formalizado e assinado digitalmente. A Coordenação e a concedente analisarão as condições do estágio, que pode ser presencial ou mediado por tecnologia, se aprovado pelo Colegiado. A Coordenação de Estágio, supervisores e orientadores acompanharão as atividades, com orientação preferencialmente presencial. Relatórios parciais devem ser feitos a cada seis meses para aproveitamento da carga horária. A Coordenação de Estágio arquivará digitalmente todos os documentos.

Para ser elegível ao estágio não obrigatório, o estudante deve estar matriculado, ter integralizado os créditos mínimos do terceiro período, não ter mais de 25% de reprovação por falta no período anterior e ter o plano de atividades aprovado. Estudantes de mobilidade acadêmica ou portadores de diploma podem ser autorizados pelo Coordenador do curso. A carga horária do estágio pode ser registrada como atividade complementar, com no máximo 90 horas. O estudante pode se matricular na disciplina de Estágio Supervisionado com 180 horas. A jornada de estágio deve ser compatível com o horário escolar e o funcionamento da entidade concedente, não ultrapassando 6 horas diárias e 30 horas semanais.

Mais informações sobre a regulamentação de estágio podem ser encontradas no anexo 5.

13 FORMAS DE ACESSO AO CURSO

As formas de acesso ao curso de Graduação em Geografia – Bacharelado se dá anualmente pelo Sistema de Seleção Unificada (Sisu/UFPE), conforme as resoluções 23, 24 e 26 de 2022 CEPE/UFPE, Resolução 08/2021 CEPE/UFPE e Resolução 24/2019 CEPE/UFPE, por Reintegração e Transferência Interna e por Extravestibular-Transferência Externa e Portador de Diploma. Outra forma de acesso é por força de Lei - LEI Nº 9.536/1997 que trata da Transferência Ex-Ofício. E com base na Lei nº 13.409/2016, que altera a Lei nº 12.711/2012 são reservadas vagas para estudantes com deficiência.

Ademais o curso atende a Lei 12.711/2012, que estabelece que as instituições federais de ensino superior devem reservar, em cada concurso seletivo, 50% das vagas para estudantes que cursaram integralmente o ensino médio em escolas públicas. Além disso, essas vagas devem ser preenchidas por autodeclarados pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência, de acordo com a proporção desses grupos na população da unidade da Federação onde a instituição está localizada.

A Lei 14.723/2023 atualiza a Lei 12.711/2012, introduzindo um programa especial para o acesso às instituições federais de ensino superior e de ensino técnico de nível médio para estudantes pretos, pardos, indígenas, quilombolas e pessoas com deficiência. Além disso, a atualização estabelece que 50% das vagas devem ser reservadas para estudantes oriundos de famílias com renda igual ou inferior a 1 salário-mínimo per capita.

Anualmente a UFPE realiza a ExpoUFPE (<https://sites.ufpe.br/expoufpe/>), que congrega todos os cursos de graduação e tem programações presenciais e virtuais que estimulam o acesso aos cursos.

13 CORPO DOCENTE E CURRÍCULO

13.1 PERFIL DOS DOCENTES

NOME	CPF	ÁREA DE CONHECIMENTO *	TITULAÇÃO	QUALIFICAÇÃO **	REGIME DE TRABALHO	VÍNCULO EMPREGATÍCIO
Alcindo José de Sá	213.362.964-53	Geografia Política	Pós-Doutor	Economia	DE	Estatutário
Ana Carolina Gonçalves Leite	213.165.228-30	Geografia Econômica	Pós-Doutora	Ciências Sociais	DE	Estatutário
Ana Cristina de Almeida Fernandes	141.735.904-82	Geografia Humana	Pós- Doutora	Arquitetura e Urbanismo	DE	Estatutário
Antonio Carlos de Barros Correa	629.890.574-04	Geografia Física	Pós- Doutor	Geografia	DE	Estatutário
Bertrand Roger Guillaume Cozic	059.515.407-71	Geografia Econômica e Regional	Doutor	Geografia	DE	Estatutário
Caio Augusto Amorim Maciel	820.139.504-20	Geografia Humana	Pós-Doutor	Agronomia	DE	Estatutário
Cláudio Jorge Moura de Castilho	355.005.574-91	Geografia Humana	Pós-Doutor	Geografia	DE	Estatutário
Cláudio Ubiratan Gonçalves	028.839.527-10	Geografia Agrária	Pós-Doutor	Geografia	DE	Estatutário
Cristiana Coutinho Duarte	045.800.644-02	Geografia Física	Doutora	Geografia	DE	Estatutário
Daniel Rodrigues Lira	060.088.914-90	Geografia Física	Doutor	Geografia	DE	Estatutário
Danielle Gomes da Silva Listo	039.413.594-60	Geografia Física	Pós-Doutora	Geografia	DE	Estatutário
Edvânia Torres Aguiar Gomes	184.597.734-34	Geografia Humana	Pós-Doutora	Geografia	DE	Estatutário
Fabrizio de Luiz Rosito Listo	345.836.558-35	Geotecnologias	Pós-Doutor	Geografia	DE	Estatutário
Francisco Kennedy Silva dos Santos	441.086.053-49	Ensino da Geografia	Pós-Doutor	Geografia	DE	Estatutário
Fredson Pereira da Silva	106.890.904-80	Ensino de Geografia e Geografia Física	Doutor	Geografia	DE	Estatutário

Josicleda Domiciano Galvínio	027.734.254-59	Sensoriamento Remoto	Pós-Doutora	Matemática	DE	Estatutário
Larissa Monteiro Rafael	051.670.704-30	Biogeografia e Geografia Física	Doutora	Geografia	DE	Estatutário
Lucas Costa de Souza Cavalcanti	051.857.374-50	Geomorfologia	Doutor	Geografia	DE	Estatutário
Maria do Socorro Bezerra de Araújo	217.321.164-15	Geografia Física	Pós-Doutora	Química Industrial/Engenharia Química	DE	Estatutário
Maria Fernanda Abrantes Torres	190.175.104-04	Geografia Física	Doutora	Geografia	DE	Estatutário
Mônica Cox de Britto Pereira	792.968.907-72	Geografia Humana	Pós-Doutora	Ciências Biológicas	DE	Estatutário
Nilo Américo Rodrigues Lima de Almeida	666.698.477-34	Epistemologia da Geografia	Pós-Doutor	Geografia	DE	Estatutário
Nilson Cortez Crócia de Barros	103.048.864-91	Geografia Humana	Pós-Doutor	Geografia	DE	Estatutário
Oswaldo Girão da Silva	683.918.544-34	Geografia Física	Doutor	Geografia	DE	Estatutário
Priscila Batista Vasconcelos	013.370.574-95	Geografia Humana	Pós-Doutora	Geografia	DE	Estatutário
Priscylla Karoline de Menezes	006.947.341-28	Ensino de Geografia	Doutora	Geografia	DE	Estatutário
Rodrigo Dutra Gomes	279.594.968-70	Epistemologia da Geografia	Pós-Doutor	Geografia	DE	Estatutário
Ruy Batista Pordeus	192.149.284-87	Geografia Física	Doutor	Geografia	DE	Estatutário
Talitha Lucena de Vasconcelos	052.421.674-67	Geografia Física	Doutora	Geografia	DE	Estatutário
Vanice Santiago Fragoso Selva	131.333.224-00	Geografia Humana	Pós-Doutora	Geografia	DE	Estatutário
Wemerson Flávio da Silva	047.181.264-10	Geografia Física	Doutor	Geografia	DE	Estatutário

É importante ressaltar que a maior parte dos docentes está diretamente envolvida com pelo menos um dos dois programas de pós-graduação que funcionam no departamento.

14 CONDIÇÕES DE FUNCIONAMENTO DO CURSO

14.1 INFRAESTRUTURA FÍSICA

O Departamento de Ciências Geográficas - DCG da UFPE está situado no prédio do Centro de Filosofia e Ciências Humanas-CFCH, utilizando espaços dos seguintes andares: 1º (aulas, pesquisa), 2º (aulas, pesquisa, extensão, apoio discente), 3º (aulas, pesquisa, extensão, 5º e 6º (aulas, pesquisa, extensão, apoio discente, administração/gestão), sendo estes dois últimos ocupados inteiramente pelo DCG e com 59 salas e 12 sanitários. O DCG também utiliza salas de aula do NIATE CFCH-CCSA (Núcleo Integrado de Atividades de Ensino). Segue a lista de espaços e seus respectivos usos:

- **1º andar -**

- 01 sala do LARN - Laboratório de Análise de Recursos Naturais
- 01 sala C do Laboratório de Informática do Centro de Filosofia e Ciências Humanas
- 02 salas de aula A e B;

- **2º andar –**

- 01 Núcleo de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão-NAPE de Geografia
- 03 salas de aula;

- **3º andar -**

- 01 sala do Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais e Espaço Urbano - MSEU
- 01 sala do Grupo de Estudos NEXUS - Sociedade Natureza
- 03 salas de aula;

- **5º andar –**

- 01 sala do Laboratório de Estudos sobre Espaço, Cultura e Política - LecGEO
- 01 sala do Laboratório de Estudos e Pesquisa sobre Espaço Agrário e Camponato - LEPEC
- 01 sala do Núcleo de Educação, Pesquisas e Práticas em Agroecologia e Geografia - NEPPAG Ayni
- 01 sala do INTERTROPICOS

- 01 sala do Grupo de Pesquisa sobre Geografia e Violência - MOVIEX
- 01 sala Multiusuários
- 02 salas do Laboratório de Geografias Humanas /Núcleo de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão-NAPE
- 01 auditório
- 02 salas do LAGEAM
- 01 laboratório do PRODEMA
- 01 sala de aula do PRODEMA
- 20 salas de professores
- 01 sala do NEMA/TROPOCLIMA
- 01 sala do BIOMA
- 06 sanitários
- **6º andar –**
 - 01 sala da Revista Brasileira de Geografia Física
 - 01 sala da secretaria do PPGEO
 - 01 sala da Coordenação do PPGEO
 - 01 sala da secretaria do DCG
 - 01 sala da chefia do DCG
 - 01 sala da Coordenação e Secretaria do PRODEMA
 - 01 sala do DA de Geografia
 - 01 sala do SERGEO
 - 01 sala do PET/Geografia
 - 01 sala do ENPLAGEO
 - 01 sala de estudos do PRODEMA
 - 1 copa
 - 01 sala do laboratório do PPGEO
 - 01 sala do GRITT
 - 01 sala de aula do PPGEO
 - 01 sala do LEGEP/GPECI
 - 01 sala da Coordenação da Graduação
 - 01 sala da secretaria da Graduação
 - 07 salas de professores
 - 01 sala do EAD
 - 01 sala do GEQUA
 - 06 sanitários.

- **NIATE** - 5 salas de aula

14.1 Condições de acesso para pessoas com deficiência e/ou mobilidade reduzida

Quanto à acessibilidade física, a Biblioteca está localizada no térreo do CFCH. As salas de aula e banheiros no NIATE podem ser acessadas por meio de elevador. No CFCH o acesso ocorre a partir de 4 elevadores. Nos dois prédios, todas as portas de entrada estão de acordo com as normas de acessibilidade, medindo 90 cm de largura. O piso é regular, estável e não trepidante e não contém obstáculo impeditivo de circulação livre, o que está de acordo com o Art. 24 do Dec. No. 5.296/2004, Lei N° 13.146/2015 e Resolução N° 11/2019 - ConsUni /UFPE.

14.2 BIBLIOTECA

O Departamento de Ciências Geográficas tem disponível ao seu corpo docente e discente produções bibliográficas referentes às suas temáticas e áreas afins na Biblioteca Central do UFPE, na Biblioteca Setorial do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, no NAPE (Núcleo de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão). Como as Bibliotecas são descentralizadas e integradas nos Centros de Ensino na UFPE, os docentes e alunos dispõem do acesso a todas as bibliotecas dos centros da universidade. Em específico dispõe-se dos valiosos acervos do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) (em especial no Depto. de Economia), além do Centro de Tecnologia (CTG) e o Centro de Ciências Biológicas (CCB) para a área de Geografia Física, considerando, em especial, as bibliografias atinentes à Biogeografia, Geoprocessamento, Geologia, Climatologia e Geomorfologia.

14.3 NÚCLEOS E LABORATÓRIOS

O Departamento de Ciências Geográficas possui três núcleos, 18 Grupos de Pesquisa cadastrados no CNPq e 10 Laboratórios de pesquisa. Além destes possui uma sala multiusuário voltada ao ensino e pesquisa e utilizada por diversos grupos e professores, PET Geografia, PET Conexões Gestão Política-pedagógica, e as empresas Juniores MapGeo –

Mapeamento e Soluções Geográficas e SigaGEOJr e uma Liga Acadêmica de Educação Geográfica e Saberes (Laegs).

14.3.1 Núcleos

1) NAPE – NÚCLEO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO – PROF. ALDEMIR DANTAS BARBOZA

O NAPE visa articular as atividades de pesquisa acadêmica, de ensino de Geografia e de extensão com as novas tecnologias da comunicação e informação, ampliando, dessa forma, sua valiosa importância na formação profissional do bacharel e do licenciando em Geografia, bem como dos estudantes de pós-graduação do Departamento de Ciências Geográficas da Universidade Federal de Pernambuco bem como de outras Instituições. O NAPE funciona no 2 andar do CFCH.

Equipamentos: 05 microcomputadores, 01 laptop, 03 impressoras, 01 datashow, 04 birôs, 03 mesas 17 cadeiras, 07 prateleiras, 02 mesas de computador, 02 arquivo, 01 altímetro e 01 GPS.

Acervo: Coleção de minerais e rochas, coleção de blocos diagramas sobre Geomorfologia, mapas de alto relevo (Américas, Mundi, Europa, Estados Unidos, Canadá, Antilhas), Revista de Geografia – RBG e Boletim Geográfico (IBGE), Cadernos 3º Mundo, livros didáticos (Ensino Fundamental e Médio) e livros de Geografia (humana e física) doados por professores e funcionários. Globos de diversos tamanhos, Atlas, Mapas físicos e políticos (Brasil, Continentes, Estados do Nordeste, Mundi), Cartas da Região Nordeste nas Escalas de 1:10000, 1:25000, 1:250000 e 1:500000, Ortofocartas, entre outras.

O NAPE possui cerca de 3.000 títulos, entre Livros e Periódicos; Banco de dissertações – Mestrado e Doutorado em Geografia, Mestrado e Doutorado em Meio Ambiente, DCG/UFPE. Banco de monografias – Curso de Graduação, Curso de Especialização em Ensino de Geografia, banco de trabalhos finais – Curso de Especialização em Educação Ambiental, Revistas de Estudos Avançados, Cadernos de Estudos Sociais – FUNDAJ, Ciência e Trópico – FUNDAJ, Anais de Encontros, Enciclopédias Barsa, Larousse, Britânica (Caminhos do Conhecimento), Time/Life (Nações do Mundo e Ciência e Natureza), Atlas (Brasil, Nordeste, Ecossistemas Brasileiros, PE, PB, SE, BA, RN, MA, PI, AL, CE).

2) Núcleo de Estudos do Meio Ambiente – NEMA

O Nema é uma organização civil, sem fins lucrativos, integrada ao Departamento de Ciências Geográficas da UFPE, que tem como objetivos:

- i. realizar estudos, estabelecer diagnósticos e promover soluções que objetivem o desenvolvimento da sustentabilidade socioeconômica e ambiental;
- ii. promover a integração Universidades-Comunidade, buscando a conscientização da importância do planejamento ambiental, o bem-estar social e econômico da sociedade;
- iii. servir como mecanismo institucional especializado para a implementação de ações que objetivem o beneficiamento das comunidades regionais, tendo por base fundamental desenvolver o equilíbrio entre o homem e o meio ambiente;
- iv. valorizar alunos, professores, e o curso de Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, no âmbito acadêmico e junto à sociedade;
- v. defender a preservação do meio ambiente e o equilíbrio ecológico;
- vi. promover atividades direcionadas ao treinamento, pesquisa, desenvolvimento e consultoria no campo da Geografia.

Atualmente o NEMA está localizado na sala 544 do CFCH e agrega os seguintes grupos de pesquisa: Tropoclima, Bioma e LAGEAM.

Equipamentos: 3 computadores; 4 monitores; 3 mouses, 3 estabilizadores; 2 ar condicionados; 1 impressora Epson; 1 Headset Gamer; 1 microfone Trust; 2 caixinhas de som; 1 modem; 1 Televisão AOC; 1 Miniprojetor Multilaser; 2 estações meteorológicas antigas; 2 estações meteorológicas novas; 1 abrigo termohigrômetro; 3 tripés de aço para as estações; 1 tripé de câmera; 2 termohigrômetros da marca HOBO e um medidor de partículas Instrutemp. Ainda é equipado com 1 geláguia, 1 refrigerador consul, 1 Microondas e 1 chaleira elétrica. Em relação aos mobiliários, o laboratório possui 2 mesas e 4 bancadas para computador; 4 armários altos fechados; 2 armários abertos e 12 cadeiras.

3) NEPPAG AYNI - Núcleo de educação, pesquisa e prática em agroecologia e Geografia

O Núcleo de Educação, Pesquisa e Práticas em Agroecologia e Geografia, NEPPAG AYNI, tem como base o tripé ensino-pesquisa-extensão, que propõe interligar as atividades teórico-práticas e aproximar os estudantes da realidade social do campo e da cidade e dos movimentos sociais, na perspectiva da interdisciplinaridade e do diálogo de saberes. Tem como foco a realização de atividades de intercâmbios e visitas técnicas a experiências agroecológicas de agricultoras e agricultores, de pescadores e pescadoras, de comunidades tradicionais, de povos do campo, da floresta, das águas. Propõe como foco a valorização das práticas a partir das trocas de experiências com organizações sociais de forma a se construir um processo de articulação assim como uma rede de aprendizagem. Tem como horizonte a reflexão a respeito da Agroecologia, da ruptura com o atual modelo de desenvolvimento; dos direitos das comunidades à vida, ao uso da natureza e da agrobiodiversidade em uma

perspectiva socioambiental; e da construção de alternativas acerca da relação do ser humano com a natureza, consigo e com a sociedade. Mais informações sobre o grupo podem ser identificadas na página <https://www.ufpe.br/neppag> e no Instagram @neppag.

Equipamentos: 2 computadores mesa, 1 laptop, 1 datashow, 1 máquina fotográfica, 20 ferramentas de manejo agroflorestal, gravador de voz, kits de trabalho em comunidades.

14.3.2 Laboratórios e Grupos de Pesquisa

a) INTERTRÓPICOS - Laboratório de Pesquisas em Dinâmicas de Paisagens Intertropicais

O INTERTRÓPICOS está localizado na sala 5 do CFCH e agrega em sua sala os seguintes grupos de pesquisa: ANTROPOGEO - Grupo de pesquisa em Antropogeomorfologia e o PAISAGEO – Geografia de Paisagens Tropicais. Possuindo os seguintes **equipamentos:** Drone, 2 computadores e trado de incremento.

Grupos de pesquisa vinculados:

i) ANTROPOGEO - Grupo de pesquisa em Antropogeomorfologia

O Grupo de Pesquisa em Antropogeomorfologia (ANTROPOGEO) objetiva desenvolver uma rotina de estudos voltados para o monitoramento, análise e compreensão das dinâmicas superficiais da paisagem em ambientes úmidos e semiáridos a partir de interferências antrópicas. O Antropoceno remete ao intervalo da história recente da Terra, durante o qual os humanos têm influenciado de forma considerável sobre a superfície do planeta, estando, agora, a ser formalmente considerado como uma possível nova época geológica. O grupo de estudo em questão visa estimular o debate sobre o envolvimento da comunidade geomorfológica ao considerar os aspectos práticos de tal formalização. Mesmo que o termo Antropoceno ainda não esteja amplamente utilizado pela geomorfologia, a investigação de processos da superfície da Terra que operaram no Pleistoceno, e operam no Holoceno, bem como as alterações nas taxas e padrões de processos superficiais são aspectos centrais para o debate da chamada Antropogeomorfologia, que considera as atividades humanas como potencializadoras de alterações processuais que modelam e remodelam as formas de relevo terrestre.

ii) PAISAGEO – Geografia de Paisagens Tropicais

O PAISAGEO é um grupo de pesquisas na área da Geografia que realiza estudos ambientais apoiados em cartografia para a Conservação da Caatinga. Está associado ao

Laboratório de Pesquisa de Dinâmicas de Paisagens Intertropicais (INTERTRÓPICOS) e ao Laboratório de Geomorfologia do Quaternário (LabGEQUA), ambos do Departamento de Ciências Geográficas da Universidade Federal de Pernambuco.

b) LabGEQUA - Laboratório de Geomorfologia do Quaternário e GEQUA - Grupo de Estudos do Quaternário do Nordeste

O LabGEQUA Laboratório de Geomorfologia do Quaternário está associado ao Grupo de Estudos do Quaternário do NE Brasileiro, visa estabelecer uma rotina de pesquisa da dinâmica quaternária das paisagens do NE do Brasil, com base na investigação da produção de sedimentos quaternários, e da gênese dos modelados, com ênfase para o domínio semiárido. O Grupo busca agregar aos estudos do Quaternário novas geotecnologias que permitam uma compreensão acurada dos eventos formadores do relevo e seus depósitos correlativos. Os estudos direcionam-se à elucidação dos cenários paleogeográficos associados às mudanças ambientais do Quaternário do NE o que também permitirá uma compreensão mais realista do funcionamento dos sistemas de superfície terrestre vigentes. O GEQUA visa ainda estabelecer rotinas de investigação empírica, valendo-se de técnicas em dia com o estado da arte do desenvolvimento dentro das disciplinas envolvidas nas pesquisas realizadas: geomorfologia, sedimentologia, pedologia, paleontologia, geoarqueologia e geocronologia. Os trabalhos do GEQUA estão focados nas análises dos materiais constituintes das formações superficiais, sua distribuição espacial, suas características físico-químicas, seus conteúdos fossilíferos, geoarqueológicos e cronológicos. O LabGEQUA está localizado na sala 628, no sexto andar do CFCH.

Equipamentos: Equipamentos Estufa com capacidade 320 L Balança de precisão Quarteador de sedimentos Vidraria de laboratório Destilador de água tipo Pilsen Termo-Higrômetro Digital Medidor de pH/°C p/ solo Psicrômetro digital portátil Salinômetro manual de precisão Espectrômetro de Fluorescência de Raios-X por Energia Dispersiva Rotap + 2 jogos de peneiras Agitador magnético sem aquecimento. Granulômetro a laser Coulter (range 1µm a 4mm) 2 Lupas binoculares Amostrador de solos tipo Uhland 2 Microscópio.

c) LabClimAM - Laboratório de Climatologia e Análise Ambiental e TROPOCLIMA: Grupo de Pesquisa em climatologia tropical e eventos extremos

O grupo TROPOCLIMA e o LabClimAM localizam-se na sala 544 do quinto andar do CFCH. Desenvolvem ações de ensino, extensão e pesquisas nas áreas de Climatologia Geográfica, sobretudo na análise dos eventos extremos e impactos associados, estudos da suscetibilidade, vulnerabilidade e risco a ilhas de calor urbano, poluição do ar e eventos

extremos, assim como impactos das mudanças climáticas na saúde da população, considerando as mudanças nas variáveis climáticas. Utilização das geotecnologias e modelagem computacional na análise ambiental, dinâmica dos fenômenos físicos e desastres associados aos eventos extremos. Desenvolvimento de pesquisas e ações voltadas a redução de risco de desastres (RRD), adaptação às mudanças climáticas, justiça climática e racismo ambiental.

Equipamentos: 3 computadores; 4 monitores; 3 mouses, 3 estabilizadores; 2 ar condicionados; 1 impressora Epson; 1 Headset Gamer; 1 microfone Trust; 2 caixinhas de som; 1 modem; 1 Televisão AOC; 1 Miniprojetor Multilaser; 2 estações meteorológicas antigas; 2 estações meteorológicas novas; 1 abrigo termohigrômetro; 3 tripés de aço para as estações; 1 tripé de câmera; 2 termohigrômetros da marca HOBO e um medidor de partículas Instrutemp. Ainda é equipado com 1 geláguia, 1 refrigerador consul, 1 Microondas e 1 chaleira elétrica. Em relação aos mobiliários, o laboratório possui 2 mesas e 4 bancadas para computador; 4 armários altos fechados; 2 armários abertos e 12 cadeiras.

d) LAGEAM - Laboratório de Geografia Ambiental

O Laboratório de Geografia Ambiental - LAGEAM, iniciou suas atividades em 2000 e tem como finalidade dar suporte a pesquisas sobre Desertificação, Biomonitoramento Ambiental, Educação Ambiental, Ciclagem de nutrientes, Biomassas e Biodiversidade, Biotecnologia de líquens (biorremediação de solos impactados), Recuperação de áreas degradadas da Caatinga, Geoturismo e Educação Geográfica, oferecendo uma infraestrutura laboratorial que dá suporte às análises químicas de solos, de pigmentos fotossintéticos, de fenóis liquênicos, dentre outros. Tem grupos de pesquisa consolidados atuando, com publicações em revistas internacionais de alto impacto: ECONECTAR: MEIO AMBIENTE E EDUCAÇÃO E LIQUENOLOGIA APLICADA AO AMBIENTE E BIOTECNOLOGIA. Atualmente, conta com professores colaboradores de diversas instituições, alunos de graduação em Geografia, Biologia, e alunos de Mestrado e Doutorado e conta com a parceria de instituições de ensino e pesquisa nacionais e internacionais. Localiza-se nas salas 510 e 511 do quinto andar do CFCH.

Equipamentos: Manta de aquecimento banho maria, rotaevaporador, deionizador de água, destilador de água, shaker/agitador de amostras, chapa aquecedora, mantas aquecedora, bomba de vácuo, capela de exaustão, centrífuga de bancada, lâmpada de ultravioleta, cubas para cromatografia, solventes, reagentes e vidrarias, espectrofotômetros com luz UV/visível, balanças de precisão, balança analítica, estufas de secagem, geladeira para armazenamento de amostras, medidor de pH de bancada e de bolso, lupa

estereoscópica, microscópio ótico, vidrarias em geral, solventes e reagentes, termômetros geotérmico 5cm, 10cm e 15cm de profundidade e rocímetro e material para coleta em campo.

Grupos de pesquisa vinculados:

i) Grupo de pesquisa: BIOMA - Grupo de estudos em Biogeografia e Meio Ambiente

O BIOMA atualmente localiza-se na sala 625 B, no sexto andar do CFCH. Foi criado em 2010 visando desenvolver pesquisas nos biomas Manguezal, Mata Atlântica e Caatinga incluídos em Unidades de Conservação do Estado de Pernambuco, no que se refere à distribuição geográfica, fragmentação, degradação, análise espaço-temporal do uso e ocupação do solo, funções e serviços, aspectos socioambientais e análise estrutural e funcional da vegetação.

ii) ECONECTAR - Grupo de pesquisa em Meio Ambiente e Educação.

O ECONECTAR se dedica a pesquisas sobre degradação ambiental em áreas urbanas e nos diversos ecossistemas que envolvam o monitoramento da qualidade ambiental e o desenvolvimento de atividades de Educação Ambiental. A preocupação com a prática docente é um grande desafio nesse contexto ambiental, e tendo em vista o constante surgimento de novas tecnologias, nosso grupo também se dedica a pesquisas sobre possibilidades metodológicas e as inovações pedagógicas para o Ensino de Geografia nas suas diferentes modalidades de ensino. Funciona na sala 530 do quinto andar do CFCH.

e) GEOTEC - Laboratório de Geomorfologia e Geotecnologias (Sala 610)

O Laboratório de Geomorfologia e Geotecnologias (GEOTEC) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) é um centro de pesquisa dedicado ao estudo de processos geomorfológicos e à aplicação de geotecnologias para análise e monitoramento de fenômenos em diferentes escalas espaciais e temporais. O GEOTEC faz uso de ferramentas como sensoriamento remoto, sistemas de informação geográfica (SIG), modelagem espacial, geoprocessamento e geocronologia para investigar a dinâmica da paisagem, realizar mapeamentos de riscos, acompanhar mudanças no uso da terra, estudar as mudanças ambientais do quaternário continental e aplicar técnicas de redução de riscos de desastres, considerando a participação de todos os autores sociais envolvidos, além de adotar metodologias participativas, em contextos de mudanças climáticas.

O laboratório contribui para o desenvolvimento de estratégias de análise e reconstrução da paisagem, além de atuar na prevenção e mitigação de desastres, como deslizamentos de terra, processos erosivos, enchentes e inundações. Também está envolvido em projetos de pesquisa e extensão, capacitando profissionais e estudantes no uso de tecnologias emergentes na área de geociências. O GEOTEC mantém parcerias com órgãos governamentais, ONGs e o setor privado, promovendo a integração entre a academia e a sociedade na busca de soluções para desafios ambientais

Grupos de pesquisa vinculados:

i) ENPLAGEO - Grupo de pesquisa em Geotecnologias Aplicadas a Geomorfologia de Encostas e Planícies.

O Grupo de Pesquisa em Geotecnologias Aplicadas a Geomorfologia de Encostas e Planícies (ENPLAGEO), vinculado ao Laboratório de Geomorfologia e Geotecnologias (GEOTEC) no Departamento de Ciências Geográficas (DCG) e no Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), objetiva desenvolver uma rotina de pesquisas direcionadas ao uso de variadas geotecnologias e demais métodos de pesquisa voltados à redução do risco de desastres, atuando em todos os componentes do risco: ameaça, vulnerabilidade social e institucional, exposição e incertezas. Da mesma forma, utiliza metodologias participativas que incluam os diferentes atores sociais e comunidades em risco, legitimando o seu conhecimento na formulação de mapeamentos e políticas públicas. Assim, são aplicados diferentes métodos e técnicas de previsão, análise de risco, vulnerabilidade e suscetibilidade a processos morfodinâmicos (movimentos de massa, processos erosivos e inundações), além de sua relevância na evolução da paisagem e geração de cenários, que auxiliem no planejamento urbano, na elaboração de cartas de riscos e na mitigação de desastres. <https://www.ufpe.br/enplageo>

Equipamentos: 7 desktops completos, 1 kit de estação total com prisma, 4 GPS de navegação, 10 trenas de fibra de vidro (100 m), 4 notebooks, 2 ares condicionados, 4 estabilizadores, 1 câmera de segurança wi-fi, 2 roteadores, 1 trena laser, 3 datashows, 2 VANT/Drones, 1 bancada de trabalho, 4 armários, 2 mesas de reunião, 3 estações de trabalho, 1 tela de projeção, 1 sofá dois lugares, 1 fechadura eletrônica de segurança, 10 piquetes topográficos, 10 balizas topográficas, 4 rádios de comunicação à longa distância, 1 tablet, 2 carregadores portáteis, 2 microfones, 2 hds externos de 1 tb.

ii) GEODEQC - Grupo de pesquisa em Mapeamento Geomorfológico e do Quaternário Continental.

O Grupo de Pesquisa em Mapeamento Geomorfológico e do Quaternário Continental - GEODEQC tem como objetivo o estabelecimento de uma rotina de pesquisa nas áreas de Mapeamento Geomorfológico, Dinâmica Geomorfológica Quaternária Continental e Vulnerabilidade social à riscos de desastres a seca no Nordeste do Brasil. Os estudos do GEODEQC priorizarão a investigação mediada por metodologias contemporâneas na área de Geociências, sendo assim um disseminador do conhecimento em suas áreas/linhas de pesquisa. <https://www.instagram.com/geodeqcufpe/>

Equipamentos: 11 computadores, 1 impressora, GPS, 2 Drones e Estação Total.

f) Laboratório de Geografias Humanas

Laboratório fundado em 2022, com o objetivo de abrigar grupos de pesquisas em geografia humana do DCG-UFPE em processo de consolidação de espaço físico. Neste sentido, cumpre com a missão de promover abrigo, encontros e trocas intergrupos. Além de fomentar atividades na Universidade e em espaços externos a partir das áreas de atuação dos grupos associados. O laboratório funciona na sala 527 do quinto andar do CFCH.

Grupos de pesquisa vinculados:

i) GEHPEG - Epistemologia e História do Pensamento Geográfico

Fundado em 2017, o grupo pretende aprofundar as discussões epistemológicas e históricas no campo da Geografia. O período em foco é principalmente o século XX, mas também pesquisando e discutindo aspectos do século XIX, principalmente sob a construção da ciência geográfica no Brasil e Pernambuco. O grupo pretende problematizar os fundamentos que caracterizam a Geografia produzida no Mundo, Brasil e Pernambuco, buscando caracterizar e singularizar a produção do conhecimento geográfico pelo viés brasileiro. Um dos seguimentos de reflexão é a construção da relação entre Geografia e Teoria da Complexidade, sendo um dos únicos grupos em âmbito nacional a construir essa relação. O grupo também foca na história do pensamento geográfico brasileiro destacando contextos, eventos, personagens e produções.

ii) GENÍ - Grupo de Pesquisa em Geografias Negras e Indígenas

GENÍ foi criado em 2021, a partir de grupo de estudos baseado em produções acadêmica, literária e artística de intelectuais negras e indígenas sobre questões relacionadas

à raça, gênero, espacialidades negras/indígenas, epistemologias negras, entre outros, numa dinâmica de encontros semanais. Desenvolvemos pesquisas centradas no campo das Geografias Negras, Geografias Indígenas e Geografia das relações etnicorraciais. Temos parcerias com o NEAB-UFPE e o LECgeo-UFPE. Estamos integrados à Rede de Geógrafas (os) Negras (os) do Brasil.

iii) MIGRA - Migrações, Mobilidades e Gestão Contemporânea de Populações.

Grupo fundado em 2019, dentre as primeiras repercussões do trabalho do grupo mencionamos a consolidação dos projetos de extensão "Cartografias migrantes: jornadas, territórios e identidades de migrantes e refugiados em Pernambuco" e "Rádio Migra - construção de uma rádio migrante", além do projeto de pesquisa "Fronteiras da mobilidade no Brasil Contemporâneo: comunicação e experiência migrante na securitização do acolhimento e da integração social no âmbito da Operação Acolhida" aprovado no Edital Universal/CNPq, em parceria com o GEIFRON/UFRR, que resultou em uma série de reportagens com a Agência Pública, intitulada Segredos da Operação Acolhida.

g) LEGEP – Laboratório de Ensino de Geografia e Profissionalização Docente

O Laboratório de Ensino de Geografia e Profissionalização Docente (LEGEP) do Departamento de Ciências Geográficas (DCG) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) é um espaço de trabalho (sala de aula multiuso) que oferece condições de realização de atividades pedagógicas da graduação e pós-graduação (aulas de metodologia, estágio supervisionado e prática curricular) que demandem condições diferenciadas de uma sala de aula comum. Constitui-se também num espaço para criação, elaboração, desenvolvimento e apresentação (experiência) de metodologias e recursos didáticos para o ensino de Geografia para a educação básica.

Este espaço deverá tornar-se também um importante canal de articulação para atividades interdepartamentais, isto é, com outros cursos da UFPE sob o enfoque da formação de professores.

O LEGEP funciona na sala (621), localizada no 6º andar do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), abrigado pelo Departamento de Ciências Geográficas (DCG).

Equipamentos: Dispõe de 03 computadores, 03 impressoras a laser, 01 licença permanente de software de análise qualitativa de dados. www.ufpe.br/legeg. Instagram: @legeg.ufpe.

Grupos de pesquisa vinculados:

i) GEOCONCEITO - Grupo de Pesquisa em Ensino de Geografia e Construção de Conceitos Geográficos

O Grupo propõe-se realizar estudos referente à construção de conceitos geográficos e os processos de Ensino de Geografia. Nessa perspectiva busca-se dialogar com o processo de formação de professores de Geografia e investigar como ensinar geografia considerando a existência de diferentes contextos vivenciados pelos escolares e sua influência na construção do pensamento geográfico. Além de discutir como a Cartografia Escolar pode ser um recurso potencializador na construção do conhecimento geográfico. Instagram: <https://instagram.com/geoconceitoufpe?igshid=YmMyMTA2M2Y=>

ii) GPECI - Grupo de Pesquisa Educação Geográfica, Cultura Escolar e Inovação

O **Grupo de Pesquisa Educação, Cultura Escolar e Inovação (GPECI)** é vinculado ao (LEGEP) e propõe-se a realizar um conjunto de estudos comparativos, críticos e propositivos a partir das concepções de educação, cultura e inovação nos espaços contemporâneos, dando ênfase as questões centrais associadas a dinâmica socioespacial e suas interfaces.

h) LECgeo – Laboratório de Estudos sobre Espaço, Cultura e Política

O LECgeo atua não apenas como um laboratório de pesquisas, mas também como um agente nas esferas do ensino e da extensão, promovendo cursos, palestras, trabalhos de campo e estimulando a participação de docentes e discentes da UFPE em eventos científicos e de divulgação, contribuindo para uma maior inserção da universidade nessa temática que vem ganhando cada vez mais importância no meio acadêmico e na sociedade: as relações entre cultura, espaço e política. Para isto, realiza periodicamente seminários e atividades em parceria com organizações sociais. Igualmente, a atividade do laboratório contribui tanto para a modernização curricular dos cursos de graduação como também oferece suporte para os pós-graduandos associados, bem como para os egressos e parceiros. Localiza-se na sala 505 do quinto andar do CFCH. Instagram @ lecgeo_ufpe.

Equipamentos: Sala de reuniões, uma mesa, 10 cadeiras, acervo bibliográfico de 200 volumes de geografia cultural, 1 computador, 1 impressora/scanner, 1 modem, equipamento de som, 1 powerpoint.

i) LEPEC – Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Espaço Agrário e Campesinato

O LEPEC desenvolve atividades acadêmicas e didático-pedagógicas que proporcionam o intercâmbio de saberes e a formação continuada de estudantes de graduação, pós e professores. Dentre suas atribuições destacamos: problematizar a relevância do uso da teoria e do método; discutir sobre agricultura familiar camponesa, sua organização sociopolítica e seus saberes ancestrais de cuidado com a natureza; compreender os impactos da ação do Estado e do capital no espaço agrário e as suas formas de luta e resistência; tratar das questões pertinentes à gênese do conflito agrário. Atualmente o LEPEC funciona na sala 504 do quinto andar do CFCH. Mais informações podem ser encontradas nos links <https://sites.ufpe.br/lepec/equipe/> e <https://www.instagram.com/lepec.ufpe/>.

Equipamentos: computadores, impressora, bebedouro, livros, mesas, cadeiras, estantes, armário, alguns materiais pedagógicos, ar-condicionado e cafeteira.

j) SERGEO- Laboratório de Sensoriamento Remoto e Geoprocessamento

O SERGEO realiza atividades de pesquisa, ensino e extensão, focadas no uso de tecnologias inovadoras para caracterização e monitoramento de recursos naturais. Em suas pesquisas de inovação, tem se destacado pela criação de um SUPer-sistema de Unidades de Respostas Hidrológicas para o estado de Pernambuco. Esse sistema inovador visa aprimorar o monitoramento e a gestão dos recursos hídricos da região, utilizando técnicas avançadas de sensoriamento remoto e geoprocessamento. A integração de tecnologias como drones, espectrorradiômetros e supercomputadores permite maior precisão na caracterização ambiental e no desenvolvimento de estratégias para mitigação de impactos hídricos, especialmente em regiões vulneráveis ao estresse hídrico e mudanças climáticas. A modelagem hidrológica e climática tem sido destaque em suas pesquisas.

Com essa infraestrutura, o SERGEO tem impulsionado estudos aplicados ao gerenciamento sustentável das bacias hidrográficas, proporcionando soluções inovadoras para os desafios ambientais locais. A criação do SUPer-sistema não só melhora a eficiência das análises hidrológicas, mas também contribui para o desenvolvimento de políticas públicas de conservação e uso racional da água. Vale destacar que esse sistema foi criado com a participação dos estudantes de graduação em Geografia e da Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente. O SERGEO (Laboratório de Sensoriamento Remoto e Geoprocessamento) desempenha um papel fundamental no ensino de Geografia, oferecendo uma abordagem inovadora para a compreensão dos fenômenos espaciais e ambientais. Através de tecnologias como sensoriamento remoto, geoprocessamento e análise de dados

espaciais, o laboratório auxilia na formação de geógrafos com competências técnicas avançadas em modelagem hidrológica, geoprocessamento, sensoriamento remoto, estatística e programação em Python e R. O SERGEO integra a programação em Python e R em suas atividades de pesquisa e ensino, capacitando os alunos a trabalharem com grandes volumes de dados geoespaciais e hidrológicos. Através dessas linguagens, é possível realizar análises avançadas de dados, como modelagem hidrológica, processamento de imagens de satélite, e análise estatística de fenômenos geográficos. Python é amplamente utilizado para automação de tarefas e manipulação de dados, enquanto R é valioso para análises estatísticas e visualização de dados, aprimorando a capacidade dos alunos de resolver problemas complexos na geografia e ciências ambientais. Essas ferramentas permitem que os alunos integrem dados ambientais, sociais e econômicos para investigar o uso da terra, monitorar mudanças ambientais e propor soluções para questões territoriais e de recursos naturais, aprimorando a prática e pesquisa em Geografia. O SERGEO funciona na sala 609 do sexto andar do CFCH.

Equipamentos do laboratório: O laboratório conta com 10 notebooks, um cluster com 10 máquinas, seis PCs de mesa, 15 GPS, uma estação total, dois espectrorradiômetros, quatro drones, dois supercomputadores, medidor de LAI, porômetro, medidor de umidade do solo, medidores de temperatura da superfície, três datashows, dois tablets e equipamentos de refrigeração potentes devido aos supercomputadores.

Imagem 9.3 (adquirido através da empresa Leica Geosystem), 01 licença do software ENVI 4.5 (adquirido através da empresa ITT Visual Information Solutions), 01 licença do software Idrise Kilimanjaro (adquirido através da empresa Clark), 10 GPS Garmim Etrex, 01 radiômetro da Campbell, conjunto de imagens IKONOS (com resolução espacial de 1m), conjunto de imagens Quick-Bird (com resolução espacial de 0,60m), 03 estações meteorológicas Oregon, sensor de umidade e salinidade do solo.

I) Laboratório de Análise de Recursos Naturais (LARN) e Grupo de Pesquisa Geoambiental (GPGA)

O laboratório faz principalmente análises Físicas e Químicas de Solo, podendo fazer algumas análises de Água e Vegetação. Ele dá apoio aos projetos de pesquisa e a teses de dissertações dos membros do Grupo de Pesquisa Geoambiental.

Equipamentos: Espectrômetro NIR, Medidor de partículas, Separador de Agregados do Solo, Potenciômetro, Colorímetro VIS-UV, Salinômetro, Condutivímetro, Balanças, Vidrarias e Reagentes químicos.

I) Grupos de pesquisa sem vínculo com laboratórios

i) Grupo de pesquisa em Dinâmica Regional e História da Geografia - Sala 526

Grupo formado nos meados dos anos de 1990 e certificado pelo CNPQ, DF. Ativo, com dois orientandos de doutoramento no Ppgeo UFPE. Conduz cooperação em pesquisa e publicações com a área de Geografia Universidade Federal de Campina Grande, PB. O grupo dedica-se à temática das mudanças espaciais no Brasil, especialmente no Norte e Nordeste e à historiografia da Geografia. Quanto à dinâmica regional, atenção especial é dada às migrações, embora não exclusivamente.

A partir do grupo várias teses foram desenvolvidas e publicados dezenas de artigos e livros recentemente e nas últimas décadas.

ii) MSEU – Movimentos Sociais e Espaço Urbano

O MSEU funciona na 537 do quinto andar do CFCH, possui como escopo principal a realização de estudos, pesquisas e ações de comunicação que relacionam o papel dos movimentos sociais urbanos e rurais no processo de produção do espaço geográfico, movidos pelas suas práticas de resistência frente às contradições inerentes a uma sociedade de classes como a brasileira.

Equipamentos: o grupo reúne um acervo bibliográfico sobre os temas estudados, 2 bancadas, 1 estante, 2 pontos de Internet e 1 linha telefônica.

iii) NEXUS – Sociedade e Natureza

O grupo NEXUS procurou unir um conjunto de questões com ênfase nas humanidades, articulando-as com problemáticas transversais, quais sejam aquelas concernentes a relação sociedade-natureza e seus desdobramentos, buscando analisar as transformações socioespaciais presentes no contexto do espaço, utilizando as categorias da ciência geográfica na busca por conhecer o espaço e as suas relações. O grupo funciona em frente ao Auditório Manoel Correia de Andrade no 3º andar do CFCH. Mais informações podem ser encontradas no Instagram: <https://www.instagram.com/labnexusufpe/> e no site <https://www.ufpe.br/sociedadeenatureza>.

Equipamentos: 01 mesa, 6 cadeiras, 3 balcões, 1 armário.

iv) GRITT - Grupo de Pesquisa em Inovação Tecnologia e Território

As pesquisas deste grupo focam sobre a natureza do processo de inovação, a partir da análise de agrupamentos e redes de inovação espacialmente e setorialmente definidos e

suas implicações sobre o desenvolvimento regional no Brasil e, por consequência, objetiva contribuir para o aperfeiçoamento de políticas públicas. Inserir preocupações com a distribuição espacial e social da inovação na agenda governamental depende em grande parte da capacidade acadêmica de compreender os processos de inovação em curso nas diferentes regiões e atividades. O GRITT tem por objetivo geral investigar a dimensão espacial do processo de inovação, isto é, os efeitos territoriais da relação entre mudanças no processo de acumulação e o progresso técnico, tal como vêm ocorrendo no Brasil. Ao mesmo tempo, o GRITT objetiva proporcionar treinamento para jovens pesquisadores nas suas áreas temáticas, apresentadas a seguir:

- i. aspectos teóricos da inovação associados às transformações estruturais em curso no Brasil;
- ii. medição e análise de fluxos de conhecimento e outras ligações entre os sistemas nacional e regionais de inovação;
- iii. organização e localização de pesquisa e desenvolvimento (P&D);
- iv. mudanças e continuidades nos padrões de especialização regional a partir da inovação

O GRITT funciona na sala 619 e tem os seguintes **equipamentos**: 2 Computadores de mesa, 2 notebooks e um datashow. Mais informações podem ser encontradas no site <https://grittgrupopesq.com.br>.

j) Outros laboratórios e grupos

i) Sala Multiusuário para Práticas de Ensino e Pesquisa em Geografia

A sala Multiusuário para Práticas de Ensino e Pesquisa em Geografia funciona como uma sala de aula e laboratório voltado a diversos usos e atividades solicitadas pelas graduações e pós-graduações do Departamento de Ciências Geográficas. Possui uma flexibilidade em sua infraestrutura de mesa e cadeiras para que seja organizada a depender da demanda de uso. A sala possui 3 bancadas, cadeiras e uma quadro-branco e cabeamento de internet. A coordenação disponibiliza datashow. A sala/laboratório pode ser usado tanto para aulas, oficinas que precisam de uso de computadores, normalmente notebooks de uso pessoal, assim como aulas que utilizam metodologias ativas e salas de aula invertida. Além das aulas da formação básica, também é utilizada por grupos de pesquisa e em projetos de extensão. Funciona na sala 5 do quinto andar do CFCH.

ii) Programa de Educação Tutorial – PET Geografia

O PET Geografia é um Programa de Tutoria Educacional, que visa praticar os pilares da universidade: ensino, pesquisa e extensão. Os integrantes recebem uma bolsa que

incentiva as atividades, estas são divididas em Diretorias e Comissões (Geotec, Diálogos/Geocast, Petpesq, Giro geográfico, Pet Escola, Gestão de Pessoas e Integra, Comunicação, Financeira, Agroecologia); são organizadas a fim de suprir demandas internas e externas, para que os frutos dos projetos não se limitem somente ao PET, mas também todos os estudantes de geografia. As atividades não se limitam a uma área, podendo haver projetos voltados para a geografia física, ambiental ou geografia humana, visando a pluralidade e o amadurecimento do "ser geógrafo". O objetivo principal do PET Geografia é permanecer, para além de seus 35 anos, como uma de possibilidade aos petianos e graduandos de colaborar para a evolução da Geografia em Pernambuco, no Nordeste, no Brasil e no Mundo.

Equipamentos: 1 impressora, 2 computadores, 1 datashow, 1 notebook. 5 mesas, incluindo uma grande para as reuniões. 21 cadeiras, 2 poltronas, 1 sofá.

iii) Programa de Educação Tutorial – PET Conexões Gestão Política-pedagógica

O Pet Conexões Gestão Política - Pedagógica tem como meta contribuir através de ações voltadas para o Ensino, Pesquisa e Extensão, capacitar jovens universitários de origem popular na possibilidade em adquirir e produzir conhecimentos científicos, com uma proposta de incentivo financeiro que ajuda a combater a evasão dentro das universidades e, a partir disso, intervir em seu dia-dia e na construção de sua vida acadêmica. Busca-se através do programa não apenas a permanência com qualidade dos alunos beneficiados, mas uma integração entre esse aluno e sua comunidade, aonde o participante venha a se tornar um protagonista de sua própria história, e por consequência, incentivar os outros através de sua caminhada acadêmica a vencerem com esforço dedicação. petconexoes.gpp@ufpe.br. Atualmente está funcionando na sala 530 do quinto andar do CFCH.

iv) Empresa Júnior MapGeo – Mapeamento e Soluções Geográficas

A MapGeo - Mapeamentos e Soluções Geográficas é uma Empresa Júnior vinculada ao Departamento de Ciências Geográficas (DCG) do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Caracteriza-se como uma associação civil gerida por estudantes matriculados nos cursos de Geografia (Bacharelado e Licenciatura), apartidária, com o propósito de realizar ações, projetos e serviços que favoreçam a formação integral de cidadãos com capacidade crítico-reflexivo e com competência acadêmica, científica, profissional e humanística, para contribuir com o desenvolvimento humano, social, científico, econômico e tecnológico, além de se constituir em espaço de capacitação para o mercado de trabalho e intervenção na realidade social; sem fins econômicos, com fins educativos com sede no Departamento de Ciências Geográficas,

em Recife, situada na Avenida Acadêmico Hélio Ramos, s/n - Cidade Universitária.
<https://www.mapgeoufpe.com.br/>.

Equipamentos: 10 Computadores Desktop, 3 notebooks, 2 DataShows, 1 Estação Total, 2 GPS, 30 Trenas analógicas, 1 trena digital, 2 Drones, Mesa e cadeiras de reunião, Mesas e cadeiras para estação de trabalho, 2 câmeras de segurança, Fechadura eletrônica,

v) Empresa Júnior SIGAGEOJR

A empresa júnior SIGAGEO Jr. foi fundada em 10 de março de 2016, sob a condição de uma associação sem fins econômicos e com o prazo de duração indeterminado, com sede e foro no município de Recife no estado de Pernambuco, situada no Departamento de Ciências Geográficas do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) na sala 544 do quinto andar do CFCH. Foi concebida para prestar serviços e desenvolver projetos para outras empresas, juniores ou não, entidades sem fins lucrativos, bem como para a sociedade civil em geral, tendo seus procedimentos realizados sob a supervisão de professores e/ou profissionais especializados. A SIGAGEO JR. desenvolve o conhecimento prévio da área de formação profissional, visando preparar os discentes para sua futura profissão, facilitando o ingresso de futuros profissionais no mercado de trabalho, colocando-os durante a graduação em contato direto com o mercado. A Empresa Jr. busca o reconhecimento de alunos e professores no mercado de trabalho e no âmbito acadêmico, proporcionando ao estudante aplicação prática de conhecimentos teóricos, relativos à área de formação profissional específica, desenvolvendo o espírito crítico, analítico e empreendedor.

Equipamentos: 1 impressora, 1 notebook, 1 armário, 1 bancada para computador e 1 cadeira.

vi) Liga Acadêmica de Educação Geográfica e Saberes (Laegs)

A Liga Acadêmica de Educação Geográfica e Saberes (LAEGS) surge com o objetivo de aprofundar os estudos da área de Geografia e temas associados as Ciências Humanas, desenvolver projetos científicos e realizar atividades assistenciais voluntárias à comunidade acadêmica. A atuação da LAEGS não deve se restringir a atividades como aulas. Ela também deve propiciar atividades de extensão universitária diversas, colocando o aluno em contato direto com a população, para que possa vivenciar os problemas mais prevalentes e desenvolver atividades associadas a formação cidadã e as problemáticas geográficas. Isto deve favorecer a ampliação da visão da Geografia e sua importância para a sociedade e a formação de profissionais da área de Geografia – licenciandos e bacharéis. Atualmente a Leags funciona na sala no LEGEP na sala 621 do sexto andar do CFCH.

14.4 RECURSOS HUMANOS

O DCG conta com reduzido número de funcionários (11) que fazem parte do corpo técnico-administrativo, a maioria assistente ou auxiliar em administração (Quadro 2).

Quadro 2 – Funcionários do DCG e os respectivos cargos.

SETOR	Secretaria da Graduação (Licenciatura e Bacharelado):	
	NOME	CARGO OCUPADO
	Juliana Félix da Silva	Assistente em administração;
	Carlos Eduardo Marques da Silva	Assistente em administração;
	Pedro Rodrigues de Araújo Neto	Assistente em Administração.
SETOR	Programa de Pós- Graduação em Geografia:	
	Eduardo Antonio Amaral Pires Veras	Assistente em Administração.
SETOR	Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente - PRODEMA:	
	Tarcísio Jose de Oliveira	Assistente em Administração.
SETOR	Núcleo de Apoio ao Estudante - NAPE:	
	Rodrigo Carrapatoso de Lima	Técnico de assuntos educacionais
SETOR	Secretaria Administrativa (Departamento):	
	Rosaldo Gonçalves Vieira	Servente
	José Pedro de Barros	Contínuo
	Eucilene Tavares de Souza	Auxiliar Administrativo

Fonte: Dados fornecidos pela Secretaria do DCG em dezembro de 2023.

15 APOIO E INFORMAÇÃO AO DISCENTE

Os alunos têm acesso às informações acadêmicas através do Sigaa, conforme a portaria normativa N°40 de 12/12/2007, pelo manual do estudante <https://www.ufpe.br/manual-do-estudante>, na página do departamento (www.ufpe.br/dcg) e pela página do curso (<https://www.ufpe.br/geografia-bacharelado-cfch>), nas redes sociais, e-mail (geografia.bacharelado@ufpe.br), bem como através de cartazes fixados em murais existentes nos corredores do próprio departamento e no NIATE.

A UFPE também dispõe de divulgação de informações através do portal (www.ufpe.br) e do Informativo UFPE, que veicula pelas redes sociais, blogs e e-mails.

O curso de Ciências Geográficas Bacharelado, vem buscando atender ao disposto no Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI da UFPE, documento de planejamento estratégico das instituições de ensino superior para um horizonte de atuação de 5 anos (2029-2023), oferecendo apoio ao discente a partir de diversas frentes de atuação. É através da Pró-Reitoria para Assuntos Estudantis-PROAES, que tem como missão oferecer ao discente, condições materiais e psicológicas que assegurem o processo de formação acadêmica, o desenvolvimento de capacidade profissional e de cidadania, que as políticas de assistência e apoio estudantil vem sendo viabilizadas, entendendo a demanda crescente do corpo discente por acessibilidade e permanência estudantil no período de formação profissional.

De forma geral, a PROAES vem mobilizando ações em torno de uma Educação Superior mais inclusiva, possibilitando o apoio ao discente por programas de inclusão social tais como Bolsa de Manutenção Estudantil, Moradia Estudantil, Restaurante Universitário, Bolsa Permanência, Auxílio Creche, Auxílio Internet, Auxílio Eventos e Atenção à Saúde pelo Núcleo de Atenção à Saúde do Estudante (NASE).

O NASE reflete a execução dos dispositivos indicados pelo Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), instituído pelo Decreto nº 7.234/2010, concernentes às ações na área de atenção à saúde. Constitui seu público-alvo os(as) estudantes de graduação do campus Recife da UFPE beneficiados pelos programas de assistência estudantil da PROAES ou que comprovem situação de vulnerabilidade socioeconômica.

O Núcleo atua amparado nas diversas estratégias desenvolvidas pela PROAES no campo da assistência estudantil. Visa ampliar o acesso ao cuidado integral através dos profissionais componentes do NASE e, nos casos em que este Núcleo não dispuser de recursos para o efetivo atendimento do estudante, este poderá ser referenciado para serviços da UFPE articulados ao NASE; à rede do Sistema Único de Saúde (SUS) ou mesmo à rede privada, conforme necessidade determinada pela singularidade do caso.

Ainda sobre a Política de Educação Inclusiva, atendendo à Resolução ConsUni/UFPE nº11/2019, que dispõe sobre o atendimento em acessibilidade e inclusão educacional na UFPE, essas ações se voltam para um público de estudantes e servidores (docentes e técnico administrativos) que apresentem deficiência auditiva, visual, física, intelectual ou múltipla; Transtorno do Espectro Autista (TEA); altas habilidades ou superdotação; transtorno específico da aprendizagem, a saber: dislexia, discalculia, disortografia, disgrafia e Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) ou mobilidade reduzida.

Com base na Lei nº 13.409/2016, que altera a Lei nº 12.711/2012 no que tange a reserva de vagas para estudantes com deficiência, a UFPE começou a receber esses estudantes através de cotas a partir de janeiro de 2018. Tal política intensificou a demanda por acompanhamento pedagógico dos alunos com deficiência, ação que foi beneficiada pela ampliação do número de profissionais da equipe técnico especializada do Núcleo de Acessibilidade (NACE).

O Núcleo de Acessibilidade da Universidade Federal de Pernambuco (NACE/UFPE) tem por finalidade apoiar e promover a acessibilidade aos estudantes e servidores com deficiência, mobilidade reduzida, transtorno funcional específico da aprendizagem, transtorno global do desenvolvimento e/ou altas habilidades/superdotação. As atividades do núcleo são regulamentadas pela Portaria Normativa 04/2016. Esta portaria institui o Núcleo de Acessibilidade da Universidade Federal de Pernambuco, como unidade vinculada ao Gabinete do Reitor. O NACE é composto pelo Conselho Gestor, Coordenação geral e pelas Coordenações Setoriais de Acessibilidade.

É objetivo do NACE: promover a inclusão, a permanência e o acompanhamento de pessoas com deficiência e necessidades específicas, nos diversos níveis de ensino oferecidos por esta instituição, garantindo condições de acessibilidade na UFPE; Articular-se intersetorialmente frente às diferentes ações já executadas na UFPE, assim como na promoção de novas ações voltadas às questões de acessibilidade e inclusão educacional, nos eixos da infraestrutura; comunicação e informação; ensino, pesquisa e extensão; Oferecer Atendimento Educacional Especializado (AEE), a partir de uma equipe multidisciplinar, voltado para seu público-alvo; Constituir parcerias com entidades governamentais e sociedade civil organizada, cujos objetivos tenham relações diretas com as finalidades do NACE/UFPE.

De forma a garantir a permanência desse público na UFPE, esforços têm sido envidados para se instituir uma política voltada ao atendimento em acessibilidade e inclusão educacional. Isso envolve a adoção de estratégias e procedimentos institucionais para a identificação de estudantes e acompanhamento pedagógico individualizado, tais como: recursos didático-pedagógicos adequados; recursos de tecnologia assistiva e adaptação no ambiente de trabalho; orientação e mobilidade; adaptação das atividades avaliativas; oferta de tradutor e intérprete de Libras; leitor; transcritor e outros apoios especializados que se julgarem necessários, conforme a especificidade apresentada.

Dentro do contexto das ações e programas promovidos aos discentes para a promoção das melhores condições de estudo, permanência e formação, destacam-se abaixo aquelas que vem beneficiando os estudantes do curso de Ciências Geográficas Bacharelado.

Bolsa de Manutenção - consiste no repasse de recurso financeiro mensal para o(a) estudante custear parte das despesas com sua manutenção acadêmica, com o objetivo de ampliar as suas condições de permanência durante a formação acadêmica presencial. Bolsa de Manutenção Estudantil 1 (R\$ 400) e Bolsa de Manutenção Estudantil 2 (R\$ 300).

Bolsas de Moradia e Residentes - integram o Programa de Bolsas e Auxílios de Manutenção Estudantil, poderão ser concedidas aos(as) estudantes de primeira graduação presencial, oriundos(as) prioritariamente de escola pública e com renda per capita familiar de até um e meio salário-mínimo, conforme Decreto 7.234/2010, desde que classificados(as) em Edital específico da PROAES.

Programa de Bolsa Permanência - instituído em 2013 tem por finalidade minimizar as desigualdades sociais, étnico-raciais e contribuir para permanência e diplomação dos estudantes de graduação em situação de vulnerabilidade socioeconômica das instituições federais de ensino superior.

Auxílio Eventos - a PORTARIA NORMATIVA Nº 06/2023-PROAES/UFPE dispõe as formas de apoio à participação de estudantes de graduação em eventos: acadêmicos, científicos, tecnológicos, esportivos e político-acadêmicos realizados no território nacional. As formas de apoio concedidas pela PROAES para participação em eventos compreende: I – Concessão de benefício pecuniário em conta corrente nominal do estudante; II - disponibilização de veículo para traslado, através do setor de transportes da UFPE ou de locação.

Auxílio Creche - a Portaria Nº 02/2021 que estabelece normas e critérios para a concessão do Auxílio Creche aos estudantes bolsistas da Assistência Estudantil nos três campi da UFPE. Visando ampliar as condições de permanência e de conclusão de curso dos(as) estudantes de graduação presencial na educação superior pública federal, a PROAES disponibiliza um Auxílio financeiro, no valor de R\$350,00 (trezentos e cinquenta reais) integrado ao benefício de Bolsa-Nível, oferecido a estudantes que têm filho(s) na faixa etária de 0 (zero) até 3 (três) anos e 11 meses de idade, independentemente do número de filhos.

Auxílio Internet - tem como finalidade realizar a inclusão digital de estudantes de graduação presencial em situação de vulnerabilidade socioeconômica da UFPE – conforme definição do PNAES no art. 5º do Decreto Nº 7.234, de 19 de julho de 2010, com vista a democratizar as condições para a integralização curricular. A inclusão digital se dará através da concessão de Auxílio Internet no valor de R\$70,00 (setenta reais) para custear o pagamento, pelo(a) estudante, até atingir o tempo mínimo de conclusão de curso, com reavaliação semestral, de pacote de dados de internet móvel ou internet cabeada.

Restaurante universitário (R.U). Quem pode utilizar o R.U:

I - Estudantes regularmente matriculados nos cursos presenciais da UFPE, aprovados no Edital de assistência estudantil, com subsídio integral das refeições.

II - Estudantes de graduação regularmente matriculados nos cursos presenciais da UFPE, pós-graduação stricto sensu acadêmico e profissional, regularmente matriculados nos cursos presenciais da UFPE, com subsídio parcial das refeições.

II - Servidores da UFPE e visitantes, mediante pagamento integral das refeições diretamente à CONTRATADA.

Soma-se a estes programas o **Auxílio Financeiro para Aulas de Campo**, atividade prevista no curso de Ciências Geográficas Bacharelado e, que compõe a carga horária de atividades práticas da maioria dos componentes curriculares. Este recurso está previsto anualmente no orçamento da UFPE para atender às aulas de campo com pernoite e rege-se por edital próprio a cada semestre, sendo gerido pela Diretoria de Desenvolvimento do Ensino (DDE/PROGRAD). A Aula de Campo pode ser definida como a atividade didático-pedagógica, ou conjunto de atividades, realizadas com estudantes de um ou mais componentes curriculares, sob a orientação de docente(s). Na formação do bacharel em geografia, a aula de campo é parte essencial na capacitação e consolidação da aprendizagem e contribui sobremaneira para a vivência e experiências práticas imprescindíveis ao futuro geógrafo.

Além do que foi exposto anteriormente, existe o Núcleo de Políticas e Educação Étnico-Raciais (ERER) da UFPE, o qual foi criado em 20 de novembro de 2020, com o objetivo de promover a educação das relações étnico-raciais na comunidade acadêmica e na sociedade. O ERER atua na implementação de políticas afirmativas, garantindo direitos educacionais e combatendo o racismo e as desigualdades. O núcleo é vinculado ao Gabinete do Reitor e trabalha em conjunto com outras unidades da universidade para fortalecer a igualdade racial.

Destaca-se também o Núcleo LGBTQI+ da UFPE, o qual é dedicado a promover a inclusão e a diversidade sexual e de gênero na universidade. O núcleo oferece suporte e recursos para estudantes, professores e funcionários LGBTQI+, além de organizar eventos e atividades que visam a conscientização e a valorização da diversidade. O objetivo é criar um ambiente universitário mais acolhedor e igualitário para todos.

A UFPE também tem o Espaço de Diálogo e Reparação (EDR), que é um ambiente dedicado à resolução de conflitos e à promoção do diálogo entre os membros da comunidade acadêmica. O EDR oferece serviços de mediação e apoio psicológico, visando a reparação de danos e a construção de um ambiente mais harmonioso e respeitoso. O espaço é voltado para a resolução pacífica de conflitos e para a promoção de um clima de convivência saudável.

A Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) oferece uma série de recursos digitais para atender às necessidades dos estudantes e cumprir as normativas do MEC nº 40/2007. Entre esses recursos, destacam-se o Portal do Estudante e o Pergamum UFPE.

O Portal do Estudante é uma plataforma centralizada que proporciona acesso a diversas informações importantes, como editais de inscrição, bolsas de estudo, eventos acadêmicos, e muito mais. Ele facilita a comunicação entre os estudantes e a administração da universidade, garantindo que todos estejam atualizados sobre as novidades e requisitos acadêmicos.

O Pergamum UFPE é o sistema integrado de bibliotecas da universidade, que oferece acesso a um vasto acervo de livros, teses, dissertações e periódicos. Este recurso é essencial para a pesquisa acadêmica e para o desenvolvimento de trabalhos acadêmicos, proporcionando uma base de conhecimento ampla e atualizada.

16 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. Usos sociais da ciência. Unesp, 2004.

CARVALHO, Wanderley; GUAZZELLI, Iara RB. A educação biológica frente à cultura globalizada. Enseñanza de las ciencias, n. Extra, p. 1-4, 2005.

CHRISTOFOLETTI, Antônio. Modelagem de sistemas ambientais. Editora Blucher, 1999.

FORPROEX. FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. Política Nacional de Extensão Universitária. Manaus, maio 2012.:<<http://www.proec.ufpr.br/downloads/extendao/2012/legislacao/Politica20Nacional%20de%20Extensao%20Universitaria%20maio2012.pdf>>. Acesso em: 23/01/2019.

GONÇALVES, Nadia Gaiofatto. Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão: um princípio necessário. Perspectiva, v. 33, n. 3, p. 1229-1256, 2015.

MORTIMER, Eduardo Fleury. Uma agenda para a pesquisa em educação em ciências. Revista brasileira de pesquisa em educação em ciências, v. 2, n. 1, 2002.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. Edusp, 2002

TAUCHEN, Gionara. O princípio da indissociabilidade universitária: um olhar transdisciplinar nas atividades de ensino, pesquisa e extensão. Tese, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Católica do Rio Grande do Sul 2009.

17 ANEXOS

ANEXO 1 – Tabelas dos requisitos legais e normativos

DISPOSITIVO LEGAL E NORMATIVO		FORMA DE ATENDIMENTO
01.	Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso: ✓ Parecer CNE/CES nº 334/2019	Visa reestruturar os currículos dos cursos de graduação em Geografia, promovendo uma formação mais alinhada com as demandas do mercado de trabalho e com as necessidades da sociedade atual. O PPC está coerente com as Diretrizes Curriculares Nacionais.
02.	Carga horária mínima, em horas: ✓ Resolução N° 02/2007 - CNE (Bacharelado, Presencial)	O PPC está coerente com a Resolução N° 02/2007 – CNE (Bacharelado, Presencial), que estabelece a carga horária mínima para cursos de bacharelado na modalidade presencial em 2.400 horas para cursos de 3 a 4 anos, como é o caso do curso de Bacharelado em Geografia. Item 10.1 página 25
03.	Tempo de integralização: ✓ Resolução N° 02/2007 - CNE (Bacharelado, Presencial)	Esta resolução estabelece que o tempo de integralização dos cursos de bacharelado na modalidade presencial deve ser calculado com base na carga horária total do curso, conforme definido no Projeto Pedagógico do curso. Além disso, a resolução determina que o tempo de integralização deve ser dimensionado em, no mínimo, 200 dias de trabalho acadêmico efetivo por ano, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/1996. Item 10.1, página 25.
04.	Disciplina obrigatória/eletiva de Libras: ✓ Decreto N° 5.626/2005.	Para os cursos de bacharelado Libras pode ser oferecida como disciplina optativa em outros cursos de educação superior e profissional. Item 10.1, página 29.
05.	Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana: ✓ Resolução N° 01/2004 - CNE.	No contexto dos cursos de bacharelado em Geografia, a resolução exige que as instituições de ensino incluam conteúdos e atividades curriculares que abordem questões relacionadas às relações étnico-raciais e à história e cultura dos afro-brasileiros. Isso inclui a promoção de conhecimentos, atitudes, posturas e valores que eduquem os estudantes sobre a pluralidade étnico-racial e a valorização da identidade e da diversidade cultural. Esta resolução foi atendida pelo PPC conforme consta no item 10.1 da página 28.
06.	Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos: ✓ Parecer N° 08/2012 - CNE; ✓ Resolução N° 01/2012 - CNE.	A educação em direitos humanos foi integrada ao currículo, promovendo uma formação que valorize a diversidade, a igualdade e a defesa dos direitos humanos em todos os níveis de ensino. Item 10.1, página 28.

07.	<p>Políticas de Educação Ambiental:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Lei Nº 9.795/1999; ✓ Decreto Nº 4.281/2002. 	<p>A educação ambiental é uma parte fundamental do currículo, pois os geógrafos precisam compreender e promover a sustentabilidade e a conservação ambiental. O curso integrou a educação ambiental em seus programas, incentivando os estudantes a desenvolverem uma atitude crítica e responsável em relação ao meio ambiente. Item 10.1, página 29.</p>
08.	<p>Titulação do corpo docente:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Lei Nº 9.394/1996. 	<p>No ensino superior, exige-se que os professores tenham título de pós-graduação, de preferência em nível de mestrado ou doutorado. No curso de bacharelado em Geografia todos os docentes têm título de doutor. Item 13.1, páginas 38 e 39.</p>
09.	<p>Núcleo Docente Estruturante (NDE):</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Resolução Nº 01/2010 - CONAES; ✓ Resolução Nº 01/2013 - CEPE/UFPE. 	<p>O NDE está composto por 7 membros conforme determina a Resolução da CONAES No. 1, de 17/06/2010 e a Resolução Nº 01/2013 - CEPE/UFPE. A indicação dos membros baseou-se no envolvimento com o curso, experiência no ensino de graduação e pós-graduação – com todos detendo titulação de doutorado. Item 9.2, páginas 24 e 25.</p>
10.	<p>Condições de acesso para pessoas com deficiência e/ou mobilidade reduzida:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Decreto Nº 5.296/2004; ✓ Lei Nº 13.146/2015 ✓ Resolução Nº 11/2019 - ConsUni /UFPE. 	<p>Como está descrito no item 14.1 deste documento, o Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE-Recife e os prédios onde ocorrem as aulas do curso (NIATE) dispõem de elevadores, rampas e sinalização direcional para facilitar o acesso de pessoas com deficiência e/ou mobilidade reduzida. Item 14.1, página 42.</p>
11.	<p>Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Lei Nº 12.764/2012; ✓ Resolução Nº 11/2019 - ConsUni/UFPE. 	<p>Este PPC atende à Lei nº 12.764/2012, fomentando a inserção dos alunos com Transtorno do Espectro Autista no mercado de trabalho. Atende também à Resolução ConsUni/UFPE nº 11/2019, sobre o atendimento em acessibilidade e inclusão educacional. Está contemplada no item 8 e página 16 e item 15 e página 59..</p>
12.	<p>Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Resolução Nº 07/2018 - CNE; ✓ Resolução Nº 09/2017 - CEPE/UFPE. 	<p>Este PPC atende ao que estabelece as Resoluções sobre as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira, porém ainda não contempla os 10% de carga horária do curso, mas incentiva os estudantes a participarem das atividades de extensão como carga horária de atividade complementar, conforme o item 12.2, página 33.</p>
13.	<p>Informações acadêmicas:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Portaria Nº 40/2007 - MEC; ✓ Portaria Nº 23/2010 - MEC. 	<p>O PPC contempla as resoluções a partir das informações do curso e formas de acompanhamento e avaliação.</p>

ANEXO 2 – Regulamento interno para as atividades complementares do curso de graduação em Geografia – Bacharelado

Das disposições preliminares

Art. 1º. O colegiado do curso de graduação em Geografia – Bacharelado, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo Art. 58 do Estatuto e Art. 17 da Resolução CONSAD 12/2020 da Universidade Federal de Pernambuco.

CONSIDERANDO:

- I. a Resolução CNE/CES nº02/2007 que institui a carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial, e estabelece que os estágios e atividades complementares não deverão exceder a 20% (vinte por cento) da carga horária total do curso, salvo nos casos de determinações legais em contrário;
- II. a Resolução CCEPE nº 12, de 03 de junho de 2013 que dispõe sobre procedimentos para creditação de atividades complementares nos Cursos de Graduação da UFPE;
- III. as atividades complementares têm a finalidade de enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, privilegiando a complementação da formação social e profissional, e o que deve caracterizar este conjunto de atividades é a flexibilidade de carga horária semanal, com controle do tempo total de dedicação do estudante durante o semestre ou ano letivo, de acordo com o Parecer do CNE/CES nº 492/2001;

RESOLVE:

Art. 2º. Normatizar a creditação das atividades complementares para os Cursos de Graduação em Geografia – Bacharelado, considerando seus percentuais máximos para cada categoria.

Dos objetivos das Atividades Complementares

Art. 3º. As Atividades Complementares visam estimular as práticas de estudos independentes, transversais, opcionais, interdisciplinares e de atualização profissional estabelecidas ao longo do Curso.

Art. 4º. As atividades Acadêmico-científico-culturais complementares são obrigatórias para a integralização curricular dos cursos de graduação em Geografia – Bacharelado, sendo o seu cumprimento indispensável para a obtenção do grau correspondente.

§ 1º - As atividades complementares devem ser desenvolvidas obrigatoriamente ao longo do curso ao longo do vínculo do estudante ao curso de graduação, segundo a conveniência do aluno, oportunidade e compatibilidade de horário, totalizando 200 horas conforme definição do Projeto Pedagógico do curso, distribuídas de forma equilibrada entre os diversos grupos de atividades, de modo a evitar a concentração em apenas algumas modalidades.

Dos grupos de atividades

Art. 5º. Serão creditados no histórico escolar dos alunos da Graduação, como atividades complementares, os casos especificados a seguir:

I. Atividades de pesquisa: participação em Projetos de Pesquisa aprovados no âmbito da UFPE ou por órgãos de fomento; participação em eventos (palestras, seminários e congressos) da área ou de áreas afins, com ou sem apresentação de trabalho; publicação de trabalhos em revistas ou anais de encontros, congressos e assemelhados, de Geografia ou áreas afins, bem como de livros ou capítulos de livros com temática relacionada ao curso de Geografia ou áreas afins; participação em Iniciação Científica (PIBIC).

II. Atividades de extensão: Participação em projetos de extensão; Participação em minicursos / cursos de curta duração na área de Geografia ou áreas afins; Participação na organização de eventos científicos na área do Curso.

III. Atividades de ensino e outras atividades: Participação em monitoria (bolsista ou voluntário); participação em Programa de Bolsa de Iniciação Acadêmica (BIA); Participação em Programa de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI); participação em Programa de Educação Tutorial (PET).

IV. Vivência profissional complementar: participação em Estágio não-obrigatório realizado na área de formação do estudante (desde que em conformidade com os requisitos indicados na Resolução CCEPE nº 20/2015); participação como membro efetivo de Empresa Júnior ou Diretório Acadêmico; atividades de representação discente junto aos órgãos da UFPE e outros, de interesse público, mediante comprovação de no mínimo 75% (setenta e cinco por cento) de participação efetiva durante o seu período de realização.

V. Disciplinas de formação avançada: em conformidade com a Resolução Nº 18/2021 – CEPE, a qual permite aos estudantes de graduação o aproveitamento da carga horária cursada em disciplinas de Mestrado ou Doutorado (Disciplinas de Formação Avançada), podendo incluí-las na regulamentação das Atividades Complementares.

Parágrafo único. Ficam excluídas as atividades de prestação de serviços que envolvam remuneração e outros.

Do envio e análise das documentações

Art. 6º. As atividades acadêmico-científico-culturais complementares deverão ser documentalmente comprovadas e apresentadas à Coordenação do Curso para análise e creditação exclusivamente através do sistema acadêmico vigente na UFPE.

Art. 7º. As atividades complementares realizadas pelos alunos deverão contemplar no mínimo 2 (dois) grupos de atividades conforme especificação do Quadro 1 (abaixo), com vistas à garantia da diversificação de suas vivências prático-pedagógicas.

Art. 8º. Os documentos comprobatórios deverão ser enviados em formato .pdf, possuindo carga horária mínima de 15 (quinze) horas, podendo ser creditadas até o máximo estabelecido para cada Grupo de Atividades conforme Quadro I (abaixo). Atividades com carga horária inferior à mínima deverão ser enviadas em conjunto, compondo um documento único, de modo que a soma de suas horas seja igual ou superior a este quantitativo. Envios que expressem carga horária inferior à carga horária mínima não serão analisados.

Art.9°. Recomenda-se que o envio dos documentos comprobatórios pelo sistema acadêmico vigente seja efetuado, preferencialmente, ao final dos 3º, 5º e 7º períodos do curso.

Da creditação das atividades

Art. 10°. A creditação da carga horária dar-se-á conforme exposto nas declarações/certificados das atividades apresentadas, devendo apresentar assinatura do profissional responsável (física ou digital), explicitando carga horária total e data de realização.

Art. 11° Só serão aproveitadas para fins de creditação as atividades realizadas no período em que o aluno possuir vínculo ativo com o curso que estiver matriculado. Atividades realizadas em semestres que o aluno tenha realizado trancamento de semestre ou tenha sido desvinculado não serão creditadas.

Da distribuição das cargas horárias

Art. 12°. As atividades que o Colegiado do Curso reconhece como válidas para fins de creditação com suas cargas horárias mínimas e máximas constam no Quadro 1, conforme:

Quadro 1. Atividades Complementares e suas respectivas carga horárias mínimas e máximas para os cursos de graduação em Geografia – Bacharelado.

GRUPO	ATIVIDADE	C.H exigência mínima	C.H. exigência máxima	Comprovante
ATIVIDADES DE PESQUISA	Participação em Projetos de Pesquisas aprovados no âmbito da UFPE ou por órgãos de fomento.	30 horas por semestre	60h (2 semestres)	Certificado ou Declaração de Participação
	Participação em eventos (palestras, seminários e congressos) da área ou de áreas afins, com ou sem apresentação de trabalho	15h por evento*	60h (4 eventos)	Certificado de participação e/ou de apresentação do trabalho
	Publicação de trabalhos em revistas ou anais de encontros, congressos de Geografia, Ensino de Geografia ou áreas afins; Publicação de livros ou capítulos de livros (impressos ou digitais)	30h por publicação	60h (2 publicações)	Se impresso: cópia da primeira página da publicação e da ficha catalográfica; se digital: DOI ou link da página da web para o trabalho; ou carta de aceite da publicação.
	Participação em Iniciação Científica (PIBIC)	30h por semestre	60h (2 semestres)	Certificado pela PROPESQI ou órgão de fomento.
ATIVIDADES DE EXTENSÃO	Participação em projetos de extensão	30h por semestre	60h (2 semestres)	Certificado pela PROEXC, entidade ou equivalente
	Participação em minicursos / cursos de curta duração ou treinamentos	15h	60h (4 cursos)	Certificado pela PROEXC, entidade ou equivalente
	Participação na organização de eventos científicos na área do Curso	15h por organização	60h (4 eventos)	Certificado de participação na organização do evento
ATIVIDADES DE ENSINO	Participação em monitoria (bolsista ou voluntário)	30h por semestre	60h (2 semestres)	Certificado PROACAD

E OUTRAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES	Participação em Programa de Bolsa de Iniciação acadêmica (BIA)	30h por semestre	60h (2 semestres)	Certificado ou declaração de participação
	Participação em Programa de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI)	30h por semestre	60h (2 semestres)	Certificado ou declaração de participação (CAPES)
	Participação em Programa de Educação Tutorial (PET)	30h por semestre	60h (2 semestres)	Certificado ou declaração de participação
VIVÊNCIA PROFISSIONAL COMPLEMENTAR	Estágio não-obrigatório	45h por semestre	90h (2 semestres)	Termo de Compromisso de Estágio e/ou declaração da empresa com carga-horária cumprida
	Participação como membro efetivo de Empresa Júnior ou Diretório Acadêmico	30h por semestre	60h (2 semestres)	Cópia da ata de composição ou declaração emitida pela diretoria
	Representação discente junto aos órgãos da UFPE e outros de interesse público, mediante comprovação de no mínimo 75% de participação efetiva durante o seu período de realização	20h	20h	Certificado ou declaração de participação
DISCIPLINAS DE FORMAÇÃO AVANÇADA	Aproveitamento da carga horária cursada em disciplinas de Mestrado ou Doutorado	30h	60h (duas disciplinas de 30 horas)	Declaração do Programa de Pós-Graduação

Das disposições transitórias e finais

Artigo 13º - Os casos de dúvidas quanto à creditação da atividade e os casos omissos deste regulamento devem ser resolvidos pelo Colegiado do Curso do Departamento de Ciências Geográficas – DCG, conforme §2º do Art. 2º da Resolução CCEPE 12/2013.

Artigo 14º - Quaisquer acréscimos, modificações e mudanças significativas deste instrumento regulador da dinâmica relacionada às atividades complementares devem ser aprovados pelo Pleno Departamental do DCG.

Artigo 15º - Este regulamento entra em vigor a partir de 09 de fevereiro de 2023.

ANEXO 3 - Normatização interna de aula de campo

O COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM GEOGRAFIA da Universidade Federal De Pernambuco, no uso de suas atribuições conferidas no uso das atribuições estatutárias e regimentais:

CONSIDERANDO:

- A Resolução CEPE 02/2014 que normatiza a participação, programação e realização das aulas de campo na Universidade Federal de Pernambuco;
- Que as Aulas de Campo integram atividade de ensino obrigatório no programa de vários componentes curriculares do curso de Bacharelado em Geografia e sua importância para a formação acadêmica dos discentes;
- Que as Aulas de Campo diferem de um passeio/atividade turística por estarem associadas ao treinamento em procedimentos da prática profissional;

RESOLVE:

Art. 1º Através do presente regulamento, estabelecer as diretrizes para realização e participação das Aulas de Campo do curso de Bacharelado em Geografia, por estudantes, docentes e funcionários do Departamento de Ciências Geográficas, disciplinando seu planejamento e sua operacionalização.

CAPÍTULO I

Das disposições gerais

Art. 2º A aula de campo caracteriza-se como atividade didático-pedagógica de natureza teórico-prática desenvolvida externamente à Universidade, tais como: viagem de estudo, visita técnica, entre outras, que exige deslocamento dos alunos regularmente matriculados, com acompanhamento do docente responsável pela disciplina objeto da ação.

Art. 3º A aula de campo é desenvolvida no decorrer da disciplina correspondente, conforme previsão no respectivo Plano de Ensino devidamente aprovado pelo Pleno Departamental, e sua carga horária é considerada como parte integrante das horas letivas da disciplina.

Art. 4º A aula de campo é desenvolvida em diferentes componentes curriculares do processo formativo, sem confusão com estágio curricular supervisionado, atividades acadêmicas complementares e atividades de extensão.

Art. 5º A aula de campo pode ser desenvolvida tanto no turno quanto no contraturno da disciplina relativa, assim como aos sábados, domingos e feriados, desde que tal ocorrência seja de conhecimento de todos os alunos envolvidos.

Parágrafo único. É facultado ao aluno impossibilitado de participar da aula de campo no dia e horário determinado, mediante justificativa, o cumprimento de atividade alternativa determinada pelo docente responsável pela disciplina.

CAPÍTULO II

Do planejamento e procedimentos administrativos

Art. 6º O efetivo trabalho pedagógico da aula de campo terá a carga horária realizada atribuída a cada uma das disciplinas participantes da aula de campo.

§ 1º A atribuição da carga horária realizada em aula de campo deve ser compatibilizada com a carga horária realizada em sala de aula, de modo a cumprir exatamente a carga horária de cada disciplina, de acordo com o que prescreve a estrutura curricular do curso.

§ 2º A carga horária realizada em aula de campo obedecerá ao que estabelece o Plano de Ensino, o Projeto Pedagógico do Curso e as Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação.

§ 3º A programação do trabalho pedagógico efetivo, com exceção dos dias de viagem, deve ser de 8 (oito) horas de aula, em cada dia de aula de campo.

§ 4º A programação do trabalho pedagógico efetivo nos dias de viagem não deve ultrapassar 6 (seis) horas de aula.

§ 5º Aula de campo com duração de um dia, incluindo viagem ida e volta, não pode exceder a 6 (seis) horas de efetivo trabalho pedagógico.

Art. 7º É de responsabilidade do docente solicitante estruturar todas as etapas da aula de campo, desde o planejamento até a entrega do relatório final.

Art. 8º A aula de campo é autorizada mediante solicitação, pelo docente responsável, ao Departamento de Ciências Geográficas que abriga o curso ao qual pertence a disciplina objeto da ação.

Art. 9º Serão atribuições do docente:

- I. Encaminhar à Coordenação da Aula de Campo o Formulário de Solicitação de Aula de Campo e o Plano de Atividade compatível com a metodologia prevista no Plano de Ensino da disciplina;
- II. Entregar à Coordenação de Aula de Campo, respeitando o prazo por ela estipulado, a lista de participantes (docente(s), técnico(s) e discentes) e o Formulário de Auxílio Financeiro, com pernoite, devidamente preenchido;
- III. Entregar à Chefia do Departamento o Formulário Google de Concessão de Diárias, disponível no site do Departamento de Ciências Geográficas na aba Aulas de Campo, devidamente preenchido, respeitando os prazos estipulados;
- IV. Comunicar à Coordenação de Aula de Campo a relação de alunos que solicitaram auxílio financeiro, mas não compareceram à viagem;
- V. Elaborar o relatório de aula de campo e encaminhar à Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD/CAAD/DDE) e Pró-Reitoria de Planejamento, Orçamento e Finanças (PROPLAN/SCDP) nos prazos estabelecidos por estes.

Art. 10. O docente que não comparecer no dia, horário e local destinado para a saída da aula de campo, sem apresentar justificativa às Coordenações de Curso e Aula de Campo, não poderá remarcar-la ou programá-la para o próximo semestre.

Art. 11. Serão atribuições da Coordenação de Aula de Campo:

- I. Priorizar a realização de aula de campo interdisciplinar;
- II. Priorizar a realização de aula de campo de disciplinas obrigatórias;
- III. Apresentar a programação de aula de campo à deliberação do Colegiado do Curso;

- IV. Encaminhar à PROGRAD (CAAD/DDE) a solicitação de aula(s) de campo, mediante programação, em formulário específico fornecido por esta, que deve conter:
 - a) O plano de atividade elaborado pelo(a) docente, apresentando a proposta de trabalho para a aula devidamente justificada sobre a sua necessidade em relação à efetivação da disciplina;
 - b) Autorização do Plenário do Departamento de Ciências Geográficas, podendo ser trecho de ata ou ofício;
- V. Enviar à PROGRAD (CAAD/DDE), a partir de formação de processo, a documentação de auxílio financeiro dos discentes participantes da aula;
- VI. Encaminhar à Coordenação de Acompanhamento de Atividades Docente da Diretoria de Desenvolvimento de Ensino da PROGRAD (CAAD/DDE) da UFPE listagem fornecida pelo docente responsável pela aula de campo com os dados de todos os participantes;
- VII. Auxiliar o docente responsável pela aula de campo e o Chefe do Departamento para que os instrumentos necessários para a realização dos trabalhos em campo estejam disponíveis;
- VIII. Emitir declaração para aluno participante da aula de campo;
- IX. Emitir declaração de efetiva participação na aula de campo para o aluno, quando solicitado;
- X. Apurar responsabilidades em casos de descumprimento das regras deste regulamento, conforme descrito em relatório elaborado pelo docente responsável.

Art. 12. Em caso de alteração da aula de campo aprovada, a Coordenação de Aula de Campo encaminhará ofício à CAAD/DDE/PROGRAD, com cópia à chefia do departamento comunicando quaisquer alterações com as devidas justificativas.

Art. 13. Serão atribuições da Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD/DDE):

- I. Enviar ofício à Coordenação de Aula de Campo com as instruções e período para a realização das aulas de campo;
- II. Analisar o planejamento pedagógico e solicitar à Coordenação de Aula de Campo ratificação de documentos, em caso de problemas/pendências;
- III. Publicar o resultado das aulas de campo aprovadas.
- IV. Analisar o processo de auxílio financeiro dos estudantes participantes da aula de campo com pernoite;
- V. Efetuar o pagamento aos estudantes contemplados com o referido auxílio;

Art. 14. A Coordenação da Aula de Campo solicitará diretamente à PROPLAN via Sistema de Concessão de Diárias e Passagens (SCDP), a diária dos professores e/ou técnicos participantes.

CAPÍTULO III

Da participação em aula de campo

Art. 15. A aula de campo do curso de graduação em Licenciatura em Geografia tem prioridade sobre as demais atividades de ensino no âmbito do Departamento de Ciências Geográficas.

Art. 16. Poderão participar da aula de campo todos os discentes regularmente matriculados na disciplina na qual será realizado o trabalho de campo, o docente(es) responsável(is) pela(s) disciplina(s), o(s) monitor(es) e estagiário de docência da disciplina, como designa a Resolução CEPE 02/2014.

Art. 17. As práticas de campo poderão ser realizadas de maneira individual ou em grupos, de acordo com o planejamento do docente responsável, e previamente informado aos participantes.

Parágrafo único. O docente responsável poderá solicitar o uso de ferramentas e outros instrumentos comuns às práticas de campo como: bússolas, GPS, estação total, veículo aéreo não tripulado (VANT's), cavadores, facões, martelos, tubos de coleta, sacos plásticos etc.

Art. 18. É expressamente proibida a viagem de discentes desacompanhados do docente responsável pela aula de campo. Na impossibilidade da presença deste, outro docente deverá ser designado pelo Coordenador de Curso.

CAPÍTULO IV

Das atribuições do docente

Art. 19. Compete ao docente da disciplina ou à equipe de docentes das disciplinas participantes da aula de campo:

- I. Portar cópia da listagem dos participantes da aula de campo;
- II. Portar termos de compromisso devidamente assinados por todos os participantes da Aula de Campo, que se encontra disponível no site da PROGRAD (<https://www.ufpe.br/prograd/aulas-de-campo>);
- III. Portar autorização de viagem devidamente assinada pelos pais ou responsável do aluno menor de 18 anos, que consta no anexo 8 da Resolução CEPE 02/2014;
- IV. Responsabilizar-se pela organização prévia da viagem, inclusive dos instrumentos necessários;
- V. Zelar pela segurança dos participantes durante o trabalho pedagógico;
- VI. Informar aos discentes os riscos inerentes às atividades da aula de campo e os cuidados a serem tomados pelos estudantes;
- VII. Não permitir, em hipótese alguma, a presença de participantes diversos dos estabelecidos no art.13º e respectivo parágrafo único;
- VIII. Informar aos discentes que é expressamente proibido o uso de bebida alcoólica, porte ou a utilização de drogas ilícitas e armas sem o devido amparo legal das duas últimas (ex. drogas medicinais e porte legal de arma) que devem ser apresentados ao docente responsável, sob pena de responsabilização na forma da Lei;
- IX. Entregar ao motorista, previamente ao embarque, a lista de pessoas que viajarão no veículo sob a responsabilidade dele.

CAPÍTULO V

Das atribuições dos discentes

Art. 20. Compete ao discente:

- I. Apresentar-se para a viagem portando documento pessoal, reconhecido nacionalmente, com foto;
- II. Apresentar-se trajado e calçado adequadamente para a aula de campo;

- III. Realizar as atividades propostas no plano de aula de campo, com especial cuidado em observar as recomendações do(s) docente(s) para evitar os riscos inerentes às atividades;
- IV. Cumprir os horários estabelecidos pelo docente, durante a realização da aula de campo, incluindo os de saída e chegada;
- V. Zelar por eventuais equipamentos necessários à realização das atividades programadas;
- VI. Executar adequadamente as atividades indicadas pelo docente para a aula de campo;
- VII. Não se separar do grupo que está realizando a aula de campo sem autorização do docente responsável;
- VIII. Não entrar em áreas não autorizadas durante a prática de campo, tais como, propriedades privadas, corpos d'água, encostas íngremes, afloramentos rochosos, entre outros, salvo se fizer parte do roteiro da aula de campo ou se houver autorização expressa do docente responsável;
- IX. No percurso ou durante as atividades de campo é expressamente proibido o uso de bebida alcoólica, porte ou a utilização de drogas ilícitas e armas sem o devido amparo legal das duas últimas (ex. drogas medicinais e porte legal de arma) que devem ser apresentados ao docente responsável, sob pena de responsabilização na forma da Lei;
- X. Comunicar ao docente responsável ou à Coordenação da Aula de Campo qualquer irregularidade ocorrida no desenvolvimento da aula de campo.

CAPÍTULO VI

Das responsabilidades

Art. 21. Todas as pessoas envolvidas nas atividades de campo do curso de Licenciatura em Geografia têm a responsabilidade fundamental de tomar os cuidados necessários para evitar danos a si mesmos e a terceiros, resultantes de seus atos ou omissões.

Art. 22. Os participantes da aula de campo devem estar fisicamente aptos para lidar com as condições eventualmente adversas que poderão ser encontradas: caminhadas longas, terrenos acidentados, declives e aclives íngremes, exposição à chuva, sol, poeira, frio ou calor extremos.

Art. 23. Cabe a todos os participantes, antes de cada aula de campo, comunicar previamente ao docente responsável (no caso de aluno, monitor e estagiário de docência) ou à Coordenação de Aula de Campo (no caso de docentes e técnicos administrativos) qualquer condição médica, temporária ou permanente, que possa afetar sua capacidade para realizar as atividades específicas planejada para a aula de campo ou que exija cuidados especiais.

Parágrafo Único. Os participantes que estiverem sob as condições especiais como: hemofilia, diabetes, alergias, epilepsia, problemas cardíacos, de ordem psiquiátrica etc., devem informar os medicamentos ou cuidados essenciais que possam vir a ser necessários durante a aula.

Art. 24. Todos os participantes são obrigados a preencher e entregar ao professor responsável da aula de campo o “Formulário de Emergência de Campo” (disponível no site do Departamento de Ciências Geográficas na seção Aula de Campo), devidamente preenchido.

Parágrafo único. Recomenda-se que os participantes da aula de campo tenham em posse kit básico de primeiros socorros e encontrem-se aptos a lidar com acidentes pequenos

(frequentes e previsíveis), como: escoriações, bolhas, queimaduras pelo sol, picadas de insetos e reações alérgicas diversas.

Art. 25. Em casos de acidente ou intercorrência médica involuntária ocorrida a discente(s), não causados por atividade diretamente relacionada à disciplina ou às ações do responsável pela condução do trabalho de campo, o docente não será responsabilizado administrativamente nem judicialmente por ela.

Parágrafo único. O consumo de drogas ilícitas e/ou bebidas alcoólicas, mesmo fora do horário das atividades, pode ampliar os riscos durante e após as práticas de campo, estando o docente responsável pela aula de campo isento de qualquer responsabilidade por possíveis intercorrências derivadas de tal consumo.

Art. 26. É de responsabilidade do Departamento de Ciências Geográficas, que abriga as disciplinas que contemplam aulas de campo, assim como dos respectivos docentes, discentes e técnicos-administrativos envolvidos, cumprir e fazer cumprir este regulamento.

Art. 27. É de exclusiva responsabilidade do docente responsável pela disciplina objeto da aula de campo o planejamento, a execução e o acompanhamento das atividades pedagógicas previstas no respectivo plano de atividade, em todas as suas fases, estabelecendo as diretrizes, a metodologia e as orientações gerais aplicáveis.

CAPÍTULO VII

Das vedações

Art. 28. É vedado ao discente pernoitar em local de não conhecimento do docente, incluindo cidades que não se encontra na lista de pernoite.

Art. 29. É vedado ao discente descumprir as normas de hospedagem.

Art. 30. É vedado o embarque e o desembarque do transporte em local não programado no itinerário.

Art. 31. É vedado ao discente interferir na comunicação do docente responsável pela aula de campo com o(s) motorista(s) do transporte.

Art. 32. Não é permitido o desvio de rota da viagem para praias, shoppings, casas de shows, bares e similares com o objetivo do usufruto do lazer, salvo se estes forem locais de aula prática com os cursos de áreas afins.

Art. 33. É vedada a participação do discente menor de 18 anos que não entregar a autorização dos pais ou responsável devidamente assinada.

Art. 34. É terminantemente proibido o consumo de bebida alcoólica ou quaisquer outras drogas ilícitas, por docentes e discentes, durante qualquer atividade desenvolvida na aula de campo. Mediante desrespeito a este item, serão tomadas medidas legais e cabíveis perante o Estatuto e Regimento Geral da Universidade Federal de Pernambuco, publicado no B.O 53 de 25 de julho de 2019.

Art. 35. É vedada a depredação do patrimônio, público ou privado, por qualquer participante da aula de campo, em qualquer situação, sendo o mesmo responsabilizado pelo ressarcimento e respondendo pelo crime qualificado conforme a lei, segundo o artigo 163, inciso III do Código Penal.

Art. 36. É vedada a presença de acompanhantes que não façam parte do corpo docente, discente e técnico-administrativo da UFPE, e aqueles cujos nomes não constam na lista de participantes da aula de campo.

Art. 37. Em caso de descumprimento das normas deste regulamento, o discente estará sujeito às penalidades disciplinares do Art. 120 do Estatuto e Regimento Geral da Universidade Federal de Pernambuco, publicado no B.O 53 de 25 de julho de 2019.

CAPÍTULO VIII

Das disposições finais

Art. 38. Todas as aulas de campo devem ter o acompanhamento integral do docente solicitante.

Art. 39. O não cumprimento das normas estabelecidas neste regulamento resultará em não aprovação da aula de campo e em seu cancelamento pela Coordenação de Aula de campo e Coordenação do Curso de Licenciatura em Geografia.

Art. 40. Os casos omissos neste regulamento serão resolvidos pelo Colegiado do Curso de Licenciatura em Geografia.

Art. 41. Este regulamento entra em vigor na data de sua aprovação pelo Colegiado do Curso de Licenciatura em Geografia.

FORMULÁRIO DE EMERGÊNCIA DE CAMPO
(Preenchimento obrigatório)

Ficha de Informação de Saúde	
Nome completo:	
Data de Nascimento:	
RG:	
Nome dos Pais:	Mãe:
	Pai:
Endereço Completo:	
Telefones (residencial e celular):	
Contato de Emergência:	Telefone:
	Nome:
Plano de Saúde:	Número:
	Categoria:
Cadastro SUS (nº):	
Tipo sanguíneo:	
Tem alguma alergia:	() Sim () Não Especifique:
Faz uso contínuo de alguma medicação?	() Sim () Não Qual(s):
Tem algum problema de saúde?	() Sim () Não Qual?
Usa alguma prótese?	() Sim () Não Qual?
Tem alguma deficiência?	() Sim () Não Qual?
Qual a condição da sua pressão arterial?	() Baixa () Alta () Normal
Faz acompanhamento desse problema?	() Sim () Não
Tem ou teve problema no coração?	() Sim () Não Qual?
Faz acompanhamento desse problema?	() Sim () Não
Tem ou teve desmaios ou convulsões frequentes?	() Sim () Não
Tem epilepsia?	() Sim () Não
Tem diabetes?	() Sim () Não () Tipo 1 () Tipo 2
Faz acompanhamento desse problema?	() Sim () Não
É hemofílico?	() Sim () Não
Tem asma, bronquite ou insuficiência respiratória?	() Sim () Não
Já teve um AVC?	() Sim () Não Quando?
Faz algum tratamento especializado?	() Sim () Não Psicólogo () Fonoaudiólogo () Terapia ocupacional () outro () Qual?
Tem ou teve síndrome do pânico?	() Sim () Não
Outras informações relevantes:	

ANEXO 4 – Normatização interna de trabalho de conclusão de curso

O Colegiado do Curso de Graduação em Bacharelado em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, no uso das atribuições e

CONSIDERANDO:

A Resolução CEPE UFPE 18/2022 que disciplina o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) nos Cursos de Graduação da Universidade Federal de Pernambuco.

RESOLVE:

CAPÍTULO I

Dos objetivos

Art. 1º São objetivos do Trabalho de Conclusão de Curso:

I - Estimular a capacidade investigativa do discente e proporcionar o aprofundamento temático e a vivência com profissionais, contribuindo para a formação básica, profissional e científica;

II - Desenvolver habilidades relacionadas à consulta de bibliografias especializadas e ao aprimoramento da capacidade de interpretação crítica;

III - Aprimorar a capacidade de interpretação e de elaboração de conteúdos relacionados à Geografia.

CAPÍTULO II

Da matrícula

Art. 2º O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) configura componente curricular obrigatório não disciplinar necessário para a integralização do curso, estando ofertado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), com carga horária de 90 horas.

Art. 3º A matrícula em TCC só poderá ser efetuada após o discente ter cursado, no mínimo, 1.500 horas/aula em componentes curriculares obrigatórios e/ou eletivos;

Art. 5º O discente deverá solicitar sua matrícula apresentando à Coordenação de Curso o formulário "Autorização de Matrícula em TCC (Anexo I) devidamente preenchido e assinado por ele próprio e pelo docente orientador.

Parágrafo único. O discente deverá entregar a autorização até o quinto dia letivo do semestre em que irá cursar o componente curricular TCC.

Art. 6º O TCC pode ser organizado nos seguintes formatos: Monografia; Artigo Científico.

§ 1º O formato do TCC seguirá o modelo de monografia ou artigo disponibilizado pelo Sistema Integrado de Bibliotecas (SIB) da UFPE.

§ 2º O objeto de investigação do TCC do curso de Bacharelado deverá contemplar as temáticas relativas à prática profissional em Geografia e/ou tópicos investigativos das Ciências Geográficas, abrangendo suas diferentes especializações físico-naturais, humanas, regionais, instrumentais, epistemológicas e historiográficas.

CAPÍTULO III

Da orientação

Art. 7º A orientação do TCC deverá ser realizada por profissionais com titulação mínima de mestrado, nas seguintes categorias:

- I - docente do quadro efetivo de qualquer Departamento/Núcleo/Curso da UFPE;
- II- docente do quadro temporário ou substituto de qualquer Departamento/Núcleo/Curso da UFPE;
- III - técnico-administrativos em educação do quadro efetivo da UFPE; e

§ 1º Os profissionais externos ao departamento de ciências Geográficas, mas internos a UFPE, incluídos nos incisos I, II e III só poderão realizar orientação de TCC após autorização do Colegiado do Curso;

§ 2º Em casos excepcionais, a orientação poderá ser realizada por professores/as efetivos/as e técnico-administrativos em Educação da UFPE que não possuam título de mestre após autorização do Colegiado do Curso;

§ 3º É necessário observar, no caso de professor(a) do quadro temporário ou substituto, a vigência do contrato com a UFPE, que deverá atender ao período da orientação como garantia da continuidade do acompanhamento ao/à estudante.

CAPÍTULO IV

Da coorientação

Art. 8º A coorientação do TCC deverá ser realizada por profissionais com titulação mínima de mestrado, nas seguintes categorias:

- I - docente do quadro efetivo de qualquer Departamento/Núcleo/Curso da UFPE;
- II - docente do quadro temporário ou substituto de qualquer Departamento/Núcleo/Curso da UFPE;
- III - técnico-administrativo em educação do quadro efetivo da UFPE;
- IV - profissional externo com notório saber na área de pesquisa.

Parágrafo único. Em casos excepcionais, a coorientação do TCC poderá ser realizada por professor/a efetivo/a e externo/a à UFPE, bem como por técnico-administrativos em educação, que não possuam título de mestre, observando-se a especificidade do objeto de conhecimento, após autorização do Colegiado do Curso.

CAPÍTULO V

Do coordenador de TCC e suas atribuições

Art. 9º O Colegiado do Curso deverá homologar e registrar em ata a indicação de um/a docente, que assumirá a atividade de coordenador de TCC por 1(um) ano, com possibilidade de recondução, após o que será indicado novo coordenador.

Art. 10. O coordenador de TCC terá as seguintes atribuições:

- I - estabelecer o cronograma de desenvolvimento do TCC, respeitando o Calendário Acadêmico da UFPE;
- II - convocar e dirigir reuniões com os orientadores e discentes, matriculados no respectivo componente curricular, com vistas à melhoria dos processos ligados à dinâmica do TCC;

- III - organizar as atividades necessárias para apresentação do TCC;
- IV - encaminhar os pareceres das Bancas Examinadoras do TCC para posterior arquivamento na Coordenação do Curso;
- V - orientar a submissão dos TCC, em formato digital, no Repositório Digital da UFPE, de acordo com os tutoriais vigentes disponíveis na página eletrônica do SIB;
- VI - providenciar, quando necessário, o termo de depósito legal e autorização para publicação no repositório, assinado pelo autor do TCC em casos de depósito de discente egresso ou outras excepcionalidades;
- VII - registrar as notas dos/as estudantes de TCC no Sistema de Gestão Acadêmica a partir do relatório da Banca Examinadora;
- VIII - enviar, ou delegar quem do curso enviará, a comprovação de defesa para a biblioteca setorial do centro, necessária para homologação do depósito do TCC;
- IX - informar, semestralmente, os/as docentes disponíveis para a orientação de TCC com os respectivos quantitativos de vagas e áreas de pesquisa.
- X - homologar a escolha do/a orientador/a e do/a coorientador/a que deverá ser feita pelo/a discente, considerando a relação entre a área de conhecimento a ser investigada no TCC e a área de formação ou de pesquisa do/a orientador/a e do/a coorientador/a.

§ 1º O Colegiado do Curso poderá incluir demais atribuições ao Coordenador de TCC, levando em consideração a especificidade do curso e da área.

§ 2º O Chefe ou Coordenador do Departamento/Curso providenciará a expedição e publicação de portaria de designação do/a Coordenador de TCC.

CAPÍTULO VI

Do orientador do TCC e suas atribuições

Art. 11. São atribuições do orientador:

- I – Preencher e assinar o formulário de “Autorização de Matrícula em TCC” (Anexo I) no início do semestre letivo, seguindo calendário divulgado pelo coordenador de TCC;
- II – Coordenar a elaboração do Plano de Trabalho (desenvolvimento da Monografia, Artigo Científico), acompanhar a execução em horário previamente combinado, considerando a carga horária do componente curricular;
- III – Orientar o discente quanto à bibliografia especializada, à metodologia empregada, às normas e redação do TCC;
- IV – Acompanhar, receber e avaliar as atividades desenvolvidas por cada discente orientado, apresentando sugestões que contribuam para a formação do discente e para a qualidade do TCC;
- V – Definir os membros que comporão a Banca Examinadora, a data e horário da defesa do TCC;
- VI – Presidir a Banca Examinadora do TCC;
- VII – Solicitar, antecipadamente, reserva de sala e material de apoio à coordenação de curso, em caso de apresentação presencial. Providenciar, em caso de defesa no formato remoto, uma plataforma virtual e disponibilizar o *link* da sala virtual;
- VIII – Informar à Coordenação do Curso de Bacharelado em Geografia os dados de defesa e da Banca Examinadora, via formulário eletrônico de “Solicitação de Defesa do TCC” (<https://www.ufpe.br/geografia-bacharelado-cfch>);
- IX – Preencher corretamente a Ata de Defesa (Anexo II), recolher as assinaturas de todos os participantes da Banca Examinadora via assinador digital, prioritariamente SIPAC UFPE ou GovBr, e enviar em formato pdf via formulário (<https://www.ufpe.br/geografia-bacharelado-cfch>) à Coordenação do Curso de Bacharelado em Geografia, imediatamente após a defesa;

X – Verificar se o discente realizou a revisão do texto (ortografia e gramática), se formatou conforme as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e se fez as correções propostas pela Banca Examinadora e, após validar as correções, assegurar que o discente orientado disponibilize a versão final da Monografia, Artigo Científico no Repositório Institucional da Universidade Federal de Pernambuco (ATTENA/UFPE) até trinta (30) dias após a data de defesa do TCC, conforme estipulado pelo Colegiado do Curso.

§ 1º Realizadas as correções do TCC pelo discente e, em conformidade com o orientador, a versão final deverá conter na Folha de Aprovação uma assinatura digital GovBr do orientador, para assim ser enviada para o repositório ATTENA;

§ 2º O discente deverá também enviar via formulário (<https://www.ufpe.br/geografia-bacharelado-cfch>) uma cópia da “Versão Final do TCC” corrigida, para a Coordenação de Curso.

Art. 12. A mudança de orientador só poderá ocorrer mediante solicitação justificada de qualquer uma das partes e aprovação do Colegiado do Curso.

Parágrafo único. Para solicitar a mudança do orientador, o formulário “Solicitação de Mudança de Orientador” (Anexo III) deverá ser preenchido e encaminhado imediatamente à Coordenação do Curso por e-mail.

CAPÍTULO VII

Do discente orientado e suas atribuições

Art. 13. São atribuições do discente orientado:

- I – Definir em qual área/tema pretende desenvolver o TCC;
- II – Indicar um docente para orientação;
- III – Entregar o formulário de “Autorização de Matrícula em TCC” (Anexo I) contendo a sua assinatura, do orientador e coorientador (quando for o caso) à Coordenação do Curso, conforme estabelecido no Art. 5º;
- IV – Definir com o docente orientador qual das formas apresentadas no Art. 6º utilizará para desenvolver o TCC;
- V – Cumprir as etapas estabelecidas em comum acordo com o orientador no Plano de Trabalho, de acordo com o Art. 11º, inciso II;
- VI – Frequentar as reuniões convocadas pelo orientador, mantendo contato frequente e regular para discussão e aprimoramento de sua pesquisa, devendo justificar eventuais faltas;
- VII – Defender publicamente o TCC perante a Banca Examinadora, conforme data estabelecida e informada à Coordenação do Curso, em comum acordo com o docente orientador e os outros membros da banca. O discente disporá de 20 (vinte) a 30 (trinta) minutos para apresentação do TCC, conforme acordado com o docente orientador;
- VII – Efetuar as correções propostas pela Banca Examinadora e encaminhar o TCC final ao docente orientador, por meio eletrônico, para conferência, antes da submissão da versão final do TCC no Repositório Institucional da Universidade Federal de Pernambuco (ATTENA);
- IX – Disponibilizar a versão final do TCC no Repositório ATTENA/UFPE conforme prazos dispostos no Art. 11º - X. As submissões dos trabalhos serão de responsabilidade dos discentes com validação pelo docente orientador.

CAPÍTULO VIII

Da banca examinadora e avaliação do TCC

Art. 14. A Banca Examinadora será composta obrigatoriamente pelo orientador e outros dois membros sendo, ao menos um deles, pertencente ao quadro de professores do Departamento de Ciências Geográficas da UFPE.

Art. 15. A Banca Examinadora do TCC deverá ser composta por profissionais com titulação mínima de mestrado, nas seguintes categorias:

I - docente do quadro efetivo ou temporário de qualquer Departamento/Núcleo/Curso da UFPE;

II - docente ou pesquisador externos à UFPE vinculados à instituição de ensino e/ou de pesquisa;

III - técnico-administrativos em educação do quadro efetivo da UFPE.

Art. 16. A presidência da banca caberá ao docente orientador. É ele que abre e coordena a banca, comentando o processo de desenvolvimento e de realização do TCC e encerra a Banca. Para apresentação do TCC, o discente deverá seguir o disposto no Art 11 VII. Cada Examinador terá quinze (15) minutos para arguição.

§ 1º Caso o docente orientador não seja membro do quadro do DCG, a Banca Examinadora será presidida pelo membro do DCG que compõe a banca.

§ 2º Na eventual ausência do orientador no dia da defesa, a Banca Examinadora poderá ser presidida pelo coorientador ou docente do DCG indicado pelo orientador.

Art. 17. Docentes que se encontrem impossibilitados de participar presencialmente da Banca Examinadora, poderão fazê-lo de forma remota, cabendo ao presidente da Banca a criação e gerenciamento da reunião virtual.

Art. 18. Os examinadores devem avaliar o trabalho escrito, considerando-se:

- . Adequação à ortografia e normas vigentes para elaboração de trabalhos acadêmicos;
- . Clareza e objetividade da redação;
- . Relevância da temática estudada para a especialidade em questão;
- . Cumprimento dos objetivos propostos no trabalho;
- . Adequação dos procedimentos metodológicos às questões propostas;
- . Apresentação de resultados e conclusões condizentes à metodologia empregada;
- . Qualidade e pertinência das ilustrações e recursos audiovisuais e;
- . Adequação das referências à temática estudada.

Parágrafo único. não será aprovado TCC contendo plágio (parcial ou total) e/ou cujo texto (no todo ou em parte) tenha sido construído utilizando Inteligência Artificial.

Art. 19. A arguição deve se direcionar ao que o TCC procura relatar, analisar, com a finalidade de esclarecer pontos não suficientemente explicitados, oferecendo oportunidade de esclarecimentos com vistas a que os argumentos e os questionamentos acrescentem mais conhecimentos ao futuro desempenho profissional do discente, bem como à qualidade da versão final do TCC.

Art. 20. Após apresentação e arguição, cada membro da banca deverá atribuir uma nota para o TCC, de zero (0) a dez (10), referente à avaliação da apresentação oral e o trabalho escrito do estudante. O conceito final será a média aritmética das três notas, que deve ser comunicada, em seguida, ao discente.

Art. 21. Será aprovado o discente que obtiver a média igual ou superior a 7,0 (sete).

CAPÍTULO IX

Das disposições transitórias e finais

Art. 22. Casos omissos a essa Instrução Normativa serão resolvidos pelo Colegiado do Curso.

Art. 23. Esta Normativa entra em vigor na data de sua aprovação pelo Colegiado do Curso de Bacharelado em Geografia.

ANEXO I

1. AUTORIZAÇÃO DE MATRÍCULA EM TCC

À Coordenação do Curso de Graduação em Geografia - Bacharelado, do Departamento de Ciências Geográficas da UFPE.

Eu, (_____) estudante regularmente matriculado(a) no Curso Graduação em Geografia - Bacharelado desta Universidade, cursando o (____º) período, solicito matrícula no componente curricular (código) **Trabalho de Conclusão de Curso I**, no semestre letivo de (____), sob orientação do(a) Professor(a) _____(NOME, TITULAÇÃO E DEPARTAMENTO).

E-mail: _____ Telefone: _____

Data: _____ Assinatura: _____

Eu, Professor(a) _____, autorizo a matrícula do discente acima identificado(a), no componente curricular (código) **Trabalho de Conclusão de Curso**, no Curso Graduação em Geografia - Bacharelado, sob minha **orientação**.

E-mail: _____ Telefone: _____

Data: _____ Assinatura _____

Eu, Professor(a) _____, autorizo a matrícula do discente acima identificado(a), no componente curricular (código) **Trabalho de Conclusão de Curso**, no Curso Graduação em Geografia - Bacharelado, sob minha **co-orientação**.

E-mail: _____ Telefone: _____

Data: _____ Assinatura _____

ANEXO II

ATA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - BACHARELADO

NOME DO ESTUDANTE:

TÍTULO DO TCC:

BANCA EXAMINADORA

	NOME COMPLETO (Legível)	NOTA
Orientador(a)		
1ºAvaliador(a)		
2ºAvaliador(a)		

MÉDIA FINAL	
-------------	--

ASSINATURAS

ORIENTADOR	1º AVALIADOR(A)	2ºAVALIADOR(A)

Recife, _____ de _____ de _____.

ANEXO III

SOLICITAÇÃO DE MUDANÇA DE ORIENTADOR CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - BACHARELADO

O(a) discente, abaixo identificado(a), vem solicitar mudança de orientador(a) do Trabalho de Conclusão de Curso, no Curso de Graduação em Geografia - Bacharelado, conforme justificativa apresentada:

NOME:

MATRÍCULA/CPF:

JUSTIFICATIVA:

NOME DO(A) ATUAL ORIENTADOR(A):

NOME DO(A) ORIENTADOR(A) PRETENDIDO:

Nestes termos, pede deferimento.

____/____/____
Data

Assinatura do(a) discente

De acordo dos professores envolvidos:

Assinatura do Orientador(a) atual

Assinatura do Orientador(a) pretendido(a)

ANEXO 5 – Normativo do estágio não-obrigatório do curso de Bacharelado em Geografia

O COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM BACHARELADO EM GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, no uso de suas atribuições conferidas pelo art. 59, II, do Estatuto da Universidade Federal de Pernambuco, e tendo em vista o disposto na Lei n. 11.788, de 25 de setembro de 2008, e na Resolução n. 20, de 9 de novembro de 2015, do CEPE/UFPE e Instrução normativa PROGRAD/UFPE N. 1/2024.

RESOLVE:

CAPÍTULO I DOS OBJETIVOS

Art. 1º O estágio no curso de Bacharelado em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco tem por objetivo complementar a formação acadêmica e profissional dos alunos, ocasião em que serão aplicados os conhecimentos adquiridos durante o Curso.

Parágrafo único. O estágio não-obrigatório deverá iniciar o aluno no exercício da profissão na área de atuação do Geógrafo, sendo as atividades desenvolvidas, documentadas e apresentadas na forma de relatório técnico ao final do semestre

CAPÍTULO II DA NATUREZA

Art. 2º O estágio não obrigatório é aquele realizado como atividade opcional, com o intuito de complementar a formação do estudante mediante a vivência de experiências próprias da atividade profissional. O estágio não obrigatório não compreende o componente curricular obrigatório, pode ser executado a partir do 3º período do Curso de Bacharelado em Geografia e caracterizam-se pelo desenvolvimento de atividades em uma ou mais áreas da Geografia.

Art. 3º O estágio poderá ser realizado no âmbito da UFPE (Laboratórios de Pesquisa, Empresas Juniores e/ou demais setores da Universidade) ou de pessoas jurídicas públicas ou privadas conveniadas com a UFPE ou com algum dos agentes de integração conveniados com a UFPE.

Art. 4º Os estágios não obrigatórios devem ser realizados de forma presencial;

§ 1º Para os cursos em que a realização do estágio no formato mediado por tecnologia, descrito no art. 75-B da CLT, seja possível e viável é permitido ao Colegiado deliberar sobre a autorização desse formato nos estágios não obrigatórios;

§ 2º À Divisão de Estágio de Graduação compete, dentre outras atribuições, acompanhar a celebração de convênios para concessão de estágio, dar orientação quanto às questões legais pertinentes ao estágio e gerir, em parceria com a Diretoria de Gestão de Finanças e de Infraestrutura no Ensino de Graduação, o seguro obrigatório para o estágio, quando a UFPE assumir o ônus de providenciá-lo (<https://www.ufpe.br/prograd/estagio>).

Parágrafo único. As atividades de extensão, monitoria e iniciação científica, não serão consideradas como atividades de estágio, devendo, em caso de estágio realizado dentro de programas de pesquisa, a carga horária destinada ao estágio ser distinta da carga horária destinada à pesquisa

CAPÍTULO III DO PROCEDIMENTO

Art. 5º Para realização do estágio não obrigatório deve-se observar o funcionamento previsto na Resolução CEPE/UFPE n. 20/2015, neste normativo e no projeto pedagógico do curso do curso, as orientações em vigor na UFPE e as seguintes condições;

Art. 6º O estágio deverá ser planejado, realizado, acompanhado e avaliado em conformidade com os planos individuais de estágio e os Projetos Pedagógicos dos cursos.

Art. 7º No estágio realizado em instituição de pesquisa, o aluno deverá ser supervisionado por técnico habilitado com titulação mínima de Mestre.

Art. 8º No caso de estágio realizado em empresa, o supervisor deverá ser profissional atuante no mercado em área de afinidade com a Geografia, com titulação mínima de Graduação.

CAPÍTULO IV DA FORMALIZAÇÃO

Art. 9º - Para a realização do estágio não obrigatório pelo estudante do curso de graduação em Geografia - Bacharelado serão observadas as seguintes formalidades:

- I. o estudante encaminha para a Coordenação de Estágio do curso o termo de compromisso com os seus dados e os da concedente, bem como os dados do estágio preenchidos, para análise e elaboração do plano de atividades;
- II. a formalização do termo de compromisso de estágio entre o estudante, a concedente e a UFPE, que deverá ser assinado seguindo essa ordem, por meio de assinaturas digitais, via SIPAC, gov.br ou outros serviços de assinaturas digitais certificadas e autenticáveis;
- III. o coordenador de estágio do curso e a concedente deverão analisar as condições de realização do estágio e do seu acompanhamento, devendo as atividades serem realizadas de forma presencial ou mediada por tecnologia, caso o Colegiado do curso aprove esse formato;
- IV. caberá à Coordenação de Estágio, aos supervisores e aos orientadores o acompanhamento das atividades desenvolvidas no estágio;
- V. a orientação aos estagiários pelo professor orientador, preferencialmente, deve se dar de forma presencial, podendo ser realizada mediada por tecnologia;

§ 1º Caso a concedente ou o agente de integração tenham sistemas próprios para assinaturas digitais certificadas e autenticáveis, esses podem permanecer sendo utilizados.

§ 2º Nos estágios não obrigatórios, em prazo não superior a 06 (seis) meses, devem ser elaborados relatórios parciais de estágio, os quais devem ser devidamente aprovados pelo professor orientador, para aproveitamento da carga horária de atividades complementares.

§ 3º A Coordenação de Estágio do curso deve ter arquivadas digitalmente todas as vias da Instituição de Ensino. Assim, após a assinatura de todos os envolvidos o estudante deve encaminhar a versão final para a coordenação de estágio do curso.

Art. 10º - Poderá realizar estágio não-obrigatório o estudante que atender aos seguintes requisitos:

- I. estiver regularmente matriculado;
- II. tiver integralizado, no curso ao qual estiver vinculado, o número mínimo de créditos em disciplinas obrigatórias referente ao terceiro período, que não poderá ser inferior à soma dos créditos das disciplinas obrigatórias do primeiro semestre do curso em que estiver matriculado;
- III. não apresentar, no período letivo imediatamente anterior àquele em que solicitar a concessão ou renovação do estágio, reprovação por falta em mais de 25% das atividades de ensino em que esteve matriculado;
- IV. tiver plano de atividades aprovado pelo professor orientador e pela Coordenação de estágio ou do curso de graduação em Geografia – Bacharelado.

§ 1º - Em caso de estudante vindo de outra instituição por força de programa de mobilidade acadêmica, ou de estudantes portadores de diploma, o Coordenador do curso poderá autorizar a realização de estágio mediante a avaliação dos créditos e disciplinas cursadas pelo estudante na sua instituição de origem ou curso anterior.

§ 2º - A carga horária de estágios não-obrigatórios poderá ser registrada no histórico escolar do estudante como atividade complementar, com carga horária máxima de 90 horas.

§ 3º - O estudante que estiver em atividade de estágio, poderá se matricular na disciplina eletiva de Estágio Supervisionado com carga horária de 180 horas.

Parágrafo único: A jornada de atividade em estágio a ser cumprida pelo estudante deverá compatibilizar-se com o seu horário escolar e com o funcionamento do órgão ou entidade concedente do estágio, não podendo ultrapassar 6 horas diárias e 30 horas semanais.

CAPÍTULO V DA COORDENAÇÃO

Art. 11º A Coordenação de Estágio do Curso, responsável pela organização e supervisão geral dos Estágios será realizada por dois professores doutores (coordenador e vice-coordenador), vinculados ao Curso de Bacharelado em Geografia, designados a cada 2 (dois) anos pelo Colegiado do Curso.

Art. 12º As atribuições da Coordenação de Estágio serão:

- I planejar, coordenar, supervisionar e responder pelas atividades relativas as atividades e formalizações de estágio;
- II identificar as oportunidades de estágio;
- III estabelecer o fluxo de encaminhamento de estagiário - fornecer, receber, organizar e assinar as documentações de estágio junto às concedentes;
- IV firmar termos de compromisso;
- V indicar docentes para orientação dos estágios
- VI planejar, supervisionar e avaliar os estágios intermediados pelos agentes de integração;
- VII avaliar os relatórios finais junto com os professores orientadores;
- VIII enviar à Pró-Reitoria para Assuntos Acadêmicos, periodicamente, as necessidades de campos de estágio selecionados para celebração de Convênios;

CAPÍTULO VI DA ORIENTAÇÃO

Art. 13º O orientador acadêmico poderá ser escolhido livremente pelo aluno, dentre os docentes indicados pela Coordenação de Estágio para orientação dos estágios.

§ 1º estágio realizado em instituição de pesquisa, o aluno deverá ser orientado por pesquisador habilitado com titulação mínima de Mestre.

Art. 14º As atribuições do orientador acadêmico serão:

- I supervisionar, orientar e assessorar o aluno no cumprimento do plano de atividades de estágio e das normas do componente;
- II avaliar o relatório final.

CAPÍTULO VII DA SUPERVISÃO

Art. 15º O estágio será desenvolvido sob a supervisão de professor, pesquisador ou técnico vinculado à UFPE, em caso de estágio realizado em unidade da UFPE, ou por pesquisador ou profissional externo, em caso de estágio realizado em outra instituição, desde que aprovado pela Coordenação de Estágio e atendidos os requisitos:

- I no caso de estágio realizado em instituição de pesquisa, o aluno deverá ser supervisionado por pesquisador ou técnico com titulação mínima de mestre; e
- II no caso de estágio realizado em empresa, o aluno deverá ser supervisionado por profissional habilitado com titulação mínima de Graduação.

Art. 16º A troca de supervisor só é permitida quando outro profissional assumir formalmente a supervisão, devendo o fato ser comunicado, por escrito, ao Coordenador de Estágio do Curso.

Parágrafo único. É da competência do Coordenador de Estágio do Curso as soluções desses tipos de casos especiais, podendo ele, se entender necessário, encaminhá-los ao Colegiado do Curso.

Art. 17° As atribuições do supervisor serão:

- I supervisionar, orientar e assessorar o aluno no planejamento das atividades e no trabalho prático diário do estágio;
- II avaliar o relatório final.

CAPÍTULO VIII DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 18. Este regulamento entra em vigor no dia de sua aprovação pelo Colegiado do Curso.

Art. 19. Os casos omissos serão examinados pelo Colegiado do Curso de Graduação em Bacharelado em Geografia.

ANEXO 6 - Portaria do Núcleo Docente Estruturante



GOVERNO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

PORTARIA N.º 3769, DE 01 DE OUTUBRO DE 2024.

DESIGNAÇÃO COLETIVA

O REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, no uso das atribuições legais e estatutárias,

RESOLVE:

Designar os indicados abaixo, para composição do Núcleo Docente Estruturante - NDE do Curso de Bacharelado em Geografia, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH):

NDE 2022:

1. Cristiana Coutinho Duarte, SIAPE: 2790388 - Coordenadora (Início do mandato: 01/03/2021 – Designação);
2. Ruy Batista Pordous, SIAPE: 2133384 (Início do mandato: 19/02/2021 – Recondução);
3. Fabrício de Luiz Rosito Listo, SIAPE: 2319742 (Início do mandato: 19/02/2021 – Designação);
4. Ana Carolina Gonçalves Leite, SIAPE: 3106437 (Início do mandato: 22/10/2022 - Recondução);
5. Claudio Ubiratan Gonçalves, SIAPE: 1541856 (Início do mandato: 19/02/2021 – Designação);
6. Priscila Batista de Vasconcelos, SIAPE: 2688134 (Início do mandato: 22/10/2022 -Recondução);
7. Mônica Cox de Brito Pereira, SIAPE: 0311464 (Início do mandato: 19/02/2021 – Designação).

NDE 2023

1. Cristiana Coutinho Duarte, SIAPE: 2790388 - Coordenadora (Início do mandato: 07/07/2023– Designação);
2. Bertrand Roger Guillaume Coic, SIAPE: 1785706 (Início do mandato: 12/09/2023 – Designação);
3. Fabrício de Luiz Rosito Listo, SIAPE: 2319742 (Início do mandato: 19/02/2021 – Designação);
4. Ana Carolina Gonçalves Leite, SIAPE: 3106437 (Início do mandato: 22/10/2022 – Recondução);
5. Claudio Ubiratan Gonçalves, SIAPE: 1541856 (Início do mandato: 19/02/2021 – Designação);
6. Priscila Batista de Vasconcelos, SIAPE: 2688134 (Início do mandato: 22/10/2022– Recondução);
7. Mônica Cox de Brito Pereira, SIAPE: 0311464 (Início do mandato: 19/02/2021 – Designação).

NDE 2024

1. Cristiana Coutinho Duarte, SIAPE: 2790388 - Coordenadora (Início do mandato: 07/07/2023 – Designação);
2. Bertrand Roger Guillaume Cozic, SIAPE: 1785706 (Início do mandato: 19/02/2024 – Recondução);
3. Fabrizio de Luiz Rosito Listo, SIAPE: 2319742 (Início do mandato: 19/02/2024 – Recondução);
4. Ana Carolina Gonçalves Leite, SIAPE: 3106437 (Início do mandato: 22/10/2022 – Recondução);
5. Claudio Ubiratan Gonçalves, SIAPE: 1541856 (Início do mandato: 19/02/2024 – Recondução);
6. Priscila Batista de Vasconcelos, SIAPE: 2688134 (Início do mandato: 22/10/2022 – Recondução);
7. Mônica Cóx de Britto Pereira, SIAPE: 0311464 (Início do mandato: 19/02/2024 – Recondução).

Processo n.º 23076.125274/2023-50

ALFREDO MACEDO GOMES
Reitor

ANEXO 7 - Designação dos membros que compõem o Colegiado do Curso

PORTARIA DE PESSOAL Nº 22, DE 28 DE AGOSTO DE 2024.

Colegiado do Curso de Graduação em Bacharelado em Geografia

O VICE-DIRETOR DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS, no uso de suas atribuições legais e estatutárias, RESOLVE:

Designar os docentes Alcindo José de Sá, Ana Carolina Gonçalves Leite, Ana Cristina de Almeida Fernandes, Antonio Carlos de Barros Correa, Bertrand Roger Guillaume Cozic, Caio Augusto Amorim Maciel, Claudio Jorge Moura de Castilho, Claudio Ubiratan Gonçalves, Cristiana Coutinho Duarte, Daniel Rodrigues de Lira, Danielle Gomes da Silva Listo, Edvania Torres Aguiar Gomes, Fabrizio de Luiz Rosito Listo, Francisco Kennedy Silva dos Santos, Fredson Pereira da Silva, Josicleda Domiciano Galvncio, Larissa Monteiro Rafael, Lucas Costa de Souza Cavalcanti, Maria do Socorro Bezerra de Araújo, Maria Fernanda Abrantes Torres, Mônica Cox de Britto Pereira, Nilo Américo Rodrigues Lima de Almeida, Nilson Cortez Crocia de Barros, Osvaldo Girao da Silva, Priscila Batista Vasconcelos, Priscylla Karoline de Menezes, Rodrigo Dutra Gomes, Ruy Batista Pordeus, Talitha Lucena de Vasconcelos, Vanice Santiago Fragoso Selva e Wemerson Flávio da Silva como membros do Colegiado do Curso de Graduação em Bacharelado em Geografia, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE.

Prof. Ricardo Pinto de Medeiros
Vice-Diretor do CFCH

ANEXO 8 – Atas de aprovação do colegiado e pleno

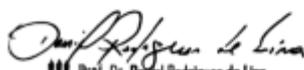
ATA DA TERCEIRA REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DO COLEGIADO DO CURSO DE GEOGRAFIA DA MODALIDADE PRESENCIAL (BACHARELADO) DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS, DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, REALIZADA NO DIA 04 (QUATRO) DE NOVEMBRO DO ANO DE 2024, POR E-MAIL.

Às 10H12 do dia 04 (quatro) de novembro do ano de 2024, na plataforma *Gmail*, com quórum legal, foi dado início à Terceira Reunião Extraordinária do Colegiado do Curso de Geografia da modalidade presencial (bacharelado), por e-mail, que sob o direcionamento da professora Cristiana Coutinho Duarte, contou com a consulta aos membros do colegiado do curso: Alcindo José de Sá; Ana Carolina Gonçalves Leite; Ana Cristina de Almeida Fernandes; Antonio Carlos de Barros Correa; Bertrand Roger Guillaume Cozic; Caio Augusto Amorim Maciel; Claudio Jorge Moura de Castilho; Claudio Ubiratan Gonçalves; Daniel Rodrigues de Lira; Danielle Gomes da Silva Listo; Edvania Torres Aguiar Gomes; Fabrizio de Luiz Rosito Listo; Francisco Kennedy Silva dos Santos; Fredson Pereira da Silva; Josicleda Domiciano Galvincto; Larissa Monteiro Rafael; Lucas Costa de Souza Cavalcanti; Maria do Socorro Bezerra Araújo; Maria Fernanda Abrantes Torres; Mônica Cox de Britto Pereira; Nilo Américo Rodrigues Lima de Almeida; Nilson Cortez Crocia de Barros; Osvaldo Girao da Silva; Priscila Batista Vasconcelos; Rodrigo Dutra Gomes; Ruy Batista Pordeus; Talitha Lucena de Vasconcelos; Vanice Santiago Fragoso Selva; Wemerson Flávio da Silva. A reunião tratou da seguinte pauta: **Ponto 1: - Aprovação da reforma parcial do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Graduação em Geografia - Bacharelado, para ser encaminhado ao E-MEC no prazo solicitado pelo cronograma de avaliação do curso.** Esclareceu-se que foram feitas as seguintes alterações do PPC de 2013: 1. Melhorias no texto; 2. Adequação das normas internas às atualizações da UFPE, as anteriores estavam extremamente defasadas; 3. Adequação do Perfil as alterações que foram feitas ao longo dos anos, como novas disciplinas eletivas e equivalências; 4. Adequação ao Sigaa. O ponto de pauta foi colocado em votação entre às 11h do dia 04/11/2024 até às 15h do dia 05/11/2024, sendo aprovado pela maioria dos professores do colegiado, com nenhum voto contrário e abstenções dos professores: Ana Cristina de Almeida Fernandes; Antonio Carlos de Barros Correa; Claudio Ubiratan Gonçalves; Danielle Gomes da Silva Listo; Fabrizio de Luiz Rosito Listo; Maria do Socorro Bezerra Araújo; Mônica Cox de Britto Pereira; Nilson Cortez Crocia de Barros; Osvaldo Girao da Silva; Ruy Batista Pordeus. Nada mais havendo a tratar, encerro a presente ata que, para constar, dato e assino. Recife, 05 de novembro de 2024. Carlos Eduardo Marques da Silva – Assistente em Administração do Curso de Graduação em Geografia da modalidade presencial (Bacharelado).

ATA DA TERCEIRA REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DO PLENO DO DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS, DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, REALIZADA NO DIA 04 (QUATRO) DE NOVEMBRO DO ANO DE 2024, POR E-MAIL.

Às 10H12 do dia 04 (quatro) de novembro do ano de 2024, foi convocada a Terceira Reunião Extraordinária do pleno do departamento, por e-mail institucional, contou com a consulta aos membros deste conselho: Alcindo José de Sá; Ana Carolina Gonçalves Leite; Ana Cristina de Almeida Fernandes; Antonio Carlos de Barros Correa; Bertrand Roger Guillaume Cozic; Caio Augusto Amorim Maciel; Claudio Jorge Moura de Castilho; Claudio Ubiratan Gonçalves; Daniel Rodrigues de Lira; Danielle Gomes da Silva Listo; Edvania Torres Aguiar Gomes; Fabrizio de Luiz Rosito Listo; Francisco Kennedy Silva dos Santos; Fredson Pereira da Silva; Josicleda Domiciano Galvincto; Larissa Monteiro Rafael; Lucas Costa de Souza Cavalcanti; Maria do Socorro Bezerra Araújo; Maria Fernanda Abrantes Torres; Mônica Cox de Britto Pereira; Nilo Américo Rodrigues Lima de Almeida; Nilson Cortez Crocia de Barros; Osvaldo Girao da Silva; Priscila Batista Vasconcelos; Rodrigo Dutra Gomes; Ruy Batista Pordeus; Talitha Lucena de Vasconcelos; Vanice Santiago Fragoso Selva; Wemerson Flávio da Silva. A reunião tratou da seguinte pauta: Ponto 1: - Aprovação da reforma parcial do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Graduação em Geografia - Bacharelado, para ser encaminhado ao E-MEC no prazo solicitado pelo cronograma de avaliação do curso. Esclareceu-se que foram feitas as seguintes alterações do PPC de 2013: 1. Melhorias no texto; 2. Adequação das normas internas às atualizações da UFPE, as anteriores estavam extremamente defasadas; 3. Adequação do Perfil as alterações que foram feitas ao longo dos anos, como novas disciplinas eletivas e equivalências; 4. Adequação ao Sigaa. O ponto de pauta foi colocado em votação entre às 11h do dia 04/11/2024 até às 15h do dia 05/11/2024, sendo aprovado pela maioria dos professores do colegiado, com nenhum voto contrário e abstenções dos professores: Ana Cristina de Almeida Fernandes; Antonio Carlos de Barros Correa; Claudio Ubiratan Gonçalves; Maria do Socorro Bezerra Araújo; Mônica Cox de Britto Pereira; Nilson Cortez Crocia de Barros; Osvaldo Girao da Silva; Ruy Batista Pordeus. Os Docentes Danielle Gomes da Silva Listo Fabrizio de Luiz Rosito Listo estavam em período de férias. Nada mais havendo a tratar, encerro a presente ata.

Recife, 05 de novembro de 2024.



Prof. Dr. Daniel Rodrigues de Lira
Departamento de Ciências Geográficas
SIAPE 838764

ANEXO 9 – Programa dos componentes curriculares

1º PERÍODO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

<input checked="" type="checkbox"/>	Disciplina
<input type="checkbox"/>	Atividade Complementar
<input type="checkbox"/>	Trabalho de Graduação

<input type="checkbox"/>	Estágio
<input type="checkbox"/>	Módulo
<input type="checkbox"/>	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO

ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
650	Geografia Econômica do Mundo Atual	02	01	03	60	1º

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

As Mudanças na economia mundial e suas tendências. As tendências de reorganização do espaço econômico mundial. A Geografia dos grandes espaços econômicos. A África e a América Latina na Geografia mundial do Século XXI.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. As Mudanças na Economia Mundial e suas Tendências
 - 1.1. A crise dos anos 70 / 80 e a Revolução Científica e Tecnológica
 - 1.2. A reestruturação econômica (produção, mercados, fluxos)
 - 1.3. A modernização concentrada e seletiva nos países centrais
 - 1.4. A potência de ajuste e reestruturação econômica nos países periféricos
2. As Tendências de Reorganização do Espaço Econômico Mundial
 - 2.1. A economia global e seus efeitos na Divisão Internacional do Trabalho
 - 2.2. A reorganização dos mercados (tendência à formação de blocos)
 - 2.3. As tendências dos fluxos de mercadorias (matérias primas e produtos finais), de pessoas, de capitais e de informações.
 - 2.4. A multipolaridade como tendência
3. A Geografia dos Grandes Espaços Econômicos
 - 3.1. A Geografia Econômica dos Estados Unidos, Canadá e México
 - 3.2. A Geografia Econômica do Japão e Sudeste Asiático
 - 3.3. A Geografia Econômica da Comunidade Econômica Européia
 - 3.4. A Geografia Econômica dos países socialistas da Europa e Ásia
4. A África e a América Latina na Geografia Mundial do Século XXI
 - 4.1. A inserção da África e América Latina na Geografia dos pós 2ª Guerra
 - 4.2. As tendências recentes de mudanças na América Latina e África

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ANDRADE, Manuel Correia de. Geografia Econômica. São Paulo: Ed. Atlas, 1999.
- _____. Globalização & Geografia. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1996.
- BRUN, Argemiro. O Desenvolvimento Econômico Brasileiro. São Paulo: Ed. Unijuí, 2005.
- CANCLINE, Nestor Garcia. Latino-Americanos à Procura de um Lugar neste Século. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CASTELLS, M. A Sociedade em Rede. Trad. R. V. Majer. V. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura).
CASTELLS, M. A Sociedade em Rede. Trad. R. V. Majer. V. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura).

CHESNAIS, F. A Mundialização do Capital. Trad. S. F. Foá. São Paulo: Xamã, 1996.

GEORGE, Pierre. Geografia Econômica. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1988.

HAESBAERT, R. Blocos Internacionais de Poder. São Paulo: Contexto, 2001.

HARVEY., David. Espaços de Esperança. São Paulo: Ed. Loyola, 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

LASTRES, Helena M. M. e ALBAGI, Sarita (orgs). Informação e Globalização na Era do Conhecimento. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2000.

POCHMANN, M. O Emprego na Globalização: A Nova Divisão Internacional do Trabalho e os Caminhos que o Brasil escolheu. São Paulo: Bomtempo, 2002.

RICHARDSON, Harry W. Economia Regional: Teoria da Localização, Estrutura Urbana e Crescimento Regional. Biblioteca de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

SANTOS, Milton.. O Novo Mapa do Mundo. Fim de Século e Globalização. São Paulo: ANPUR, 1993.

_____. Por uma outra Globalização, do Pensamento Único à Consciência Universal. São Paulo: Record, 2001.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
DE GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

x	Disciplina
	Atividade Complementar
	Trabalho de Graduação

	Estágio
	Módulo
	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO

ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
GE566	Geologia Geral	02	01	03	60	1º

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

Propiciar ao estudante o entendimento a respeito: do histórico a respeito da evolução das ciências geológicas; do conceito e da sistemática das subdivisões da Geologia; da origem e evolução da Terra, os processos que governam a sua dinâmica interna, da dinâmica externa da crosta, a tectônica de placas e sua importância na origem dos continentes; da sistemática de descrição e identificação de minerais e rochas, das estruturas geológicas como evidências das perturbações resultantes da dinâmica interna; da atividade dos principais agentes geológicos, dos processos de alteração superficial dos materiais geológicos, da sistemática e dos critérios de subdivisão do Tempo Geológico; das técnicas de datação dos materiais geológicos, sua evolução e importância para outras ciências; dos registros da vida nas rochas e sua importância para a compreensão da evolução da vida em relação a evolução do planeta; da importância do conhecimento geológico para o meio ambiente e para a sociedade. Trabalho de campo ao longo de perfis geológicos para observar a ocorrência e a natureza de rochas ígneas, metamórficas e sedimentares

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Histórico da Ciência Geológica: Geologia histórica e a Geologia Geral, subdivisões da Geologia
2. Origem do Universo, Sistema solar e da Terra
3. Estrutura e Dinâmica interna da terra, processos que envolvem a crosta
4. Tectônica de Placas, origem dos continentes e das bacias oceânicas
6. Identificação dos principais minerais formadores de rocha
7. Rochas Magmáticas (Ígneas)
8. Rochas Sedimentares
9. Rochas Metamórficas
10. Dinâmica Externa da Terra e Atividade Geológica (Água, Vento, Gelo e Organismos);
11. Estruturas Geológicas
12. Métodos de datação
13. Escala de Tempo Geológico
14. História geológica da vida, Noções de Paleontologia Geral
15. Geologia Ambiental (riscos naturais e não naturais; Contaminação geogênica e antropogênica)
16. Leitura de mapas geológicos, uso de equipamentos de campo

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Clark Jr., S.P. 1996. Estrutura da Terra. Série de Textos Básicos de Geociências. Tradução Yociteru Hasui. São Paulo, Edgard Blücher Ltda: 121 p.
 Leinz, V. e Amaral, S.E. 1989. Geologia Geral. 11 ed. São Paulo, Editora Nacional. 399 p.
 WICANDER, Reed; MONROE, James S. Fundamentos de geologia. São Paulo: Cengage Learning, 2009. xvii, 508 p. ISBN 9788522106370 (broch.).
 Popp, J.H. 1998. Geologia Geral. 5 ed. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos S.A.: 376 p.
 Press, F., Siever, R., Grotzinger, J., Jordan, T.H. 2006. Para Entender a Terra. 4 ed. Bookman. 656 p.
 Teixeira, W., Toledo, M.C. de, Fairchild, T.R., Taioli, F. (eds.). 2000. Decifrando a Terra. São Paulo, Oficina de Textos: 558 p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

Eicher, D.L. 1996. Tempo Geológico. Série de Textos Básicos de Geociências. Tradução José Eduardo Siqueira Fargallat. São Paulo, Edgard Blücher Ltda: 172 p.
Ernst, W.G. 1996. Minerais e Rochas. Série de Textos Básicos de Geociências. Tradução e Adaptação Evaristo Ribeiro Filho. São Paulo, Edgard Blücher Ltda: 162 p.
Mendes, J.C. 1977. Paleontologia Geral. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos Ed. 342 p.
Skinner, B.J. 1996. Recursos Minerais da Terra. Série de Textos Básicos de Geociências. Tradução Helmut Born e Eduardo Camilher Damasceno. São Paulo, Edgard Blücher Ltda: 139 p.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
DE GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA

5.2 Características do espaço geográfico.
5.3 Princípios do método geográfico
5.4 Técnicas e instrumentos de trabalho do Geógrafo.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ANDRADE, Manuel Correia de. Geografia: Ciência da Sociedade. Recife. Ed. Universitária da UFPE, 2007.

_____. Geografia Econômica. São Paulo : Ed. Atlas, 1999.

_____. O Pensamento Geográfico e a Realidade Brasileira. In. SANTOS, Milton (org.). Novos Rumos da Geografia Brasileira. São Paulo: Hucitec, 1982.

BRADFORD, M. & KENT, W. Geografia Humana: Teorias e Aplicações. Lisboa: Gradiva, 1987.

CASTRO, Iná et al. Geografia “Conceitos e Temas” . Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

FERREIRA C. & SIMÕES, N. A Evolução do Pensamento Geográfico. Lisboa: Gradiva, 1986.

GEORGE, Pierre. Os Métodos da Geografia, São Paulo: Difel, 1972.

_____. Geografia e Modernidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

JOHNSTON, R. J. Geografia e Geógrafos. São Paulo: Difel, 1986.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

HARTSHORNE, Richard. O que se Entende por Geografia como o Estudo da Diferenciação de Áreas, e O que se entende por Superfície da Terra, In: __ Propósitos e Natureza da Geografia. São Paulo: Hucitec, 1978.

HARVEY, David. A Condição Pós-Moderna. São Paulo: Ed. Loyola, 1992.

LA BLACHE, Paul Vidal de. Princípios de Geografia Humana. Lisboa: Cosmos, 1954.

RELPH, Edward. As Bases Fenomenológicas da Geografia. In: GEOGRAFIA 4 (7): 1-22, abril, 1979.

SANTOS, Milton. Por uma Geografia Nova. São Paulo: Edusp, 2002.

_____. A Natureza do Espaço. São Paulo: Hucitec, 1997.

SCAEFER, Fred. Excepcionalismo na Geografia. Boletim de Geografia Teórica, 7(13): 5-37. Rio Claro, 1977. Trad. J. McPherson.

SORRE, Max. Geografia (Colet.) (Introd. e Notas de J. F. Megale). São Paulo: Ática, 1984.

SPÓSITO, Eliseu S. Teorias. In. Geografia e Filosofia: Contribuição para o Ensino do Pensamento Geográfico. p. 171-193. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

TUAN, Yi-Fu. Humanistic Geography. Annals of the American Geographers. 66 (2). 1976.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
DE GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

<input checked="" type="checkbox"/>	Disciplina	<input type="checkbox"/>	Estágio
<input type="checkbox"/>	Atividade Complementar	<input type="checkbox"/>	Módulo
<input type="checkbox"/>	Trabalho de Graduação	<input type="checkbox"/>	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
EC462	Introdução à Economia	04	-	04	60	1º

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

Objetivos e campo de estudo da economia. O problema econômico, aspectos macroeconômicos. Relações econômicas internacionais. Desenvolvimento econômico.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. O problema econômico e a teoria econômica. A economia como um sistema
2. Introdução à microeconomia.
 - 2.1. O produto, oferta, preços e mercado
 - 2.2. Produção e custo
3. Introdução à macroeconomia
 - 3.1. O produto a sua medição, contas nacionais
 - 3.2. O setor público.
 - 3.3. A distribuição da renda
4. O Comércio Internacional
5. Teoria do desenvolvimento econômico.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

MANKIW, N. Gregory. Introdução à Economia: Princípios de Micro e Macroeconomia. Tradução da 2ª ed. original Maria José Cyhlar Monteiro. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2001.

PINHO, Diva Benevides; Vasconcellos, Marco Antônio Sandoval de (orgs.). Manual de Introdução à Economia. São Paulo: Saraiva, 2006.

STIGLITZ, J. Introdução à Macroeconomia. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2004.

VASCONCELLOS, M. A. S. Economia. Micro e Macro. 4ª ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

LACERDA, Antonio Correa de; RÊGO, José Márcio; MARQUES, Rosa Maria. Economia brasileira. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2006. 304 p. ISBN 8502040707 (broch).

SAMUELSON, P. Fundamentos da Análise Econômica. São Paulo: Nova Cultural, 1983.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
DE GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA

2° PERÍODO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

<input checked="" type="checkbox"/>	Disciplina	<input type="checkbox"/>	Estágio
<input type="checkbox"/>	Atividade Complementar	<input type="checkbox"/>	Módulo
<input type="checkbox"/>	Trabalho de Graduação	<input type="checkbox"/>	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
CG683	Formação Econômica e Territorial do Brasil	02	01	03	60	2º

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

Processo evolutivo da formação econômica e territorial do Brasil. Atividades econômicas no período Colonial condicionando a ocupação do espaço. Desenvolvimento industrial e urbanização. Divisão internacional do trabalho. Mercados regionais e a formação do mercado nacional.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. O Espaço Brasileiro
 - 1.1. Aspectos gerais no quadro natural
 - 1.2. A economia e a sociedade indígena
 - 1.3. A colonização e seus objetivos
2. O Capitalismo Mercantil
 - 2.1. A plantation açucareira e a ocupação do espaço
 - 2.2. As atividades complementares
 - 2.3. O espaço produzido
 - 2.4. A formação territorial
3. O Processo de Expansão do Povoamento
 - 3.1. A mineração
 - 3.2. O café
 - 3.3. A borracha
 - 3.4. Outras atividades
4. A Formação do Estado Nacional
 - 4.1. Estrutura interna
 - 4.2. A industrialização e o desenvolvimento urbano
 - 4.3. Novas áreas de ocupação
 - 4.4. Relação de dependência com o mercado externo
5. As Regiões
 - 5.1. Características naturais e socioeconômicas das regiões
 - 5.2. Os mercados regionais
 - 5.3. As especificidades regionais
6. Os Desníveis Regionais de Desenvolvimento e a Ocupação Territorial mais recente
 - 6.1. A divisão internacional do trabalho
 - 6.2. A formação do mercado nacional
 - 6.3. A ação do estado
 - 6.4. A questão nacional

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ANDRADE, Manoel Correia de. Formação Territorial e Econômica do Brasil. Recife: Ed. Massangana, 2008.
- _____. A Questão do Território no Brasil. São Paulo/Recife: Hucitec/FUNDAJ-IPESPE (Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas), 1995.
- ARAÚJO, Tania Bacelar. Nordeste, Nordeste, que Nordeste? In: Federalismo no Brasil – Desigualdades Regionais e Desenvolvimento. Rui Affonso e Pedro Luiz Barros (orgs.).- São Paulo: FUNDAP: Ed. da UNESP, 1995.
- _____. Por uma Política Nacional de Desenvolvimento Regional. In: Ensaio sobre o Desenvolvimento Brasileiro: Heranças e Urgências. Rio: FASE. Ed. REVAN. 2000.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL. Uma Política Nacional de Desenvolvimento Regional. In: www.integracao.gov.br.
- CANO, Wilson. Ensaio sobre a Formação Econômica Regional do Brasil. Campinas: Ed. UNICAMP, 2002.
- _____. Da Crise ao Caos Urbano In: Regiões e Cidades, Cidades nas Regiões. São Paulo: Ed. UNESP e ANPUR. Flora Gonçalves, Carlos Antônio Brandão e Antônio Carlos Brandão (orgs), 2003.
- _____. Raízes da Concentração Industrial em São Paulo. São Paulo: Ed. HUCITEC, 1977.
- DANTAS MOTA, Lourenço (org.). Introdução ao Brasil - um Banquete no Trópico. 2ª ed. São Paulo: Ed. SENAC, 1999.
- FLORI, José Luis. O Nó Cego do Desenvolvimento Brasileiro. In: Novos Estudos. 1994. n° 40, p. 125-144.
- FREYRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala. 43ª ed. Rio de Janeiro: Ed. RECORD, 2001.
- FURTADO, Celso. Formação Econômica do Brasil. 31ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. 16ª ed., Rio de Janeiro: Ed. José Olímpio, 1983.
- OLIVEIRA, Francisco. Elegia para uma Re(li)gião. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- PRADO JUNIOR, Caio. Formação do Brasil Contemporâneo. São Paulo: Ed. Brasiliense. 1969.
- SANTOS, Milton. A Urbanização Brasileira. 3ª ed. São Paulo: Ed. HUCITEC, 1996.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- AZEVEDO, Aroldo. Vilas e Cidades do Brasil Colonial. São Paulo: USP, 1956. Boletim n° 208, Geografia, n° 11.
- BEIGUELMAN, Paula. Formação Política do Brasil. São Paulo: Livraria Ed. Pioneira, 1976.
- BRAUDEL, Fernand. As Estruturas do Cotidiano. Civilização Material, Economia e Capitalismo – Sécs. XV-XVIII. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- CAMPOLINA, Clélio. & CROCCO, Marco Aurélio. Reestruturação Econômica e Impacto Regional: o Novo Mapa da Indústria Brasileira. In: Revista Nova Economia/UFMG. Belo Horizonte, V.6, n° 1, jul / 1996.
- CANABRAVA, A. P. A Grande Propriedade Rural. In: Sérgio Buarque de Holanda, História Geral da Civilização Brasileira. São Paulo: José Olympio, 1985.
- CANO, Wilson. Concentração e Desconcentração Econômica Regional no Brasil : 1970- 1995. In: Revista “Economia e Sociedade” Campinas: IE/UNICAMP, n° 8, jun/ 1997.
- DIAS, Maria Odilas. A Interiorização da Metrópole (1808-1853). In: Carlos G. Mota (org.) 1822- Dimensões. p. 160-184. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- FAORO, Raymundo. Os Donos do Poder- Formação do Patronato Político Brasileiro. Porto Alegre: Ed. Globo. São Paulo: EDUSP, 1975.
- FERNANDES, Ana Cristina e NEGREIROS, Rovena. Economic Developmentism and Change within the Brazilian Urban System. In: Geoforum, 2001. V. 32, p. 415-435.
- FERNANDES, Florestan. A Revolução Burguesa no Brasil: Ensaio de Interpretação Sociológica. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed Zahar, 1981.
- GUIMARÃES NETO, Leonardo. Introdução à Formação Econômica do Nordeste. Recife: Editora Massangana, 1989.
- MELLO, João Manuel Cardoso de. O Capitalismo Tardio. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982.
- NOVAIS, F.A. O Brasil nos Quadros do Antigo Sistema Colonial. In: C.G Mota, (org.) Brasil em Perspectiva. São Paulo, 1969.
- OLIVEIRA, Francisco. A Economia Brasileira: Crítica à Razão Dualista. Petrópolis: Ed. Vozes, 1972.
- PACHECO, Carlos Américo. Desconcentração Econômica e Fragmentação da Economia Nacional. In: Revista Economia e Sociedade. Campinas: E/UNICAMP, 1996.
- PANTALEÃO, Olga. A Presença Inglesa. In: Sérgio Buarque de Holanda, op cit, vol 3.
- PAS- Plano de Desenvolvimento Amazônia Sustentável. In. www.integracao.gov.br Seminário 7. Política de Desenvolvimento Regional: o Debate Atual.
- PERISSINOTTO, Renato M. Classes Dominantes, Estado e os Conflitos Políticos na Primeira República em São Paulo: Sugestões para Pensar a Década de 1920. In: Helena C. De Lorenzo e Wilma Peres da Costa (orgs.). A década de 1920 e as Origens do Brasil Moderno. São Paulo: Ed. UNESP, 1997.

VIOTTI DA COSTA, Emília. Introdução ao Estudo da Emancipação Política do Brasil. In: C G Mota (org.). Brasil em Perspectiva. São Paulo: Difel, 1969.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE

CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO

DE GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

<input checked="" type="checkbox"/>	Disciplina	<input type="checkbox"/>	Estágio
<input type="checkbox"/>	Atividade Complementar	<input type="checkbox"/>	Módulo
<input type="checkbox"/>	Trabalho de Graduação	<input type="checkbox"/>	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
CG664	Fundamentos de Climatologia	02	01	03	60	2º

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

A atmosfera. Elementos do clima. Fatores geográficos do clima. O clima e a paisagem geográfica.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. A Atmosfera: definição, composição, divisão e importância.
2. Elementos do Clima
 - 2.1. Temperatura e Pressão.
 - 2.2. Umidade, Condensação, Nuvens e Precipitações.
 - 2.3. Circulação Atmosférica, Massas de Ar, Ventos, Centro de Ação.
3. Fatores Geográficos do Clima
 - 3.1. Latitude.
 - 3.2. Altitude (relevo).
 - 3.3. Situação Geográfica: continentalidade, exposição do lugar.
 - 3.4. Correntes marítimas.
 - 3.5. Massas de Ar.
4. Conceito do Clima
5. O Clima e a paisagem geográfica
 - 5.1. A atuação do clima na paisagem natural.
 - 5.2. As relações entre o homem e os climas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

AYOADE, J. O. Introdução à Climatologia para os Trópicos, São Paulo, DIFEL, 2006.

CONTI, J.B. Clima e Meio Ambiente. In Furlan, S.A.; Scarlato, F. (Coords.). São Paulo: Atual, 1998.

MENDONÇA, F.; DANNI-OLIVEIRA, I. M. Climatologia: Noções Básicas e Climas do Brasil. São Paulo: Oficina de Textos, 2007.

NIMER, E. Climatologia do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 1979.

VAREJÃO-SILVA, M.A. Meteorologia e Climatologia. Brasília: INMET, 2001.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- AGB. Mudanças Climáticas: Repercussões Globais e Locais. São Paulo. Revista Terra Livre, Ano 19, v.1, n°. 20, 2003.
- ANDRADE, G. O. e LINS, R. C. Os Climas do Nordeste. Revista de Geografia, DCG/UFPE - NAPA, v.17, n°1. Recife, 2001.
- CONTI, J. B. A Questão Climática do Nordeste Brasileiro e os Processos de Desertificação. Revista Brasileira de Climatologia. Associação Brasileira de Climatologia (ABCLima), v. 1, n° 1. Presidente Prudente, 2006.
- FERREIRA, A.G.; MELLO, N.G.S. Principais Sistemas Atmosféricos Atuantes sobre a Região Nordeste do Brasil e a Influência dos Oceanos Pacífico e Atlântico no Clima da Região. Revista Brasileira de Climatologia. Associação Brasileira de Climatologia (ABCLima), v. 1, n° 1. Presidente Prudente, 2006.
- FLANNERY. Os Senhores do Clima: Como o Homem está alterando as Condições Climáticas e o que isso significa para o Futuro do Planeta. Rio de Janeiro: Record, 2007
- KANDEL, R. O Reaquecimento Climático. São Paulo: Loyola, 2007
- MENDONÇA, F.; DANNI-OLIVEIRA, I.M. Climatologia: Noções Básicas e Climas do Brasil. São Paulo: Oficina de Textos, 2007.
- NIMER, E. Climatologia do Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 1979.
- SOUZA, E.B.; ALVES, J.M.B.; REPELLI, C. A. Influência dos Oceanos Pacífico e Atlântico na Estação Chuvosa do Semi-árido Nordestino. Revista Brasileira de Agrometeorologia. Santa Maria, v. 6, n°. 2, 1998.
- TUBELIS, A. N. & LINO, F. J. Meteorologia Descritiva - Fundamentos e Aplicações Brasileiras. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S.A., 1992

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
DE GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

<input checked="" type="checkbox"/>	Disciplina	<input type="checkbox"/>	Estágio
<input type="checkbox"/>	Atividade Complementar	<input type="checkbox"/>	Módulo
<input type="checkbox"/>	Trabalho de Graduação	<input type="checkbox"/>	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
CS004	Fundamentos de Sociologia	04	-	04	60	2º

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

A Sociologia e outras ciências. Modelo de análise sociológica. Conceitos sociológicos básicos, O social e a sociedade.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- Parte 1: Sociologia: origem, objetos e métodos
- O surgimento da Sociologia
 - A imaginação Sociológica
 - Métodos de pesquisa
- Parte 2: Processos sociais básico
- Cultura, Socialização e estrutura social
 - Interação e Organização Social
- Parte 3: Desigualdades
- Classes Sociais
 - Raça e Etnicidade
 - Sexualidade e Gênero
- Parte 4: Instituições Sociais
- Economia e trabalho
 - Política e Governo
 - Família e Parentesco
 - Religião
 - Educação
 - Os meios de Comunicação de Massa
- Parte 5: Mudança Social
- População, Urbanização e Desenvolvimento
 - Ação Coletiva e Movimentos Sociais.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- BERGER, Peter. Perspectivas Sociológicas: uma visão humanística. Petrópolis: Vozes, 1991.
- BOUDON, Raymond. Os Métodos em Sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.
- BRYM, Roberto ET AL. Sociologia: sua bússola para um novo mundo. São Paulo: Thompson Learning, 2006.

FORACCHI, Marialice M. e MARTINS, José de Souza (orgs). Sociologia e Sociedade: leituras de introdução à Sociologia. Rio de Janeiro: LTC editora, 1994.

SOUZA SANTOS, Boaventura. Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. Cap. 1 cinco desafios à imaginação sociológica. São Paulo: Cortez, 2001.

TURNER, Jonathan H. Sociologia: conceitos e aplicações. São Paulo: Makron Boks, 1999.

WRIGHT MILLS, C. A Imaginação sociológica. Cap. 1: A promessa. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

DAMATTA, Roberto. A Casa e a Rua: espaço. Cidadania, Mulher e morte no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1995.

GIDDENS, Anthony. A Transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da UNESP, 1983.

ORTIZ, Renato. Cultura Brasileira e Identidade Nacional. São Paulo. Brasiliense, 1985.

SCHWARZ, Lilian. O Espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
DE GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

<input checked="" type="checkbox"/>	Disciplina	<input type="checkbox"/>	Estágio
<input type="checkbox"/>	Atividade Complementar	<input type="checkbox"/>	Módulo
<input type="checkbox"/>	Trabalho de Graduação	<input type="checkbox"/>	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
GE567	Introdução à Petrografia	02	01	03	60	2º

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

Propriedades físicas e químicas dos minerais. Aspectos principais de Mineralogia Descritiva e Mineralogia Econômica. Noções Básicas de Petrografia. Classificações de rochas segundo a Gênese. Aproveitamento econômico das rochas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Mineralogia: conceito e importância para os estudos geográficos.
2. Noções básicas de Cristalografia.
3. Os minerais. Classificações dos minerais. Utilização econômica.
4. Noções básicas de Petrografia. A classificação das rochas segundo a gênese. Os corpos rochosos Ígneos, Metamórficos, Sedimentares.
5. Noções sobre ambientes de sedimentação.
6. Aproveitamento econômico das rochas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BIGARELLA, J. J. Estrutura e Origem das Paisagens Tropicais e Subtropicais. Curitiba: OFPR, 1995.

BIGARELLA, J.J; LEPREVOST, A. e BOLSANELLO, A. Rochas do Brasil. Rio de Janeiro: LTC Livros Técnicos e Científicos Editora SA, 1985.

GUERRA, Antônio Teixeira e GUERRA, Antônio José Teixeira. Novo Dicionário Geológico-Geomorfológico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

LEINZ, Viktor & AMARAL, Sérgio Estanislau. Geologia Geral. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

POOP, J. H. Geologia Geral. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.

SCHUMANN, W. Rochas e Minerais. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.

SUGUIO, K. Rochas Sedimentares. São Paulo: Edgard Blücher, 1992.

TEIXEIRA, W. et alli. Decifrando a Terra. São Paulo: Oficina de Textos, 2003.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALMEIDA, F. F. M. & HASUI, Y. O Pré- Cambriano no Brasil. São Paulo: Edgard Blücher Ltda. 1987

BIZZI, L. A. Geologia, Tectônica e Recursos Minerais do Brasil: Textos, Mapas & SIG. Brasília: CPRM- Serviço Geológico do Brasil, 2003.

PRESS, F. et al. Tradução Rualdo Menegat. Para Entender a Terra. Porto Alegre: Bookman, 2006.

MANOEL FILHO, J. & FEITOSA, F. A. C. (Coord.). Hidrogeologia, Conceitos e Aplicações. Fortaleza: Serviço Geológico Brasileiro, 1978.

MENDES, J. C. Elementos de Estratigrafia. São Paulo: T. A. Queiroz, 1992.

_____. Paleontologia Básica. São Paulo: USP, 1988.

PENTEADO, Margarida Maria. Fundamentos de Geomorfologia. Rio de Janeiro: IBGE, 1978.

ROSS, Jurandir L. S. (org.). Geografia do Brasil. São Paulo: EDUSP, 1996.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
DE GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

<input checked="" type="checkbox"/>	Disciplina	<input type="checkbox"/>	Estágio
<input type="checkbox"/>	Atividade Complementar	<input type="checkbox"/>	Módulo
<input type="checkbox"/>	Trabalho de Graduação	<input type="checkbox"/>	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
GE567	Introdução à Petrografia	02	01	03	60	2º

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

A Geografia na Antiguidade, Idade Média e Moderna. Determinismo e Possibilismo. A escola regional francesa. A Geografia como diferenciação de áreas. O discurso econômico., o planejamento e influências na Geografia. Modernização e teorização espacial. Geografias radicais. Fenomenologia e Pensamento Geográfico. Aspectos do pós-modernismo em Geografia.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. PERSPECTIVA CRONOLÓGICA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO
 - 1.1. Geografia na Antiguidade
 - 1.2. Geografia nas Idades Média e Moderna
 - 1.3. A formação contemporânea: evolucionismo e determinismo
 - 1.4. O Possibilismo e a Escola Clássica Francesa
 - 1.5. A tradição de diferenciação de áreas
 - 1.6. A Geografia Econômico-social e o historicismo
 - 1.7. A Geografia teórica (quantitativa)
 - 1.8. As Geografias radicais
 - 1.9. Fenomenologia e Geografia
 - 1.10. Geografia e pós-modernismo
 - 1.11. A Geografia no Brasil: cronistas, institucionalização, pesquisa e pós-graduação
 - 1.12. As instituições, ambiência social e política e reflexos na disciplina
2. PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS E TEMÁTICAS DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO
 - 2.1. O conceito de paisagem na formação da disciplina
 - 2.2. O conceito de região na formação da disciplina
 - 2.3. As relações homem / natureza na história da disciplina
 - 2.4. As relações do historicismo com a Geografia
 - 2.5. Modernização / abstração em Geografia
 - 2.6. O fenômeno como objeto de estudo geográfico
 - 2.7. O pós-modernismo em Geografia: como atitude; como objeto. A crítica às "grandes interpretações".

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ANDRADE, Manoel Correia de. O Pensamento Geográfico e a Realidade Brasileira. In: Santos, Milton (org.), Novos Rumos da Geografia Brasileira. São Paulo: Hucitec, 1982.

_____. Geografia Ciência da Sociedade. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

CASTRO, Iná et al (org.). Geografia: Conceitos e Temas. São Paulo: Bertrand Brasil, 1997.

GOMES, Paulo C. C. O Conceito de Região e sua Discussão. In: CASTRO, I.; GOMES, P.C. & CORRÊA (org.) Geografia: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

HARTSHORN, Richard. O que se entende por Geografia como o Estudo da Diferenciação de Áreas , e O que se entende por Superfície da Terra. In: _____. Propósitos e Natureza da Geografia. São Paulo: Hucitec, 1978.

LA BLACHE, Paul V. As Características Próprias da Geografia. In: Christofolletti, A. (org.). Perspectivas da Geografia. São Paulo: Difel, 1982.

MORAES, Antônio Carlos R. Geografia: Pequena História Crítica. São Paulo: Hucitec, 1992.

RATZEL, Friedrich. Coletânea (Organização e Introdução por A. C. Robert Moraes). São Paulo: Ed. Ática. (trad. de Fátima Murad e Denise Bottman), 1990.

SANTOS, Milton. Por uma Geografia Nova. São Paulo: Edusp, 2002.

SODRÉ, Nelson Werneck. Introdução à Geografia. Petrópolis: Vozes, 1977.

SOJA, Edward. Geografias Pós Modernas: a Reafirmação do Espaço na Teoria Social Crítica. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1993.

SORRE, Max. A Noção de Gênero de Vida e sua Evolução. In: Max. Sorre: Geografia, São Paulo: Ática Coletânea org. (e Introdução) por Januário Megale, 1984.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ESCOLAR, Marcelo. Crítica do Discurso Geográfico. São Paulo: Hucitec, 1996.

FERREIRA, Darlene A. de O. Geografia Agrária no Brasil, in _____. Mundo Rural e Geografia: Geografia Agrária no Brasil (1930/1990). São Paulo: Editora da Unesp, 2002.

LACOSTE, Yves. A Geografia Serve, Em Primeiro Lugar, Para Fazer a Guerra. Campinas: Papyrus, 1988.

LENCIONI, Sandra. Região e Geografia. São Paulo: Edusp, 1999.

MOREIRA, Rui. O que é Geografia. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SCHAEFER, Fred. Excepcionalismo na Geografia. Boletim de Geografia Teorética. 7(13):5- 37. Rio Claro, trad. J. McPherson, 1977.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
 CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
 DE GEOGRAFIA - BACHARELADO

 ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

 ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA

3° PERÍODO

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- BARROS, G. L. M. 1999. Navegar é fácil. 10ª Edição. Ed. Catau, Rio de Janeiro, 491 p.
- ESKINAZI-LEÇA, E.; NEUMANN-LEITÃO, S.; COSTA, M. F. (orgs.). 2004. Oceanografia: um cenário tropical. Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Tecnologia e Geociências, Departamento de Oceanografia, Recife, 761 p.
- LEINZ, V.; AMARAL, S. E. 1985. Geologia geral (Capítulo 8). Ed. Nacional, São Paulo, 397 p.
- LITTLEPAGE, J. 1998. Oceanografia. Editora da Univ. Federal do Sergipe.
- MAGLIOCCA, A. 1987. Glossário de Oceanografia. Nova Stella / EDUSP, São Paulo, 355 p.
- MUEHE, D. O litoral brasileiro e sua compartimentação. In Cunha, S.B. e Guerra, A.J.T. (Org.). Geomorfologia do Brasil. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, p. 273-349.
- PEREIRA, R. C.; SOARES-GOMES, A. Biologia Marinha. Rio de Janeiro; editora interciencia, 2002, 382p.
- PERNETTA, J. 1994. Atlas of the oceans. Rand McNally, Singapore, 208 p.
- PICKARD, G. L. 1968. Oceanografia Física descritiva: uma introdução. BRJ/Fund. de Estudos do Mar, Rio de Janeiro, 180 p.
- SCHMIEGELOW, J. M. M. 2004. O Planeta Azul - Uma introdução às ciências marinhas. Ed. Interciência, Rio de Janeiro, 202p.
- SKINNER, B. J.; TUREKIAN, K. K. 1977. O homem e o oceano. Edgard Blücher, São Paulo, 155 p.
- TESSLER, M. G.; MAHIQUES, M. M. 2001. Processos oceânicos e fisiografia dos fundos marinhos. In: TEIXEIRA, W.; TOLEDO, M. C. M.; FAIRCHILD, T. R.; TAIOLI, F. (orgs.). Decifrando a Terra. Oficina de Textos, São Paulo, p. 262-284.
- THURMAN, H. V.; TRUJILLO, A. P. Essentials of Oceanography. New Jersey: Prentice Hall, 1999, 527p.
- TUREKIAN, K. K. 1996. Oceanos. Edgard Blücher / EDUSP, São Paulo, 151 p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- BAPTISTA NETO, J. A.; PONZI, V. R. A.; SICHEL, S. E. (orgs.). 2004. Introdução à Geologia Marinha. Ed. Interciência, Rio de Janeiro, 279 p.
- BAUMGARTEN, M. G. Z.; ROCHA, J. M. B.; NIENCHESKI, L. F. H. 1996. Manual de análises em Oceanografia Química. Editora da FURG, Rio Grande, 132 p.
- BIGARELLA, J. J. 2000. Dinâmica Marinha. In: Temas de Geologia Marinha, Cadernos Geográficos, (3):1-37.
- CHRISTOFOLETTI, A. 1980. Geomorfologia (Capítulo 5). São Paulo, Ed. Edgard Blücher, 2ª edição, 188 p.
- COMISSÃO MUNDIAL INDEPENDENTE SOBRE OS OCEANOS. 1999. O oceano, nosso futuro. Relatório da Comissão Mundial Independente sobre os Oceanos, 247 p.
- GANERI, A.; CORBELLA, L. 1994. Atlas dos oceanos. Martins Fontes, São Paulo, 64 p.
- LEVINTON, J. S. 1995. Marine Biology. Function, Biodiversity, Ecology. Oxford Univ. Press, New York, 420p.
- PICKARD, G. L. 1968. Oceanografia física descritiva. Fundação de Estudos do Mar, Rio de Janeiro, p. 99-129.
- SUGUIO, K. 1992. Dicionário de Geologia Marinha. Bibl. de Ciências Naturais. T.A. QUEIROZ, São Paulo, 171p.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

<input checked="" type="checkbox"/>	Disciplina	<input type="checkbox"/>	Estágio
<input type="checkbox"/>	Atividade Complementar	<input type="checkbox"/>	Módulo
<input type="checkbox"/>	Trabalho de Graduação	<input type="checkbox"/>	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
CG303	Educação Ambiental	02	01	03	60	-

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

Evolução histórica, instrumentos e métodos utilizados em Oceanografia. Estudo dos processos e fenômenos oceânicos a partir das subáreas: Oceanografia Geológica, Oceanografia Química, Oceanografia Física e Oceanografia Biológica. Introdução ao estudo da zona costeira.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1 INTRODUÇÃO
1.1 Conceituação e importância da Oceanografia
1.2 Divisão e interdisciplinaridade
1.3 Evolução histórica e atualidade
2 RELEVO SUBMARINO E EVOLUÇÃO DOS OCEANOS
2.1 Divisão geral do relevo submarino
2.2 Margens continentais, bacias oceânicas e cordilheiras oceânicas
2.3 Deriva continental e tectônica de placas
2.4 Sedimentos Marinhos
3 PROPRIEDADES FÍSICO-QUÍMICAS DAS ÁGUAS MARINHAS
3.1 Composição e estrutura da água do mar
3.2 Salinidade, temperatura e densidade
3.3 Outros parâmetros físico-químicos (gases dissolvidos, pH, turbidez e nutrientes)
3.4 Penetração da luz e propagação do som nos oceanos
3.5 Poluição marinha
4 DINÂMICA MARINHA
4.1 Correntes oceânicas em larga escala
4.2 Circulação termohalina e massas d'água
4.3 Ondas e correntes costeiras
4.4 Marés
4.5 Oscilações verticais do nível do mar
5 VIDA MARINHA
5.1 Classificação e adaptações dos organismos marinhos
5.2 Biodiversidade
5.3 Produtividade nos oceanos e cadeia alimentar
6 INTRODUÇÃO À ZONA COSTEIRA
6.1 Ambientes Costeiros: manguezais e marismas; estuários e lagoas; praias; dunas e planícies costeiras
6.2 Mar Territorial e Zona Econômica Exclusiva
6.3 Classificação de costas
6.4 Impactos antrópicos e gerenciamento costeiro
7 TÉCNICAS DE ESTUDO E EQUIPAMENTOS OCEANOGRÁFICOS

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- BARROS, G. L. M. 1999. Navegar é fácil. 10ª Edição. Ed. Catau, Rio de Janeiro, 491 p.
- ESKINAZI-LEÇA, E.; NEUMANN-LEITÃO, S.; COSTA, M. F. (orgs.). 2004. Oceanografia: um cenário tropical. Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Tecnologia e Geociências, Departamento de Oceanografia, Recife, 761 p.
- LEINZ, V.; AMARAL, S. E. 1985. Geologia geral (Capítulo 8). Ed. Nacional, São Paulo, 397 p.
- LITTLEPAGE, J. 1998. Oceanografia. Editora da Univ. Federal do Sergipe.
- MAGLIOCCA, A. 1987. Glossário de Oceanografia. Nova Stella / EDUSP, São Paulo, 355 p.
- MUEHE, D. O litoral brasileiro e sua compartimentação. In Cunha, S.B. e Guerra, A.J.T. (Org.). Geomorfologia do Brasil. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, p. 273-349.
- PEREIRA, R. C.; SOARES-GOMES, A. Biologia Marinha. Rio de Janeiro; editora interciencia, 2002, 382p.
- PERNETTA, J. 1994. Atlas of the oceans. Rand McNally, Singapore, 208 p.
- PICKARD, G. L. 1968. Oceanografia Física descritiva: uma introdução. BRJ/Fund. de Estudos do Mar, Rio de Janeiro, 180 p.
- SCHMIEGELOW, J. M. M. 2004. O Planeta Azul - Uma introdução às ciências marinhas. Ed. Interciência, Rio de Janeiro, 202p.
- SKINNER, B. J.; TUREKIAN, K. K. 1977. O homem e o oceano. Edgard Blücher, São Paulo, 155 p.
- TESSLER, M. G.; MAHIQUES, M. M. 2001. Processos oceânicos e fisiografia dos fundos marinhos. In: TEIXEIRA, W.; TOLEDO, M. C. M.; FAIRCHILD, T. R.; TAIOLI, F. (orgs.). Decifrando a Terra. Oficina de Textos, São Paulo, p. 262-284.
- THURMAN, H. V.; TRUJILLO, A. P. Essentials of Oceanography. New Jersey: Prentice Hall, 1999, 527p.
- TUREKIAN, K. K. 1996. Oceanos. Edgard Blücher / EDUSP, São Paulo, 151 p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- BAPTISTA NETO, J. A.; PONZI, V. R. A.; SICHEL, S. E. (orgs.). 2004. Introdução à Geologia Marinha. Ed. Interciência, Rio de Janeiro, 279 p.
- BAUMGARTEN, M. G. Z.; ROCHA, J. M. B.; NIENCHESKI, L. F. H. 1996. Manual de análises em Oceanografia Química. Editora da FURG, Rio Grande, 132 p.
- BIGARELLA, J. J. 2000. Dinâmica Marinha. In: Temas de Geologia Marinha, Cadernos Geográficos, (3):1-37.
- CHRISTOFOLETTI, A. 1980. Geomorfologia (Capítulo 5). São Paulo, Ed. Edgard Blücher, 2ª edição, 188 p.
- COMISSÃO MUNDIAL INDEPENDENTE SOBRE OS OCEANOS. 1999. O oceano, nosso futuro. Relatório da Comissão Mundial Independente sobre os Oceanos, 247 p.
- GANERI, A.; CORBELLA, L. 1994. Atlas dos oceanos. Martins Fontes, São Paulo, 64 p.
- LEVINTON, J. S. 1995. Marine Biology. Function, Biodiversity, Ecology. Oxford Univ. Press, New York, 420p.
- PICKARD, G. L. 1968. Oceanografia física descritiva. Fundação de Estudos do Mar, Rio de Janeiro, p. 99-129.
- SUGUIO, K. 1992. Dicionário de Geologia Marinha. Bibl. de Ciências Naturais. T.A. QUEIROZ, São Paulo, 171p.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

<input checked="" type="checkbox"/>	Disciplina	<input type="checkbox"/>	Estágio
<input type="checkbox"/>	Atividade Complementar	<input type="checkbox"/>	Módulo
<input type="checkbox"/>	Trabalho de Graduação	<input type="checkbox"/>	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
CG506	Introdução à Geomorfologia	02	01	03	60	3º

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

Geomorfologia: conceituação, posição no quadro das Geociências. Pesquisa geomorfológica. Compartimentação, fisiologia e estruturação superficial das paisagens geomorfológicas. Morfoestrutura e morfoesculturas. Fatores explicativos do relevo terrestre. Conceitos fundamentais da Geomorfologia.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. A Geomorfologia: posição no quadro das Geociências. As Ciências Auxiliares. A interface entre a Geologia e Geomorfologia.
2. A Pesquisa Geomorfológica. As Fases da Pesquisa. Os Trabalhos de Campo: metodologias, latitudes. Os três níveis de tratamento metodológico da pesquisa geomorfológica.
3. A compartimentação do relevo. Aspectos descritivos e genéticos. As morfoesculturas e as morfoestruturas. As morfoesculturas desenvolvidas, processos de pedimentação, deposição e dissecação.
4. A estruturação superficial das paisagens geomorfológicas. A cronogeomorfologia.
5. Os fatores explicativos do relevo terrestre: as ações tectônicas, o papel da litologia e os processos morfoclimáticos atuais e subatuais.
6. Os conceitos fundamentais em Geomorfologia.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRASIL. Manual Técnico de Mapeamento Geomorfológico. Rio de Janeiro: IBGE, 1987. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=281612&view=detalhes>

CASSETI, Valter. Geomorfologia. [S.l.]: [2005]. Disponível em: https://docs.ufpr.br/~santos/Geomorfologia_Geologia/Geomorfologia_ValterCasseti.pdf.

CHRISTOFOLETI A, Geomorfologia. São Paulo: Ed. Blucher, 1980.

GUERRA, Antônio Teixeira & Guerra, Antônio José Teixeira. Novo Dicionário Geológico-Geomorfológico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

GUERRA, Antônio José Teixeira e CUNHA, Sandra B. da. Geomorfologia: uma Atualização de Bases e Conceitos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

JATOBÁ, L. & LINS, R. C. Introdução à Geomorfologia. Recife, Editora Bagaço, 1998.

LEINZ, Viktor & AMARAL, Sérgio Estanislau. Geologia Geral. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1978.

PENTEADO, Margarida Maria. Fundamentos de Geomorfologia. Rio de Janeiro: IBGE, 1978.

POPP, J. H. Geologia Geral. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.

TEIXEIRA, W et AL. Decifrando a Terra. São Paulo. Oficina de Textos, 2003.

_____. Geomorfologia e Meio Ambiente. Rio de Janeiro: Bertrand. Brasil. 2000.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AB'SÁBER, A. N. Megageomorfologia do Território Brasileiro. In: Geomorfologia do Brasil. CUNHA, S. B. da & GUERRA A, J, T. Rio de Janeiro: Ed Bertrand Brasil, 1998.

ALMEIDA, F. F. M. de. Origem e Evolução da Plataforma Brasileira. Rio de Janeiro: DNPM, Bol. 241, 1967.

GUERRA, Antônio José Teixeira. Geomorfologia do Brasil. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2000.

ROSS, J. L. S. Geomorfologia: Ambiente e Planejamento. São Paulo: Contexto, 2001.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE

CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO

DE GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

<input checked="" type="checkbox"/>	Disciplina	<input type="checkbox"/>	Estágio
<input type="checkbox"/>	Atividade Complementar	<input type="checkbox"/>	Módulo
<input type="checkbox"/>	Trabalho de Graduação	<input type="checkbox"/>	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
CG506	Introdução à Geomorfologia	02	01	03	60	3º

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

Geomorfologia: conceituação, posição no quadro das Geociências. Pesquisa geomorfológica. Compartimentação, fisiologia e estruturação superficial das paisagens geomorfológicas. Morfoestrutura e morfoesculturas. Fatores explicativos do relevo terrestre. Conceitos fundamentais da Geomorfologia.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. A Geomorfologia: posição no quadro das Geociências. As Ciências Auxiliares. A interface entre a Geologia e Geomorfologia.
2. A Pesquisa Geomorfológica. As Fases da Pesquisa. Os Trabalhos de Campo: metodologias, latitudes. Os três níveis de tratamento metodológico da pesquisa geomorfológica.
3. A compartimentação do relevo. Aspectos descritivos e genéticos. As morfoesculturas e as morfoestruturas. As morfoesculturas desenvolvidas, processos de pedimentação, deposição e dissecação.
4. A estruturação superficial das paisagens geomorfológicas. A cronogeomorfologia.
5. Os fatores explicativos do relevo terrestre: as ações tectônicas, o papel da litologia e os processos morfoclimáticos atuais e subatuais.
6. Os conceitos fundamentais em Geomorfologia.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRASIL. Manual Técnico de Mapeamento Geomorfológico. Rio de Janeiro: IBGE, 1987. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=281612&view=detalhes>

CASSETI, Valter. Geomorfologia. [S.l.]: [2005]. Disponível em: https://docs.ufpr.br/~santos/Geomorfologia_Geologia/Geomorfologia_ValterCasseti.pdf.

CHRISTOFOLETI A, Geomorfologia. São Paulo: Ed. Blucher, 1980.

GUERRA, Antônio Teixeira & Guerra, Antônio José Teixeira. Novo Dicionário Geológico-Geomorfológico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

GUERRA, Antônio José Teixeira e CUNHA, Sandra B. da. Geomorfologia: uma Atualização de Bases e Conceitos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

JATOBÁ, L. & LINS, R. C. Introdução à Geomorfologia. Recife, Editora Bagaço, 1998.

LEINZ, Viktor & AMARAL, Sérgio Estanislau. Geologia Geral. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1978.

PENTEADO, Margarida Maria. Fundamentos de Geomorfologia. Rio de Janeiro: IBGE, 1978.

POPP, J. H. Geologia Geral. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.

TEIXEIRA, W et AL. Decifrando a Terra. São Paulo. Oficina de Textos, 2003.

_____. Geomorfologia e Meio Ambiente. Rio de Janeiro: Bertrand. Brasil. 2000.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AB'SÁBER, A. N. Megageomorfologia do Território Brasileiro. In: Geomorfologia do Brasil. CUNHA, S. B. da & GUERRA A, J, T. Rio de Janeiro: Ed Bertrand Brasil, 1998.

ALMEIDA, F. F. M. de. Origem e Evolução da Plataforma Brasileira. Rio de Janeiro: DNPM, Bol. 241, 1967.

GUERRA, Antônio José Teixeira. Geomorfologia do Brasil. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2000.

ROSS, J. L. S. Geomorfologia: Ambiente e Planejamento. São Paulo: Contexto, 2001.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE

CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO

DE GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

<input checked="" type="checkbox"/>	Disciplina	<input type="checkbox"/>	Estágio
<input type="checkbox"/>	Atividade Complementar	<input type="checkbox"/>	Módulo
<input type="checkbox"/>	Trabalho de Graduação	<input type="checkbox"/>	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
CG214	Pedologia	02	01	03	60	3º

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

A ciência do solo e sua importância para a Geografia. Gênese do solo - aspectos gerais. Composição e principais propriedades do solo. Classificação e Geografia dos solos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. A Ciência do Solo e sua Importância para a geografia
 - 1.1. Conceitos fundamentais da Pedologia
 - 1.2. Aspectos e sentidos na conceituação do solo
 - 1.3. Importância para a Geografia
2. Gênese do Solo
 - 2.1. Rocha, clima, organismos vivos, relevo e tempo como fatores de formação do solo.
 - 2.2. Os processos clássicos de formação do solo. Podzolização, Latossolização, Calcificação, Salinização e Gleização.
 - 2.3. Horizontes Diagnósticos: formação, nomenclatura, significação e perfis representativos dos principais solos.
3. Composição e Principais Propriedades do Solo
 - 3.1. Principais componentes: água, ar, partículas minerais e matéria orgânica.
 - 3.2. Principais propriedades físicas: textura, cor, estrutura, porosidade e consistência.
 - 3.3. Principais propriedades químicas: reação e capacidade de troca de cátions.
4. Classificação e Geografia do Solo
 - 4.1. Classificação dos solos
 - 4.2. Sistema de classificação de aptidão agrícola das terras
 - 4.3. Distribuição geográfica das principais classes de solos do Brasil
 - 4.4. Problemas do solo: erosão, conservação e manejo.
 - 4.5. Solo e Paisagem: relevo, vegetação, clima e aspectos econômicos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRADY, N. C. Natureza e Propriedades dos Solos. 6ª ed., p. 12-19, 73-95. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1983.

CAMARGO, M. N.; KLAMT, E. e KAUFFMAN, J. H. Classificação dos Solos Usada em Levantamentos Pedológicos no Brasil. Separata do Boletim Informativo da Sociedade Brasileira de Ciência do Solo. 12(1):11-33, Campinas, 1987.

CLAESSEN, M. E. Manual de Métodos de Análise de Solos. 2ª ed. EMBRAPA, Rio de Janeiro, 1997.

DIAS, João de Deus de Oliveira. Manual de Conservação dos Solos. IPA, Publicação nº 11. Recife, 1959.

EMBRAPA. Centro Nacional de Pesquisa de Solos. Sistema Brasileiro de Classificação de Solos. Brasília: Embrapa Produção de Informação; Rio de Janeiro: Embrapa Solos, 2005

_____. Definição e Notação de Horizontes e Camadas do Solo. 2ª ed. Rio de Janeiro: EMBRAPA- SNLCS, 1988. (EMBRAPA- SNLCS. Documentos 03).

EMBRAPA. SNLCS. Levantamento de Reconhecimento de Solos do Estado do Paraná. Londrina: IAPAR; Rio de Janeiro: EMBRAPA- SNLCS, 1984. (EMBRAPA-SNLCS. Boletim de Pesquisa, 27. IAPAR. Boletim Técnico. 16.).

FASSBENDER, H. W.; BORNEMISZA, E. Química de Suelos: com Ênfase em Suelos de América Latina. 2ª ed. San José: IICA, 1987.

FORSYTHE, W. Física de Suelos: Manual de Laboratório. 2ª ed San José, IICA, 1985. Reimpressão.

FOTH, H. D. Fundamentals of Soil Science. 8ª ed, p. 1-10. New York: John Wiley, 1990.

JORGE, J. A. Física e Manejo dos Solos Tropicais. Campinas: Instituto Campineiro, 1985.

HULL, William X. Manual de Conservação do Solo. Secretaria de Agricultura dos Estados Unidos da América, Publicação TC - 284. Washington, D.C.

KIEHL, E. J. Manual de Edafologia: Relações Solo-Planta. P. 15-29, 51- 216-227, 246-260. São Paulo: Ceres, 1979.

LEPRUN, Jean-Claude. Manejo e Conservação de Solos no Nordeste. (Convênio) SUDENE/ORSTOM. Recife,. 1983. Disponível em: https://horizon.documentation.ird.fr/exl-doc/pleins_textes/divers15-11/010055275.pdf

LEPSCH, I. F. Formação e Conservação dos Solos. São Paulo: Oficina dos Textos, 2002.

MONIZ, A. C. (coord.). Elementos de Pedologia. P. 11-122, 125-178, 275-288, 305-334. São Paulo: Livros Técnicos e Científicos, 1975.

OLIVEIRA, J. B. Pedologia Aplicada. 2ª ed. p. 17-111. Piracicaba: FEALQ, 2005. <https://www.bdpa.cnpia.embrapa.br/consulta/busca?b=ad&id=30145&biblioteca=vazio&busca=autoria:%22OLIVEIRA,%20J.%20B.%20de%22&qFacets=autoria:%22OLIVEIRA,%20J.%20B.%20de%22&sort=&paginacao=t&paginaAtual=1>

PRADO, Hélio do. Manual de Classificação de Solos do Brasil. 2ªed., p.1-19, 65-72. Jaboticabal: FUNEP, 1995.

SANTOS, R. D. et al. Manual de Descrição e Coleta de Solo no Campo. Viçosa: SBCS, 2005. Acessível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/handle/doc/330369>

SOUZA, C. G. (coord.). Manual Técnico de Pedologia. P. 26-34. Rio de Janeiro: IBGE, 1994. (IBGE. Manuais Técnicos em Geociências, 04). Acessível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=295017>

TEIXEIRA, W.; TOLEDO, M.C.M.; FAIRCHILD, T.R.; TAIOLI, F. Decifrando a Terra. Companhia Editora Nacional, 2000.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CURI, Nilton. Vocabulário de Ciências do Solo. Campinas: Sociedade Brasileira de Ciências do Solo, 1993. Disponível em: <https://www.bdpa.cnpia.embrapa.br/consulta/busca?b=ad&id=329535&biblioteca=vazio&busca=autoria:%22CURI,N.%22&qFacets=autoria:%22CURI,N.%22&sort=&paginacao=t&paginaAtual=9>

EMBRAPA. Sistema Brasileiro de Classificação de Solos. Rio de Janeiro: EMBRAPA, 1999. Disponível em: <https://www.embrapa.br/solos/sibcs>

FERREIRA, P. H. de Moura. Princípios de Manejo e de Conservação do Solo. 3 ed. São Paulo: Nobel, 1992.

GUERRA, A. J. T.; SILVA, A. S. E.; BOTELHO, R. G. M. (org.). Erosão e Conservação dos Solos. Conceitos, Temas e Aplicações. São Paulo: Bertrand Brasil, 1999.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
DE GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA

4° PERÍODO

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ANDRADE, Manuel Correia de. Geografia Econômica. São Paulo: Ed. Atlas, 1999.
- BRADFORD, M. & KENT. Variações Demográficas: o Modelo de Malthus'. In: _____. Geografia Humana: Teorias e suas Aplicações. Lisboa: Gradiva, 1987.
- DAMIANI, Amélia. População e Geografia. São Paulo: Contexto, 2002.
- GEORGE, Pierre. Geografia da População. São Paulo: Difel, 2003.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Tendências Demográficas – uma análise da população com base nos resultados dos Censos Demográficos de 1940 a 2000. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=282733>
- Demografia do Brasil, Dados, Etnias, Taxas de Natalidade e Mortalidade, Crescimento Populacional. PNAD 2006; Censo 2010. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/>
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU / PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO – PNUD. Relatório do Desenvolvimento Humano, 2004: liberdade cultural num mundo diversificado. Lisboa: PNUD, 2004. Disponível em: https://www.lacult.unesco.org/docc/hdr04_po_complete.pdf
- Relatório do Desenvolvimento Humano (vários anos). Disponível em <https://www.undp.org/pt/brazil/desenvolvimento-humano/publications/relatorio-de-desenvolvimento-humano-2021-22>
- POPULATION REFERENCE BUREAU, 2001. Cuadro de La población mundial, 2001. Disponível em <https://www.prb.org/collections/data-sheets/>
- SANTOS, J.; LEVY, S. & SZMRECSÁNYI, T. (org.). Dinâmica da População: Teoria, Métodos e Técnicas de Análise. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980. Disponível em https://www.academia.edu/25139386/Coment%C3%A1rio_Singer_P_Migra%C3%A7%C3%B5es_internas_Considera%C3%A7%C3%B5es_te%C3%B3ricas_sobre_o_seu_estudo
- SINGER, Paul. Migrações Internas: Considerações Teóricas sobre seu Estudo. In: Moura, H. (1980), Migrações Internas: Textos Seleccionados, v.1. Fortaleza: BNB, 1976.
- THÉRY, H. & MELLO, N. Dinâmicas Populacionais. In: _____. Atlas do Brasil, São Paulo: Edusp, 2005. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/15921>
- TREWARTH, Glenn. Geografia da População, São Paulo: Atlas, 1974. Trad. da ed. de 1969.
- VERRIÈRE, Jacques. As Políticas de População, São Paulo: Difel, 1980.
- ZELINSKY, Wilbur. Introdução à Geografia da População, Rio de Janeiro: Zahar, 1969. Trad. da edição de 1966.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- ANDRADE, Manuel Correia de. O Processo de Ocupação do Espaço Regional do Nordeste, Recife: SUDENE, 1979.
- _____. et al. Atlas Escolar de Pernambuco. João Pessoa: Ed. GRAFSET, 2008.
- _____. et al. Geografia de Pernambuco: Ambiente e Sociedade. João Pessoa: Ed. GRAFSET, 2009.
- CASTRO, Josué de. Geografia da Fome. Apresentação de Milton Santos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- _____. Fome um Tema Proibido. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- _____. Homens e Caranguejos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- FREYRE, Gilberto. Nordeste. Aspectos da Influência da Cana sobre a Vida e a Paisagem do Nordeste do Brasil. São Paulo: Global, 2004
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Censos Demográficos Brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <https://memoria.ibge.gov.br/historia-do-ibge/historico-dos-censos/censos-demograficos.html>
- MELO, Mário Lacerda de (1976) Proletarização e Emigração nas Regiões Canavieira e Agrestina de Pernambuco. Ciência e Trópico 4 (1):7-28. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; ou in: Moura (1980), v.2.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
DE GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA

BAIROCH, Paul. Revolução Industrial e Subdesenvolvimento. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1976.

BECKOVCHÉ, Pierre. Indústria: Um Só Mundo. 4ª ed. São Paulo: Ed. Ática, 1995.

BOTELHO, A. Do Fordismo à Produção Flexível: A Produção do Espaço num Contexto de Mudança das Estratégias de Acumulação do Capital. Dissertação de Mestrado apresentada à FFLCH, Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, 2000.

CAMPELLO, Sebastião B. Nordeste: Quatro Séculos de Exploração. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1996.

CANO, Wilson. Desequilíbrios Regionais e Concentração Industrial no Brasil (1930- 1970). Programa Nacional de Pesquisa Econômica, Série Teses Universitárias, São Paulo: Global Editora/ Ed. da Unicamp, 1985.

DEAN, Warren. A Industrialização de São Paulo (1880- 1945). Série Corpo e Alma do Brasil, São Paulo/ Rio de Janeiro: Difel.

DEANE, Phyllis. A Revolução Industrial, 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1975.

HOBBSBAUM, Eric. A Era das Revoluções: 1789- 1842. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1979

MENDONÇA, Sônia. A Industrialização Brasileira. Ed. Moderna, 1995.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ANTUNES, Ricardo. Os Sentidos do Trabalho. São Paulo, 2001.

BARROS Nilson C. C. Geografia Humana: uma Introdução às suas Idéias. Série Teses Universitárias. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1993.

CARLOS, Ana Fani. Espaço e Indústria. 2ª ed. Coleção Repensando a Geografia. São Paulo: Contexto, 1989.

CERON, Antônio O. Revolução Industrial e Sistema Espacial Agrícola. In: Boletim de Geografia Teórica, v. 3, nº 5. Rio Claro: AGETEO, 1973. Disponível em <https://periodicos.ufs.br/geonordeste/article/view/10557>

DEAN, Warren. As Multinacionais: do Mercantilismo ao Capital Internacional. Coleção Primeiros Vóos. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.

DECCA, Edgar Salvatori de. O Nascimento das Fábricas. 8ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1991.

HOBBSBAUM, Eric. Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1979.

IGLESIAS, Francisco. A Revolução Industrial. 6ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981.

PIQUET, Rosélia. & RIBEIRO, Ana Clara Torres. Brasil Território da Desigualdade. Descaminho da Modernização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/Fundação Universitária José Bonifácio, 1991.

REBOUÇAS, Osmundo Evangelista et al. Desenvolvimento do Nordeste: Diagnóstico e Sugestões de Políticas. Revista Econômica do Nordeste, nº 2, abr/jun, v. 10. Fortaleza: Banco do Nordeste, 1979. Disponível em <https://www.banconordeste.gov.br/revista/ren/issue/archive>

SANTOS, Milton & SILVEIRA, Maria Laura. O Brasil Território e Sociedade no Início do Século XXI. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
DE GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

<input checked="" type="checkbox"/>	Disciplina	<input type="checkbox"/>	Estágio
<input type="checkbox"/>	Atividade Complementar	<input type="checkbox"/>	Módulo
<input type="checkbox"/>	Trabalho de Graduação	<input type="checkbox"/>	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
CG335	Geografia Regional do Brasil	02	01	03	60	4º

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

Divisão do Brasil em 5 (cinco) grandes regiões. A conquista e a ocupação do espaço. A exploração dos recursos naturais. A diversidade do quadro físico e suas influências no potencial econômico de cada região. O sistema urbano. A industrialização do Sudeste. O processo da migração europeia e suas consequências.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Divisão Regional do Brasil, de acordo com o IBGE.
2. A Divisão do Brasil em Macrorregiões Econômicas.
3. Questões Atuais da Reorganização do Território.
 - 3.1. A problemática da Amazônia
 - 3.2. O Nordeste na economia brasileira
 - 3.3. O Centro Sul
4. O Perfil Demográfico Brasileiro
5. A Dinâmica Socioespacial nas cidades Brasileiras
6. Reestruturação do Espaço Agrário
7. O desenvolvimento da atividade turística.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ANDRADE, Manoel Correia de. A Questão do Território no Brasil. São Paulo: HUCITEC/IPESPE, 1995.

_____. Formação Territorial e Econômica do Brasil. Recife: Ed. Massangana, 2007.

ARAÚJO, Tânia Bacelar. Nordeste, Nordestes: que Nordeste? In Guimarães Neto (coord.) Desigualdades Regionais e Desenvolvimento, São Paulo: Ed. da UNESP, 1995.

CAMPOLINA, Clélio. Repensando a Questão Regional Brasileira: Tendências, Desafios e Caminhos. In: Painéis sobre o Desenvolvimento Brasileiro. Seminário de Comemoração dos 50 Anos do BNDES. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/13900/1/Repensando%20a%20quest%C3%A3o%20regional%20brasileira.%20Tend%C3%Aancias%20%20desafios%20e%20caminhos_P.pdf

CANO, Wilson. Desequilíbrios Regionais e Concentração Industrial no Brasil (1930-1970), 1970-1995). Campinas: UNICAMP/IE, 1998. (30 anos de economia – UNICAMP, 2). 2ª ed. revista e ampliada.

CARDOSO DE MELO, João Manoel. O Capitalismo Tardio. Campinas: UNICAMP/IE, 1998. (30 anos de economia – UNICAMP, 4)

COUTINHO, L. O Desafio Urbano-Regional na Construção de um Projeto de Nação. In Gonçalves, Brandão e Galvão (orgs.) Regiões e Cidades, Cidades nas Regiões. O Desafio Urbano-regional. São Paulo: UNESP, 2000.

FAISSOL, S. O Espaço, Território, Sociedade e Desenvolvimento Brasileiro. Rio de Janeiro: IBGE, 1994.

FERNANDES, A C e NEGREIROS. Desenvolvimento Econômico, Divisão de Trabalho e Mudanças na Rede Urbana Brasileira. In: Fernandes e Valença (orgs.), Brasil Urbano, Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2004.

FERNANDES, A C e CASAGRANDE, E E. Eficiência e Equidade: Incurções Recentes em Torno de um Velho Debate a Partir das Regiões do Estado de São Paulo. In Gonçalves, Brandão e Galvão (orgs.). Regiões e Cidades, Cidades nas Regiões. O Desafio Urbano-regional. São Paulo: UNESP, 2000.

FURTADO, Celso. Formação Econômica do Brasil. , 31ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.

GALVÃO, A C e BRANDÃO, C. A. Fundamentos, Motivações e Limitações da Proposta dos Eixos Nacionais de Integração e Desenvolvimento. In Gonçalves, Brandão e Galvão (orgs.) Regiões e cidades, cidades nas regiões. O desafio urbano-regional. São Paulo: UNESP, 2000.

GUIMARÃES NETO, L (coord.). Desigualdades Regionais e Desenvolvimento. São Paulo: UNESP, 1995.

_____. A Formação Econômica do Nordeste. Recife: Ed. Massangana, 1989.

_____. Dinâmica Recente das Economias Regionais Brasileiras. In: São Paulo em Perspectiva. SEADE. V.9, nº3, 1995. Disponível em: <https://ipardes.emnuvens.com.br/revistaparanaense/article/view/356/305>

MINISTÉRIO DAS CIDADES. Tipologia das Cidades. Bitoun, Jan; Fernandes, Ana Cristina e Araújo, Tânia Bacelar. Disponível em: https://observatoriodasmetropoles.net.br/arquivos/biblioteca/abook_file/Vol2_tipologia_cidades_brasileiras.pdf

MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL. Política Nacional de Desenvolvimento Regional, 2005. Acessível em: <https://www.gov.br/mdr/pt-br/assuntos/desenvolvimento-regional/politica-nacional-de-desenvolvimento-regional>

MONTEIRO NETO, Aristides. Intervenção Estatal e Desigualdades Regionais no Brasil; Contribuições ao Debate Contemporâneo. IPEA, Texto para Discussão 1229, 2006. Disponível em: https://portalantigo.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/Cap_12_29.pdf

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ARAUJO, Tânia Bacelar. Ensaio sobre o Desenvolvimento Brasileiro: Heranças e Urgências. Rio de Janeiro FASE Ed. REVAN, 2000.

BAENINGER,, Rosana. Redistribuição Espacial da População e Urbanização. In: Regiões e Cidades, Cidades nas Regiões. São Paulo: UNESP e ANPUR. Flora Gonçalves, Carlos Antônio Brandão e Antônio Carlos Brandão (orgs.). 2003.

BECKER, Berta. Amazônia: Geopolítica na Virada do III Milênio. Ed. Garamond, 2004.

CAMPOLINA, Clélio. Desenvolvimento Poligonal no Brasil: nem Desconcentração nem Polarização. In: Revista Nova Economia. Belo Horizonte. 3 (1). Disponível em: <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/novaeconomia/article/view/2306/1247>

COHN, Amélia. Crise Regional e Planejamento. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1978.

CORREA, Roberto Lobato. Região e Organização Espacial. São Paulo: Ática, 1986.

_____. Trajetórias Geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CUNHA, Alexandre; SIMÕES, Rodrigo; DE PAULA, João Antônio. "Regionalização e História". CEDEPLAR/UFMG. Textos para discussão, nº 260. Belo Horizonte, maio de 2005. Disponível em: <https://www.abphe.org.br/arquivos/alexandre-mendes-cunha--rodrigo-ferreira-simoes--joao-antonio.pdf>

FURTADO, Celso. A Fantasia Organizada. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1985.

_____. A Fantasia Desfeita. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1989.

GONÇALVES, Maria Flora (org.). O Novo Brasil Urbano: Impasses, Dilemas, Perspectivas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.

IPEA/IBGE/NESUR (IE/UNICAMP). Caracterização e Tendências da Rede urbana do Brasil. UNICAMP/IE, 1999.

KAYSER, Bernard. A Região Como Objeto de Estudo da Geografia. In: GEORGE, Pierre; GUGLIELMO, R.; KAYSER, Bernard e LACOSTE, Yves. A Geografia Ativa. Rio de Janeiro: Difel, 1980. 5ª Ed.

MATOS, Ralfo. Fluxos Migratórios Regionais no Brasil Contemporâneo. In: Regiões e Cidades, Cidades nas Regiões. São Paulo: Ed. UNESP e ANPUR. Flora Gonçalves, Carlos Antônio Brandão e Antônio Carlos Brandão (orgs.). 2003. P. 229 a 272.

MORAES, Antônio Carlos Robert. Bases da Formação Territorial do Brasil.: o Território Colonial Brasileiro no "Longo" Século XVI. São Paulo: Hucitec, 2000.

OLIVEIRA, Francisco. Elegia para uma Re(li)gião. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. 4ª ed..

PERIDES, Paulo Pedro. A Divisão Regional do Brasil de 1945 – Realidade e Método. Revista Orientação (9). São Paulo: Departamento de Geografia/USP, 1992.

SANTOS, Milton. A Urbanização Brasileira. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
DE GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

<input checked="" type="checkbox"/>	Disciplina	<input type="checkbox"/>	Estágio
<input type="checkbox"/>	Atividade Complementar	<input type="checkbox"/>	Módulo
<input type="checkbox"/>	Trabalho de Graduação	<input type="checkbox"/>	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
CG666	Geomorfologia Estrutural	02	01	03	60	4º

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

Geomorfologia Climática e Geomorfologia Estrutural. Princípios da análise morfoestrutural. Conceito de estrutura em Geomorfologia. Grandes unidades geotectônicas. Tectônica Global. Relevo desenvolvido em estruturas falhadas e dobradas, Relevo em litologias particulares.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. A Geomorfologia Climática e a Geomorfologia Estrutural: comparações entre a análise climática e a análise morfoestrutural.
2. O conceito de estrutura em Geomorfologia. Os efeitos geomorfológicos das ações estruturais.
3. As influências da estrutura sobre o relevo
4. A tectônica Global. Características principais e a importância para análise de grandes unidades morfoestruturais.
5. Tectonismo ruptural e seus efeitos geomorfológicos
6. O tectonismo plástico e suas consequências geomorfológicas
7. Tipos de relevos estruturais
 - 7.1. Relevos esculpidos em rochas ígneas
 - 7.2. Relevos esculpidos em rochas metamórficas
 - 7.3. Relevos esculpidos em rochas sedimentares
 - 7.4. Relevos esculpidos em domos
 - 7.5. Relevos esculpidos em dobras.
8. O magmatismo e a formação do relevo terrestre
9. O relevo de plataformas
10. O relevo em estruturas cársticas
11. As grandes unidades Morfoestruturais: Maciços antigos; Bacias Sedimentares; Áreas de Dobramentos Modernos
 - 11.1. Do Globo Terrestre
 - 11.2. Do Brasil
 - 11.3. Do Nordeste brasileiro

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- AB' SÁBER, A. N. Megageomorfologia do Território Brasileiro. In: Geomorfologia do Brasil. CUNHA, S. B. da & GUERRA A. J. T. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand do Brasil, 1998.
- BLOOM, A. Superfície da Terra. São Paulo: Ed. Edgar Blücher, 1988.
- CASSETI, Valter. Introdução ao Estudo da Geomorfologia. In: Elementos de Geomorfologia. Ed. UFG, 2001. Disponível em: https://docs.ufpr.br/~santos/Geomorfologia_Geologia/Geomorfologia_ValterCasseti.pdf
- CHRISTOFOLETTI, A. Geomorfologia. São Paulo: Ed. Edgar Blücher, 1980.
- CUNHA, Sandra Baptista & GUERRA, Antônio José Teixeira. Geomorfologia do Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1998.
- FLORENZANO, T. G. Geomorfologia: Conceitos e Tecnologias Atuais. São Paulo: Oficina de Textos, 2008.
- GUERRA, Antônio José Teixeira & CUNHA, Sandra Baptista (orgs.). Geomorfologia: Uma Atualização de Bases e Conceitos. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- JATOBÁ, Lucivânio & LINS, Rachel Caldas. Introdução à Geomorfologia. Recife: Ed. Bagaço, 1998.
- PRESS, Frank. et al. Tradução Rualdo Menegat et al. Para Entender a Terra. Porto Alegre : Bookman, 2006.
- TEIXEIRA, Wilson et al. Decifrando a Terra. São Paulo: Oficina de Textos, 2002.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- ANDRADE, Gilberto Osório. A Gênese do Relevo Nordestino: Estado Atual dos Conhecimentos. V.2/3. p.1-13. Recife: Ed. Universitária da UFPE. Estudos Universitários, 1968.
- GUERRA, Antônio Teixeira & GUERRA, Antônio José Teixeira. Novo Dicionário Geológico-Geomorfológico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- NEVES, S. P. Dinâmica do Manto e Deformação Continental: uma Introdução à Geotectônica. 2 ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.
- PEULVAST, J. P. & CLAUDINO SALES, V. Stepped Surfaces and Palaeolandforms in the Northern Brazilian Nordeste: Constraints on Models of Morphotectonic Evolution. Geomorphology. N° 62, p. 89-122, 2004. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/223684995_Stepped_surfaces_and_palaeolandforms_in_the_northern_Brazilian_Nordeste_Constraints_on_model_s_of_morphotectonic_evolution
- _____. Aplainamento e Geodinâmica: Revisitando um Problema Clássico em Geomorfologia. Mercator Revista de Geografia da UFC, V.1, n° 1, p. 113-150. Fortaleza: CE BRASIL, 2002.
- SAADI, A. Neotectônica da Plataforma Brasileira: Esboço e Interpretação Preliminares. Geonomos. V. 1, p. 1-15. 1993. Disponível em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistageonomos/article/view/11459>

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
DE GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

<input checked="" type="checkbox"/>	Disciplina	<input type="checkbox"/>	Estágio
<input type="checkbox"/>	Atividade Complementar	<input type="checkbox"/>	Módulo
<input type="checkbox"/>	Trabalho de Graduação	<input type="checkbox"/>	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
CG665	Recursos Hídricos e Gestão de Bacias Hidrográficas	02	01	03	60	4º

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

Parâmetros físicos fundamentais da atmosfera; ordens de grandeza. Elementos de hidrologia. O ciclo hidrológico e a equação fundamental: precipitações, escoamento superficial, evaporação, transpiração, infiltração. Parâmetros fundamentais de uma rede de drenagem. A gestão de bacia Hidrográfica: conceitos e modelos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. A Hidrogeografia
 - 1.1. Conceito e divisão
 - 1.2. Importância da Hidrogeografia para as Ciências Geográficas
2. A Oceanografia
 - 2.1. Propriedades físicas dos oceanos
 - 2.2. Relevo submarino
 - 2.3. Atividades destrutivas dos oceanos
 - 2.4. Atividades construtivas dos oceanos
3. Água Continental no Subsolo
 - 3.1. Armazenadores de água subterrânea
 - 3.2. Movimentos de água subterrânea
 - 3.3. Fontes
 - 3.4. Propriedades da água subterrânea
4. Águas continentais se superfície
 - 4.1. Rios: generalidades - erosão fluvial - fases de um rio - transporte do material - sedimentação fluvial - previsão de enchentes.
 - 4.2. Características gerais das bacias hidrográficas.
 - 4.3. Formas de aproveitamento das águas continentais de superfície.
5. Gestão de bacia hidrográfica (GBH)
 - 5.1. Conceitos e importância
 - 5.2. Os Principais Modelos de Gestão de Bacia Hidrográfica
 - 5.3. Gestão de Bacia Hidrográfica: o caso do Beberibe.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CAMPOS, Hernani Loebler. A Bacia Hidrográfica do Beberibe: um Enfoque Ambiental. Dissertação de Mestrado. Departamento de Ciências Geográficas. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1991.

CUNHA, Sandra Baptista da. Geomorfologia Fluvial. In: GUERRA, A. J. T. e CUNHA, S. B. (org.). Geomorfologia: uma Atualização de Bases e Conceitos, 3ª ed., p.211-252. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

DE MARTONNE, Emanuel. Panorama da Geografia. Livro 1 – Geografia Física, p. 297-431. Lisboa: Edições Cosmos, 1953.

REBOUÇAS, A. C.; BRAGA, B.; TUNDISI, J. G. Águas Doces no Brasil: Capital Ecológico, Uso e Conservação. São Paulo: Escrituras, 2002.

_____. Uso Inteligente da Água. São Paulo: Escrituras, 2004.

SCHMIEGELOW, J. M. M. O Planeta Azul: uma Introdução às Ciências Marinhas. Rio de Janeiro: Ed. Interciência, 2004.

TUNDISI, J.G. Água no Século XXI: Enfrentando a Escassez. São Carlos: Rima, 2003.

VILLELA, M. S.; MATOS, A. Hidrologia Aplicada, São Paulo: Ed. Mc Graw Hill do Brasil, 1975.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BRAGA, R. A. P. et al. Gestão Ambiental da Bacia do Rio Tapacurá – Plano de Ação. Universidade Federal de Pernambuco / CTG / DECIVIL / GRH – Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2001

CAMPOS, H. L. Gestão de Bacia Hidrográfica: Pressupostos Básicos. In: SÁ, A. J.; CORRÊA, A. C. B. (org.). Regionalização e Análise Regional. P. 91-111. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.

CHRISTOFOLETTI, A. Modelagem de Sistemas Ambientais. São Paulo: Edgar Blücher, 1999.

_____. Bacias Hidrográficas In: CUNHA, S. B.; GUERRA, A. J. T. (org.). Geomorfologia do Brasil. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CLARKE, R. e KING, J. O Atlas da Água. São Paulo: Publifolha, 2005

GALVÍNCIO, Josicleda D. Balanço Hídrico à Superfície da Bacia Hidrográfica do Açude Epitácio Pessoa. Revista Brasileira de Recursos Hídricos – RBRH, v.11, n°03, jul/set, p.135-146, 2006. Disponível em: https://abrh.s3.sa-east-1.amazonaws.com/Sumarios/23/e6ad2fd519b09d9b90a1bef96a18a961_dbbf4e33e7f5a291e333ed137275fa8e.pdf

GUERRA, A. J. T. e GUERRA, A. T. Novo Dicionário Geológico–Geomorfológico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

LEINZ, V. e AMARAL, S. E. Geologia Geral. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1996.

POPP, J.H. Geologia Geral. São Paulo: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

PREFEITURA da Cidade do Recife. Atlas Ambiental da Cidade do Recife. In: Vasconcelos, R. F. A.; BEZERRA, O. G. (org.). Recife: Secretaria de Planejamento, Urbanismo e Meio Ambiente, 2000.

SILVEIRA, A. L. L. Ciclo Hidrológico e Bacia Hidrográfica. In: Tucci, C. E. M. (org.). Hidrologia: Ciência e Aplicação. Porto Alegre: Associação Brasileira de Recursos Hídricos – ABRH, Ed. da UFRGS, 2000.

SKINNER, B. J.; TUREKIAN, K. K. O Homem e o Oceano. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo.

TEIXEIRA, W.; TOLEDO, M. C.M.; FAIRCHILD, T. R.; TAIOLI, F. Decifrando a Terra. São Paulo: Oficina de Textos, 2000.

TUCCI, C. E. M. Inundações Urbanas In: Tucci, C. E. M.; Porto, R. L. e Barros, M. T. (org.) Drenagem Urbana 5. Porto Alegre: Associação Brasileira de Recursos Hídricos – ABRH, Ed. da UFRGS, 1995.

_____. Hidrologia: Ciência e Aplicação. In: Tucci, C.E.M. (org.). Hidrologia: Ciência e Aplicação. Porto Alegre: Associação Brasileira de Recursos Hídricos – ABRH, Ed. da UFRGS, 2000.

_____. Aspectos Institucionais do Controle das Inundações Urbanas. In: TUCCI, C.E.M. e MARQUES, D.M.L.M. (org.). Avaliação e Controle de Drenagem Urbana. Porto Alegre: Associação Brasileira de Recursos Hídricos – ABRH, v. 2, 2001.

_____. Gerenciamento da Drenagem Urbana. In: Tucci, C.E.M. e Marques, D.M.L.M. (org.). Avaliação e Controle de Drenagem Urbana. Porto Alegre: Associação Brasileira de Recursos Hídricos – ABRH, v. 2, 2001.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
DE GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA

5° PERÍODO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

<input checked="" type="checkbox"/>	Disciplina	<input type="checkbox"/>	Estágio
<input type="checkbox"/>	Atividade Complementar	<input type="checkbox"/>	Módulo
<input type="checkbox"/>	Trabalho de Graduação	<input type="checkbox"/>	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
CG648	Climatologia Dinâmica	02	01	03	60	5º

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

Classificações Climáticas: objetivos, critérios de análise e problemas de aplicação; as bases para uma classificação climáticas; os esquemas de classificação genéticos de A. Strahler, Flohn e Terjung & Louie; análise dos tipos climáticos e aplicação regional; os modelos empíricos de classificação de W. Köppen, Miller, Gausssen e Bagnouls e Thorthwaite, análise dos tipos climáticos e aplicação regional.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Classificações Climáticas.
 - 1.1. Introdução.
 - 1.2. Objetivos, critérios de análise e problemas de aplicação.
 - 1.3. Abordagem aplicada à Classificação Climática.
 - 1.4. Os esquemas genéticos e empíricos.
2. A Classificação Genética dos Climas segundo Arthur Sthaler (1969).
 - 2.1. Critérios utilizados.
 - 2.2. Análise dos Tipos Climáticos.
 - 2.3. Aplicação ao Brasil.
3. Classificação Genética dos Climas de acordo com Flohn (1950) e Terjunge & Louie.
 - 3.1. Critérios de classificação.
 - 3.2. Análise e aplicação dos Tipos Climáticos.
4. O Modelo Empírico de Classificação Climática de Wladimir Koppen.
 - 4.1. Objetivos e critérios de análise.
 - 4.2. O esquema de classificação: grandes grupos de climas e suas subdivisões.
 - 4.3. Análise de dados meteorológicos de temperatura e precipitação.
 - 4.4. Construção de Climogramas e Cartogramas de Isoietas para Análise dos Climas Regionais.
5. Classificação Empírica de Miller: critérios de análise e Tipos Climáticos.
6. Classificação Empírica de Emmanuel De Martonne.
 - 6.1. Critérios de análise e Tipos Climáticos.
 - 6.2. O Índice de Aridez.
7. A Classificação de Gausssen & Bagnouls.
 - 7.1. As Bases da Classificação: índice Xerotérmico e determinação da estação seca.
 - 7.2. Construção de Diagrama Ombrotérmico.
 - 7.3. Os Tipos Climáticos.
8. A Classificação Climática de Thorthwaite: critérios de classificação.
 - 8.1. Evapotranspiração Potencial e o cálculo do Balanço Hídrico.
 - 8.2. O Curso de Balanço Hídrico: análise de dados.
 - 8.3. Os Tipos Climáticos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ANDRADE, Gilberto Osório de; LINS, Rachel Caldas Os climas. In: AZEVEDO, Aroldo (Org.). Brasil A Terra e o Homem. 2ª ed. São Paulo: Nacional, 1968b.
- AYOADE, J. O. Introdução à Climatologia para os Trópicos. São Paulo: Bertrand Brasil, 1991.
- CONTI, José Bueno. Clima e Meio Ambiente. São Paulo: Atual, 1998. (Série Meio Ambiente).
- FLANNERY, Tim. Os Senhores do Clima. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- GORE, Albert. Uma Verdade Inconveniente: o que devemos saber (e fazer) sobre o Aquecimento Global. Barueri, São Paulo: Manole, 2006.
- MENDONÇA, Francisco; DANNY-OLIVEIRA, Inês M. Climatologia: Noções Básicas e Climas do Brasil. São Paulo: Oficina de Textos, 2007
- MONTEIRO, Carlos Augusto F.; MENDONÇA, Francisco. Clima Urbano. São Paulo: Contexto, 2003.
- NIMER, Edmon. Climatologia do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 1989.
- PEARCE, Fred. Aquecimento Global. São Paulo: Publifolha, 2002.
- RIBEIRO, C. M.; LE SANN, J. G. O Diagrama Ombrotérmico e Classificação Climática de Bagnouls e Gaussen. Belo Horizonte. Revista Geográfica e Ensino. UFMG ano 2, 1985. Disponível em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/geografias/issue/archive>
- SILVA, José de Fátima. El nino: O Fenômeno do Século. Brasília: Thesaurus, 2000.
- VAREJÃO-SILVA, M. A. Meteorologia e Climatologia. Brasília: INMET, Gráfica e Editora PAX, 2001. Disponível em https://icat.ufal.br/laboratorio/clima/data/uploads/pdf/METEOROLOGIA_E_CLIMATOLOGIA_VD2_Mar_2006.pdf

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- ANDRADE, Gilberto Osório; LINS, Rachel Caldas. Os Climas do Nordeste. Revista de Geografia. v.17, n.1. Recife: UFPE/DCG, 2001.
- _____. Introdução ao Estudo dos "Brejos". Arquivos, nº2 Recife: Imprensa Universitária, 1964.
- COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. Nosso Futuro Comum. 2ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991.
- GALVÃO, Marília Veloso. Regiões Bioclimáticas do Brasil. Revista Brasileira de Geografia. Ano 29, nº 1, jan/mar. Rio de Janeiro : IBGE, 1967.
- JATOBÁ, Lucivânio. Considerações sobre a Climatologia do Trópico Semi-árido Brasileiro. Revista da AGB –secção local. N°4, Dourados, MT, 1996.
- LINS, Rachel Caldas. Características Ambientais das Áreas de Exceção do Semi-árido Nordeste. Revista do IBEP: Geografia. , Ano 1, n.4. São Paulo, 2001.
- LINS, Carlos Caldas; CÂMARA, Maria Jaci. A Região Semi-árida do Nordeste do Brasil. Revista do IBEP: Geografia. Ano 1, n.4. São Paulo, 2001.
- MOLLION, Luiz Carlos B. Aquecimento Global: Fato ou Ficção. Revista do IBEP: Geografia. Ano 1, nº.4, p. 6-9, novembro. São Paulo, 2001.
- PORTO, K. C.; CABRAL J. J. P. ;TABARELLI M. Brejos de Altitude em Pernambuco e Paraíba: História Natural, Ecologia e Conservação. Brasília: MMA, 2004.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
DE GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

<input checked="" type="checkbox"/>	Disciplina	<input type="checkbox"/>	Estágio
<input type="checkbox"/>	Atividade Complementar	<input type="checkbox"/>	Módulo
<input type="checkbox"/>	Trabalho de Graduação	<input type="checkbox"/>	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
CG237	Geografia Agrária	02	01	03	60	5º

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

Geografia Agrária: noções conceituais e metodológicas. Elementos constitutivos do espaço agrário. Sistemas agrícolas e uso do solo. Estrutura agrária e relações de trabalho no campo. Habitat rural. Dinâmica da população rural. Política agrícola.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Geografia Agrária: noções conceituais e metodológicas
 - 1.1. Definição e objeto da Geografia Agrária
 - 1.2. A evolução dos conceitos geográficos e a abordagem do espaço agrário
 - 1.3. Os elementos constitutivos do espaço agrário
 - 1.4. Conhecimentos auxiliares e aplicações da disciplina.
2. Sistemas Agrícolas e Uso do Solo
 - 2.1. As relações sociedade-natureza nas atividades agrícolas
 - 2.2. O processo de trabalho nas atividades agrícolas
 - 2.3. O processo de trabalho nas atividades pastoris
 - 2.4. O mapeamento do uso do solo
 - 2.5. Os sistemas mundiais de cultura
 - 2.6. O uso do solo no Brasil
3. Estrutura Agrária e Relações de Trabalho no Campo
 - 3.1. Elementos constitutivos da estrutura agrária
 - 3.2. Antecedentes históricos da estrutura agrária brasileira
 - 3.3. Estrutura fundiária: categorias de imóveis rurais
 - 3.4. Categorias de produtores e renda da terra
 - 3.5. Relações de trabalho e conflitos sociais no campo
 - 3.6. As fontes de dados estatísticos: limitações e possibilidades de comparação.
4. Habitat Rural
 - 4.1. Fatores que influenciam o habitat rural
 - 4.2. Tipos e características do habitat rural
 - 4.3. A problemática agrária e a dinâmica da população rural
 - 4.4. A problemática agrária e a política agrícola
 - 4.5. Fronteira agrícola

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ABRAMOVAY, Ricardo. Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão. São Paulo: Hucitec- ANPOCS, 1992.

ALTIERI, Miguel A. O Agroecossistema: Determinantes, Recursos e Processos. In: __. Agroecologia: as Bases Científicas da Agricultura Alternativa. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989.

ANDRADE, Manuel Correia de. Agricultura & Capitalismo. São Paulo: Livraria Editora de Ciências Humanas, 1979.

- _____. Geografia Econômica. São Paulo: Atlas, 1999.
- _____. Modernização e Pobreza: A Expansão da Agroindústria Açucareira e seu Impacto Ecológico e Social. São Paulo: Ed. da UNESP, 1994.
- _____. A Terra e o Homem no Nordeste. Contribuição ao Estudo da Questão Agrária no Nordeste. 7. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2005.
- _____ e ANDRADE, Sandra Maria Correia. A Cana de Açúcar na Região da Mata Pernambucana. Reestruturação Produtiva na Área Canavieira de Pernambuco nas Décadas de 80 e 90: Impacto Ambiental, Sócio-econômico e Político. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2001.
- AYOADE, J. O. Introdução à Climatologia para os Trópicos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BRASILEIRO, Robson S. Agricultura Orgânica e Conservação Ambiental: uma Alternativa de Fortalecimento da Produção Familiar no Assentamento Chico Mendes em Pombos/PE. Recife, 2006. 157f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Ciências Geográficas, Universidade Federal de Pernambuco.
- CAVALCANTI, J. Salete Barbosa (org.) Globalização, Trabalho, Meio Ambiente. Mudanças Socioeconômicas em Regiões Frutícolas para Exportação. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1999.
- DOLLFUSS, Olivier. O Espaço Geográfico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.
- DREW David. Processos Interativos Homem-Meio Ambiente. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- FERNANDES, Bernardo Mançano; MARQUES, Marta Inez M.; SUZUKI, Júlio César (org.). Geografia Agrária: Teoria e Poder. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- GEORGE, Pierre. Geografia Agrícola do Mundo. São Paulo: Difel, 1978.
- HEES, Dora Rodrigues. A Reestruturação do Espaço Agrário. In: IBGE. Atlas Nacional do Brasil. 3. ed. Rio de Janeiro, 2000.
- MARTINS, José de Souza. O Cativo da Terra. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.
- MINTZ, Sidney W. O Poder Amargo do Açúcar. Produtores Escravizados, Consumidores Proletarizados. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2003.
- OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino de. Agricultura Camponesa no Brasil. São Paulo: Ática, 1991.
- _____. Agricultura Brasileira – Transformações Recentes. In: ROSS, Jurandyr (org.) Geografia do Brasil. São Paulo: Edusp, 1995.
- SCHNEIDER, Sérgio. Agricultura Familiar e Industrialização: Pluriatividade e Industrialização no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Ed. da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.
- SILVA, José Graziano da. Estrutura Agrária e Produção de Subsistência na Agricultura Brasileira. São Paulo: HUCITEC, 1978.
- _____. A Modernização Dolorosa. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1982.
- _____. A Nova Dinâmica da Agricultura Brasileira. Campinas: UNICAMP, 1996.
- VALVERDE, Orlando. Estudos de Geografia Agrária Brasileira. Petrópolis: Vozes, 1984.
- VEIGA, José Eli da. Destinos da Ruralidade no Processo de Globalização. Rev. Estudos Avançados USP, v. 18, n. 51. São Paulo, 2004.
- WAIBEL, Léo. O Sistema da Geografia Agrária. In: Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- CARNEIRO, Maria José. A Pluriatividade na Agricultura Familiar. Revista Estudos Sociedade e Agricultura, n°19, out. 2002.
- _____; MALUF, Renato (orgs.). Para além da Produção. Multifuncionalidade e Agricultura Familiar. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. MST. Formação e Territorialização. São Paulo: Hucitec, 1996.
- FREYRE, Gilberto. Nordeste. Aspectos da Influência da Cana sobre a Vida e a Paisagem do Nordeste do Brasil. São Paulo: Global, 2004.
- GARCIA JÚNIOR, Afrânio. A Sociedade Rural no Brasil entre Escravos do Passado e Parceiros do Futuro. Revista Estudos Sociedade e Agricultura, n°19, out. 2002.
- LACOSTE, Yves. Geografia do Subdesenvolvimento (Geopolítica de uma Crise). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.
- _____ e SILVEIRA, Maria Laura. A Modernização da Agricultura. In: O Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- SUASSUNA, João. Contribuição ao Estudo Hidrológico do Semi-árido Nordestino. Recife: Massangana, 2000
- SUERTEGARAY, Dirce M. A. Geografia e Trabalho de Campo. In: Geografia Física e Geomorfologia: uma (re)leitura. Ijuí: ed. Unijuí, 2002.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
DE GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

<input checked="" type="checkbox"/>	Disciplina	<input type="checkbox"/>	Estágio
<input type="checkbox"/>	Atividade Complementar	<input type="checkbox"/>	Módulo
<input type="checkbox"/>	Trabalho de Graduação	<input type="checkbox"/>	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
CG307	Geografia dos Serviços	02	01	03	60	5º

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

Visão retrospectiva do comércio mundial. As rotas comerciais. Monopólio comercial e estruturação colonial. Produtos manufaturados e matérias primas no comércio mundial: origens, destinos. Zonas ecológicas e comércio. Os blocos territoriais comerciais. Comércio no Brasil. Comércio e serviços e estruturação do espaço. Os serviços públicos e privados, em seus desdobramentos territoriais. Tecnologias, mudanças e rearranjos espaciais dos serviços, a níveis mundial e local.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. O Comércio
 - 1.1. A Atividade Comercial: visão retrospectiva
 - 1.2. Rotas comerciais e civilização na Antigüidade
 - 1.3. Rotas comerciais e mercados na Idade Média
 - 1.4. Revolução Comercial e os monopólios comerciais
 - 1.5. Os impactos em organização do espaço do comércio de manufaturados matérias primas industriais.
 - 1.6. Industrialização periférica e novos padrões de fluxos comerciais
 - 1.7. As zonas ecológicas e efeitos nos padrões de fluxos de comércio
 - 1.8. A formação dos grandes blocos comerciais mundiais
 - 1.9. Aspectos territoriais da evolução do comércio no Brasil.
2. O Comércio, Sistemas de Cidades e Organização do Espaço Urbano
 - 2.1. O papel da atividade comercial na formação dos sistemas de cidades.
 - 2.2. O comércio, suas diversas formas e o interior do espaço urbano.
3. Os Serviços Privados e Públicos em seus Desdobramentos Espaciais
 - 3.1. Os serviços de comunicação
 - 3.2. Os serviços de transporte
 - 3.3. Os serviços de saúde
 - 3.4. Os serviços de educação
 - 3.5. Os serviços de assistência técnica e científica
 - 3.6. Os serviços de segurança
 - 3.7. Os serviços pessoais e de lazer
 - 3.8. Efeitos das alterações tecnológicas nos padrões de distribuição dos serviços.
4. O Papel da Rede de Serviços na Estruturação do Espaço
 - 4.1. Os serviços vistos pela ótica dos lugares centrais
 - 4.2. O estudo do comércio e serviços em suas distribuições e perfil no contexto dos países em desenvolvimento.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALBUQUERQUE, Áurea Fabiana Apolinário de. Pequenas Empresas de Serviços no Nordeste do Brasil e Estados do Ceará, Pernambuco e Bahia. Dissertação (Mestrado em Economia). Recife: CCSA-UFPE, 2000

BAILLY, Antoine. Image de L'Espce et Pratiques Commerciales: L' apport de La Géographie de La Perception. Annales de Géographie. Paris, n° 518, juillet-août, 1984.

_____. Le Role des Activités des Services dans Le Développement Régional Suisse. Annales de Géographie. Paris, n° 523, mai-juin, 1985.

- BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline & CHABOT, Georges. Tratado de Geografia Urbana. Barcelona: Editorial- Vicens-Vives, 1975.
- BELL, Daniel. O Advento da Sociedade Pós-industrial. São Paulo: Cultrix, 1973.
- BITOUN, Jan. Para uma Geografia do Centro do Recife. In: JATOBÁ, Lucivânio (org.). Estudos Nordestinos sobre Crescimento Urbano. Recife: Massangana, 1987.
- _____. Regulamentação e Dinâmica das Localizações Comerciais no Recife (Brasil). Revista de Geografia. V.16, nº1, jan/dez., 2000.
- BRASIL. Planejamento Cicloviário: Diagnóstico Nacional. Empresa Brasileira de Planejamento de Transportes, 2000.
- CACHINHO, Herculano. Os Novos Espaços de Consumo. Estudos para Planejamento Regional e Urbano. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos/Universidade de Lisboa, 1991.
- CAMARGO JÚNIOR, Wagner V. P. de. Os Sintomas do Território Usado: A Saúde em Campinas. In: SOUZA, Maria Adélia de. (org.). Território Brasileiro. Usos e Abusos. Campinas: Edições Territoriais, 2003.
- CAMPOS, Heleniza Avila. Permanências e Mudanças no Quadro de Requalificação Sócio-espacial da Área Central do Recife/PE. Estudo sobre Territorialidades Urbanas em Dois Setores "Revitalizados". Tese (Doutorado em Geografia). Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.
- CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultural, v.1.
- CASTILHO, Cláudio Jorge Moura de. As Atividades dos Serviços, sua História e o seu Papel na Organização do Espaço Urbano: Uma "Nova" Perspectiva para a Análise Geográfica? Revista de Geografia. Recife, v.14, nº 1-2, jan/dez. 1998.
- _____. A Organização Espacial da Rede de Ensino Público Municipal da Cidade do Recife. Dissertação (Mestrado em Geografia). Recife, DCG/UFPE, 1993.
- _____. A Turistificação do Espaço da Cidade do Recife: uma Estratégia para o Desenvolvimento Sócio-espacial Local. Espaço e Geografia. v.3, nº1 Brasília, 2000.
- _____. Comércio e Turismo: o seu Rebatimento no Processo de Produção do Espaço em Recife. Revista de Geografia. v.17, nº2. Recife, 2001.
- _____. Espaço Turístico e Representações Sociais: Permanência ou Mudança da Realidade Existente? Cadernos do Ceas, nº191. Salvador, jan./fev. 2001.
- _____. Tourisme et Mobilité Socio-géographique des Pauvres à Recife/Brésil. Paris: Presses Universitaires du Septentrion, 2002.
- _____. Serviços Urbanos e Perspectivas Concretas de Criação de Trabalho em Recife: em Busca da Integração dos Pobres e do Desenvolvimento Socioespacial. Território, Bogotá, nº 10/11, febrero, 2003.
- COSTA, Kátia Cristina Ribeiro da. Shopping Center Recife: Conflitos e Valorização do Espaço. Dissertação (Mestrado em Geografia). Recife, DCG/UFPE, 1995.
- COUTINHO, Maria Cristina. As Transformações do/no Projeto Recife. Redirecionamento. Uma Análise da Relação entre Planejamento Urbano e Movimento Popular. Dissertação (Mestrado em Geografia). Recife, DCG/UFPE
- HARVEY David. Condição Pós-moderna. Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural. São Paulo: Loyola, 1996.
- PINHEIRO, Antônio Carlos F. A Organização Espacial da Segurança Pública na Região Metropolitana do Recife: o Caso da Polícia Civil. Dissertação (Mestrado em Geografia) Recife, DCG/UFPE, 1989.
- SANTOS, Edinilza Barbosa dos. Os Pequenos Centros Comerciais e a (Re)organização do Espaço Urbano: o Caso do Bairro Manaíra, em João Pessoa. Dissertação (Mestrado em Geografia). Recife, DCG/UFPE, 2002.
- SCHOR, Evelyn. Vendendo a Cidade. O Empresariamento Urbano no Recife. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano). Recife, MDU/UFPE, 1996.
- SILVEIRA, Márcio Rogério. A Importância Geoeconômica das Estradas de Ferro no Brasil. Presidente Prudente: FCT/UNESP, 2003. (Tese de Doutorado).
- ZANCHETI, Sívio Mendes. Distribuição das Atividades Econômicas no Espaço Urbano do Recife: 1850-1881. Espaço & Debates, ano X, nº29. São Paulo, 1990.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- ANDRADE, Manuel Correia de. A Cidade: Sua Formação e Importância como Centro de Produção e de Prestação de Serviços. Capítulo 19. Geografia Econômica. São Paulo: Atlas, 1999.
- ANJOS JR., Moacir (org). Descentralização de Políticas Sociais em Pernambuco. Recife: Fundaj/Massangana, 1998. (Estudos e Pesquisas, 100).
- BAUD, Pascal et al Dictionnaire de Géographie. Paris: Hatier, 1995.
- BENKO, Georges. Economia, Espaço e Globalização na Aurora do Século XXI. São Paulo: Hucitec, 1998.
- BRASIL. Pesquisa Anual de Serviços. Rio de Janeiro: IBGE, 1998-1999.
- _____. Pesquisa Anual de Serviços. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.
- _____. Pesquisa Anual de Serviços. Rio de Janeiro: IBGE, 2001.
- _____. Pesquisa Anual de Serviços. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.
- DERRUAU, Max. Geografia Humana. Lisboa: Editorial Presença Ltda, 1973.
- FERNANDES, Antônio Sérgio Araújo. Empresariamento Urbano em Salvador: a recuperação do Centro Histórico Pelourinho. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano). Recife, MDU/UFPE, 1998.

GEORGE, Pierre. Populações Ativas. Rio de Janeiro: Difel, 1979.

HARVEY, David. Do Gerenciamento ao Empresariamento: a Transformação da Administração Urbana no Capitalismo Tardio. Espaço & Debates. São Paulo, ano XVI, nº39, 1996.

HAUGTON, Graham & WHILE, Adam. From Corporate City to Citizens City? Urban Leadership After Local Entrepreneurialism in the United Kingdom. Urban Affairs Review. St. Louis, v.35, nº1, 1999.

MULLINS, Patrick et al. Cities and Consumption Spaces. Urban Affairs Review. St. Louis, v.35, nº1, p.44-71, september, 1999

ROCHFORT, Michel. Redes e Sistemas. Ensinando sobre o Urbano e a Região. São Paulo: Hucitec, 1998.

SANTOS, Milton. A Urbanização Desigual: a Especificidade do Fenômeno Urbano em Países Subdesenvolvidos. Petrópolis: Vozes, 1982.

_____. Economia Espacial. Críticas e Alternativas. São Paulo: Edusp, 2003.

_____. O Espaço do Cidadão. São Paulo: Hucitec, 1987.

SOUZA, Aldemir do Vale & ARAÚJO, Tarcísio Patrício de. Apoio à Microempresa: Limites do Possível. Um Estudo da Expansão Subordinada de Pequenos Negócios Urbanos no Grande Recife. Recife: SUDENE/Massangana, 1983..

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
DE GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

<input checked="" type="checkbox"/>	Disciplina	<input type="checkbox"/>	Estágio
<input type="checkbox"/>	Atividade Complementar	<input type="checkbox"/>	Módulo
<input type="checkbox"/>	Trabalho de Graduação	<input type="checkbox"/>	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
CG646	Geografia Urbana	02	01	03	60	5º

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

A Geografia urbana. A cidade na história. As formas de apreensão do fenômeno urbano pelas várias “objetivações” do conhecimento científico. As categorias de análise da cidade. A fragmentação urbana. As cidades e o processo de globalização.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Elementos para o Ensino da Geografia Urbana
 - 1.1. A geografia urbana
 - 1.2. Objeto de estudo da geografia urbana
 - 1.3. Conceitos referentes à cidade e o urbano
 - 1.4. Métodos e técnicas de apreensão da cidade e do urbano
2. A cidade na história e a história na cidade
 - 2.1. Gênese da cidade: santuário, aldeia, fortaleza
 - 2.2. Formas urbanas criadas ao longo do tempo histórico: cidade antiga, cidade mercantil, cidade industrial, cidade pós-industrial
 - 2.3 Evolução urbana: crescimento urbano e urbanização
3. O espaço urbano enquanto uma dimensão interdisciplinar
 - 3.1. Sociologia urbana
 - 3.2. Economia urbana
 - 3.3. Antropologia Urbana

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ABREU, Maurício de Almeida. Estudo Geográfico da Cidade no Brasil: Evolução e Avaliação (Contribuição à História do Pensamento Geográfico Brasileiro). Revista Brasileira de Geografia, v. 56, nº 1-4. Rio de Janeiro, 1994.

ACSELRAD, Henri (org). A Duração das Cidades: Sustentabilidade e Riscos nas Políticas Urbanas. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

ANDRADE, Manoel Correia de. Geografia Econômica. São Paulo : Atlas, 1999.

BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline & CHABOT, Georges. Tratado de Geografia Urbana
 Barcelona: Editorial-Vicens-Vives, 1975.

BITOUN, Jan. A Intervenção no Espaço Urbano: Memória e Identidade – Ensaio sobre o Recife. Recife: Departamento de Ciências Geográficas/UFPE, 1990.

_____. Recife, uma Interpretação Geográfica. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. Os Caminhos da Reflexão sobre a Cidade e o Urbano. São Paulo: Edusp, 1994.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A Cidade. São Paulo: Contexto, 1992. (Coleção Repensando a Geografia).

_____. Espaço-Tempo na Metrópole. A Fragmentação da Vida Cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.

- _____. & LEMOS, Amália Inês Geraiges (orgs.). Dilemas Urbanos. Novas Abordagens sobre a Cidade. São Paulo: Contexto, 2003.
- CASTELLS, Manuel. A Questão Urbana. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- CASTILHO, Cláudio Jorge Moura de. Tourisme et Mobilité Sécio—géographique des Pauvres à Recife. Paris: Presses du Septentrion, 2002.
- _____. Movimentos Sociais Urbanos e Construção do Espaço do Cidadão em Lugares Pobres do Recife: Objetos e Ações que Constroem os “Nós” das Redes Socioespaciais, como Pontos de Articulação à Efetivação de uma Práxis que Promova uma Nova Organização Socioespacial. Recife: Departamento de Ciências Geográficas/Universidade Federal de Pernambuco, 2003.
- CASTRO, Josué de. Fatores de Localização da Cidade do Recife: um Ensaio de Geografia Urbana. Prefeitura da Cidade do Recife/ Editora Massangana, 2008.
- CLARK, David. Introdução à Geografia Urbana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999
- CORRÊA, Roberto Lobato. O Espaço Urbano. São Paulo: Ática, 1998. (Série Princípios).
- _____. A Rede Urbana. São Paulo: Ática, 1989 (Série Princípios)
- FERNANDES, Ana Cristina. Da Reestruturação Corporativa à Competição entre Cidades: Lições Urbanas sobre os Ajustes de Interesses Globais e Locais no Capitalismo Contemporâneo. Espaço & Debates, ano XVII, n° 41, São Paulo, 2001.
- GEORGE, Pierre. Sociologia e Geografia. Rio de Janeiro: Forense, 1969.
- _____. Geografia Urbana. São Paulo: DIFEL, 1983.
- GOITIA, Fernando Chueca. Breve História do Urbanismo. Lisboa: Presença, 1996.
- GOMES, Edvânia Torres Aguiar. Recortes de Paisagens na Cidade do Recife: uma Abordagem Geográfica. Tese (Doutorado em Geografia). São Paulo, 1997. Recife: Publicada pela Editora Massangana, 2008.
- HARVEY, David. Justiça Social e Cidade. São Paulo: Hucitec, 1980.
- _____. Do Gerenciamento ao Empresariamento: a Transformação da Administração Urbana no Capitalismo Tardio. Espaço e Debates, ano XVI, n°39. São Paulo, 1996.
- _____. Condição Pós-moderna. Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural. São Paulo: Loyola, 1996.
- JOHNSON, James. Geografia Urbana. Barcelona: Oikos-tau S.A Ediciones, 1974.
- LINS, Rachel Caldas. Alguns Aspectos Originais do Sítio Urbano do Recife. Capítulos de Geografia do Nordeste. Recife, 1982
- MUMFORD, Lewis. A Cidade na História. Suas Origens, Transformações e Perspectivas. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- SANTOS, Milton. A urbanização Desigual: a Especificidade do Fenômeno Urbano em Países Subdesenvolvido. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1982.
- _____. Manual de Geografia Urbana. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1989.
- _____. Pobreza Urbana. São Paulo, Recife, 1978.
- _____. Técnica, Espaço Tempo: Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional. São Paulo: HUCITEC, 1994.
- _____. Da Totalidade ao Lugar. São Paulo: Edusp, 2005.
- SCHMIDT, Benício. O Estado e a Política Urbana no Brasil 1964-1976. Porto Alegre: PROPUR/UFRGS, 1978.
- SINGER, Paul. Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana: Análise da Evolução Econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife. São Paulo: Nacional, 1974.
- _____. Economia Política da Urbanização. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- SMITH, Susan J. Geografia Urbana num Mundo em Mutação. In: GREGORY, Derek; MARTIN, Ron; SMITH, Graham. Geografia Humana. Sociedade, Espaço e Ciência Social Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- SOUZA, Marcelo José Lopes de. O abc do Desenvolvimento Urbano. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- _____. Urbanização e Desenvolvimento. Rediscutindo o Urbano e a Urbanização como Fatores e Símbolos de Desenvolvimento à Luz da Experiência Recente. Revista Brasileira de Geografia, v.56, n° 1-4. Rio de Janeiro, 1994.
- _____. Os Orçamentos Participativos e sua Espacialidade: uma Agenda de Pesquisa. Terra Livre n°15, São Paulo, 2000.
- _____. Mudar a Cidade. Uma Introdução Crítica à Gestão e ao Planejamento Urbanos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. A Identidade da Metrópole. São Paulo: HUCITEC, 1994.
- SPOSITO, Maria Encarnação B. Capitalismo e Urbanização. São Paulo: Contexto, 1988. (Coleção Repensando a Geografia).
- VALLADARES, Lúcia; PRETECEILLE, Edmond et al. Reestruturação Urbana: Tendências e Desafios. São Paulo: Nobel, 1990.
- VELTZ, Pierre. Mondialisation, Villes et Territoires. L'Économie D'Archipel. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.
- VERAS, Lúcia Maria de Siqueira Cavalcanti. De Apé-Puc a Apípicos. Recife: Bagaço, 1999.
- VASCONCELOS, Pedro de Almeida. Le Travail Informel Urbain au Brésil: Analyse Historique et Variations Spaciales au Niveau des Etats, de leurs Régions Métropolitaines et de la Région de Salvador. 1985. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade de Ottawa, Ontário.
- _____. Dois Séculos de Pensamento sobre a Cidade. Ilhéus: Editus, 1999.

VESENTINI, José William. A Capital da Geopolítica. São Paulo: Ática, 1987.

VIDAL, Dominique. La Politique au Quartier: Respect, Crise et Citoyenneté à Brasília Teimosa, Urbanisée de Recife (Brésil). Thèse de doctorat em sociologie présentée à l'EKES. Paris, 1996.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ANDRADE, Gilberto Osório de. Os Males e os Mascates. Recife, UFPE, 1969.

_____. Migrações Internas e o Recife. Recife: IJNPS, 1979.

ANDRADE, Manuel Correia de. Recife: Problemática de uma Metrópole de Região Subdesenvolvida. Recife: UFPE, 1979.

ARANTES, Otília; VAINER, Carlos & MARICATO, Ermínia. A Cidade do Pensamento Único. Desmanchando Consensos. Petrópolis: Vozes, 2002.

ARAÚJO, Tânia Bacelar de. Ensaio sobre o Desenvolvimento Brasileiro. Heranças Urgências. Rio de Janeiro: Revan, Fase, 2000.

BARRETO, Ângela Maria Maranhão. O Recife através dos Tempos. A Formação da sua Paisagem. Recife. FUNDARPE, 1994.

BERNARDES, Denis. Recife: o Caranguejo e o Viaduto. Recife: UFPE, 1996.

BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine. De Volta à Cidade. Dos Processos de Gentrificação às Políticas de "Revitalização" dos Centros Urbanos. São Paulo: Annablume, 2006.

CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Redes. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Josué de. A Cidade do Recife. Ensaio de Geografia Urbana. Rio de Janeiro: Livraria da Casa do Estudante do Brasil, 1954.

CÉZAR, Maria do Céu. As Organizações Populares do Recife: Trajetórias e Articulação Política. Caderno de Estudos Sociais, v.1, n.º.2, jul/dez. Recife, 1985.

DELLE DONNE, Marcella. Teorias sobre a Cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1979. (Arte & Comunicação).

ENGELS, Friedrich. A Situação da Classe Trabalhadora em Inglaterra. Lisboa: Martins Fontes, s/d

FREYRE, Gilberto. Sobrados e Mocambos. Decadência do Patriarcado Rural e Desenvolvimento do Urbano. V.II. São Paulo: José Olympio, 1951

GEORGE, Pierre, (org.). Dictionnaire de la Géographie. Paris: Presses Universitaires de France, 1970.

GONÇALVES, Maria Flora (org.). O Novo Brasil Urbano: Impasses, Dilemas, Perspectivas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.

HUBERMAN, Leo. História da Riqueza do Homem. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

KOWARICK, Lucio. A Espoliação Urbana. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LEFEBVRE, Henri. A Cidade do Capital. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LESBAUPIN, Ivo. Poder Local x Exclusão Social: A Experiência das Prefeituras Democráticas no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2000.

MELO, Mário Lacerda de. Metropolização e Subdesenvolvimento. O Caso do Recife. Recife: UFPE, 1978.

VALLADARES, Lícia. PRETECEILLE, Edmond et al. Reestruturação Urbana: Tendências e Desafios. São Paulo: Nobel, 1990.

VILLAÇA, Flávio. Espaço Intra-urbano no Brasil. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 1998.

ZANCHETI, Sílvio Mendes. Distribuição das Atividades Econômicas no Espaço Urbano do Recife: 1950-1881. Espaço e Debates. Revista de Estudos Regionais e Urbanos. Ano X, n.29, 1990.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
DE GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

x	Disciplina
	Atividade Complementar
	Trabalho de Graduação

	Estágio
	Módulo
	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO

ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
CG329	Geomorfologia Climática	02	01	03	60	5º

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

Sistemas de erosão intertropicais. Zona equatorial e tropical. Sistemas de erosão desérticos. Sistemas de erosão glacial e periglacial. Vales suspensos. Sistemas morfoclimáticos cársticos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. A Geomorfologia Climática: conceito, objeto, princípios em que se baseia.
 - 1.1. "Topografia Climática" e "Topografia Estrutural"
 - 1.2. O clima e suas influências sobre o relevo terrestre
 - 1.3. O problema dos paleoclimas: as evidências paleoclimáticas.
 - 1.4. As influências da vegetação na morfogênese: as teorias da Biostasia e Resistasia.
2. As Zonas Morfoclimáticas do Globo Terrestre
 - 2.1. Conceitos de sistemas de erosão bioclimáticos e domínios morfoclimáticos.
 - 2.2. A divisão morfoclimática de Tricart e Cailleux.
 - 2.3. Os domínios morfoclimáticos do Brasil, segundo Aziz Nacib Ab'Sáber.
3. Os Sistemas de Erosão Intertropicais
 - 3.1. A Zona Equatorial
 - 3.1.1. Condições climáticas
 - 3.1.2. Cobertura vegetal
 - 3.1.3. Escoamento superficial e tipos de drenagem
 - 3.1.4. Formas de relevo
 - 3.2. A Zona Tropical
 - 3.2.1. Condições climáticas
 - 3.2.2. Cobertura vegetal
 - 3.2.3. Escoamento superficial e tipos de drenagem
 - 3.2.4. Mamelonização
 - 3.2.5. Tipos de relevo
 - 3.3. As Áreas Quentes e Secas (desérticas e subdesérticas)
 - 3.3.1. Condições climáticas
 - 3.3.2. Cobertura vegetal
 - 3.3.3. Escoamento superficial e tipos de drenagem
 - 3.3.4. A ação do vento; a sedimentação eólica; as dunas
 - 3.3.5. As formas de relevo
4. O Sistema de Erosão das Zonas Frias
 - 4.1 O Sistema Glaciall
 - 4.1.1. Características climáticas
 - 4.1.2. Modelado das vertentes
 - 4.1.3. Formas de relevo, formas de erosão e formas de deposição
 - 4.2 O Sistema Periglacial
 - 4.2.1. Características climáticas
 - 4.2.2. Mecanismos morfoclimáticos; modelado das vertentes
 - 4.2.3. O problema dos "solos poligonais"
5. O Sistema Cárstico
 - 5.1. As influências do clima
 - 5.2. O comportamento das drenagens
 - 5.3. As formas de relevo.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- AB'SABER, A. N. Os Domínios de Natureza no Brasil: Potencialidades Paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- _____. Brasil, Paisagens de Exceção. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.
- ROSS, J. L. S. Ecogeografia do Brasil: Subsídios para o Planejamento Ambiental. São Paulo: Oficina de Textos, 2006
- SUGUIO, K. Geologia do Quaternário e Mudanças Ambientais. São Paulo: Paulo's, 2001.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- GUERRA, A. J. T. Novo Dicionário Geológico Geomorfológico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- MCKNIGHT, T. L.; HESS, D. Physical Geography: a Landscape Appreciation. New Jersey: Prentice Hall, 2002.
- MOURA, J. R. S. Geomorfologia do Quaternário. In: GUERRA, A. J. T.; CUNHA, S. B. Geomorfologia: Uma Atualização de Conceitos e Bases, p. 335-364. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- _____; SILVA, T. M. Complexo de Rampas de Colúvio. In: CUNHA, S. B. C.; GUERRA, A. J. T. Geomorfologia do Brasil, p. 143-180. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- PALMIERI, F.; LARACH, J. O. I. Pedologia e Geomorfologia. In: GUERRA, A. J. T.; CUNHA, S. B. Geomorfologia e Meio Ambiente, p. 55-119. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- PASSOS, E.; BIGARELLA, J. J. Superfícies de Erosão. In: CUNHA, S. B. C.; GUERRA, A. J. T. Geomorfologia do Brasil, p. 107-142. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- ROSS, J. L. S. Geomorfologia: Ambiente e Planejamento. São Paulo: Contexto, 1996.
- _____. Geografia do Brasil. São Paulo: EDUSP, 1995.
- VIADANA, A. G. A Teoria dos Refúgios Florestais Aplicada ao Estado de São Paulo. Rio Claro: UNESP, 2002.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
DE GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA

6° PERÍODO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

<input checked="" type="checkbox"/>	Disciplina	<input type="checkbox"/>	Estágio
<input type="checkbox"/>	Atividade Complementar	<input type="checkbox"/>	Módulo
<input type="checkbox"/>	Trabalho de Graduação	<input type="checkbox"/>	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
CG659	Geografia Cultural	02	01	03	60	6º

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

Conceitos de cultura numa perspectiva geográfica. Cultura e civilização – o debate filosófico da relação homem X natureza. Epistemologia da geografia cultural. Tradição e renovação da geografia cultural. Cultura e espaço: conceitos de paisagem geográfica, lugar, território, região cultural e identidade territorial. A questão das identidades territoriais étnico-raciais e a produção do espaço: afrodescendentes e indígenas no Brasil.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Introdução à geografia cultural. Conceitos de cultura nas Ciências Sociais;
2. Conceitos de cultura uma perspectiva geográfica;
3. O debate filosófico da relação sociedade-natureza através da cultura;
4. Epistemologia da geografia cultural e pluralidade de perspectivas teórico-metodológicas: as principais correntes do pensamento, dos clássicos às abordagens contemporâneas;
5. Os conceitos de lugar, região cultural, paisagem cultural e identidade sócio-territorial; Conceito-chave de paisagem: morfologia e significado
6. A questão das identidades territoriais étnico-raciais e a produção do espaço; do lugar à região cultural; identidades sócio-territoriais de afrodescendentes e indígenas;
7. Relações entre paisagem e patrimônio cultural;
8. Sistemas simbólicos e representação do espaço (espaço e religião; espaço e ideologia);
9. Os valores culturais e a subjetividade no estudo do espaço geográfico; imaginário como elemento de estruturação do espaço
10. Metodologia do trabalho de campo em geografia cultural; métodos de interpretação da paisagem: morfologia, significados culturais e identidades territoriais (com aula de campo)

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BERQUE, A. (1998): Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.) Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, p.84-91.

BESSE, J-M. (2006). Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo: Perspectiva.

CASTRO, I. (1997) Imaginário político e território: natureza, regionalismo e representação. In: CASTRO, I.; GOMES, P. C. C. e CORRÊA, R. L. (orgs.). _____; _____. (2008). Espaço e cultura: pluralidade temática. Rio de Janeiro: EdUERJ.

COSGROVE, D. E. (1998): A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L., ROSENDAHL, Z. (orgs.) Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 92-123.

DIÉGUES JÚNIOR, M. (1960) Regiões culturais do Brasil. Rio de Janeiro: INEP.

GOMES, P. C. C. (1996): Geografia e modernidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

SAUER, C. O. (1998): A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R.L. & ROSENDAHL, Z. (orgs.) Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 12-74.

_____. (2004) A educação de um geógrafo. GEOgraphia, Niterói, ano II, nº4, jul./dez. p.137-150. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13392/8592>

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BARBOSA, J. L. (1998). A Paisagem Americana: imagens e representações do wilderness. In: Espaço e Cultura. Vol. V. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 43-53.

_____. (2000). A arte de representar como reconhecimento do mundo: o espaço geográfico, o cinema e o imaginário social. In: GEOgraphia, Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia/UFF, ano II, n.3. Niterói: UFF/EGG, p.69-88.

BARRIO, A-B. E. (2005). Manual de antropologia cultural. Recife: Editora Massangana. (especialmente o capítulo 1, p.27-33)

BERGER, P. L., LUCKMANN, T. (1988): A construção social da realidade. Petrópolis, Vozes.

CORRÊA R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). (1998). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ.

_____. (1999). Manifestações da Cultura no Espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 169-190.

DABAT. C. R. (2007). Moradores de Engenho: relações de trabalho e condições de vida dos trabalhadores rurais na zona canavieira de Pernambuco segundo a literatura, a academia e os próprios atores sociais. Recife: Editora Universitária da UFPE

FREYRE, Gilberto. (1989). Nordeste. Aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1989 [original de 1937].

GOMES, P.C.C. (1997). Geografia fin-de-siècle: o discurso sobre a ordem espacial do mundo e o fim das ilusões. In: CASTRO, I.E; GOMES, P. C. C; CORRÊA, R. L. (orgs.). Explorações Geográficas. Percursos no fim do século. Rio de Janeiro: Bertrand, p.13-42.

_____. (1998) Identidade e exílio: fundamentos para a compreensão da cultura. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, n. 5, p. 31-42.

_____. (1999). Cultura ou civilização: a renovação de um importante debate. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (orgs.). Manifestações da cultura no espaço. 1ª ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, v. , p. 99-122.

_____. (2002). A condição urbana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

_____. (2005). Versalhes não tem banheiros. As vocações da geografia cultural. Espaço e Cultura (UERJ), v. 19/20, p. 41-50.

HAESBAERT, R. (1996). Gaúchos e Baianos no Novo Nordeste: Entre A Globalização Econômica e a Reinvenção das Identidades Regionais. In: CASTRO, I.; CORREA, R. L.; GOMES, P. C. C. (orgs.). Brasil: questões atuais sobre a organização do território. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 362-403.

_____. (1999). Identidades Territoriais. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). Manifestações da Cultura no Espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 169-190.

YÁZIGI, E. (org.). (2002). Turismo e paisagem. São Paulo: Contexto.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE

CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO

DE GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

<input checked="" type="checkbox"/>	Disciplina	<input type="checkbox"/>	Estágio
<input type="checkbox"/>	Atividade Complementar	<input type="checkbox"/>	Módulo
<input type="checkbox"/>	Trabalho de Graduação	<input type="checkbox"/>	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
CG674	Geografia Regional do Nordeste	02	01	03	60	6º

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

Diferenças espaciais do Nordeste. O papel da cana-de-açúcar e da pecuária na ocupação e organização do espaço. A problemática regional. A dinâmica da economia e reestruturação do espaço do espaço nordestino.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Espaço e Região
 - 1.1 Noções de Região
 - 1.2 Evolução histórica do conceito de região
 - 1.3 A questão regional vista pelos geógrafos, hoje
2. A divisão regional do Brasil
3. Nordeste: Diferenças espaciais
4. O papel da cana-de-açúcar e da pecuária na ocupação e organização do espaço
5. A problemática regional
 - 5.1. Estrutura fundiária
 - 5.2. Seca e desertificação
 - 5.3. Crescimento urbano
 - 5.4. Questão ambiental
6. A dinâmica da economia regional
 - 6.1. A importância econômica na formação do espaço nacional
 - 6.2. A inserção da economia no contexto nacional e internacional atual
7. A Reestruturação do espaço Nordestino
 - 7.1. Áreas de interesse econômico
 - 7.2. O “Novo Nordeste”

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ANDRADE. Manuel Correia de. O Nordeste e a Questão regional. São Paulo: Atual, 1988.

_____. A Terra e o Homem do Nordeste. São Paulo : Cortez, 2005.

_____. Modernização e Pobreza: Expansão da Agroindústria Açucareira e seu Impacto Ecológico e Social. São Paulo: UNESP, 1994.

_____. e Andrade, Sandra Maria Correia de. A Cana de Açúcar na Região da Mata Pernambucana. Reestruturação Produtiva na Área Canavieira de Pernambuco, nas Décadas de 80 e 90.: Impacto Ambiental, Socioeconômico e Político. Recife: Editora Universitária UFPE, 2001.

ANDRADE. Gilberto Osório de Oliveira. Alguns Aspectos do Quadro Natural do Nordeste. Recife : SUDENE, 1977.

ARAÚJO, Tânia Bacelar de: Nordeste : Evolução Recente da Economia Regional. IN: AFONSO, Rui de B. A. ; SILVA L. B. (Orgs). Desigualdades Regionais e Desenvolvimento. São Paulo : FUNDAPE/UNESPE, 1995.

_____. Nordeste, Nordestes: que Nordeste? In. GUIMARÃES Neto (Coord.) Desigualdades Regionais e Desenvolvimento. São Paulo: Ed. UNESP, 1995.

CASTRO, Iná Elias. O Mito da Necessidade. Discursos e Prática do Regionalismo Nordestino.

CASTRO, Josué de. Geografia da Fome. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. Homens e Caranguejos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CAVALCANTE, Enoque Gomes. Geoeconomia do Semi-Árido Irrigado. 20 ed. Recife : Editora – Universitária - UFPE, 1997.

FREYRE, Gilberto. Nordeste. Aspectos da Influência da Cana na Vida e na Paisagem do Nordeste. São Paulo: Global, 2004.

GUIMARÃES NETO, Leonardo. Introdução à Formação Econômica do Nordeste. Recife: Massangana, 1989.

MELO, Mário Lacerda. Regionalização Agrária do Nordeste. Recife: SUDENE, 1978.

SILVA, José Borzacchiello da; Dantas E. Wanderley Correia; ZANELLA, Maria Elisa; MEIRELES, Antônio Jeovah de Andrade (orgs.). Litoral e Sertão, Natureza e Sociedade no Nordeste Brasileiro. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ANDRADE, Manuel Correia de. Formação Territorial e Econômica do Brasil. Recife: Massangana, 2007.

_____. A Questão do Território no Brasil. São Paulo/ Recife, Hucitec/FUNDAJ, 1995.

_____. Por uma Política Nacional de Desenvolvimento Regional. In. Ensaio sobre o Desenvolvimento Brasileiro: Heranças e Urgências. Rio de Janeiro: FASE. Ed. REVAN, 2000.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Uma Política Nacional de Desenvolvimento Regional. Ver: www.integração.gov.br

CAMPOLINA, Clélio. Repensando a Questão Regional Brasileira. Tendências, Desafios e Caminhos. In. Painéis sobre o Desenvolvimento Brasileiro. Seminário de Comemoração dos 50 Anos do BNDES. Rio de Janeiro, 2002.

CANO, Wilson. Ensaio sobre a Formação Econômica Regional do Brasil. Campinas: Ed. UNICAMP, 2002.

_____. Concentração e Desconcentração Econômica Regional no Brasil: 1970-1995. In. Revista Economia e Sociedade. Campinas: IE/UNICAMP, n°8, jun.1997.

_____. Da Crise ao Caos Urbano. In. Regiões e Cidades, Cidades nas Regiões. São Paulo: Ed. UNESP e ANPUR. Flora Gonçalves, Carlos Antônio Brandão e Antônio Carlos Brandão (orgs.). 2003.

FREYRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2001.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
DE GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

<input checked="" type="checkbox"/>	Disciplina	<input type="checkbox"/>	Estágio
<input type="checkbox"/>	Atividade Complementar	<input type="checkbox"/>	Módulo
<input type="checkbox"/>	Trabalho de Graduação	<input type="checkbox"/>	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
CG441	Pesquisa Geográfica 1	00	02	02	60	6º

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

Iniciação dos estudantes nas tarefas de gabinete referentes à pesquisa e à elaboração dos trabalhos geográficos, compreendendo principalmente: pesquisa bibliográfica, estatística, cartográfica; elaboração de tabelas, gráficos e cartogramas; uso da fotografia e prática do desenho cartográfico

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- UNIDADE 1**
1. O instrumental e o itinerário da pesquisa geográfica
 2. A observação de campo
 3. Técnica de comentário de slides
 4. Técnica de comentário de ortofotocartas
 5. Técnica de comentário de mapa

- UNIDADE 2**
1. Censo e outras fontes estatísticas
 2. Tabulação de dados e representação gráfica em geografia física e humana.
 3. Dispersão, formação de classes, cartografiação.

- UNIDADE 3**
1. Fichas de leitura
 2. Reunião de dados
 3. Elaboração de um relatório

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Repensando a Pesquisa Participante. 3a ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- DEMO, Pedro. Metodologia Científica em Ciências Sociais. São Paulo: Atlas, 1995.
- POPPER, Karl R. A Lógica da Pesquisa Científica. 6ª ed. São Paulo: Cultrix, 2000.
- DON, Michel (org.). O Pensamento Transdisciplinar e o Real. S.Paulo: TRIOM, 2000.
- RUDIO, Franz V. Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica, Petrópolis: Ed. Vozes, 1986

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- ALVES, Rubem. Filosofia da Ciência. São Paulo: Loyola, 2000.
- CHALMERS, Alan. A Fabricação da Ciência, São Paulo: UNESP, 1994.
- GOMES, P. C. O Conceito de Região e sua Discussão. In: Castro, Gomes & Corrêa. Geografia: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.

ECO, Humberto. Como se Faz uma Tese. São Paulo: Perspectiva, 2000, 15a reimpressão.

SCHAEFER, Fred. O Excepcionalismo na Geografia: Um Estudo Metodológico. Boletim de Geografia Teorética, 7 (13): 5-37, Rio Claro, 1977.

TACHIZAWA, T. e MENDES, G. Como Fazer Monografia na Prática. 5ª ed. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE

CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO

DE GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

<input checked="" type="checkbox"/>	Disciplina	<input type="checkbox"/>	Estágio
<input type="checkbox"/>	Atividade Complementar	<input type="checkbox"/>	Módulo
<input type="checkbox"/>	Trabalho de Graduação	<input type="checkbox"/>	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
CG670	Técnicas Computacionais Aplicadas à Geografia	02	01	03	60	6º

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

Introdução ao Sensoriamento Remoto; Histórico; Conceitos; Aplicações; Princípios físicos de sensoriamento remoto: radiação eletromagnética (REM), espectro eletromagnético. Interação REM - superfície terrestre - atmosfera. Comportamento espectral de alvos; técnicas de sensoriamento remoto e de Sistemas de Informação Geográficas e sua aplicação na geografia. O uso de aplicativos em projetos de aprendizagem; softwares e sites educacionais: análise e aplicações. Uso de softwares para elaboração e análise de mapas e gráficos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Introdução ao Sensoriamento Remoto; Histórico; Conceitos; Aplicações;
2. Princípios físicos de sensoriamento remoto: radiação eletromagnética (REM), espectro eletromagnético.
3. Interação REM – superfície terrestre – atmosfera.
4. Comportamento espectral de alvos; técnicas de sensoriamento remoto e de Sistemas de Informação Geográficas e sua aplicação na geografia.
5. O uso de aplicativos em projetos de aprendizagem; softwares e sites educacionais: análise e aplicações.
6. Uso de softwares para elaboração e análise de mapas e gráficos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BARBOSA, M. P. Curso de treinamento em Sensoriamento Remoto Aplicado ao Estudo e Manejo dos Recursos Naturais e Meio Ambiente. Secretaria do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e Minerais – SEMARH. Editora: ATECEL; João Pessoa, PB, 2001.

BLASCHKE, T.; KUX, H. Sensoriamento Remoto e SIG Avançados. Nova versão atualizada. 20 Edição, Oficina de texto, 2007.

STEFFEN, C.A.; LORENZETTI, J.A.; STECK, J.L.; SOUZA, C.C.M. Sensoriamento Remoto: Princípios Físicos; Sensores e Produtos; Sistema Landsat. INPE. São José dos Campos. 1981. INPE-2226-MD/013.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALMEIDA, C. M.; CÂMARA, G.; MONTEIRO, A. M. V. Geoinformação em urbanismo: cidade real x cidade virtual. Oficina de textos, pp. 368, 2007.

SABINS JR.; F.F. Remote Sensing: Principles and Interpretation. San Francisco, USA, 1978. SCHAEFER, Fred. O Excepcionalismo na Geografia: Um Estudo Metodológico. Boletim de Geografia Teórica, 7 (13): 5-37, Rio Claro, 1977.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE

CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO

DE GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA

7° PERÍODO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

<input checked="" type="checkbox"/>	Disciplina	<input type="checkbox"/>	Estágio
<input type="checkbox"/>	Atividade Complementar	<input type="checkbox"/>	Módulo
<input type="checkbox"/>	Trabalho de Graduação	<input type="checkbox"/>	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
CG675	Agroecologia	02	01	03	60	7º

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

Agroecologia: histórico e conceitos. História da Agricultura. Agroecossistemas. Aspectos ecológicos da produção agrícola. Sistemas de produção. Agricultura tradicional. Percepção e interpretação da natureza. Manejo e recuperação ambiental na interface do agrário e do ecológico. Agricultura camponesa familiar. Manejo ecológico do agroecossistema. Agricultura sustentável. Panorama contemporâneo. Ecoalfabetização. Metodologias pedagógicas participativas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. História da Agricultura
 - 1.1 A diversidade de sistemas de produção e a relação ser humano-natureza.
 - 1.2 Sociobiodiversidade.
2. Desenvolvimento, Modernização e Aspectos Ecológicos da Produção Agrícola.
 - 2.1. Modernização da agricultura e o modelo da revolução verde.
 - 2.2. Insustentabilidade do pacote tecnológico.
 - 2.3. Inadequação do pacote tecnológico a realidade tropical.
 - 2.4. Exclusão social, dependência externa e insegurança alimentar.
3. Agricultura Camponesa Familiar
 - 3.1. Agricultura Tradicional e sistemas agroecológicos
 - 3.2. Noções da dinâmica dos ecossistemas tropicais florestais.
 - 3.3. Cultura indígena, cultura caiçara, cultura camponesa; e práticas de manejo e de relação com a natureza.
 - 3.4. Agroecossistemas: princípios e práticas na dinâmica sustentável dos agroecossistemas.
4. Agricultura Sustentável/Outro Modelo Agrário
 - 4.1. Manejo e recuperação ambiental na interface do agrário e do ecológico
 - 4.3. Papel dos diferentes protagonistas sociais na construção da agricultura ecológica.
 - 4.4. Percepção agricultores e técnicos: as relações de conflito-diálogo entre agricultores e técnicos na produção do território.
 - 4.5. Repensando as formas de pesquisa, extensão e intervenção convencionais. Conhecimento Científico e Conhecimento Popular.
 - 4.6. Dinâmica da agricultura e conflitos agrários e ambientais
 - 4.7. Problemática dos transgênicos e alternativas a produção de sementes. Biotecnologia, (in)segurança e soberania alimentar
 - 4.8. Saúde, nutrição e qualidade de alimentação
5. Agroecologia: Princípios e Noções Conceituais
 - 5.1. Definição e objeto/sujeito da Agroecologia
 - 5.2. Evolução da Agricultura Ecológica.
 - 5.3. Ecoalfabetização. Alternativas sustentáveis e solidárias. Metodologias pedagógicas participativas.
 - 5.4. Estudos de Caso. Panorama Contemporâneo.
 - 5.5. Viabilidade de uma agricultura familiar em bases ecológicas e desafios atuais.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ALTIERI, Miguel. Agroecologia – Bases Científicas para uma Agricultura Sustentável. Ed. Aspta, RJ e Ed. Agropecuária, 2002.
- ANDRADE, M.C. Modernização e Pobreza. Ed. Unesp, 1994.
- DIEGUES, Antonio Carlos. O Mito Moderno da Natureza Intocada. Ed. Hucitec, SP, 1996.
- DIEGUES, Antonio Carlos (org.). Etnoconservação. São Paulo: Ed. Hucitec, 2000
- GRAZIANO NETO, Francisco. Questão Agrária e Ecologia. Col. Primeiros Vóos. Ed. Brasiliense, SP.
- GUZMÁN, Eduardo Sevilla & MOLINA, Manuel González de. Sobre a Evolução do Conceito de Campesinato. São Paulo: Expressão Popular, 2005.
- LIMA, Jorge Roberto Tavares de. Agroecologia e Movimentos Sociais. Recife: Ed. Bagaço, 2011.
- MAZOYER, Marcel. & ROUDART, Laurence. História das Agriculturas no Mundo. Ed. UNESP e MDA, 2010.
- PINHEIRO, S. A Agricultura Ecológica e a Máfia dos Agrotóxicos no Brasil. Ed. Autores, 1993.
- RIGOTTO, Raquel. Agrotóxicos, Trabalho e Saúde - vulnerabilidade e resistência no contexto da modernização agrícola no Baixo Jaguaribe/CE. Ceará & São Paulo: Ed. UFC & expressão Popular, 2011.
- SILVA, José Graziano. O Que é Questão Agrária. Col. Primeiros Passos. Ed. Brasiliense, SP, 1981.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- PORTO-GONÇALVES, C. W. A Globalização da Natureza e a Natureza da Globalização. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2006.
- MENDRAS, H. Sociedades Camponesas. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- SHIVA, Vandana. Biopirataria. Ed. Vozes, 2001.
- VALVERDE, Orlando. Estudos de Geografia Agrária Brasileira. Petrópolis: Vozes, 1984.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
DE GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

<input checked="" type="checkbox"/>	Disciplina	<input type="checkbox"/>	Estágio
<input type="checkbox"/>	Atividade Complementar	<input type="checkbox"/>	Módulo
<input type="checkbox"/>	Trabalho de Graduação	<input type="checkbox"/>	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
CG341	Geografia Política	02	01	03	60	7º

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

Natureza e Desenvolvimento recentes da Geografia Política; Antecedentes e importância da Geografia Política e suas raízes na história da Geografia; a Geopolítica e a Geoestratégia; antecedentes e necessidade atual da Geografia Política; o conceito de território e de territorialidades; aplicação à administração do território nacional; aplicação à regionalização; aplicação à gestão e ao planejamento urbano.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. INTRODUÇÃO
 - 1.1. A Posição da Geografia Política no Quadro geral das Ciências Geográficas
 - 1.2. Tradição e renovação da Geografia Política
 - 1.3. A gestão e o planejamento territorial e a Geografia Política
2. A GEOPOLÍTICA: RAÍZES E OBJETIVOS
 - 2.1. A Geopolítica de F. Ratzel e dos seus discípulos
 - 2.2. A Geopolítica do Brasil
 - 2.3. A Geoestratégia: potências e conflitos
 - 2.4. Globalização e Estado Nacional
3. A GEOGRAFIA POLÍTICA: O ESTUDO DO PODER NA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO
 - 3.1. Os antecedentes: a geografia eleitoral e a geografia das áreas fronteiriças
 - 3.2. Gestão e planejamento territorial em questão: emergência de uma geografia do poder.
 - 3.3. Território e territorialidades: conceitualização no âmbito da Geografia
4. A ADMINISTRAÇÃO TERRITORIAL DO ESPAÇO NACIONAL
 - 4.1. Exemplos estrangeiros de estruturas político-administrativas unitárias, federais e confederais
 - 4.2. O Brasil - União, estados e municípios
5. REGIONALIZAÇÃO E TERRITORIALIDADES
 - 5.1. Regionalização com base na diferenciação física
 - 5.2. Regionalização com base na diferenciação econômica
 - 5.3. Regionalização e política
 - 5.4. Regionalização e Regionalismo
6. GESTÃO, PLANEJAMENTO URBANO E TERRITORIALIDADES URBANAS
 - 6.1. Descentralização e participação
 - 6.2. Movimentos sociais e identidades micro-territoriais
 - 6.3. Necessidade de compatibilização com as redes de serviços: a dimensão metropolitana.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ANDRADE, Manoel Correia de. Geografia Ciência da Sociedade. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.
- CASTRO, Iná Elias de et al (orgs.). Geografia Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- CASTRO, Therezinha de. Geopolítica: Princípios, Meios e Fins. Rio de Janeiro: Bibl. Do Exército, 1999.
- MAGNOLI, Demétrio. O Que é Geopolítica. São Paulo: Brasiliense, 1991
- MIYAMOT, Shiguenoli. Geopolítica e Poder no Brasil. Campinas: Ed. Papirus, 1995.
- RAFFESTIN, Claude. Por uma Geografia do Poder. São Paulo: Ed. Ática, 1993.
- SANTOS, Milton. Território e Sociedade. Entrevista com Milton Santos. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2000.
- _____. O Espaço do Cidadão. São Paulo: Nobel, 1987.
- SANTOS, Theotônio. Economia Mundial: Integração Regional e Desenvolvimento Sustentável. Petrópolis: Ed. Vozes, 1993.
- VESENTINI, José W. A Capital da Geopolítica. São Paulo: Ática, 1987

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- ANDRADE, Manuel Correia de. Imperialismo e Fragmentação do Espaço. São Paulo: Hucitec, 1988.
- _____. Geografia do Brasil. São Paulo: Ed. Ática, 1989.
- ARBEX JUNIOR, José. Narcotráfico: Um Jogo de Poder nas Américas. São Paulo: Moderna, 1993.
- BRITTO, Luiz Navarro de. Política e Espaço Regional. São Paulo: Ed. Nobel, 1986..
- GEORGE, Pierre. O Homem na Terra. A Geografia em Ação. Lisboa: Edição 70, 1993.
- SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Espaço. São Paulo: Ed. da USP, 2004.
- SODRÉ, Nelson Werneck. A Geopolítica. In: Introdução à Geografia. Petrópolis, 1977.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
DE GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

<input checked="" type="checkbox"/>	Disciplina	<input type="checkbox"/>	Estágio
<input type="checkbox"/>	Atividade Complementar	<input type="checkbox"/>	Módulo
<input type="checkbox"/>	Trabalho de Graduação	<input type="checkbox"/>	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
CG442	Pesquisa Geográfica 2	00	02	02	60	7º

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

Adestramento dos estudantes nas tarefas de pesquisa de campo e dos respectivos dados compreendendo principalmente: preparo; paisagens; levantamentos expeditos; outras formas de recolhimento; seleção e tratamento de dados e informações resultantes de contatos diretos com as áreas e fatos em estudo.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Ciência, Espaço e Geografia
 - 1.1. Conceito, objetivo e classificação de ciência
 - 1.2. Métodos científicos
 - 1.3. Evolução da ciência geográfica
 - 1.4. As tradições da Geografia
 - 1.5. Espaço topográfico
2. Planejamento da Pesquisa Geográfica
 - 2.1. Etapas da pesquisa
 - 2.2. Projeto de pesquisa
 - 2.3. Técnicas de pesquisa
 - 2.4. Instrumentos de pesquisa
3. Execução da Pesquisa Geográfica
 - 3.1. Escolha do tema
 - 3.2. Levantamento bibliográfico e escolha da base conceitual
 - 3.3. Escolha da metodologia
 - 3.4. Trabalho de campo para coleta de dados
 - 3.5. Apuração e tratamento dos dados e informações
 - 3.6. Representação gráfica e cartográfica dos resultados
 - 3.7. Interpretação dos resultados
 - 3.8. Interpretação do relatório da pesquisa
4. Explanção da Pesquisa Geográfica
 - 4.1. Estilo de redação
 - 4.2. Elementos constitutivos do trabalho escrito
 - 4.3. Título, sumário e sinopse
 - 4.4. Texto principal
 - 4.5. Resumos e anexos
 - 4.6. Referências bibliográficas e bibliografia
 - 4.7. Sistema de numeração progressiva
 - 4.8. Tabelas e ilustrações

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ANDRADE, Manuel Correia de. Geografia Ciência da Sociedade. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2008.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Repensando a Pesquisa Participante. São Paulo: Brasiliense, 1987, 3a edição.
- DEMO, Pedro. Metodologia Científica em Ciências Sociais. São Paulo: Atlas, 1995.
- FURASTÉ, Pedro Augusto. Normas Técnicas para o Trabalho Científico: Explicitação das Normas da ABNT. Porto Alegre s.n., 2004.
- GERARDI, L. H. de O e SILVA, B. C. N. Metodologia Científica, Pesquisa Científica e Pesquisa em Geografia. In: Quantificação em Geografia. São Paulo: DIFEL, 1981.
- GIL, Antônio Carlos. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. São Paulo: Atlas, 1994.
- KAYSER, B. O trabalho de Campo em Geografia. In: Seleção de Textos 11. S.Paulo, AGB-SP, 1985.
- POPPER, Karl R. A Lógica da Pesquisa Científica. São Paulo: Cultrix, 2000, 6a. edição.
- RUDIO, Franz V. Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica, Petrópolis: Ed. Vozes, 1986.
- THIOLLENT, Michel. Metodologia da Pesquisa-Ação. São Paulo: Cortez, 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- ALVES, Rubem. Filosofia da Ciência. São Paulo: Loyola, 2000.
- CHALMERS, Alan. A Fabricação da Ciência, São Paulo: UNESP, 1994.
- ECO, Humberto. Como se Faz uma Tese. São Paulo: Perspectiva, 2000, 15a reimpressão.
- GOMES, P. C. O Conceito de Região e sua Discussão, in: Castro, Gomes & Corrêa. Geografia: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.
- RANDON, Michel (org.). O Pensamento Transdisciplinar e o Real. S.Paulo: TRIOM, 2000.
- SCHAEFER, Fred. O Excepcionalismo na Geografia: um Estudo Metodológico. Boletim de Geografia Teórica, 7 (13): 5-37, Rio Claro, 1977.
- TACHIZAWA, T. e MENDES, G. Como Fazer Monografia na Prática. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 2000, 5a edição.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
DE GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

<input checked="" type="checkbox"/>	Disciplina	<input type="checkbox"/>	Estágio
<input type="checkbox"/>	Atividade Complementar	<input type="checkbox"/>	Módulo
<input type="checkbox"/>	Trabalho de Graduação	<input type="checkbox"/>	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
CG440	Planejamento Regional	04	00	04	60	7º

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

Fundamentos do planejamento regional. Teorias do desenvolvimento regional. Análise regional. Administração do desenvolvimento regional.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. FUNDAMENTOS DO PLANEJAMENTO REGIONAL
 - 1.1. Questão regional
 - 1.2. Abordagens da questão regional
 - 1.3. Planejamento regional
2. TEORIAS DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL
 - 2.1. Sentido e uso das teorias
 - 2.2. Tendências doutrinárias
 - 2.3. Teorias da organização do espaço e do desenvolvimento regional
3. ANÁLISE REGIONAL
 - 3.1. Espaço, região e suas modalidades
 - 3.2. Elementos de análise socioeconômica
 - 3.3. Padrões de vida regional
4. ADMINISTRAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL
 - 4.1. Organização do espaço geográfico brasileiro
 - 4.2. Administração regional no Brasil
 - 4.3. A SUDENE e o caso do Nordeste

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ANDRADE, Manuel Correia de. O Planejamento Regional e o Problema Agrário no Brasil. São Paulo: Editora Hucitec, 1976.

ARAÚJO, Tânia Bacelar de. A Experiência do Planejamento Regional no Brasil. In. Ensaio sobre o Desenvolvimento Brasileiro. Rio de Janeiro: Revan, Fase, 2000.

_____. Poder Local, Governos Municipais e Políticas de Indução do Desenvolvimento Econômico no Brasil. In. Ensaio sobre o Desenvolvimento Brasileiro. Rio de Janeiro: Revan, Fase, 2000.

BRASIL. Plano Diretor Participativo: Guia para Elaboração pelos Municípios e Cidadãos. Brasília: Ministério das Cidades, Confea, 2005.

_____. Política Nacional de Ordenamento do Território. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2006.

BUARQUE, Sérgio C. Construindo o Desenvolvimento Local Sustentável: Metodologia de Planejamento. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

HILHORST, J. G. M. Planejamento Regional. Enfoque sobre Sistemas. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

KON, Anita (org.). Unidade e Fragmentação. A Questão Regional no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LINS, Carlos José Caldas. SANTANA, Jorge Fernando de. Programa de Ação para o Desenvolvimento da Zona da Mata do Nordeste. Brasília: SEBRAE, 2000. (Trabalho Digitado).

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ANDRADE, Manoel Correia de. Espaço Polarização e Desenvolvimento. São Paulo: Ed. Atlas, 1999.

CARLEIAL, Liana M. de F. A Questão Regional no Brasil Contemporâneo. In. LAVINAS, Lena e Outros. Reestruturação do Espaço Urbano e Regional no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1993.

OLIVEIRA, Francisco de. Elegia para uma Re(li)gião. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

ROCHFORT, Michel. Redes e Sistemas. São Paulo: Hucitec, 1998.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
DE GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA

8° PERÍODO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

<input checked="" type="checkbox"/>	Disciplina	<input type="checkbox"/>	Estágio
<input type="checkbox"/>	Atividade Complementar	<input type="checkbox"/>	Módulo
<input type="checkbox"/>	Trabalho de Graduação	<input type="checkbox"/>	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
CG679	Trabalho de Conclusão de Curso – TCC	00	03	03	90	8º

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

Composição de trabalhos científicos. Princípios de Comunicação: clareza, concisão, coerência, correção e precisão. Técnicas metodológicas. Tendências teóricas na construção do conhecimento. Normas para elaboração de TCC. Apresentação do TCC.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Esta será identificada no momento da escolha, por parte do aluno, do Tema que ele irá desenvolver na sua monografia ou artigo científico. O aluno constrói com a orientação de um professor, um trabalho de pesquisa. Para isso se torna necessário a construção de uma Bibliografia Específica sobre o assunto.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ABNT. Informação e Documentação – Citações em Documentos – Apresentação (NBR 10520). Rio de Janeiro, 2002.
 _____. Informação e Documentação – Referências – Elaboração (NBR 6023). Rio de Janeiro, 2002.
 _____. Informação e Documentação – Trabalhos Acadêmicos – Apresentação (NBR 14724). Rio de Janeiro, 2005.
 ANDRADE, M. Margarida de. Introdução à Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo: Atlas, 1999.
 DUARTE, Emeide Nóbrega et al. Manual Técnico para Realização de Trabalhos Monográficos. João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 1998.
 GALLIANO, Guilherme A. O Método Científico: Teoria e Prática. São Paulo: Harbra, 1986.
 GIL, Antônio Carlos. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. São Paulo: Atlas, 1994.
 IBGE. Normas de Apresentação Tabular. Rio de Janeiro, 1993.
 LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de Metodologia Científica. São Paulo: Atlas, 1985.
 MARTINS, Gilberto de A. Manual de Elaboração de Monografias. São Paulo: Atlas, 1992.
 SENADO FEDERAL. SECRETARIA ESPECIAL DE EDITORAÇÃO E PUBLICAÇÕES. Manual de Padronização de Textos. Brasília, 1999.
 SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico: Diretrizes para o Trabalho Técnico-Científico na Universidade. Rev. e Ampli. São Paulo: Cortez, 1996.
 THIOLENT, Michel. Metodologia da Pesquisa-Ação. São Paulo: Cortez, 2004.
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Sistema de Bibliotecas. Normas para Apresentação de Documentos Científicos. Curitiba: Ed. da UFPR, 2000.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
 CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
 DE GEOGRAFIA - BACHARELADO

 ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

 ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA

ELETIVAS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

<input checked="" type="checkbox"/>	Disciplina	<input type="checkbox"/>	Estágio
<input type="checkbox"/>	Atividade Complementar	<input type="checkbox"/>	Módulo
<input type="checkbox"/>	Trabalho de Graduação	<input type="checkbox"/>	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
CG678	Estatística Aplicada à Geografia	02	01	03	60	-

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

Conceito. Campo de aplicação. Planejamento e otimização de experimentos. Natureza e fundamentos do método estatístico. Erros. Apresentação gráfica. Distribuição de frequências. Medidas de tendência central. Medidas de variabilidade e dispersão. Momentos. Medidas de assimetria e curtose. Análise das séries temporais.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

UNIDADE I: INTRODUÇÃO A ESTATÍSTICA
 1.1. Conceito e divisão de Estatística
 1.2. Campo de aplicação na Geografia
 1.3. Planejamento e otimização de experimentos
 1.4. Natureza e fundamentos do método estatístico
 UNIDADE II: SÉRIES ESTATÍSTICAS E GRÁFICOS
 2.1. Conceito de séries Estatísticas
 2.2. Gráficos
 UNIDADE III: DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS
 3.1. Dados brutos, rol e elaboração de uma distribuição de frequência
 3.2. Intervalo, limites de classe e amplitude de intervalo de classe
 3.3. Ponto médio de uma classe
 3.4. Frequência simples e frequência acumulada
 3.5. Histograma e polígonos de frequência
 3.6. Tipos de distribuição (Normal, Binominal, Poisson, Log-normal, Chi², t e F)
 UNIDADE IV: MEDIDAS DE TENDÊNCIA CENTRAL
 4.1. Média
 4.2. Moda
 4.3. Mediana
 4.5. Separatrizes (quartil, dócil e percentil)
 UNIDADE V: MEDIDAS DE VARIABILIDADE OU DISPERSÃO
 5.1. Conceito de dispersão
 5.2. Amplitude total e amplitude semi-quartil
 5.3. Desvio quartil (Dq)
 5.4. Desvio médio (Dm)
 5.5. Desvio padrão (S)
 UNIDADE VI: MOMENTO, ASSIMETRIA E CURTOSE
 6.1. Momento
 6.2. Assimetria (conceitos e tipos)
 6.3. Curtose (conceitos e tipos)
 UNIDADE VII: NOÇÕES DE PROBABILIDADE
 7.1. Conceito de probabilidade
 7.2. Amostragem (espaço amostral e eventos aleatórios)
 7.3. Experimentos determinísticos e experimentos probabilísticos
 7.4. Probabilidade de evento complementar
 7.5. Probabilidade da união de eventos e eventos excludentes
 7.6. Probabilidade da interseção de eventos e eventos independentes
 7.7. Aplicações

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ANDERSON, D. R.; SWEENEY, D. J. e WILLIAMS, T. A. (2003) Estatística Aplicada à Administração e Economia. 1. ed. São Paulo: Thomson Learning.
- BUSSAB, W. O. e MORETTIN, P. A. (2003) Estatística Básica. 5. ed. São Paulo: Saraiva.
- CALLEGARI-JACQUES, S. M. (2003) Bioestatística: princípios e aplicações. Porto Alegre: Artmed.
- CRESPO, A. A. (2002) Estatística Fácil. 18. ed. São Paulo: Saraiva.
- GONÇALVES, F. A. (1974) Introdução a Estatística (Estatística descritiva). Editora Atlas S. A. São Paulo.
- HOFFMANN, R.. (2006) Estatística para Economistas. 4. ed. São Paulo: Thomson Learning.
- KUME, H. Métodos Estatísticos Para Melhoria da Qualidade . Rio de Janeiro: Gente, 1985.
- LEVIN, J. Estatística Aplicada. São Paulo: Saraiva, 1999
- LOPES, P. A. Probabilidade e Estatística . Rio de Janeiro: Reichmann e Affonso Editores, 2000.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- MAGALHÃES, M. N. e LIMA, A. C. P. (2005) Noções de Probabilidade e Estatística. 6. ed. São Paulo: EDUSP.
- MARTINS, G. A. (2005) Estatística Geral e Aplicada. 3. ed. São Paulo: Atlas.
- MARTINS, G. A. Princípios de Estatística. 4ª. ed.; São Paulo: Atlas, 1990
- MILONE, G. (2003) Estatística Geral e Aplicada. 1. ed. São Paulo: Thomson Learning
- MEYER, P. L. Probabilidade, Aplicações à Estatística , Rio de Janeiro: LTC, 1982
- TOLEDO, G. L. Estatística Básica. 2ª.ed.; São Paulo: Atlas, 1990

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
DE GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA

MAIA, M. E. No Reino da Fala: A Linguagem e seus Sons. 3ª Ed. São Paulo: Ática. Série Fundamentos, 1991.

MOURA M. C. O Surdo: Caminhos para uma nova identidade. Rio de Janeiro: Revinter, 2000. Na internet: [HTTP://www.gest.ced.ufsc.br/publicacoes.htm](http://www.gest.ced.ufsc.br/publicacoes.htm)

QUADROS, Ronice Muller de. Educação de Surdos: efeitos de modalidade e práticas pedagógicas. Disponível em: http://www.ronice.ced.ufsc.br/publicacoes/edu_surdos.pdf

VILHALBA, Shirley. Pedagogia Surda. Editora Arara Azul. Artigo disponível em: <http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo8/pdf>

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

QUADROS, Ronice Muller de. Aquisição da Linguagem. Disponível em: <http://www.penta.ufrgs.br/edu/telelab/edusurdos/language.htm>

VILHALBA, Shirley. Despertar do Silêncio. Editora Arara Azul. Livro disponível em: [HTTP://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/livro/pdf](http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/livro/pdf)

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
DE GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- BENI, Mário. Análise Estrutural do Turismo. e.d. 13 São Paulo: SENAC, 2008.
- BRASIL. SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação. Reserva da Biosfera da Mata Atlântica. Texto da Lei 9.985 de 18 de julho de 2000 e vetos da Presidência da República ao PL aprovado pelo Congresso Nacional. Caderno nº 18.
- BOULLÓN, Roberto C. Planejamento do espaço turístico. (Trad. Jaely Batista.). Bauru-SP: EDUCSC, 2002.
- COROLANO, Luzia Neide Menezes Teixeira. Do local ao global: o turismo litorâneo cearense. Campinas, SP: Papirus, 1998a.
- DIAS, Reinaldo. Turismo sustentável e meio ambiente. São Paulo: Atlas, 2003.
- FERRETTI, Eliane Regina. Turismo e meio ambiente. São Paulo: Roca, 2002.
- FOLADORI, Guillermo. Por uma sustentabilidade alternativa. Montevideo, Uruguai: Secretaria Regional Latinoamericana de La Unión Internacional de Trabajadores de La alimentación, agrícolas, Hotels, Restaurantes, Tabaco e Afines. (?)
- GOMES, Patrício Melo. (Eco) Turismo. Uma (Re) leitura dos discursos. Brasília: Ibama, 2003.
- KOROSSY, Nathália; CORDEIRO, Itamar; SELVA, Vanice. Turismo e Desenvolvimento Sustentável em Fernando de Noronha (Pernambuco-Brasil): uma análise a partir do consumo de água. Revista de Turismo e Desenvolvimento, v. 10, p. 107-121, 2008.
- LINDENBERG, Kreg; HAWKINS, Donald E. Ecoturismo. Um guia prático para planejamento e gestão. (Tradução: Leila Cristina de M. Darin). 2 ed. São Paulo: editora SENAC, 1999.
- MITRAUD, Sylvia (Org.) Manual de Ecoturismo de Base Comunitária: ferramentas para um planejamento responsável. Brasília: WWF Brasil, 2003.
- NEIMAN, Zysman. (Org.) Meio Ambiente. Educação Ambiental e Ecoturismo. Barueri: Manole, 2002
- RODRIGUES MOYSÉS, Arlete. A produção e o consumo do espaço para o turismo e a problemática ambiental. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; CRUZ, Rita de Cássia Ariza da (org). Turismo: espaço, paisagem e cultura. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 55-62.
- SOUSA, Plínio Guimarães de ; SELVA, V. S. F. . Turismo Comunitário e Educação Ambiental: instrumentos de sustentabilidade turística em comunidades costeiras do Nordeste brasileiro. Revista do IESP, v. 7, p. 199-221, 2008.
- TOMASI, Silvia. Cluster de Turismo. Introdução ao estudo de arranjo produtivo local. São Paulo: Aleph, 2006

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- COROLANO, Luzia Neide Menezes Teixeira. Lazer e Turismo em busca de uma Sociedade Sustentável. In: CORILANO, Luzia Neide M T (Org.). Turismo com ética. Fortaleza: UECE, 1998b.
- PEDRINI, Alexandre Gusmão. Ecoturismo e Educação Ambiental. Rio de Janeiro: Papel Virtual Editora, 2005.
- PELLEGRINI FILHO, Américo. Ecologia, cultura e turismo. Campinas: Papirus, 1997. (Coleção Turismo).
- PETROCCHI, Mário. Turismo: Planejamento e Gestão. São Paulo: Futura, 1998
- PHILIPPI JR., Arlindo; ROMÉRO, Marcelo; BRUNA, Gilda (Eds.). Curso de gestão ambiental. Barueri: Manole, 2004.
- PHILIPPI JR., Arlindo; PELICIONI, Maria Cecília (eds). Educação ambiental e sustentabilidade. Barueri: Manole, 2005.
- PIRES, Paulo dos Santos. dimensão conceitual do Ecoturismo. Turismo – Visão e ação. V. 1, n. 1, p. 75-91. Jan/jun, 1999.
- SELVA, Vanice S. F.; COUTINHO, Solange F. S. Turismo no meio rural: uma perspectiva para o desenvolvimento local. In: FARIA, Ivani Ferreira. Turismo: Lazer e Políticas de Desenvolvimento Local. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas. 2001 (137-148), (Coleção Geografia e Turismo).
- SELVA, V. S. F. ; SANTOS, F. F. ; MELO, C. V. F. ; SOBRAL, M. C. M. . Regiões litorâneas do Nordeste: Impactos do consumo, produção e da transformação do território pela atividade turística. Site Eco Terra Brasil. Eco Turismo / Turismo Ambiental e Rural, 2004
- VIEIRA, João Martins. Planejamento e Ordenamento Territorial do Turismo. Uma perspectiva estratégica. Lisboa: Editora Verbo, 2007.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
DE GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. Ensaios de Antropologia Histórica. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

SILVANO, Filomena. Antropologia do Espaço. Lisboa: Celta, 2002.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

DESCOLA, Philippe & PÁLSSON, Gisli (eds.). *Natureza y Sociedad: Perspectivas Antropológicas*. (Colección Ambiente y Democracia) México: Siglo XXI, 2001.

HARRIS, Marvin. *Nuestra Especie*. (El libro de bolsillo) Madrid: Alianza, 1999.

_____. *Introducción a la Antropología General*. (Manuales, 93) Madrid: Alianza Universidad, 2004.

HOEBEL, E. Adamson & FROST, Everett L. *Antropologia Cultural e Social*. São Paulo: Cultrix, 1996.

KAY, Milton. *Ecologias: Antropologia, Cultura y Entorno*. S/D (www.unesco.org/issj/rics/154/miltonspa.html)

MAIR, Lucy. *Introducción a la Antropología Social*. Madrid: Alianza Universidad, 1994.

SANTOS, Rafael José dos. *Antropologia para quem não vai ser Antropólogo*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2005.

TITIEV, Mischa. *Introdução à Antropologia Cultural*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. 8ª Ed.

WALDMAN, Maurício. *Meio Ambiente & Antropologia*. (Meio Ambiente, 6) São Paulo: Editora SENAC, 2006.

WYN DAVIES, Merryl. *Antropología para Principiantes*. Buenos Aires: Longseller. Argentina, 2004.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE

CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO

DE GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA

INSTITUTO DE PLANEJAMENTO DE PERNAMBUCO – CONDEPE. Monografia da Microrregião do Vale do Ipojuca. Recife, 2001.

_____. Monografia da Mesorregião da Mata Pernambucana. Recife, 2000.

_____. Monografia da Mesorregião do São Francisco Pernambucano. Recife, 1998.

VER SITE: www.condepefidem.pe.gov.br/

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ANDRADE, Manuel Correia de. Formação Territorial e Econômica do Brasil. Recife: Editora Massangana, 2007.

CASTRO, Josué de. Geografia da Fome. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. Homens e Caranguejos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

SILVA, José Borzacchiello da; Dantas E. Wanderley Correia; ZANELLA, Maria Elisa; MEIRELES, Antônio Jeovah de Andrade (orgs.). Litoral e Sertão, Natureza e Sociedade no Nordeste Brasileiro. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE

CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO

DE GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

<input checked="" type="checkbox"/>	Disciplina	<input type="checkbox"/>	Estágio
<input type="checkbox"/>	Atividade Complementar	<input type="checkbox"/>	Módulo
<input type="checkbox"/>	Trabalho de Graduação	<input type="checkbox"/>	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
CG673	Fundamentos de Ecologia	02	01	03	60	-

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

Ecologia e suas relações com as Ciências Geográficas. Componentes naturais e formação de ambientes. Ciclos biogeoquímicos. Ecologia Humana. Poluição e desequilíbrio ecológico. Desenvolvimento e conservação da natureza.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Ecologia e suas relações com as Ciências Geográficas
 - 1.1. Ciência dos sistemas
 - 1.2. Conceitos de ecologia
 - 1.3. Noções gerais de ecologia
 - 1.4. Homem como elemento da biosfera
 - 1.5. Classificação dos sistemas ecológicos
 - 1.6. Importância do conhecimento ecológico para a Geografia
2. Componentes naturais e a formação de ambiente
 - 2.1. Clima
 - 2.2. Relevo
 - 2.3. Solo
 - 2.4. Água
 - 2.5. Seres vivos
3. Ciclos biogeoquímicos
 - 3.1. Constituição e importância
 - 3.2. Ciclos: água; nitrogênio; gás carbônico; oxigênio; enxofre; mercúrio; fósforo
4. Ecologia Humana
 - 4.1. Conceito de Ecologia Humana
 - 4.2. O sistema homem
 - 4.3. A informação e o sistema homem
 - 4.4. Pesquisa em Ecologia humana
 - 4.5. Ecologia Humana e saúde
5. Poluição e desequilíbrio ecológico
 - 5.1. Poluição ambiental natural
 - 5.2. Poluição ambiental antropogênica
 - 5.3. Deterioração do ambiente: desmatamentos; queimadas; erosão; pragas; práticas agrícolas perniciosas
6. Desenvolvimento e conservação da natureza
 - 6.1 Ecologia regionalização desenvolvimento
 - 6.2. Gerenciamento ecológico
 - 6.3. Regionalização e qualidade de vida
 - 6.4. Política de conservação para um desenvolvimento sustentável

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRAGA, Benedito et al. Introdução à Engenharia Ambiental. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.
 CALLENBA, Ernest et al. Gerenciamento Ecológico: Guia do Instituto de Auditoria Ecológica e Negócios Sustentáveis. São Paulo: Cultrix/Amara, 1999.

CONSELHO NACIONAL DA RESERVA DA CAATINGA. Cenários para o Bioma Caatinga. Recife: SECTMA, 2004.

CUNHA, S. B. ; GUERRA, A. J. T. (Orgs.). Avaliação e Perícia Ambiental. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. Impactos ambientais urbanos no Brasil. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

DAJOZ, R. Princípios de Ecologia. Porto Alegre: Artmed, 2005.

DEAN, WARREN. A Ferro e Fogo: A História e a Devastação da Mata Atlântica Brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DIAS, Genebaldo Freire. Ecopercepção: Um Resumo Didático dos Desafios Socioambientais. São Paulo: Gaia, 2004.

DORST, Jean. Antes que a Natureza Morra: Por uma Ecologia Política. São Paulo: Edgard Blücher Ltda., 1973.

FELLENBERG, Günter. Introdução aos Problemas da Poluição Ambiental. São Paulo: EPU: Springer: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1980.

LAGO, A.; PÁDUA, J. A. O Que é Ecologia. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LEAL, I. R.; TABARELLI, M.; SILVA, J. M. C. Ecologia e Conservação da Caatinga. 2ª ed. Recife:Universitária da UFPE., 2005.

MACHADO, Paula de Almeida. Ecologia Humana. [São Paulo]: Cortez; [Brasília]: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico; [São Paulo]: Autores Associados. 1984.

MARTINS, C. Biogeografia e Ecologia. São Paulo: Nobel, 1992.

MINC, Carlos. Ecologia e Cidadania. São Paulo: Moderna, 1997.

MOURÃO, Ronaldo R. de Freitas. Ecologia Cósmica: uma visão cósmica da ecologia. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1992.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. Nosso Futuro Comum. 2ª ed. Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas. 1991. 430 p.

ODUM, Eugene P. Ecologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

_____. Fundamentos de Ecologia. Lisboa: Editora Calouste Gulbenkian, 2004.

PASSOS, Claribalte. Ecologia: O Homem No Rumo da Sobrevivência. Recife: Editora Universitária/UFPE, 1979.

PELIZZOLI, Marcelo Luiz. A Emergência do Paradigma Ecológico: Reflexões Ético-Filosóficas para o Século XXI. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999.

PENA-VEJA, Alfredo. O Despertar Ecológico: Edgar Morin e A Ecologia Complexa. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

PESSOA, Fernando. Ecologia E Território: Regionalização, Desenvolvimento, Ordenamento Do Território Numa Perspectiva Ecológica. Coleção Viver é Preciso/16. Porto, PO: Edições Afrontamento, 1985.

RICKLEFS, Robert E. A Economia da Natureza. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 2003.

SALLES, Jairo L. de, Santos, Reynaldo da Silva, e Marcello, Selmo Menezes. Ciências do Meio Ambiente. Livraria Editora Mercúrio Star.

SCHMIEGELOW, J. M. M. O Planeta Azul: uma Introdução às Ciências Marinhas. Rio de Janeiro; Ed. Interciência, 2004.

TOWNSEND, C. R.; BEGON, M. Fundamentos em Ecologia. Porto Alegre: Artmed, 2006.

TROPPIAIR, H. Biogeografia e Meio Ambiente. Rio Claro: Divisão, 2008

VALLE, Ciro Eyer do. Qualidade Ambiental: O Desafio de Ser Competitivo Protegendo O Meio Ambiente. São Paulo: Pioneira, 1995.

VERDUM, R; MEDEIROS, R. M. V. Rima Relatório de Impacto Ambiental: Legislação, Elaboração e Resultados. 4ª ed. Porto Alegre: Universitária da UFRGS, 2002.

WALTER, Heinrich. Vegetação e Zonas Climáticas: Tratado de Ecologia Global São Paulo: EPU, 1986.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AB'SABER, A. Os Domínios de Natureza no Brasil: Potencialidades Paisagísticas. São Paulo: Atelier Editorial, 2003.

ERICKSON, J. Nosso Planeta está Morrendo: a Extinção das Espécies; a Biodiversidade. São Paulo: Makron, McGraw-Hill, 1992

MILANO, M. S.; NUNES, M. L. A Estratégia Global da Biodiversidade. Diretrizes de Ação para Estudar, Salvar e Usar de Maneira Sustentável e Justa a Riqueza Biótica da Terra. WRI, UICN, PNUMA, 1992.

MUEHE, D. O Litoral Brasileiro e sua Compartimentação. In: CUNHA, Sandra Baptista; GUERRA, Antônio José Teixeira (org.). Geomorfologia do Brasil. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. P. 273-349.

RELATÓRIO DO GRUPO DE TRABALHO DA ESTRUTURA CONCEITUAL DE AVALIAÇÃO ECOSISTÊMICA DO MILÊNIO. Ecossistemas e Bem-estar Humano – Estrutura para uma Avaliação. Bottini, R. L. (trad.). São Paulo: Editora SENAC, 2005

ROMARIZ, D. A. Aspectos da Vegetação do Brasil. São Paulo: Ed. Lemos, 1996.

SÁNCHEZ, L. E. Avaliação de Impacto Ambiental: Conceitos e Métodos. São Paulo: Oficina de Textos. 2008

SKINNER, B. J.; TUREKIAN, K. K. O Homem e o Oceano. São Paulo: Ed. da USP, 1977

TAVARES, A. C. Mudanças Climáticas. In: VITTE, A. C.; GUERRA, Antônio José Teixeira. Reflexões sobre a Geografia Física no Brasil, 2004. P. 49-88.

TEIXEIRA, W.; TOLEDO, M. C. M.; FAIRCHILD, T. R.; TAIOLI, F. Decifrando a Terra. São Paulo: Oficina de Textos, 2000.

THURMAN, H. V.; TRUJILLO, A. P. Essentials of Oceanography. New Jersey: Prentice Hall, 1999.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
DE GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

<input checked="" type="checkbox"/>	Disciplina	<input type="checkbox"/>	Estágio
<input type="checkbox"/>	Atividade Complementar	<input type="checkbox"/>	Módulo
<input type="checkbox"/>	Trabalho de Graduação	<input type="checkbox"/>	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
LE006	Português Instrumental	04	0	04	60	-

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

Comunicação oral e escrita: revisão dos principais fatos da língua.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- Funções de linguagem: Níveis de fala.
- A estrutura da frase e do período.
 - 2.1. Frase, período, oração.
 - 2.2. Frase, gramaticalidade e inteligibilidade.
 - 2.3. Frases de situação e nominais.
 - 2.4. Articulação das orações no período.
- A estrutura do parágrafo
 - 3.1. A delimitação do assunto.
 - 3.2. A fixação de objetivos.
 - 3.3. O parágrafo padrão
 - 3.4. A importância e extensão do parágrafo.
 - 3.5. Formulação do tópico frasal (introdução)
 - 3.6. A formulação do desenvolvimento
 - 3.7. A formulação da conclusão
- Estrutura do texto: coesão e coerência
 - 4.1. Processo de coordenação e subordinação
 - 4.2. A pontuação
 - 4.3. Discurso direto e indireto
 - 4.4. A posição dos termos na frase
- Seleção vocabular: os sentidos das palavras
 - 5.1. Denotação e conotação
 - 5.2. O uso figurado das palavras

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- BECKER, Magda Soares. Técnica de Redação. Rio de Janeiro, Liv. Tec. 1978
- BELTRÃO, Odair. Redação Técnica Oficial.
- CUNHA, Celso Ferreira da. Gramática do Português Contemporâneo. Gramática da Língua Portuguesa.

GARCIA Othon, M. Comunicação em Prosa Moderna. F. G. V. Rio de Janeiro, 1982.

MARTINS, Dileta Silveira e Lilthe-Knope Scliar. Português Instrumental. Prodil S.A. Porto Alegre, 1982.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

COSTA VAL, Maria da Graça. Redação e textualidade. São Paulo: Martins Fonte, 1991.

FARACO, c. a.; TEZZA, C. Prática de textos para estudantes universitários. Petrópolis/RJ: Vozes, 1992.

GUIMARÃES, Elisa. A articulação do texto. São Paulo: Ática, 1995.

KOCH. Ingedore G. Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Texto e coerência. São Paulo: Cortez, 1995.

KOCH. Ingedore G. Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A coesão textual. 6ª. Ed. São Paulo: Contexto, 1990.

SAVIOLI, F. P.; FIORINI, J. L. Para entender o texto: leitura e redação. São Paulo: Contexto, 1996.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE

LETRAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO

LETRAS

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

<input checked="" type="checkbox"/>	Disciplina	<input type="checkbox"/>	Estágio
<input type="checkbox"/>	Atividade Complementar	<input type="checkbox"/>	Módulo
<input type="checkbox"/>	Trabalho de Graduação	<input type="checkbox"/>	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
CG669	Geomorfologia Costeira	02	01	03	60	-

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

Agentes da esculturação litorânea. Mecanismo da evolução do litoral. Os tipos de Costas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. A Terminologia Brasileira das Formas Litorâneas
2. Os Processos de Erosão e Sedimentação nas Áreas Litorâneas
3. Os Fenômenos Glácios-Eustáticos do Quaternário
4. As Formas de Relevo Litorâneo: Gênese e Evolução
5. A Classificação das Costas

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CASSETI, V. Elementos de Geomorfologia. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2001.

CUNHA, S. B.; GUERRA, A. J. T. Geomorfologia, uma Atualização de Bases e Conceitos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

HOEFEL, F. G. Morfodinâmica de Praias Arenosas Oceânicas: uma Revisão Bibliográfica. Itajaí: Ed. da Universidade do Vale do Itajaí, 1998.

SUGUIO, K. et al. Flutuações do Nível Relativo do Mar durante o Quaternário Superior ao longo do Litoral Brasileiro e suas Implicações na Sedimentação Costeira. Revista Brasileira de Geociências. V..15, 1985.

SUGUIO, K. Dicionário de Geologia Marinha. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, LTDA, 1992.

_____. Geologia do Quaternário e Mudanças Ambientais. São Paulo: Paulo's Comunicação e Artes Gráficas, 1999.

SUGUIO, K. ; BIGARELLA, J. J. Ambientes Fluviais. Florianópolis. Ed. UFSC, 1990.

TEIXEIRA, W. ; TOLEDO, M. C. M. ; FAIRCHILD, T. R. ; TAIOLI, F. Decifrando a Terra. São Paulo: Oficina de Textos, 2000.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BLOOM, A. L. Superfície da Terra. São Paulo: Edgard Blucher, 1996.

CHRISTOFOLETTI, A. Geomorfologia. São Paulo: Edgard Blucher, 1980.

CUNHA, S. B.; GUERRA, A. J. T. Geomorfologia, Exercícios, Técnicas e Aplicações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

_____. Geomorfologia do Brasil. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

GUERRA, A. T. ; GUERRA, A. J. T. Novo Dicionário Geológico-Geomorfológico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
ROSS, J. L.S. Geomorfologia, Ambiente e Planejamento. São Paulo: Contexto, 2001.
SUGUIO, K.. Dicionário de Geologia Sedimentar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

<input checked="" type="checkbox"/>	Disciplina	<input type="checkbox"/>	Estágio
<input type="checkbox"/>	Atividade Complementar	<input type="checkbox"/>	Módulo
<input type="checkbox"/>	Trabalho de Graduação	<input type="checkbox"/>	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
INT0048	Projeto de Iniciação Científica	00	02	02	60	-

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

Realização de atividades de iniciação científica desenvolvidas em projeto aprovado pela Pró-reitora de Pesquisa.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Apresentação do projeto e do plano de atividades do aluno acompanhado da concordância do professor orientador do projeto.
2. Apresentação de relatório parcial preliminar sobre as atividades desenvolvidas com comprovação de 3 (três) encontros com orientador do projeto.
3. Apresentação de relatório final sobre os resultados das atividades desenvolvidas no projeto acompanhado de um parecer do orientador do projeto sobre o desempenho do aluno.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Essa Bibliografia Básica será identificada a partir da escolha do Tema do Projeto. Trata-se de uma Bibliografia específica.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ABNT. Informação e Documentação – Citações em Documentos – Apresentação (NBR 10520). Rio de Janeiro, 2002.

_____. Informação e Documentação – Referências – Elaboração (NBR 6023). Rio de Janeiro, 2002.

_____. Informação e Documentação – Trabalhos Acadêmicos – Apresentação (NBR 14724). Rio de Janeiro, 2005.

ANDRADE, Maria M. de. Introdução à Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo: Atlas, 1999.

BASTOS, E. A. Manual Para Elaboração de Projetos e Relatórios de Pesquisas: Teses e Dissertações. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

COSTA, Sérgio Francisco. Método Científico: Os Caminhos da Investigação. São Paulo: Harbra, 2001.

FURASTÉ, Pedro Augusto. Normas Técnicas para o Trabalho Científico: Explicitação das Normas da ABNT. Porto Alegre, 2004.

MARCONI, M. Técnicas de Pesquisa. São Paulo: Atlas, 1996.

SERAFINI, Maria Teresa. Como Escrever Textos. São Paulo: Editora Globo, 1997.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da Pesquisa-Ação. São Paulo: Cortez, 2004

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA

VASQUES, Adolfo S. Ética. Tradução João Dell’Ana. 19. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE

FILOSOFIA

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO

FILOSOFIA

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

<input checked="" type="checkbox"/>	Disciplina	<input type="checkbox"/>	Estágio
<input type="checkbox"/>	Atividade Complementar	<input type="checkbox"/>	Módulo
<input type="checkbox"/>	Trabalho de Graduação	<input type="checkbox"/>	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
CG682	Geomorfologia do Quaternário	02	01	03	60	-

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

Geomorfologia do Quaternário: conceituação e aplicações. Cronologia do Quaternário. Mudanças e flutuações paleoclimáticas do Quaternário no mundo e no Brasil. Registros sedimentológicos e geomorfológicos das mudanças e flutuações climáticas do Quaternário. Transgressões e regressões marinhas e seus registros durante o Quaternário. Quaternário costeiro brasileiro. Neotectonismo quaternário.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. A Geomorfologia do Quaternário: conceitos e relações com outras ciências da Terra. A importância da Geomorfologia do Quaternário para a análise do relevo terrestre.
2. As características gerais dos estudos sobre o Quaternário no Brasil e no mundo. A cronologia do Quaternário. Os períodos glaciais e interglaciais do Quaternário: as diversas classificações adotadas.
3. As mudanças e as flutuações climáticas do Quaternário no Mundo e no Brasil: causas e consequências geomorfológicas. Os diversos modelos de interpretação da dinâmica paleoclimática quaternária no Brasil: as contribuições de Aziz Nacib Ab'Sáber, Gilberto Osório de Andrade, Jean Tricart, João José Bigarella, entre outros. Registros sedimentológicos e geomorfológicos das mudanças e flutuações climáticas do Quaternário.
4. A Geomorfologia das áreas costeiras do Brasil elaboradas durante o Quaternário.
5. Principais aspectos e evidências das manifestações neotectônicas durante o Quaternário no território brasileiro.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BIGARELLA, J.J. Subsídios para o estudo das variações do nível oceânico no Quaternário brasileiro. Anais da Academia Brasileira de Ciências (suplemento), v. 47, 1965.
 BIGARELLA, J.J.; MOUSINHO, M. R. SILVA, J.X. da. Pediplanos, Pedimentos e seus Depósitos Correlativos no Brasil. Bol. Paran. Geog. N°16, 17, jul. 1965
 SUGUIO, K. Geologia do Quaternário. São Paulo: Oficina de textos, 2010.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AB'SÁBER, A.N. Os mecanismos de desintegração das paisagens tropicais no Pleistoceno. Efeitos paleoclimáticos do período Wurm-Wisconsin no Brasil. UNESP, Inst. Bioc., Letras e Ciências, Inter-Fácies, 1979.
 BIGARELLA, J.J. et al. Estrutura e Origem das Paisagens Tropicais e Subtropicais, I. Florianópolis: Editora da UFSC, 1994
 FAIRBRIDGE, R.W. The encyclopedia of Geomorphology. New York: Dowden, Hutchinson & Ross, 1968

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE

CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO

GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

<input checked="" type="checkbox"/>	Disciplina	<input type="checkbox"/>	Estágio
<input type="checkbox"/>	Atividade Complementar	<input type="checkbox"/>	Módulo
<input type="checkbox"/>	Trabalho de Graduação	<input type="checkbox"/>	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
CG303	Educação Ambiental	02	01	03	60	-

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

Aspectos conceituais. Fundamentos filosóficos. Contextualização sócio-econômica e política. Métodos de análise. Estudos simulados com base nos textos didáticos. Seminários de avaliação e montagem de cenário.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Aspectos conceituais introdutórios.
 - 1.1. Conceitos básicos
 - 1.2. Ambientalismo e sustentabilidade
 - 1.3. As múltiplas concepções de Educação Ambiental
2. Panorama histórico, filosófico e ideológico da Educação Ambiental.
 - 2.1. Aspectos contextuais da questão ambiental
 - 2.2. Antecedentes da Educação Ambiental
 - 2.3. Os marcos da Educação Ambiental e sua expansão no Brasil
 - 2.4. Fundamentos filosóficos da questão ambiental - Elementos relevantes da ética e da história das civilizações.
3. Os grandes temas da questão ambiental: aspectos contextuais e dimensões sócio-econômica e política
 - 3.1. A necessidade da preservação, da conservação e das prevenções dos riscos das mudanças climáticas
 - 3.2. Crescimento populacional e capacidade de suporte: relação necessária ao entendimento da produção agrícola e à questão social urbana.
 - 3.3. Desenvolvimento sustentável; um novo estilo de desenvolvimento econômico?
 - 3.4. A necessidade da Educação Ambiental na gestão ambiental
4. Educação Ambiental: subsídios ao planejamento e à prática.
 - 4.1. Avaliação de impacto ambiental
 - 4.2. Legislação Ambiental
 - 4.3. Sistema de Gestão Ambiental (SGA)
 - 4.4. A gestão ambiental em Pernambuco: instrumentos e ações
 - 4.5. Experiências de Educação Ambiental - 1o, 2o e 3o setor.
 - 4.6. Elaboração de atividades de Educação Ambiental.
5. Seminários: estudos de casos relevantes identificados na prática escolar

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ABREU, Dora. Sem Ela, Nada Feito. Uma abordagem da Educação Ambiental na implantação da ISO – 14001. Salvador: Asset Negócios Corporativos. 1997

AGENDA 21 do Estado de Pernambuco. Recife: SECTMA, 2003.

CARVALHO, Isabel. A Invenção Ecológica: Narrativas e Trajetórias da Educação Ambiental no Brasil. Porto Alegre: UFRS, 2001.

CARVALHO, Isabel C. M. A Crise Ambiental em Tempos de Globalização. In: Pensando e Praticando a Educação Ambiental na Gestão do Meio Ambiente. Brasília: IBAMA, 2002.

_____. Desafios e Dilemas Políticos: as Lutas e Movimentos Ambientais. In: Pensando e Praticando a Educação Ambiental na Gestão do Meio Ambiente. Brasília: IBAMA, 2002.

DIAS, Genebaldo Freire. Pegada Ecológica e Sustentabilidade Humana. São Paulo: Gaia, 2002.

_____. Educação Ambiental: Práticas e Princípios. 4 ed. São Paulo: Gaia, 1994.

FLORIANI, Dimas. A Complexidade Ambiental Nos Convida a Dialogar com as Incertezas da Modernidade. Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 4, jul./dez.. Editora da UFPR, 2001.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AGUIAR, Roberto Armando Ramos de. Direito do Meio Ambiente e Participação Popular. Brasília: IBAMA, 2002.

BRASIL. LEI Nº 9.795 LEI Nº 9.795. Dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências.

CARSON, Rachel. Primavera Silenciosa. 2. Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1969.

CARTA do Chefe Seattle a Ulysses Grant, Presidente dos Estados Unidos, 1855. In PINSKY, Jaime et al. História da América Através de Textos. São Paulo: Contexto, 1989.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. Nosso Futuro Comum. 2. Ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991.

DULLEY, Richard Domingues. Noção de Natureza, Ambiente, Meio Ambiente, Recursos Ambientais e Recursos Naturais. v. 51, nº. 2. São Paulo, jul/dez. 2004.

FAZENDA, Ivani (org.) Didática e Interdisciplinaridade. São Paulo: Papyrus, 1998.

FUNDAÇÃO ESTADUAL DE ENGENHARIA DO MEIO AMBIENTE. (FEEMA). Vocabulário Básico de Meio Ambiente. 4 ed. Rio de Janeiro: Petrobras, 1992.

GOMES, Patrício Melo. Gestão Ambiental na Esfera do Estado e do Mercado. IN: Pensando e Praticando a Educação Ambiental na Gestão do Meio Ambiente. Brasília: IBAMA, 2002.

KINDEL, E. A. I.; SILVA F. W.; SAMMARCO M. Y. (orgs) Educação Ambiental. Vários Olhares e Várias Práticas. Porto Alegre: Ed. Meditação, 2004.

LEFF, E. Epistemologia Ambiental. São Paulo: Cortez, 2001.

LEONARDI, Maria Lúcia Azevedo. A Educação Ambiental como Instrumento de Superação da Insustentabilidade da Sociedade Atual. In: CAVALCANTI, Clóvis (org.). Meio Ambiente, Desenvolvimento Sustentável e Políticas Públicas. São Paulo: Cortez;

LOUREIRO, Carlos Frederico B. Trajetória e Fundamentos da Educação Ambiental. São Paulo: Cortez, 2004.

LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. Educação Ambiental. Repensando o Espaço da Cidadania. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Sociedade e Meio Ambiente. A Educação Ambiental em Debate. Repensando o Espaço da Cidadania. 2ª. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. et al. Educação Ambiental e Gestão Participativa em Unidades de Conservação. 2. ed. Brasília: IBAMA, 2005.

MEADOWS, D. H.; MEADOWS, D. L.; RANDERS, J.; BEHRENS III, W. W. Limites do Crescimento. Um relatório para o Projeto do Clube de Roma sobre o dilema da humanidade. 2 ed. São Paulo: Editora Perspectiva S. A. 1978.

MORIN, Edgar. O Método I, a Natureza da Natureza. Portugal: Publicações Europa-América, 1997.

NEIMAN, Zysman. (org.) Meio Ambiente. Educação e Ecoturismo. Barueri: Manole, 2002.

OLIVEIRA, Elísio Márcio. Educação Ambiental. Uma Possível Abordagem. 2ª. ed. Brasília: IBAMA, 2000.

PELIZZOLI, Marcelo L. Correntes da Ética Ambiental. Petrópolis: Vozes, 2003.

PHILIPPI JUNIOR, Arlindo; PELICIONI, Maria Cecília F. Educação Ambiental e Sustentabilidade. Barueri: Manole, 2005.

REIGOTA, Marcos. Meio Ambiente e Representação Social. São Paulo: Cortez, 1995.

RUSCHEINSKY, Aloísio et al. Educação Ambiental. Abordagens múltiplas. Porto Alegre: Artmed, 2002.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

<input checked="" type="checkbox"/>	Disciplina	<input type="checkbox"/>	Estágio
<input type="checkbox"/>	Atividade Complementar	<input type="checkbox"/>	Módulo
<input type="checkbox"/>	Trabalho de Graduação	<input type="checkbox"/>	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
CG303	Educação Ambiental	02	01	03	60	-

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

Evolução histórica, instrumentos e métodos utilizados em Oceanografia. Estudo dos processos e fenômenos oceânicos a partir das subáreas: Oceanografia Geológica, Oceanografia Química, Oceanografia Física e Oceanografia Biológica. Introdução ao estudo da zona costeira.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1 INTRODUÇÃO
1.1 Conceituação e importância da Oceanografia
1.2 Divisão e interdisciplinaridade
1.3 Evolução histórica e atualidade
2 RELEVO SUBMARINO E EVOLUÇÃO DOS OCEANOS
2.1 Divisão geral do relevo submarino
2.2 Margens continentais, bacias oceânicas e cordilheiras oceânicas
2.3 Deriva continental e tectônica de placas
2.4 Sedimentos Marinhos
3 PROPRIEDADES FÍSICO-QUÍMICAS DAS ÁGUAS MARINHAS
3.1 Composição e estrutura da água do mar
3.2 Salinidade, temperatura e densidade
3.3 Outros parâmetros físico-químicos (gases dissolvidos, pH, turbidez e nutrientes)
3.4 Penetração da luz e propagação do som nos oceanos
3.5 Poluição marinha
4 DINÂMICA MARINHA
4.1 Correntes oceânicas em larga escala
4.2 Circulação termohalina e massas d'água
4.3 Ondas e correntes costeiras
4.4 Marés
4.5 Oscilações verticais do nível do mar
5 VIDA MARINHA
5.1 Classificação e adaptações dos organismos marinhos
5.2 Biodiversidade
5.3 Produtividade nos oceanos e cadeia alimentar
6 INTRODUÇÃO À ZONA COSTEIRA
6.1 Ambientes Costeiros: manguezais e marismas; estuários e lagoas; praias; dunas e planícies costeiras
6.2 Mar Territorial e Zona Econômica Exclusiva
6.3 Classificação de costas
6.4 Impactos antrópicos e gerenciamento costeiro
7 TÉCNICAS DE ESTUDO E EQUIPAMENTOS OCEANOGRÁFICOS

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- BARROS, G. L. M. 1999. Navegar é fácil. 10ª Edição. Ed. Catau, Rio de Janeiro, 491 p.
- ESKINAZI-LEÇA, E.; NEUMANN-LEITÃO, S.; COSTA, M. F. (orgs.). 2004. Oceanografia: um cenário tropical. Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Tecnologia e Geociências, Departamento de Oceanografia, Recife, 761 p.
- LEINZ, V.; AMARAL, S. E. 1985. Geologia geral (Capítulo 8). Ed. Nacional, São Paulo, 397 p.
- LITTLEPAGE, J. 1998. Oceanografia. Editora da Univ. Federal do Sergipe.
- MAGLIOCCA, A. 1987. Glossário de Oceanografia. Nova Stella / EDUSP, São Paulo, 355 p.
- MUEHE, D. O litoral brasileiro e sua compartimentação. In Cunha, S.B. e Guerra, A.J.T. (Org.). Geomorfologia do Brasil. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, p. 273-349.
- PEREIRA, R. C.; SOARES-GOMES, A. Biologia Marinha. Rio de Janeiro; editora interciencia, 2002, 382p.
- PERNETTA, J. 1994. Atlas of the oceans. Rand McNally, Singapore, 208 p.
- PICKARD, G. L. 1968. Oceanografia Física descritiva: uma introdução. BRJ/Fund. de Estudos do Mar, Rio de Janeiro, 180 p.
- SCHMIEGELOW, J. M. M. 2004. O Planeta Azul - Uma introdução às ciências marinhas. Ed. Interciência, Rio de Janeiro, 202p.
- SKINNER, B. J.; TUREKIAN, K. K. 1977. O homem e o oceano. Edgard Blücher, São Paulo, 155 p.
- TESSLER, M. G.; MAHIQUES, M. M. 2001. Processos oceânicos e fisiografia dos fundos marinhos. In: TEIXEIRA, W.; TOLEDO, M. C. M.; FAIRCHILD, T. R.; TAIOLI, F. (orgs.). Decifrando a Terra. Oficina de Textos, São Paulo, p. 262-284.
- THURMAN, H. V.; TRUJILLO, A. P. Essentials of Oceanography. New Jersey: Prentice Hall, 1999, 527p.
- TUREKIAN, K. K. 1996. Oceanos. Edgard Blücher / EDUSP, São Paulo, 151 p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- BAPTISTA NETO, J. A.; PONZI, V. R. A.; SICHEL, S. E. (orgs.). 2004. Introdução à Geologia Marinha. Ed. Interciência, Rio de Janeiro, 279 p.
- BAUMGARTEN, M. G. Z.; ROCHA, J. M. B.; NIENCHESKI, L. F. H. 1996. Manual de análises em Oceanografia Química. Editora da FURG, Rio Grande, 132 p.
- BIGARELLA, J. J. 2000. Dinâmica Marinha. In: Temas de Geologia Marinha, Cadernos Geográficos, (3):1-37.
- CHRISTOFOLETTI, A. 1980. Geomorfologia (Capítulo 5). São Paulo, Ed. Edgard Blücher, 2ª edição, 188 p.
- COMISSÃO MUNDIAL INDEPENDENTE SOBRE OS OCEANOS. 1999. O oceano, nosso futuro. Relatório da Comissão Mundial Independente sobre os Oceanos, 247 p.
- GANERI, A.; CORBELLA, L. 1994. Atlas dos oceanos. Martins Fontes, São Paulo, 64 p.
- LEVINTON, J. S. 1995. Marine Biology. Function, Biodiversity, Ecology. Oxford Univ. Press, New York, 420p.
- PICKARD, G. L. 1968. Oceanografia física descritiva. Fundação de Estudos do Mar, Rio de Janeiro, p. 99-129.
- SUGUIO, K. 1992. Dicionário de Geologia Marinha. Bibl. de Ciências Naturais. T.A. QUEIROZ, São Paulo, 171p.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

x	Disciplina
	Atividade Complementar
	Trabalho de Graduação

	Estágio
	Módulo
	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO

ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
IN095	Empreendedorismo	04	00	04	60	-

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

Conceitos básicos do empreendedorismo, modelo de liderança, comunicação e trabalho em equipe. Formas de comportamento e atitudes empreendedoras, criatividade, pensamento convergente e divergente.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

<p>APRESENTAÇÃO DO PLANO DE FORMAÇÃO DE EMPREENDIMENTOS</p> <ul style="list-style-type: none"> • O trabalho e suas perspectivas futuras; • O conceito de empreendedor e "intrapreneur"; • Importância do empreendedorismo no mercado de trabalho; • Mudanças de paradigmas e globalização; • Apresentação das ementas que compõem a ênfase em empreendedorismo; • Questionário de auto-destruição comportamental. <p>INTEGRAÇÃO DO GRUPO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Discussão das expectativas quanto ao Curso de Geografia e a ênfase em empreendedorismo; • Apresentação dos participantes; • Desenvolvimento dos conceitos de liderança situacional, comunicação, trabalho em equipe e integração grupal; • Levantamento das características individuais quanto aos conceitos desenvolvidos no item anterior. <p>SENSIBILIZAÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento do uso dos sentidos na execução de tarefas; • Reconhecimento das dimensões do corpo e do espaço; • Expressão de movimento e emoções; • Linguagem corporal; • Processo de integração e confiança interpessoal; • Exercícios de cooperação. <p>INICIAÇÃO DO TRABALHO EM GRUPO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Papéis sociais em grupo; • Reconhecimento de Limitações auto-impostas; • Superação de inibições. <p>VIVÊNCIA DE NEGÓCIOS I</p> <ul style="list-style-type: none"> • Concepção de produto; • Definição de tecnologias, processos, produtos e serviços; • Terceirização, parcerias e Sociedade. <p>SESSÃO DE FEEDBACK</p> <ul style="list-style-type: none"> • Avaliação dos tópicos abordados; • Levantamento de necessidades de aprimoramento individual; • Entrega dos trabalhos individuais. <p>CRIATIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO DE NEGÓCIOS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Avaliação individual do potencial criativo; • Desenvolvimento de atitudes adequadas às situações imprevistas; • Estímulos do pensamento divergente; • Pensamento divergente e solução de problemas; • Estímulo à expressão do pensamento convergente; • Pensamento convergente e solução de problemas; • Exercícios envolvendo simultaneamente o pensamento divergente e convergente. <p>VIVÊNCIA DE NEGÓCIOS II</p> <ul style="list-style-type: none"> • Competitividade e negociações; • Planejamento e organização de negócio: Plano de negócios; • Tomada de decisões.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ALMEIDA, Martinho I. R. de. Manual de Planejamento Estratégico. Editora Atlas, São Paulo, 2001.
- BERTALANFFY, L. V. Teoria Geral dos Sistemas. Ed. Vozes. 1975.
- BESSANT, J.; TIDD, J. Inovação e empreendedorismo. São Paulo: Artmed, 2009.
- BIRD, Bárbara J. Entrepreneurial behavior. Scott, Foresmen: Glenview, 1989.
- DEGEN, R. O Empreendedor. São Paulo, Makron, 1989.
- DOLABELA, F. Oficina do Empreendedor. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.
- DRUCKER, Peter F. Inovação e espírito empreendedor: prática e princípios. Editora Pioneira - São Paulo, 1994.
- GERBER, Michael E. O Mito do Empreendedor. São Paulo, Saraiva, 1990.
- HALLORAN, James W. Por que os empreendedores falham. São Paulo, Makron, 1994.
- MORRIS, M. J. Iniciando um Pequena Empresa com Sucesso. São Paulo, Makron, 1991.
- REISNIK, Paul. A Bíblia da Pequena Empresa. Makron Books Editora, São Paulo, 1988.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- DUAILIBI, Roberto; SIMONSEN JR. Criatividade % Marketing. São Paulo : McGraw-Hill, 1990.
- FISCHMANN, Adalberto e ALMEIDA, Martinho I. R. Planejamento Estratégico na Prática. Editora Atlas, São Paulo, 1991.
- KAO, John J. The Entrepreneurail Organization. Englewood Cliffs, Prentice Hall, 1991.
- MAY, Rollo. A Coragem de criar. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1982.
- SEBRAE. Empreendedorismo: Manual do aluno. São Paulo: SEBRAE, 67 p. (disponibilizado em formato digital).

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

<input checked="" type="checkbox"/>	Disciplina	<input type="checkbox"/>	Estágio
<input type="checkbox"/>	Atividade Complementar	<input type="checkbox"/>	Módulo
<input type="checkbox"/>	Trabalho de Graduação	<input type="checkbox"/>	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
CG270	Leitura de Cartas Geográficas	02	01	03	60	-

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

Cartas e Geografia. Orientação, Localização e Contagem do Tempo. Escalas Cartográficas e Densidade de Informações. Informações por temas e suas representações cartográficas. A carta topográfica - sua importância nos trabalhos geográficos. Seu manuseio através da leitura da legenda elaborada do comentário topográfico. Elaboração do comentário humano.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

<p>1. A orientação e localização no espaço e a contagem no tempo.</p> <p>1.1 Os pontos cardeais</p> <p>1.2 As coordenadas geográficas</p> <p>1.3 Os fusos horários</p> <p>2. Carta e Geografia</p> <p>2.1 A carta como fonte de informações: o exemplo do Atlas</p> <p>2.2 A carta instrumento de representação: seletividade das informações e o papel da legenda.</p> <p>2.3. A carta como instrumento de trabalho do geógrafo: em gabinete e no campo.</p> <p>3. Escalas Geocartográficas e observação comparativa da densidade das informações</p> <p>3.1. Os mapas convencionais</p> <p>3.2. Os mapas e as divisões cartográficas</p> <p>3.2.1. Cartas de pequenas escalas</p> <p>3.2.2. Cartas de escalas médias</p> <p>3.2.3. Cartas de grandes escalas</p> <p>4. As Cartas e as informações por temas</p> <p>4.1. As cartas em Geografia Humana</p> <p>4.1.1. Cartas em Geografia da População</p> <p>4.1.2. Cartas em Geografia Agrária e Urbana</p> <p>4.1.3. Cartas em Geografia Econômica e Política</p> <p>4.2. As cartas em Geografia Física</p> <p>4.2.1. Cartas Geológicas e Geomorfológicas</p> <p>4.2.2. Cartas Climáticas</p> <p>4.2.3. Cartas de vegetação e de solos</p> <p>5. A Carta Topográfica</p> <p>5.1. Importância da carta topográfica em Geografia</p> <p>5.1.1. A representação da paisagem</p> <p>5.1.2. A utilização em trabalho de campo</p> <p>5.1.3. A utilização em trabalho de gabinete</p> <p>5.2. O manuseio de carta topográfica</p> <p>5.2.1. Situação geográfica</p> <p>5.2.2. A ordem da legenda: informações físicas</p> <p>5.2.3. A ordem da legenda: informações humanas</p> <p>5.3. O comentário topográfico</p> <p>5.3.1. O relevo</p> <p>5.3.2. As unidades do relevo</p> <p>5.3.3. Bacias e sub-bacias hidrogeográficas</p> <p>5.3.4. Perfis topográficos</p> <p>5.3.5. A vegetação</p> <p>5.1. Importância da carta topográfica em Geografia</p>

- 5.1.1. A representação da paisagem
- 5.1.2. A utilização em trabalho de campo
- 5.1.3. A utilização em trabalho de gabinete
- 5.2. O manuseio de carta topográfica
 - 5.2.1. Situação geográfica
 - 5.2.2. A ordem da legenda: informações físicas
 - 5.2.3. A ordem da legenda: informações humanas
- 5.3. O comentário topográfico
 - 5.3.1. O relevo
 - 5.3.2. As unidades do relevo
 - 5.3.3. Bacias e sub-bacias hidrogeográficas
 - 5.3.4. Perfis topográficos
 - 5.3.5. A vegetação
- 5.4. O comentário humano
 - 5.4.1. Distribuição do "Habitat"
 - 5.4.2. Transportes e outras infraestruturas
 - 5.4.3. Uso produtivo do solo e do subsolo
 - 5.4.4. Divisão e hierarquia administrativa.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- CÂMARA, Gilberto et al. Anatomia de Sistemas de Informação Geográfica. Rio de Janeiro, 1996.
- CARTAS TOPOGRÁFICAS [on line]. Disponível: <http://www.gpsglobal.com.br/Artigos/Cartas.html>. Acesso em 11 de set. 2007.
- CASTRO, Frederico do Valle F. de et al. Cartografia Temática. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- CEUB/ICPD. Curso de GPS e Cartografia Básica. Disponível: <http://katalivros.com>. Acesso em 30 jul. 2008.
- CONCEIÇÃO, Cássio L. da; SOUZA, Jorge L. Santos de. Noções Básicas de Coordenadas Geográficas e Cartografia. Porto Alegre: Metrópole Indústria Gráfica, 2000.
- GRANELL-PEREZ, Maria del Carmen. Trabalhando Geografia com as Cartas Topográficas. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.
- IBGE. Noções Básicas de Cartografia. Disponível: www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia. Acesso em 30 de jul. 2008.
- JOLY, Fernand. A Cartografia. 5ª ed. Campinas: Papyrus, 2003.
- MARTINELLI, Marcelo. Mapas da Geografia e Cartografia Temática. São Paulo: Contexto, 2003.
- RAISZ, Erwin. Cartografia Geral. Trad. Neide Schneider e Celso Meyer. Rio de Janeiro: Científica, 1969.
- SUDENE/ DSG. Cartas Topográficas nas Escalas 1: 25 000 (Folhas Recife, Jaboatão, São Lourenço da Mata, Pau d'Alho, Tracunhaém e Carpina) e 1: 100 000 (Região Nordeste).

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- FRANCISCHETT, Mafalda Nesi. A Cartografia no Ensino da Geografia: Construindo os Caminhos do Cotidiano. Rio de Janeiro: KroArt Ed., 2002.
- OLIVEIRA, Cêurio. Dicionário Cartográfico. 4ª. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1993.
- RAMOS, Elvis C. Madureira. Uma Breve História dos Mapas. Ciência Geográfica, Bauru (SP), v. IX, n°. 3, set./dez., 2003.
- VENTURI, Luís Antonio Bittar (org.). Praticando Geografia: Técnicas de Campo e Laboratório. São Paulo: Oficina de Textos, 2005.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

<input checked="" type="checkbox"/>	Disciplina	<input type="checkbox"/>	Estágio
<input type="checkbox"/>	Atividade Complementar	<input type="checkbox"/>	Módulo
<input type="checkbox"/>	Trabalho de Graduação	<input type="checkbox"/>	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
CG537	Organização Interna do Espaço Urbano	02	01	03	60	-

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

Geografia e planejamento urbano. Sítio urbano. Estrutura urbana. Mercado fundiário urbano. Serviços urbanos. A localização das atividades econômicas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Introdução
 - 1.1. O geógrafo no planejamento urbano
 - 1.2. Definição do espaço urbano
2. O Sítio Urbano
 - 2.1. Técnicas de identificação
 - 2.2. Análise do sítio na perspectiva geo-histórica
 - 2.3. Análise do sítio na perspectiva do manejo ambiental
3. A Estrutura Urbana
 - 3.1. Cidade isolada, aglomeração, conurbação, nebulosa urbana
 - 3.2. Tipos de estrutura urbana e a teoria do campo urbano
 - 3.3. A planta urbana e a identificação dos atores da sua construção no passado e no presente.
4. O Mercado Fundiário Urbano
 - 4.1. Princípios gerais
 - 4.2. A favelização
 - 4.3. A verticalização
 - 4.4. Poder público e mercado fundiário urbano
5. Transportes
 - 5.1. Abastecimento d'água e saneamento
 - 5.2. Infraestruturas sociais
6. A Localização das Atividades Econômicas no Espaço Urbano
 - 6.1. O comércio
 - 6.2. As indústrias
 - 6.3. Os serviços privados
 - 6.4. A agricultura periurbana
7. Gestão e Planejamento Urbano
 - 7.1. Os textos constitucionais
 - 7.2. A prática técnica

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ANDRADE, Manuel Correia de. Recife: Problemática de uma Metrópole de Região Subdesenvolvida. Recife: UFPE, 1979.
- BARRETO, Ângela Maria Maranhão. O Recife através dos Tempos. A Formação da sua Paisagem. Recife: FUNDARPE, 1994.
- BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline & CHABOT, Georges. Tratado de Geografia Urbana. Barcelona: Editorial-Vicens-vives, 1975.
- BERNARDES, Denis. Recife: o Caranguejo e o Viaduto. Recife: UFPE, 1996.
- BITOUN, Jan. Recife, uma Interpretação Geográfica. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. Os Caminhos da Reflexão sobre a Cidade e o Urbano. São Paulo: Edusp, 1994.
- BONNET, Jacques. Les Grandes Métropoles Mondiales. Paris: Nathan- Université, 1994. (Géographie D'aujourd'hui).
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. Espaço-Tempo na Metrópole. A Fragmentação da Vida Cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.
- CASTELLS, Manuel. A Questão Urbana. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- CASTRO, Josué de. A Cidade do Recife. Ensaio de Geografia Urbana. Rio de Janeiro: Livraria da Casa do Estudante do Brasil, 1954.
- CLARK, David. Introdução à Geografia Urbana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999
- CLAVAL, Paul. La Logique des Villes. Paris: Librairies Techniques, 1981.
- CORRÊA, Roberto Lobato. O Espaço Urbano. São Paulo: Ática, 1998. (Série Princípios).
- _____. A Rede Urbana. São Paulo: Ática, 1989 (Série Princípios)
- GOMES, Edvânia Torres Aguiar. Recortes de Paisagens na Cidade do Recife: uma Abordagem Geográfica. Tese (Doutorado em Geografia). São Paulo, 1997. Recife: Ed. Massangana, 2008.
- HARVEY, David. Justiça Social e Cidade. São Paulo: Hucitec, 1980.
- _____. The Urban Experience. Londres: Blackwell, 1989.
- JOHNSON, James. Geografia Urbana. Barcelona: Oikos-tau S.A Ediciones, 1974.
- MELO, Mário Lacerda de. Metropolização e Subdesenvolvimento. O Caso do Recife. Recife: UFPE, 1978.
- SANTOS, Milton. A urbanização Desigual: a Especificidade do Fenômeno Urbano em Países Subdesenvolvido. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1982.
- _____. Manual de Geografia Urbana. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1989.
- _____. Pobreza Urbana. São Paulo, Recife, 1978.
- SASSEN, Saskia. The Global City. Princeton: University Press, 1991.
- _____. As Cidades na Economia Mundial. São Paulo: Studio Nobel, 1998.
- SOUZA, Marcelo José Lopes de. O abc do Desenvolvimento Urbano. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- _____. Mudar a Cidade. Uma Introdução Crítica à Gestão e ao Planejamento Urbanos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- _____. A Prisão e a Ágora. Reflexões em torno da Democratização do Planejamento e da Gestão das Cidades. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. A Identidade da Metrópole. São Paulo: Hucitec, 1994.
- VELTZ, Pierre. Mondialisation, Villes et Territoires. L'Economie D' Archipel. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.
- VERAS, Lúcia Maria de Siqueira Cavalcanti. De Apé-Puc a Apipucos. Recife: Bagaço, 1999.
- VILLAÇA, Flávio. Espaço Intra-urbano no Brasil. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 1998.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine. De Volta à Cidade. Dos Processos de Gentrificação às Políticas de "Revitalização" dos Centros Urbanos. São Paulo: Annablume, 2006.
- CAMPOS, Heleniza Ávila. Permanências e Mudanças no Quadro de Requalificação Sócio-espacial da Área Central do Recife (PE). Estudo sobre Territorialidades Urbanas em dois Setores "Revitalizados". 1999. Tese (Doutorado em Geografia) UFRJ.
- DELLE DONNE, Marcella. Teorias sobre a Cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1979. (Arte & Comunicação).
- ENGELS, Friedrich. A Situação da Classe Trabalhadora em Inglaterra. Lisboa: Martins Fontes, s/d.
- FREYRE, Gilberto. Sobrados e Mocambos. Decadência do Patriarcado Rural e Desenvolvimento do Urbano. V.II. São Paulo: José Olympio, 1951
- KOWARICK, Lucio. A Espoliação Urbana. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- LEFEBVRE, Henri. A Cidade do Capital. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- _____. A Revolução Urbana. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- RIBEIRO, Luís César de (org.). O Futuro das Metrópoles: Desigualdades e Governabilidade. Rio de Janeiro: Revan: Fase, 2000.
- VALLADARES, Lúcia; PRETECEILLE, Edmond et al. Reestruturação Urbana: Tendências e Desafios. São Paulo: Nobel, 1990.
- YÁZIGI, Eduardo. O Mundo das Calçadas. São Paulo: Humanitas/Imprensa Oficial do Estado, 2000.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ANDRADE, M. G. Caracterização do Quadro Natural e o Aproveitamento dos Solos do Município de Bonito – PE. Monografia de conclusão do curso de Geografia. Recife, 1992.

ANDRADE LIMA, D. Tipo de Florestas de Pernambuco. Separata dos Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros. São Paulo, 1961.

BRASIL/SUDENE/EMBRAPA. Levantamento Exploratório Reconhecimento de Solos do Estado de Pernambuco. Boletim Técnico 26, v.2. Recife, 1973. (Série Pedologia 14).

BRASIL/SUDENE/OEA. Projeto Bacia do Jatobá. SUDENE, 12 volumes, Recife, 1980,

BRASIL/SUDENE. Levantamento Básico Integrado dos Recursos Naturais da Bacia do Rio Itapecuru – MA. SUDENE. Vários volumes, Recife, 1980.

_____. Levantamento Básico Integrado dos Recursos Naturais da Bacia do Rio Mearim – MA. SUDENE. Vários volumes, Recife, 1980.

MMA/BRASIL. Gestão dos Recursos Naturais: Subsídios à Elaboração da Agenda 21 Brasileira. Ministério do Meio Ambiente, edições IBAMA. Brasília, 2000.

NEGRET, R. Ecossistema: Unidade Básica para o Planejamento da Ocupação Territorial. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 1982

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BARTOLOMEO M., BENNET P., BOUMA J., HEYDKAMP P., J. P., WOLTERS T. Eco-management Accounting as a Tool of Environmental Management, Final report to the Ecomag Project, sponsored by EU DG XII.

BENNET M., JAMES P. Applying Eco-Management Accounting. EIM, Ecomag Project, Wolverhampton, 1999.

DIEGUES A. C. Etnoconservação: Novos Rumos para a Proteção da Natureza nos Trópicos. São Paulo: Editora Hucitec, 2000.

LACOSTE A. e SALANON R. Éléments de Biogéographie et d'Écologie. Fac Géographie. Nathan Université. Paris, 1998.

LEIS H. R. A Modernidade Insustentável: as Críticas do Ambientalismo à Sociedade Contemporânea. Petrópolis: Vozes; Santa Catarina: UFSC, 1999.

RESENDE M.; CURI N.; REZENDE S. B. de; CORRÊA G. F. Pedologia: Base para Distinção de Ambientes. 3ª ed. Viçosa : NEPUT, 1999.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

<input checked="" type="checkbox"/>	Disciplina	<input type="checkbox"/>	Estágio
<input type="checkbox"/>	Atividade Complementar	<input type="checkbox"/>	Módulo
<input type="checkbox"/>	Trabalho de Graduação	<input type="checkbox"/>	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
CG218	Gestão Geoambiental	02	01	03	60	-

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

Bases e elementos conceituais - parâmetros institucionais legais. Bases para atuação do geógrafo - Mecanismo de participação - Análise de casos e processos de gestão geoambiental.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- 1 - INTRODUÇÃO
- 1.1. Bases e elementos conceituais
- Gestão, Ecossistema, Meio-ambiente,
 - Recursos Naturais renováveis e não-renováveis,
 - Estudo de Impacto Ambiental, RIMA ...
- 1.2. Parâmetros institucionais
- Fundamentação da Política Nacional do Meio-ambiente, Estrutura Organizacional. Mecanismo de Ação e Interação.
- 1.3. Instrumental legal
- Leis, Decretos, Resoluções, Portarias e demais instrumentos relevantes para a gestão ambiental, em escala nacional, estadual e local.
- 2 - ATUAÇÃO PROFISSIONAL: GEÓGRAFO
- 2.1. Bases para o aporte técnico-científico do Geógrafo
- 2.2. Estratégia da participação em trabalhos multi e interdisciplinares
- 2.3. Noções sobre gerenciamento e acompanhamento dos trabalhos
- 3 - ANÁLISE DE CASOS
- 3.1. Orientação para estudos e avaliações de processos e projetos geoambientais em especial de EIA e RIMA.
- 3.2. Seminários simulados de um processo relativo a gestão geoambiental.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BECKER, B. et al. Geografia e Meio Ambiente no Brasil. 2ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Ed. Hucitec, 1998.

BRITO, F. A. e CÂMARA, J. B. D. Democratização e Gestão Ambiental: em Busca do Desenvolvimento Sustentável. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CABRAL, B. Direito Administrativo, Tema: Água. Senado Federal, Caderno Legislativo, nº 001/97. Brasília, 1997.

CPRH. Caracterização Preliminar da Zona Estuarina de Barra de Serinhaém. Secretaria de Saneamento, Obras e Meio Ambiente. Recife: Gráfica Editora Apipucos, 1986.

JATOBÁ, L. Comunicações. 1º Encontro Nacional de Estudos sobre Meio Ambiente, vols. I e II. Recife: Editora Massangana, 1986.

LIMA, M. J. A. Ecologia Humana: Realidade e Pesquisa. Petrópolis: Ed. Vozes, 1984.

MMA/BRASIL. Gestão dos Recursos Naturais: Subsídios à Elaboração da Agenda 21 Brasileira. Ministério do Meio Ambiente, edições IBAMA. Brasília, 2000.

PELLIZZOLI, M. L. A. Emergência do Paradigma Ecológico: Reflexões Ético-Filosóficas para o Século XXI. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.

ROHDE, G. M. Epistemologia Ambiental: uma Abordagem Filosófico-Científica sobre a Efetuação Humana Alopoiética. Coleção Filosofia nº 37, Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

SEWELL, G. H. Administração e Controle da Qualidade Ambiental. São Paulo: EPU/EDUSP/CETESB, 1978.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BARTOLOMEO M.; BENNET P.; BOUMA J.; HEYDKAMP P.; JAMES P.; WOLTERS T. Eco-Management Accounting as a Tool of Environmental Management, Final Report to the Ecomag Project, sponsored by EU DG XII.

BENNET M.; JAMES P. Applying Eco-Management Accounting. EIM, Ecomag Project, Wolverhampton, 1999.

BOUMA J. J.; WOLTERS J. Management Accounting and Environmental Management: A Survey Among 84 European Companies. Erasmus Center for Environmental Studies, Rotterdam, 1998.

SENADO FEDERAL/BRASIL. Agenda 21: Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. 2ª ed.. Caps. 17, 36 e 40), Brasília, 1997.

STERN, P. C.; YOUNG, O. R. e Druckman D. Mudanças e Agressões ao Meio Ambiente. São Paulo: Makron Books, 1993.

UTRIA, R. La Incorporación de la Dimensión Ambiental en la Planificación del Desarrollo: una Posible Guía Metodológica. Apostilha para o curso IPEA/CENDEC.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

<input checked="" type="checkbox"/>	Disciplina	<input type="checkbox"/>	Estágio
<input type="checkbox"/>	Atividade Complementar	<input type="checkbox"/>	Módulo
<input type="checkbox"/>	Trabalho de Graduação	<input type="checkbox"/>	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
CG701	Geografia das Relações Étnico-raciais	02	01	03	60	-

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

Introdução à geografia das relações étnico-raciais a partir da perspectiva de autores negros, negras e indígenas; abordagem geográfica de reconhecimento e visibilidade de espacialidades étnico-raciais; fundamentos teórico-metodológicos da geografia na articulação das relações sociais de raça/etnia/classe/gênero na sociedade brasileira; experiências, resistências e recomposições na produção de territorialidades negras e indígenas; importância do ensino de Geografia frente às questões étnico-raciais problematizando suas expressões espaciais no racismo e das lutas antirracismo; pressupostos educacionais de enfrentamento ao racismo e na promoção de equidade de direitos na educação básica.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- 1) a construção da raça enquanto categoria ficcional entre os séculos XVIII e XIX;
- 2) o racismo e o surgimento do debate político e acadêmico antirracista;
- 3) as comunidades negras, os povos originários e as relações étnico-raciais na formação do território brasileiro;
- 4) os usos contemporâneos dos conceitos de classe, raça, gênero, etnicidade e negritude e seu impacto na reestruturação dos fundamentos teórico metodológicos da geografia;
- 5) as críticas panafricanistas e o pensamento anticolonial;
- 6) alteridade e identidade na diáspora: territórios e manifestações culturais e religiosas;
- 7) uma conceituação do racismo estrutural: o que isso tem a ver com a geografia?
- 8) as políticas de ações afirmativas e o combate ao racismo institucional;
- 9) o ensino de Geografia frente às questões étnico-raciais: expressões espaciais do racismo e das lutas antirracismo;

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. O Espaço Geográfico dos Remanescentes de Antigos Quilombos no Brasil. In: Terra Livre. São Paulo: n. 17. 2o semestre/2001, p. 139-154.

_____. A África, a educação brasileira e a Geografia. In: BRASIL. Educação antirracista: caminhos abertos pela lei 10.639/03. Brasília: MEC, SECAD, 2005. p. 167- 184.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Ciências Sociais Hoje. ANPOCS, 1984, p. 223-244.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu. Palavras de um xamã Yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, 729 p.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional versus Identidade Negra. Belo Horizonte: Autentica, 2004.

RATTS, Alex.. A questão étnica e/ou racial no espaço: a diferença no território e a geografia. Boletim Paulista de Geografia, no 104, jul.-dez. 2020.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ANJOS, José Carlos Gomes dos. O corpo nos rituais de iniciação do batuque. In: LEAL, Ondina Fachel. (Org.). Corpo e significado. Porto Alegre, 1995, p. 139- 153.

_____. José Carlos Gomes. No território da Linha Cruzada: a cosmopolítica afrobrasileira. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ Fundação Cultural Palmares, 2006.

_____. José Carlos Gomes dos; SILVA, Sérgio Baptista da (orgs). São Miguel e Rincão dos Martimianos: ancestralidade negra e direitos territoriais. Porto Alegre: EDUFRGS, 2004.

_____. Territórios das comunidades quilombolas no Brasil: segunda configuração espacial. Brasília: Mapas Editora & Consultoria, 2005.

_____, Rafael Sanzio Araújo dos. "As geografias oficial e invisível do Brasil: algumas referências". Geosp – Espaço e Tempo (Online), v. 19, n. 2, p. 375-391, 2015. Disponível: <http://www.revistas.usp.br/geosp/article/viewFile/102810/105686> BERNARDINO, Joaze; Apresentação. In: BERNARDINO, J.; GALDINO, D. (orgs.). Levando a raça a sério. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p. 173-188.

ANGTHICHAY; ARARIBY; JASSANÁ; MANGUAHÁ; KANÁTYO. O Povo Pataxó e suas histórias. 6a ed. Global Editora, 2000.

BRASIL. Lei nº 10639 de 9 de janeiro de 2003. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura AfroBrasileira e Africana. Brasília: MEC/SECADI. 2005

BRASIL. Lei 11.645/08 de 10 de Março de 2008. Altera a Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. Desigualdade racial no Brasil: IPEA, 2017.

CAMPOS, Andreilino. Do quilombo à favela: a produção do "espaço criminalizado" no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003, p. 49-58.

COHN, Sérgio (org.). Ailton Krenak. Série Encontros. Rio de Janeiro: Azougue, 2015.

EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

GERLIC, Sebastián (org.). Índios na Visão dos Índios: Nós Tupinambá. Maceió: Thydewas, Ministério da Cultura, 2008.

_____. Índios na Visão dos Índios: Tupinambá. Salvador: Thydewas, Governo da Bahia, 2002.

GONZALES, Lélia; HALSENBALG, Carlos. Lugar de negro (Coleção 2 pontos). Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1982.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Ciências Sociais Hoje. ANPOCS, 1984, p. 223-244.

GONZALEZ, Lélia. O papel da mulher negra na sociedade brasileira. Spring Symposium the Political Economy of the Black World. Los Angeles, mai., 1979.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, No. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69-82.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu. Palavras de um xamã Yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, 729 p.

HALL, Stuart. A identidade cultural na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 1997.

_____, Stuart. Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora

UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

MACEDO, José Rivair. O pensamento africano no século XX. Ed. Expressão Popular, 2018.

MARÇAL CIRQUEIRA, Diogo; FERREIRA GUIMARÃES, Geny; FRANCISCO DE

SOUZA, Lorena. Introdução do Caderno Temático "Geografias Negras". Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 12, n. Ed. Especi, p. 3-11, abr.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
DE GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

<input checked="" type="checkbox"/>	Disciplina	<input type="checkbox"/>	Estágio
<input type="checkbox"/>	Atividade Complementar	<input type="checkbox"/>	Módulo
<input type="checkbox"/>	Trabalho de Graduação	<input type="checkbox"/>	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
CG700	Geografia Africana	02	01	03	60	-

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

Diante da “integração” e articulação cada vez maior dos diferentes conjuntos do Mundo, faz-se necessário estudar o continente Africano. O Brasil, que teve sua historia intimamente ligada “às Áfricas”, precisa desenvolver conteúdo sobre essas relações e promover um interesse acadêmico à partir da Geografia. A disciplina aborda as realidades e contextos africanos e suas relações com o Brasil e o Mundo na contemporaneidade.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

Aula 1 – Introdução a Geografia do Continente Africano e Desconstruções do Imaginário social; (África na Mídia mundial)
 Aula 2 –O Mundo na África: o peso das heranças
 Conceito aplicado: Sistema-mundo
 Aula 3 – Regiões Geográfica e Diversidade Cultural:
 Aula 4 – Crise Migratória e diásporas Contemporâneas Africanas;
 Aula 5 - Abordagem geográfica do Apartheid sul-africano;
 Aula 6 – Geopolítica: intervenções internacionais, Conflitos e apropriação territorial;
 Aula 7 - Relações Étnico-Raciais no Brasil e as Construções espaciais dos povos negros no Brasil contemporâneo;

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BELLUCCI, B.(2003) Introdução à historia da África e da cultura afro-brasileira, UCAM, Rio de Janeiro.
 EMERSON, Renato (coord): Diversidade, espaço e relações etno-raciais: o negro na geografia no Brasil. Belo Horizonte, Autentica Editora
 EL FASIMohammed (2010). «História geral da África, III: África do século VII ao XI» (PDF). Domínio Público.
 Ali A. MAZRUI, Christophe WONDJI (2010). «História geral da África, VIII: África desde 1935» (PDF).
 TAMSIR NIANE Djibril (2010). «História geral da África, IV: África do século XII ao XVI» (PDF). Domínio Público

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ANDRADE, Manuel Correia de. O Brasil e a África. São Paulo: contexto, 1989. (Coleção Repensando a Geografia).
 ANJOS, R. S. A. A África, a Geografia, o Tráfico de Povos Africanos e o Brasil. Revista Palmares em Ação, ano I, n. 2, Brasília, 2002.
 ANJOS, R. S. A. Coleção África-Brasil: Cartografia para o Ensino-Aprendizagem. Mapas Editora & Consultoria. Brasília, 2000.
 ANJOS, R. S. A. Territórios das Comunidades Remanescentes de Antigos Quilombos no Brasil. Mapas Editora & Consultoria. Brasília, 2000.
 ALMANAQUE ABRIL. Brasil - Mundo, 2003, São Paulo, 2003.
 AZAOLA. Juan Ramon; GARCIA, Luís, GARCIA, Maria José e GUMPERT, Daniel. África: o despertar de um continente. – Vol. I e II – Madrid (ESP); Edições Del Prado, 1998. (Coleção Grandes Impérios e Civilizações).
 - BACIC OLIC, Nelson & CANEPA, Beatriz (2004): África. Terra, sociedades e conflitos. Polêmica, Moderna, São Paulo
 - - COSTA, Ana Cristina e LANGENHOVE, Luk Van (2004). A relevância da integração regional da África. In SANTOS, T. dos (2005). Globalização e Regionalização – Hegemonia e contra-hegemonia, Vol. 3, Ed. PUC RIO, São Paulo.

HAESBAERT, Rogério. Blocos internacionais de poder. São Paulo: Contexto, 1998.

KI-ZERBO, Joseph (2001): África. História crítica da África ao Sul do Saara. In Jaguaribe, Helio. Um Estudo crítico da história. Vol. II. São Paulo, Paz e Terra.

KI-ZERBO, Joseph (2006): Para quando a África? Rio de Janeiro, Pallas.

MACKENZIE, J. M. (1994): A partilha da África 1880-1900. São Paulo, Editora Ática.

MARTIN Rosa Fraile e GUTIÉRREZ. Teresa Güemes Geopolítica en el Africa Austral. Fonte: Africa Internacional Nº 20 in <http://www.eurosur.org/ai/20/cap1.html>

M'BOKOLO, Elikia (2004). As práticas da Apartheid. In FERRO, Marc O Livro Negro do Colonialismo, Ed Ediouro, Rio de Janeiro. pp.636-646.

MONIÉ, Frédéric, AMORIM Vâniae GAYER, Gabriel (2007): A inserção da África Subsaariana "no sistema mundo": permanências e rupturas. EMERSON, Renato (coord): Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: o negro na geografia no Brasil. Belo Horizonte, Autentica Editora. pp. 183-198.

MORAES, A C. R.; COSTA, W.M. Geografia Crítica - A Valorização do Espaço. São Paulo: Editora Hucitec, 1984.

Susan PARNELL et Owen CRANKSHAW, « Comprendre le passé : une condition essentielle pour la reconstruction des villes de l'après-apartheid et la compensation des victimes », Cybergeog : European Journal of Geography [En ligne], Dossiers, Les Bonnes Feuilles du PIRVILLES, mis en ligne le 12 avril 1996. URL : <http://cybergeog.revues.org/index298.html>

PENAFORTE, Charles. África, horizonte e desafios no século XXI. São Paulo: Atual, 2009. (Geografia sem Fronteiras).

PESSANHA, Cristina Mary (1998): De mundo exótico a periferia abandonada. In HAESBAERT, R. (org.) Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo. Niterói, EDUFF, pp. 277-308.

RODRIGUES, João Carlos (1990): Pequena história da África Negra. São Paulo, Editora Globo, S.A.

SANTOS, M. Mertamorfozes do Espaço Habitado. São Paulo: Editora Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton. Território: Globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec, 1998.

SOUZA, Mariana de Mello. África e Brasil africano. 2.ed. São Paulo: Ática, 2007.

WALLERSTEIN, Immanuel (2002): Que esperança tem a África? Que esperança tem o mundo? In Após o liberalismo. Em busca da reconstrução do mundo. Rio de Janeiro, Vozes.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

<input checked="" type="checkbox"/>	Disciplina	<input type="checkbox"/>	Estágio
<input type="checkbox"/>	Atividade Complementar	<input type="checkbox"/>	Módulo
<input type="checkbox"/>	Trabalho de Graduação	<input type="checkbox"/>	Ação Curricular de Extensão

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

OBRIGATÓRIO ELETIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária		Nº. de Créditos	C. H. Total	Período
		Teórica	Prática			
PO494	Fundamentos da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS	04	00	04	60	-

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

Reflexão sobre os aspectos da inclusão das pessoas surdas na sociedade em geral e na escola; a LIBRAS como língua de comunicação social em contexto de comunicação entre pessoas surdas e como segunda língua. Estrutura linguística e gramatical da LIBRAS. Especificidades da escrita do aluno surdo, na produção de texto em língua Portuguesa. O intérprete e a integração como fator de inclusão e acesso educacional para os alunos surdos ou com baixa audição.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

I. INDIVÍDUO SURDO AO LONGO DA HISTÓRIA
 • História das línguas de sinais no mundo e no Brasil (contribuições, impacto social e inclusão da pessoa surda por meio da Língua Brasileira de Sinais);

II. GRAMÁTICA DAS LIBRAS
 • Fonologia;
 • Morfologia;
 • Sintaxe;
 • Semântica Lexical.

III. PARÂMETROS DA LINGUAGEM DE SINAIS
 • Expressão manual (sinais e soletramento manual/datilogia) e não-manual (facial);
 • Reconhecimento de espaço de sinalização;
 • Reconhecimento dos elementos que constituem os sinais;
 • Reconhecimento do corpo e das marcas não-manuais. (Relação entre gesto e fala).

IV. LIBRAS COMO LÍNGUA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL ENTRE PESSOAS SURDAS E ENTRE OUVINTES E SURDOS BÍLINGUES
 • Comunicando-se em libras nos vários contextos sociais (falando libras nas diferentes situações de interação social, com ênfase na escola, no trabalho, no lazer e em situações hospitalares);
 • A LIBRAS falada na escola por professores, intérpretes e alunos surdos (Libras com registro linguístico de comunicação acadêmica ou instrumental);
 • A aprendizagem da Língua de sinais por alunos em contexto escolar (a aquisição e desenvolvimento linguístico da Língua Brasileira de Sinais na escola).

V. O INTÉRPRETE E A INTERPRETAÇÃO EM LIBRAS/PORTUGUÊS ENQUANTO MEDIAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM NA ESCOLA.
 • Noções sobre interpretação de Libras;
 • Simultaneidade versus linearidade;
 • O papel do intérprete na inclusão do aluno surdo no contexto de sala de aula;
 • A relação professor e o intérprete de Libras na educação do aluno surdo (quem rege X quem interpreta para o aluno e a quem este deve se dirigir para sua aprendizagem);
 • O intérprete como colaborador na aquisição da Língua Portuguesa como segunda Língua para o aluno surdo;
 • O intérprete no apoio ao professor no entendimento da produção textual do aluno surdo (quebrando mitos e preconceitos sobre a escrita do surdo na Língua Portuguesa).

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALBRES, Neiva de Aquino e VILHALBA, Shirley. Língua de Sinais: processo de aprendizagem como segunda língua. Editora Arara Azul. Disponível em:
[HTTP://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo12.pdf](http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo12.pdf)
 GOLDFELD, M. A Criança Surda: Linguagem e cognição numa perspectiva sóciointeracionista. São Paulo: Plexus, 1997.

MAIA, M. E. No Reino da Fala: A Linguagem e seus Sons. 3ª Ed. São Paulo: Ática. Série Fundamentos, 1991.

MOURA M. C. O Surdo: Caminhos para uma nova identidade. Rio de Janeiro: Revinter, 2000. Na internet: [HTTP://www.gest.ced.ufsc.br/publicacoes.htm](http://www.gest.ced.ufsc.br/publicacoes.htm)

QUADROS, Ronice Muller de. Educação de Surdos: efeitos de modalidade e práticas pedagógicas. Disponível em: http://www.ronice.ced.ufsc.br/publicacoes/edu_surdos.pdf

VILHALBA, Shirley. Pedagogia Surda. Editora Arara Azul. Artigo disponível em: <http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo8/pdf>

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

QUADROS, Ronice Muller de. Aquisição da Linguagem. Disponível em: <http://www.penta.ufrgs.br/edu/telelab/edusurdos/language.htm>

VILHALBA, Shirley. Despertar do Silêncio. Editora Arara Azul. Livro disponível em: [HTTP://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/livro/pdf](http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/livro/pdf)

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO
DE GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. Introdução a geografia do turismo. São Paulo: Roca, 2001.

ALECRIM, Elysio. A Fisiografia e o Turismo de Pernambuco. Recife: Bagaço, 2007.

_____. Política de Turismo e Território. São Paulo: Contexto, 2000.

KNAFOU, Rémy. Turismo e território : por uma abordagem científica do turismo. In. Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: HUCITEC, 1996.

LEMOS, Amália Ines G. Turismo. Espaço, paisagem e cultura. São Paulo: HUCITEC, 1996.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Agroturismo e desenvolvimento regional. São Paulo: HUCITEC, 1999.

TOMASI, Sílvia. Cluster de Turismo. Introdução ao estudo de arranjo produtivo local. São Paulo: Aleph, 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BARBOSA, João M. (Editores). Turismo Sertanejo: Desenvolvimento local e Integração. João Pessoa: UFPB, Editora Universitária, 2005. (p. 125 a 134)

DIAS, Marilza, PEREIRA, Mauri, DIAS, Pedro, VIRGILÍO, Jair. Banco do Nordeste. Manual de Impactos Ambientais: orientações básicas sobre aspectos ambientais de atividades produtivas. Fortaleza: Banco do Nordeste, 1999.

SELVA, Vanice Santiago Fragoso. Entre o arado e o tear: reflexões sobre de inserção de pequenos produtores na cadeia produtiva do turismo a partir do artesanato. Anais do XVII Encontro Nacional de Geografia Agrária. Rio de Janeiro: UERJ/UFRRJ/UFF. Novembro, 2006

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE

CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO

GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA

PORTO-GONÇALVES, C. W. A Globalização da Natureza e a Natureza da Globalização. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2006.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. LANDER, Edgardo (org). Buenos Aires: Conselho Latino-americano de Ciências Sociais - CLACSO, 2005.

SANTOS, Boaventura de Souza Santos. Epistemologias do Sul. Ed. Cortez. 2010.

SHIVA, Vandana y MIES, María. Ecofeminismo - Teoría, crítica, perspectivas". Madrid, 2014

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ESCOBAR, Arturo. Ecología Política de la globalidad y la diferencia. En Alimonda, H (comp.): La Colonización de la Naturaleza. Buenos Aires, Colección Grupos de Trabajo – CLACSO. Págs. 59-90, 2011.

CARNEIRO, Leonardo. Territorialidades e Etnografia: Avanços metodológicos da análise geográfica de comunidades tradicionais. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/atelie/article/viewFile/19824/13917>

PORTO-GONÇALVES, C. W. De saberes e de territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana. In: CECEÑA, A. E. De los saberes de la emancipación y de la dominación. Buenos Aires : Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO, 2008, p. 37-52. Disponível em: <
<http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/grupos/cecen/04porto.pdf>>

LEFF, E.; ARGUETA, A; BOEGE, E; PORTO-GONÇALVES, C. W; (2005). “Más allá del desarrollo sostenible: una visión desde América Latina”. Revista Futuros, n° 9, 2005, Vol. III <http://www.revistafuturos.info>

LEFF, Enrique. La ecología política en América Latina. Un campo en Construcción. Em Alimonda, H. (comp.): Los tormentos de la materia. Aportes para una Ecología Política Latinoamericana. Buenos Aires: CLACSO, 2006. MARTINEZ ALIER, Joan. El Ecologismo de los Pobres. Barcelona: ICARIA, 1992. Prefacio, Capítulo I y Capítulo XI.

SANTILLI, Juliana. Socioambientalismo e Novos Direitos. IEB - Instituto Internacional de Educação do Brasil e ISA - Instituto Socioambiental, SP, 2005.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE

CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO

DE GEOGRAFIA - BACHARELADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA